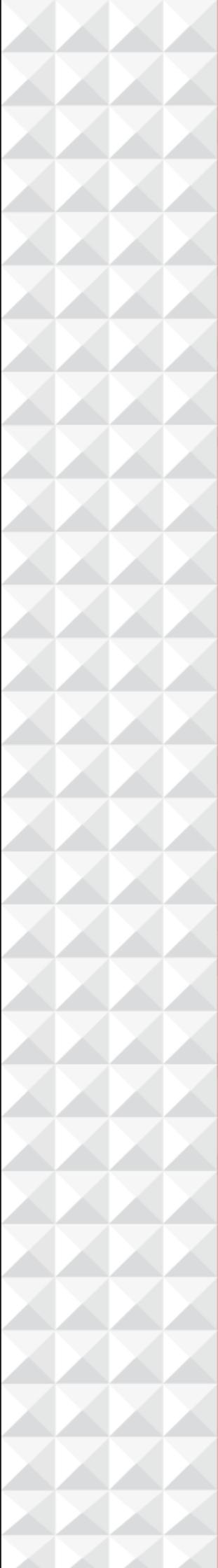




Difusão da arquitetura moderna em Goiânia:
o Setor Aeroporto e a obra de Luis Osório Leão

Suzete Almeida de Bessa



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



Difusão da arquitetura moderna em Goiânia: o Setor Aeroporto e a obra de Luis Osório Leão

Suzete Almeida de Bessa

Orientador Prof. Dr. Eduardo Pierrotti Rossetti

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PESQUISA E
PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, COMO PARTE DOS REQUISITOS PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ARQUITETURA E URBANISMO.

BRASÍLIA | 2016

TERMO DE APROVAÇÃO

SUZETE ALMEIDA DE BESSA

**Difusão da arquitetura moderna em Goiânia: o
Setor Aeroporto e a Obra de Luis Osório Leão**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO REQUISITO PARCIAL PARA
A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ARQUITETURA E
URBANISMO . LINHA DE PESQUISA . TEORIA, HISTÓRIA E CRÍTICA DA
ARQUITETURA E DO URBANISMO

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA EM 2 DE AGOSTO DE 2016 PERANTE
A BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PELOS PROFESSORES:

MAIRA TEIXEIRA PEREIRA . FAU-UEG

SYLVIA FICHER . FAU-UnB

RICARDO TREVISAN . FAU-UnB . SUPLENTE

EDUARDO PIERROTTI ROSSETTI . FAU-UnB . ORIENTADOR

| AOS MEUS PAIS, PIONEIROS EM GOIÂNIA |

| AO DR. EDUARDO PIERROTTI ROSSETTI, PELO CONHECIMENTO COMPARTILHADO EM SUAS ORIENTAÇÕES E POR TODA COMPREENSÃO QUE A DINÂMICA DE UMA EXTENSA PESQUISA EXIGE | À KAMILA MORAIS PELA AMIZADE PACIENTE QUE RESULTOU EM PRECIOSAS CONTRIBUIÇÕES | AOS MEUS PAIS, SIMPLEMENTE POR ESTAREM LÁ | AOS AMIGOS DE CURTA E LONGA DATA, ALEXANDRE CESAR, ALINE VALVERDE, CRISTIANE ALMEIDA, EMILE REIS, JAIRO PIRES, JÉSSICA ELIAS MACÁRIO E NIUSA PIMENTEL PELO APOIO | AO IPHAN-GO NA PESSOA DA TAMBÉM PESQUISADORA DAFNE MARQUES MENDONÇA POR COLABORAR COM ESSA PESQUISA | AOS FUNCIONÁRIOS DO NDE DA PUC-GO PELA PACIÊNCIA | À SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMETNO URBANO SUSTENTÁVEL DE GOIÂNIA PELA DISPONIBILIZAÇÃO DE SEUS ARQUIVOS | A TODOS OS DOCENTES E FUNCIONÁRIOS DO PPG-FAU DA UNB | AO CNPQ PELO FINANCIAMENTO DA PESQUISA | AOS PROFESSORES RICARDO TREVISAN E SYLVIA FICHER PELAS PRECIOSAS CONTRIBUIÇÕES NA PRÉ-BANCA DESTE TRABALHO | AO ENGENHEIRO OTON NASCIMENTO JUNIOR PELA GENEROSIDADE DE COMPARTILHAR SEU ACERVO | AO ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO E SUA ESPOSA ANA AMÉLIA, POR ABRIREM SUA CASA E MOBILIZAREM TANTAS PESSOAS QUANTAS FORAM POSSÍVEIS, DANDO ESPECIAL ATENÇÃO Á ESTA PESQUISA | PARA NÃO INCORRER NO ERRO DE ESQUECER ALGUÉM, A TODOS OS DEMAIS PROPRIETÁRIOS, ARQUITETOS E PIONEIROS DE GOIÂNIA PELAS HISTÓRIAS COMPARTILHADAS, VOCÊS TAMBÉM FAZEM PARTE DESSA PESQUISA | A DEUS |

AGRADECIMENTOS

“TODAS AS VITÓRIAS OCULTAM UMA
ABDICAÇÃO”

| SIMONE DE BEAUVOIR |



SUMÁRIO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. GOIÂNIA: CIDADE MODERNA	17
Goiânia e as casas modernas.....	24
<i>Déco</i> x Moderno	31
Arquitetura moderna x arquitetura tradicional.....	36
Um “estilo”	43
2. ORIGEM DAS CASAS MODERNAS EM GOIÂNIA	50
A evolução do discurso moderno em Goiânia.....	56
Casas modernas.....	61
O Setor Central	72
<i>Casa José Felix Louza . 1952</i>	75
<i>Casa Bento Odilon Moreira . 1963</i>	80
<i>Casa Suhail Rahal . 1965</i>	81
<i>Casa Pedro Abrão Filho</i>	89
<i>Casa da Rua 23</i>	93
Casas “modernosas”	98
O Setor Sul	106
<i>Casa Eurípedes Ferreira . 1961</i>	119
<i>Casa Carlos Cunha Filho . 1963</i>	123
<i>Casa Abdala Abrão . 1966</i>	125
<i>Casa Walter Hugo Frota . 1973</i>	128
<i>Casa Manoel Garcia . 1967</i>	135
O Setor Oeste	139
<i>Casa José Ribeiro Parrode . 1960</i>	152
<i>Casa Ruffo de Freitas . 1972</i>	155
O Setor Bueno.....	162

Setor Marista	166
<i>Casa Georthon Philocreon . 1974</i>	171
<i>Casa Antônio Lúcio . 1974</i>	176
3. O SETOR AEROPORTO E A DIFUSÃO DA LINGUAGEM MODERNA	181
O setor Aeroporto	185
4. A LINGUAGEM MODERNA NAS OBRAS DO ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO	203
<i>Casa Eduardo Jacobson . 1959 . setor Sul</i>	205
<i>Casa Benedito Umbelino de Souza . Setor Central . 1961</i>	211
<i>Casa Alberto Araújo Jorge . 1961 . setor Aeroporto</i>	214
<i>Casa Paulo Carlos Moreira . 1976 . setor Bueno</i>	216
CONSIDERAÇÕES FINAIS	221
REFERÊNCIAS	225
LISTA DE FIGURAS	85

RESUMO

A arquitetura da casa em Goiânia sofreu grandes transformações durante a construção da cidade. Em um curto período de tempo, exemplares *art déco*, ecléticos, *missiones*, entre outros, já permeavam seu tecido urbano. A partir da década de 1950 a arquitetura modernista se destaca na produção da cidade, inclusive frente ao tema residencial, através de ideais de modernidade e racionalidade que passam a contribuir com um número bastante relevante de exemplares que se tornaram cânones da historiografia moderna.

Mediante exemplares canônicos, de qualidade arquitetônica inquestionável, uma difusão da linguagem modernista ocorreu na cidade a partir da década de 1950 se estendendo até fins da década de 1970, elevando em muito o número de casas existentes sob os preceitos modernos. A pesquisa sobre esses exemplares contribui com o entendimento dessa produção por vários aspectos como: formação, concepção espacial, e profissionais proeminentes; auxiliando a partir da ótica de um panorama que vai além da arquitetura resultado de um saber competente, objeto do trabalho de um arquiteto ou engenheiro, mas que permeia a produção de diversos agentes que atuaram na construção civil à época.

Essa arquitetura moderna difusa não é comumente objeto de estudos por não ter sido considerada, muitas vezes, relevante para a história da arquitetura, o que acaba por deixar uma lacuna em uma produção de linguagem extremamente rica. Diante do exposto, o presente trabalho se propõe, em um primeiro instante, a apresentar esse panorama da arquitetura residencial moderna, composto por obras cânones e de arquitetura difusa; ainda inédito na historiografia. Esta apresentação se dá por meio de levantamentos fotográficos, além de alguns aprofundamentos, do qual fazem parte: visitas às residências; confecção de peças gráficas; levantamento de dados históricos e entrevistas com os moradores, no intuito de se construir o quadro da arquitetura residencial moderna goianiense nessa época.

Em um segundo momento, discorrer sobre o arquiteto Luis Osório Leão. Esse profissional torna-se importante no contexto em discussão à medida que possui casas de arquitetura modernista associadas à elementos de inspiração colonial e vernácula, indicando

dentro de sua própria produção uma diferenciação na concepção do moderno. De produção profícua na cidade, e ainda não estudada em completude, contribui para descortinar o modo de viver proposto a partir de um arquiteto local, verificando transformações espaciais, estruturais e formais ocorridas nas casas em função das influências externas.

Por todo o exposto acredita-se contribuir assim para o enriquecimento da historiografia vigente que há tempos lança o seu olhar sobre a arquitetura de exemplares canônicos de Goiânia, mas que poderá contar a partir desse trabalho com informações que ampliarão a sua visão sobre o conjunto da produção modernista em Goiânia.



PALAVRAS-CHAVE: Goiânia, casa moderna, Luis Osório Leão e difusão da arquitetura modernista.



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

O caminhar condiciona a vista, e a vista condiciona o caminhar a tal ponto que parece que apenas os pés podem ver.

Robert Smithson

Andar pelas ruas dos bairros centrais de Goiânia é buscar pela história, mas encontra-la em recortes. Andar, deslocar-se... É se relacionar com edifícios que parecem querer confundir aqueles que, de maneira mais displicente, caminham pelas ruas da cidade, não contando com clareza os detalhes da formação de seu tecido urbano e sua relação com a arquitetura. Não por acaso, o “andar à toa” por essas ruas proporciona contrastes: os edifícios históricos que parecem sobreviver ao tempo e à escala inapropriada de prédios mais contemporâneos, e que ao mesmo tempo disputam espaço com construções consagradas pelos princípios do *Art déco*.

Segundo Francesco Careri (2013, p. 51), caminhar é um ato de cognição, um ato criativo que implica simbólica ou fisicamente a transformação do espaço e, configurando a consciência da paisagem, torna-se uma forma de arte que ao mesmo tempo é ferramenta de conhecimento e modificação do espaço em que se caminha. Para ele, “o caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados... é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e conseqüentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar”. (CARERI, 2013, p. 51)

A partir desse pressuposto esta pesquisa se iniciou, baseada nesse percurso experimental de investigação proposto por Careri, em favor de tornar a cidade visível a partir da escala humana, refletindo sobre seu objeto sem uma ordem rígida, buscando a partir do caminhar, de um percurso simbólico, olhar a casa modernista na cidade. Há algum tempo as paisagens do caminhar, ou o caminhar enquanto forma de ver a paisagem, integram minha rotina diária de pesquisa para essa dissertação. Essa rotina acontece especificamente desde 1998, período que precede a graduação em arquitetura e urbanismo, quando ainda fazia

parte do corpo discente da Escola Técnica Federal de Goiás - ETFG, antiga Escola Técnica de Goiânia [Figura 4], edifício de implantação regular e composição volumétrica *art déco* que sediou, em 1942, o Batismo Cultural da cidade, evento conhecido por promover sua inauguração oficial para todo o país.

À época me propus, a cada dia tomar um percurso diferente para a instituição, e assim efetivamente conhecer o centro da cidade, de forma muito simples, reconhecendo tanto espaços consagrados pela história quanto de espaços intermediários, à margem. Exemplos: o café em uma das principais avenidas do centro que reunia clientes fiéis há mais de meio século de onde o interventor despachava as questões do governo [Figura 1], a casa em frente ao centro cívico que não revela seu interior diante dos questionamentos de quem passa [Figura 2], a casa da esquina de volumes horizontais e painéis azuis que faz frente ao centro comercial popular, e que contrasta com a avenida que perdeu suas característica residencial e escala, mediante o crescimento da cidade [Figura 3].

Antes mesmo de reconhecer o caminhar enquanto forma de intervenção urbana, ou de experimentação da paisagem da cidade, algumas construções começaram a se destacar diante e meus questionamentos. De modo mais específico algumas casas que, em meio a esse processo de conhecer e reconhecer a paisagem da cidade se diferenciavam das demais, quer pela linguagem racional, de formas depuradas, claras e aparentemente simples; pela volumetria; pelos materiais utilizados; pela forma de implantação no terreno e pela interpretação dos espaços público e privado através do uso de construções suspensas, criando uma relação “interno-externo” entre observador e morador; que hoje identifico como sendo as casas modernistas.



FIGURA 1 | CAFÉ CENTRAL DE GOIÂNIA, EM 1940.
DOCUMENTÁRIO E!! HISTÓRIAS – UFG, 2013.



FIGURA 2 | CASA EURÍPEDES FERREIRA NETO, PRAÇA CÍVICA,
GOIÂNIA (1961), ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY.
ACERVO PESSOAL, 2013.

A rua enquanto suporte de sociabilidade com essas casas retorna pouco tempo depois à minha rotina acadêmica durante a graduação. Mas dessa vez essa relação passa a depender de alguns personagens fundamentais na compreensão do contexto de uma época. Tanto arquitetos, pioneiros na ocupação da cidade, quanto os proprietários dessas obras passam a transformar um contato fundamentado a partir da rua, em uma relação mais íntima, interna ao espaço arquitetônico.



FIGURA 3 | CASA JOSÉ FELIX LOUZA, CENTRO, GOIÂNIA, ARQUITETO
DAVID LIBESKIND (1952).
TOMBI, 2007.



FIGURA 4 | ANTIGA ESCOLA TÉCNICA DE GOIÂNIA: PÓRTICO,
BLOCO DE ARTES E TEATRO (1942).
[HTTP://WWW.IFG.EDU.BR/GOIANIA/INDEX.PHP/](http://www.ifg.edu.br/goiania/index.php/)

O estudo dessas casas, em sua maioria localizadas nos bairros centrais da cidade de Goiânia, torna-se interpretação do passado histórico não só arquitetônico, também urbano, não por um olhar nostálgico que valoriza apenas a preservação por si, mas como uma análise da produção da arquitetura modernista na casa goianiense durante as três décadas em que esta especificamente se manifestou. Durante a graduação esses estudos prosseguiram de forma pontual, algumas casas em Goiânia e Anápolis (cidade localizada à 60km de Goiânia), selecionadas, grosso modo, apenas pela curiosidade, como: a casa Anapolino de Faria em Anápolis (1958) |Figuras 5 e 6|, e as Residências José Felix Louza (1952) |Figura 3|, Eurípedes

Ferreira (1961) | **Figura 2** |, Carlos Cunha Filho (1963) | **Figura 7** | e Abdala Abrão (1966) | **Figura 8** | em Goiânia.

Esta pesquisa inicial a partir de exemplares canônicos da arquitetura modernista em Goiânia tornou-se, diante de mais aprofundamentos, apenas o início do que se desdobraria durante o mestrado do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília: um trabalho em três abordagens que não necessariamente se deram de forma linear e contínua, mas que se diferenciaram claramente pela relação estabelecida da casa no espaço da cidade. O resultado da pesquisa se transformou em um panorama mais variado, determinado por casas projetadas / construídas entre 1952 e 1980, e que ainda fazem parte do patrimônio preservado na arquitetura da cidade, uma visão a partir da situação atual.

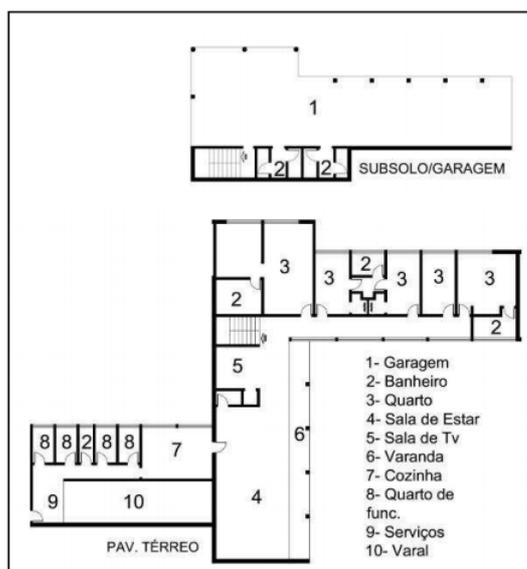


FIGURA 5 | PLANTA DA CASA ANAPOLINO DE FARIA, ANÁPOLIS-GO, ARQUITETO ELDER ROCHA LIMA (1958).
ARQUIVO PESSOAL, 2008.



FIGURA 6 | CASA ANAPOLINO DE FARIA (2008).
ARQUIVO PESSOAL, 2008.



FIGURA 7 | CASA CARLOS CUNHA FILHO, PRAÇA CÍVICA, GOIÂNIA, ARQUITETOS SILAS VARIZO RODRIGUES E ARMANDO NORMAN (1963).
TOLEDO, 1991 IN SILVA NETO, 2010.



FIGURA 8 | CASA ABDALA ABRÃO, GOIÂNIA, ARQUITETO DAVID LIBESKIND (1966).
MONISE CAMPOS IN SILVA NETO, 2010.

Essas três abordagens procedem da seguinte maneira: a primeira, que avalia a casa enquanto projeto de arquitetos e engenheiros que, em busca de atuar na construção de

uma nova cidade no Centro-Oeste brasileiro, marcam Goiânia com uma produção racionalista, ampla de formas geométricas definidas, de planos de vidros contínuos e que por vezes se eleva do solo em função da liberação do terreno, inseridas no contexto do panorama geral da arquitetura da cidade. Diante dessa produção, nove casas foram selecionadas para a pesquisa, e definidas não apenas por fazerem parte de um conjunto arquitetônico moderno que se destaca na cidade ainda hoje, mas por se manterem relativamente integras, e por sua importância ao introduzirem novos questionamentos na casa enquanto morar moderno e apropriação do espaço urbano entre as décadas de 1950 e 1980, período final de sua difusão.¹

Essa primeira abordagem revela a interpretação do morar moderno ou “espaço de morar” que perpassa o ideário modernista, o contexto nacional e as condições locais nos projetos selecionados, e alcança, além de características e formas geométricas, como propõe Veríssimo e Bittar (1999, p. 9), uma abordagem mais ligada às relações sociais. Mediante o que propõe os autores, essa arquitetura modernista cânone:

É uma realidade visível e tangível, no momento em que o ‘morar’ resulta de um processo criativo, conduzido pelas necessidades sociais e culturais do homem. Assim, busca-se captar a integração entre homem e casa, entendendo que esta passa de um conjunto de volumes, planos, linhas retas e curvas, a um espaço a ser vivido pelo homem, adquirindo valores humanos.

(VERÍSSIMO E BITTAR, 1999, p. 9)

Como representantes dessa primeira abordagem enquanto projetos de autoria estão: as casas do arquiteto David Libeskind situadas no Setor Central de 1952 |**Figura 3**| e Setor Sul de 1966 |**Figura 8**|; as casas do arquiteto Eurico Calixto de Godoy situadas no Setor Oeste de 1960 |**Figura 9**| e Setor Sul de 1961 |**Figura 2**|; a casa dos arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman, situada no Setor Sul de 1963 |**Figura 7**|; as casas do arquiteto Antônio Lúcio situadas no Setor Oeste de 1972 |**Figura 10**| e Marista de 1974 |**Figura 11**|; a casa do arquiteto Paulo Mendonça situada também no Setor Marista de 1974 |**Figura 12 e 13**| e a casa

¹ Período definido à partir da abrangência dos exemplares pesquisados.

do engenheiro Tristão Pereira da Fonseca Neto (Setor Central, sem data comprovada) | **Figura 14**.²

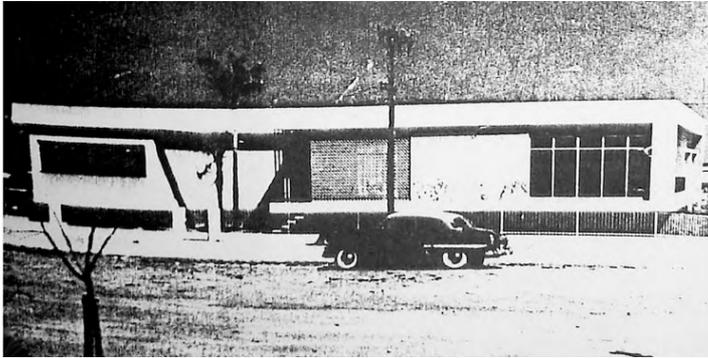


FIGURA 9 | CASA JOSÉ RIBEIRO PARRODE, SETOR OESTE, GOIÂNIA, ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY (1960). BORGES, 1990.

FIGURA 10 | CASA RUFFO DE FREITAS, SETOR OESTE, GOIÂNIA, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO (1972). ARQUIVO PESSOAL, 2013.

FIGURA 11 | CASA ANTÔNIO LÚCIO, SETOR MARISTA, GOIÂNIA, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO (1974). KAMII A MORAIS, 2014.

A casa do engenheiro Tristão da Fonseca se diferencia por ser a única neste conjunto projetada por um engenheiro, possibilitando, a partir das obras de um profissional de ampla atuação na área da engenharia civil, dar-se a conhecer uma produção em número considerável na arquitetura, na qual ressaltaremos também a casa da Rua 23 (Setor Central, sem data comprovada),³ como contraponto de sua produção. Essas casas auxiliam na percepção do conjunto da obra do profissional.

Esses projetos contribuem na percepção de fatores como: concepção espacial, mudança das relações que se dão dentro do espaço da casa, na forma, na sua relação com o espaço urbano de Goiânia, além dos problemas percebidos através das modificações pós-ocupação. Propostos em uma concepção moderna de cidade nova, o referencial mais próximo da casa para a população que se desloca do interior são as casas da antiga capital colonial, Vila Boa, além da casa de planta e usos vernaculares.

² Ver mapa 3 – Locação das casas da Primeira Abordagem.

³ Ver mapa 11 – Locação das casas do engenheiro Tristão Pereira da Fonseca Neto.

Segundo o que consta a partir do discurso de Attilio Corrêa Lima, a construção civil em Vila Boa era precária e de alto custo à época da mudança da capital, e ainda baseada em técnicas não aprimoradas. Apesar da presença abundante de alguns materiais na região, não haviam técnicas desenvolvidas para o melhor aproveitamento dos mesmos, além da dificuldade de manuseio devido ao caráter deficiente de mão-de-obra. Attilio (LIMA, 1937, p. 60) coloca a questão:

Só as bestas e mulas resistem à aspereza do solo e às rampas exageradas do terreno. Em consequência disto a construção é dispendiosa e portanto restrita. Os materiais de construção carregados em lombos de bestas dificultam enormemente a edificação, tornando-a dispendiosa. É curioso observar, que nessa região onde a pedra é abundante, na sua edificação é empregada com diminutas dimensões, em geral de tamanho que permita ser levantada por um só homem e por ele mesmo amarradas com tiras de couro cru, de cada lado do animal. O mesmo sucede com a madeira, que é ligada por uma das extremidades sendo a outra arrastada pelo solo. Evidentemente que com estas condições, a construção tem de ser escassa, apresentando uma técnica bastante rudimentar, incompatível com o grau de civilização em que vivemos.

(LIMA, 1937, p. 60)

Além das limitações construtivas, Attilio Corrêa Lima também cita condições específicas que qualificam a forma de habitar da população:

O problema edilício em Goiás apresenta condições desoladoras... As construções em sua totalidade são ligadas, sem aberturas laterais, comprimidas em estreitos lotes, recebendo iluminação pela testada e pelo fundo apenas. Longos corredores atravessam a habitação, dando acesso a uma série de alcovas escuras sem ar e sem luz. Conquanto o lote seja estreito, em compensação é regra geral demasiadamente o profundo, e seria útil pela vegetação que abriga, se não fosse fadado a ser o local de despejos.

(LIMA, 1937, p. 60)

O discurso de Attilio indica a existência de hábitos de vida e tradições coloniais, entretanto vistos como inadequados diante do século XX, os quais ele evitou ao assumir a direção das obras de Goiânia, em 1935, posteriormente conduzidas pela firma Coimbra Bueno e Cia. Ltda., dos irmãos Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno, engenheiros com formação na Politécnica do Rio de Janeiro e que vieram para a construção da cidade. Através de sua posição na Superintendência Geral de Obras da nova capital respaldaram um modelo técnico e construtivo para os projetos e obras de todo estado. Jerônimo Coimbra Bueno buscou a participação de profissionais vindos do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, o que para ele, asseguraria o bom nível dos trabalhos. Essa atitude serviu de incentivo à produção desses profissionais que vieram de fora da cidade tanto na arquitetura financiada pelo governo quanto na arquitetura particular.



FIGURA 12 | CASA GEORTHON PHILOCREON, SETOR MARISTA, GOIÂNIA, ARQUITETO PAULO MENDONÇA (1974). BUCAR, 1985 IN SILVA NETO, 2010.



FIGURA 13 | CASA GEORTHON PHILOCREON, ARQUITETO PAULO MENDONÇA, ATUALMENTE. KAMILA MORAIS, 2014.

FIGURA 14 | CASA PEDRO ABRÃO FILHO, CENTRO, GOIÂNIA, ENGENHEIRO TRISTÃO PEREIRA DA FONSECA NETO. ACERVO PESSOAL, 2013.

Outra abordagem dessa dissertação se apresenta à medida que essa produção vasta da arquitetura modernista local entra em contato com diversos agentes no processo histórico de construção da arquitetura da cidade, sendo eles arquitetos e engenheiros. Assim sendo, o contato inicialmente estabelecido com essas obras a partir da perspectiva da rua e de seu interior, avança para um relacionamento com a casa a partir das ideias que permearam seus autores. A dificuldade de contato com alguns desses profissionais ainda

atuantes foi uma condicionante, superada no momento em que um desses autores prontamente se dispôs a contribuir e abrir seus arquivos para que ao menos mais uma parte dessa história fosse conhecida e reconhecida enquanto produção modernista, o arquiteto Luis Osório Leão.

O arquiteto figura entre vários profissionais atuantes neste período de vasta produção da arquitetura e que também não possui sua obra totalmente conhecida⁴. Estudá-lo é fazer vista à sua produção, e conhecer os parâmetros utilizados na criação de seus projetos, introduzindo a especificidade de sua obra, de sua linguagem e de seu discurso no diálogo com o contexto da cidade, diálogo que a história desse profissional traça com o Modernismo, e que torna seu estudo relevante.

O conhecimento a partir da visão deste profissional na terceira e última abordagem desta pesquisa, quase como consequência da primeira abordagem, pretende perceber as mudanças da casa na arquitetura modernista resultado de sua atuação, e inclui: casa Eduardo Jacobson (Setor Sul, 1959) [Figura 17], casa Benedito Umbelino de Souza (Setor Central, 1961) [Figura 15], casa Alberto Araújo Jorge (Setor Aeroporto, 1961), casa Botelho (Setor Central, sem data comprovada) [Figura 16], casa Paulo Carlos Moreira (Setor Bueno, 1976 – demolida),⁵ das quais algumas foram objeto de aprofundamento nesta pesquisa.



FIGURA 15 | CASA BENEDITO UMBELINO DE SOUZA, CENTRO, GOIÂNIA, ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO (1961). SILVA NETO, 2010.



FIGURA 16 | CASA BOTELHO, CENTRO, GOIÂNIA, ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO. KAMILA MORAIS, 2014.

⁴ Ver tabela 1 – Profissionais Atuantes em Goiânia entre 1950 e 1980.

⁵ Ver mapa 10 – Locação das casas do arquiteto Luis Osório Leão.

Antes disso, porém, em um segundo momento, ao ampliar o percurso da pesquisa aos bairros limítrofes do centro da cidade, foi possível perceber que a linguagem desses exemplares canônicos segundo a historiografia,⁶ construídos a partir da década de 1950 e representantes de uma linguagem nova e diferenciados da arquitetura local, deixa de constituir apenas obras isoladas e significativas, e passa a ser destaque na paisagem de Goiânia na composição de várias casas edificadas seguindo seus parâmetros. Segundo VAZ (2003): “A partir do final dos anos de 1950 e na década seguinte, o número de casas edificadas nos “moldes” modernistas se ampliou muito. Os bairros preferenciais para essa ampliação foram os centrais, lugares de moradia da classe média e média alta – Centro, Bairro Popular, setores Sul, Oeste e Aeroporto. ” (VAZ, 2003, p. 20) Essa preferência se dá em resposta ao próprio desenvolvimento da cidade e valorização dos bairros mais próximos do núcleo central de Goiânia.



FIGURA 17 | CASA JACOBSON (1959), SETOR SUL, GOIÂNIA, ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 18 | CASA OTÁCIO BETENAIR, SETOR SUL, GOIÂNIA, ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO. KAMILA MORAES, 2014

Diante de tal panorama, em pesquisas na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN-GO foi possível verificar, através de uma listagem disponibilizada pelo órgão, a existência de aproximadamente noventa exemplares de casas que, entre os anos 1950 e 1960 fizeram parte tanto de uma arquitetura de formas puras quanto de uma “difusão” da arquitetura modernista pela cidade. O que introduz a discussão da terceira e última abordagem desta pesquisa: a relação entre elementos da linguagem de

⁶ Segundo a etimologia a palavra cânone assume o significado de 'lei, regra, medida'. Assim como na música, em que várias partes repetem determinado trecho, em tempos diferentes, neste trabalho às construções consideradas cânones, assim são consideradas por se tornarem normas, princípios gerais de determinados elementos da linguagem arquitetônica no qual se inferiram regras particulares para a aplicação em outras casas na cidade, um modelo, padrão.

uma arquitetura modernista mais pura, projetada por arquitetos e engenheiros em exemplares canônicos, através de pilares, elementos vazados, marquises, e outros elementos; difundidos em construções de um conjunto arquitetônico bem definido, marcando o contexto do tecido urbano de vários bairros da cidade.

Esse conjunto arquitetônico, em especial aqui é delimitado pelo setor Aeroporto, e se deve ao número de exemplares de casas nesses moldes que constituem o bairro.⁷ A discussão se desenvolve no intuito de entender essa difusão não somente através de elementos estéticos que se replicam, transformando um “ser moderno” em “ser esteticamente moderno”, mas perceber essa difusão enquanto causa de novas formas de interpretação do espaço da casa, de sua implantação e relação com o espaço público a partir da visão de seu proprietário e pequenos construtores locais.

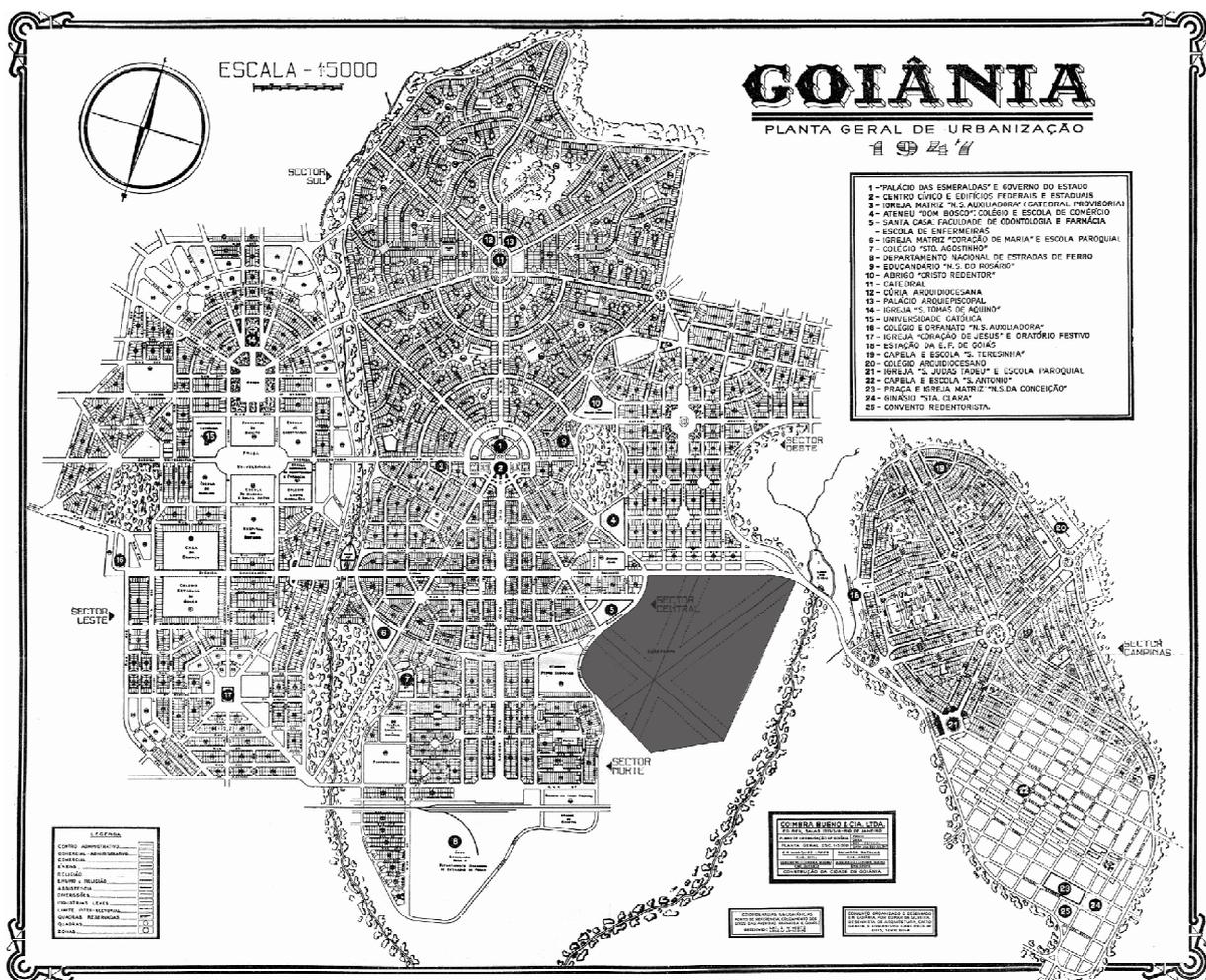


FIGURA 19 | PLANTA DE URBANIZAÇÃO, 1947 – LOCALIZAÇÃO DO SETOR AEROPORTO PRÓXIMO AO CENTRO.
[HTTP://VM136.LIB.BERKELEY.EDU/EART/Maps/GOIANIX.GIF](http://vm136.lib.berkeley.edu/EART/Maps/GOIANIX.GIF)

⁷ Ver mapa 9 – Locação das casas do Setor Aeroporto.

A difusão da arquitetura modernista enquanto abordagem é representativa nesta pesquisa, e de uma forma geral, busca, em trabalhos como o do professor Miguel Antonio Buzzar (BUZZAR, 2007), embasamento para a discussão. No caso específico do trabalho do professor Buzzar, observa-se o desenvolvimento da linguagem moderna durante o Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto (1959-1963) em São Paulo, na vertente das artes plásticas, na arquitetura e no urbanismo, mas permanecendo o cerne da discussão desta difusão como representante do compromisso com a modernização do país.

Entretanto, a questão da difusão possui vertentes ainda mais abrangentes em estudos anteriores, chegando a ser sugerida, pura e simplesmente, enquanto resultado das relações humanas. Antropologicamente, a difusão remete ao processo em que elementos ou característica culturais são transmitidos a outras sociedades ou regiões por meio de contatos ou de migrações, produzindo semelhanças que não acontecem de invenção independente, mas que superam o campo individual e alcançam determinados grupos dentro da sociedade. Rogers (1962) corrobora para essa visão, quando afirma que “a essência do processo de difusão é a interação humana em que uma pessoa comunica a outra uma nova ideia.”⁸ (ROGERS, 1962, p. 30)

A difusão a partir da relação saber competente e arquitetura local, assim como a partir de qualquer relação, não permanece originalmente, tal qual o objeto a ser difundido, mas sofre alterações por parte de quem o difunde. Segundo Cavalcanti (1997, p. 1631), ao tratar da arquitetura Pernambucana, considera a arquitetura construída pelos próprios habitantes como “distinta e específica”, à medida que percebe nessa difusão o uso de materiais locais e técnicas construtivas passadas de geração para geração. Para a autora, a população havia desenvolvido, a partir dos anos 1930, um “estilo arquitetônico próprio”, inspirado nos prédios públicos modernos que começaram então a ser construídos.

O estudo dessa arquitetura difusa em Goiânia acentua tais relações demonstrando o espírito e as aspirações de construtores que, ao produzirem casas modestas em escala, revelam não somente um moderno de fachada, mas uma coerência com o entorno mediante

⁸ Citação original: “the essence of the diffusion process is the human interaction in which one person communicates a new idea to another person.” (ROGERS, 1962, p. 30).

a implantação da casa na paisagem da cidade, e sua interpretação por parte dessas obras, que criam um vocabulário arquitetônico próprio.

Para Chaves (2005, sp.), essa arquitetura difusa e pautada no moderno se referencia na arquitetura conhecida a partir da historiografia canônica que Tournikiotis (1999) chama de “manuais da historiografia da arquitetura moderna”: (Pevsner (1982), Zevi (1994), Gideon (1941), Benevolo (1960). Daí resulta a definição do que é cânone para a arquitetura nesta pesquisa, e que foi amplamente difundida e apresentada como moderna na historiografia. Uma arquitetura de formas puras, grandes vãos livres, ambientes integrados e planos de vidro dividindo exterior e interior, via de regra, produzida por um saber competente, o arquiteto.

A difusão da arquitetura moderna no Brasil se deu de forma rápida. Essa popularização, ou segundo Zevi (1994) afirma, essa aceitação reflete uma identificação com as formas, tornando-as parte de um coletivo na prática construtiva. Essa aceitação acontece, segundo Arruda (2004, sp.), em duas instâncias. O primeiro momento é marcado pelos projetos dos mestres da arquitetura moderna internacional difundidos em países ocidentais onde “encontram, no meio intelectual brasileiro (...) condições socioculturais” relacionadas aos eventos da semana de 1922. Rio e São Paulo seriam os precursores. Posteriormente a arquitetura moderna alcança o território nacional a partir de condições geográficas e econômicas que favoreciam essa difusão: “a proximidade da capital federal, Rio de Janeiro, com as cidades de São Paulo e Belo Horizonte; o crescimento industrial; a urbanização dessas cidades e a expansão das atividades imobiliárias, dentre outras.” (ARRUDA, 2004, sp.)

Boa parte dessa difusão se dá ainda na década de 50, quando começam as atividades profissionais de vários engenheiros que se formam em São Paulo ou no Rio de Janeiro. A arquitetura produzida por esses profissionais, sem ornamentos, de formas puras, linhas esbeltas, platibanda escondendo o telhado, com poucos materiais, revestimentos cerâmicos, passa a se popularizar, em um segundo momento, nas construções locais das cidades brasileiras. “Já não cabia mais o uso de materiais coloniais, pois, isso representava um Brasil do passado.” (ARRUDA, 2004, sp.) A partir de então, essa arquitetura passa a ser absorvida.

Aqui tratada como difusão, a popularização, ou aceitação dessa arquitetura de formas puras, segundo Lara (2005, p. 171) demora a ser reconhecida como parte integrante do

Modernismo, e como relevante para a história crítica da arquitetura por suas feições não ligadas a uma linguagem limpa. Lara (2005, p. 173), entretanto expõe a formação de um conjunto de valores estéticos na construção de casas não limitadas aos edifícios projetados por arquitetos, constituindo parte significativa da arquitetura construída nas décadas de 1940 a 1960, casas integrantes de apropriações populares do vocabulário modernista.

O Setor Aeroporto em Goiânia torna-se o objeto da pesquisa, pois nesse contexto de difusão da linguagem modernista na arquitetura, sua apropriação por parte da população, e as razões da aceitação dessa linguagem, tornam-se representativas. A partir da década de 1950 este bairro passa a ser portador de uma identidade determinada pelas casas “modernosas” do bairro, que se situa no local destinado ao que seria o futuro aeroporto da cidade [Figura 19], demarcado no plano inicial de Attilio Corrêa Lima; e são narrativas de um processo que permanece até hoje caracterizando a cidade e a arquitetura.

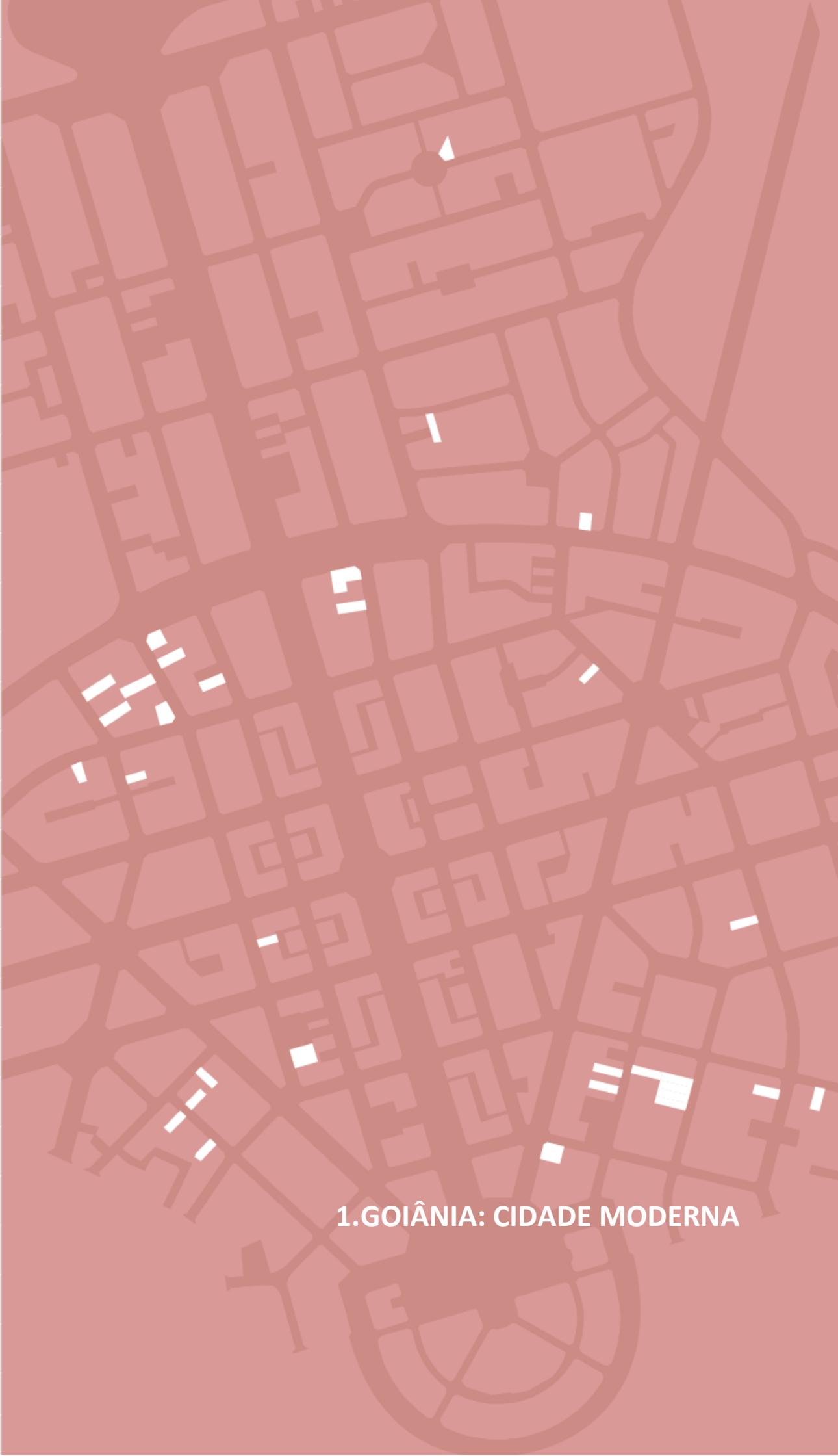


FIGURA 20 | PAINEL DO MURO FRONTAL - CASA SETOR AEROPORTO, GOIÂNIA.
ACERVO PESSOAL, 2013



FIGURA 21 | LAJE INCLINADA, PAREDES EMOLDURADAS, COBOGÓ E JARDIM FRONTAL FAZENDO A TRANSIÇÃO PÚBLICO PRIVADO EM CASA NO SETOR AEROPORTO, GOIÂNIA. A CASA FOI POSTERIORMENTE CERCADA
KAMILA MORAES, 2014.

Ao fim do processo de reconhecimento dessas nuances da arquitetura a partir de levantamentos, visitas a casas e entrevistas com arquitetos, e da história oral contada por inúmeros proprietários que participaram ativamente da constituição do objeto de estudo, foi perceptível que, o que era anteriormente reconhecido por alguns exemplares canônicos, se apresentou como um imenso acervo passível de inúmeros aprofundamentos, em que esta dissertação se insere como uma contribuição para o entendimento de um assunto tão vasto.



1. GOIÂNIA: CIDADE MODERNA

1. GOIÂNIA: CIDADE MODERNA

É preciso dizer como habitamos o nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”.

BACHELAR, 1957, pg. 24

Goiânia, cidade planejada há pouco mais de 80 anos sob a tutela de um interventor, Pedro Ludovico Teixeira, com população estimada de 50 mil habitantes em seu plano inicial, e objeto de teorias arquitetônicas e urbanísticas da época; grosso modo, este é um dos olhares mais difundidos a seu respeito. Uma dentre tantas cidades brasileiras planejadas; inserida na discussão da paisagem enquanto representação de um patrimônio cultural e quase sempre lembrada por sua arquitetura *Art déco*⁹ “devido à importância dada a esta nos edifícios símbolos do governo”,¹⁰ hoje possui seu espaço urbano consolidado.

Assim como Belo Horizonte (1897) e Brasília (1960), a cidade é representante de um momento histórico no país em que a concepção e construção de cidades planejadas se guiavam pelos ideais do Movimento Moderno, racionalidade e funcionalidade, e que, segundo Arrais (2006, p.2) torna-se referência para o urbanismo brasileiro. Ideais esses que podem ser observados, por exemplo, no urbanismo concretizado através do plano inicial de Goiânia, conforme afirma Diniz (2007, p.52), a partir da leitura do “triângulo” definidor do traçado da cidade e da presença do *patté d’oil*¹¹ enquanto influência francesa nas cidades clássicas.

⁹ Segundo o anuário Estatístico de Goiânia de 2012, da Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo (SEPLAM), Goiânia conta com um acervo arquitetônico composto por vários prédios públicos inspirados pelo *Art déco* e tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 18 novembro de 2003, conjunto que inclui 22 prédios e monumentos públicos, o centro original de Goiânia e o núcleo pioneiro de Campinas.

¹⁰ NOVAIS, 2015, p. 198.

¹¹ Segundo Yamaki (1991), Patte d’oil (ou pata de ganso) é uma forma urbana clássica constituída de um triângulo formado por três eixos radiais e que tem na *Piazza del Popolo* em Roma, e na *Place des Armes* em Versailles, sua versão melhor representada. (YAMAKI, 1991, *apud* DINIZ, 2007, p.52)

O próprio Attilio (LIMA, 1937, *apud* DINIZ, 2007, p. 52) descreve: “Guardando as devidas proporções, o efeito monumental procurado é o do princípio clássico adotado em Versailles...” O plano inicial da cidade de autoria de Attilio Corrêa Lima havia se preocupado, segundo seu relatório, embasar-se em questões extremamente técnicas: o posicionamento das ruas na topografia, a funcionalidade na setorização da cidade, ruas de serviço, rotatórias, e outras questões como a centralidade do poder político de forma a ressaltar sua importância. [Figura 22]

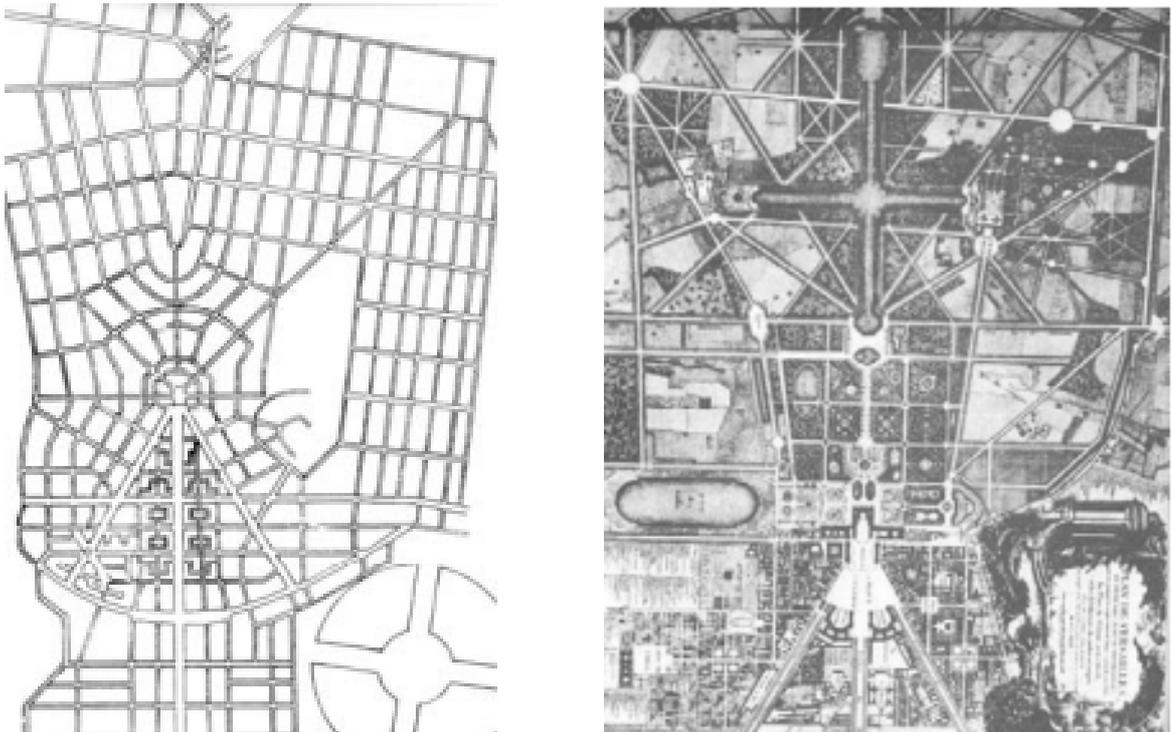


FIGURA 22 | PLANO DE A. C. LIMA (1933) E PLANTA DE VERSAILLES (1746).
GRAEF, 1985.

A Revolução de 1930, a ascensão do interventor federal Pedro Ludovico Teixeira e sua política mudancista, além das dificuldades técnicas, políticas e econômicas do processo de implantação da cidade, naturais no interior do país, segundo Diniz (2007, p.16) são o contexto da construção da cidade vividos durante o plano de Attilio. Posteriormente também, as interferências realizadas por Armando de Godoy e pelos irmãos Coimbra Bueno enfrentam semelhantes dificuldades ao assumirem a construção de Goiânia. Nesse panorama, Pedro Ludovico Teixeira assume o objetivo de construir uma cidade moderna, e claramente a caracteriza a partir de uma visão política, funcionalista e até educativa

considerando o papel do Estado como provedor de uma estrutura necessária para o seu desenvolvimento. O interventor¹² afirma que a cidade moderna é:

... uma grande escola em que se podem educar, desenvolver e apurar os principais elementos do espírito e do físico do homem e uma fonte de poderosas energias sem as quais os povos não progredem e não prosperam. ... a cidade moderna, quando se lhe proporcionam todos os elementos de vida e ao seu estabelecimento e à sua expansão se prende um plano racional, isto é, que obedece às determinações do urbanismo, é um centro de cultura, de ordem, de trabalho e de atividades bem coordenadas. Ela educa as massas populares, compõe-lhes e orienta-lhes as forças e os movimentos coletivos e desperta energias extraordinárias entre os que aí vivem e ficam sob a influência civilizadora.

(GODOI, 1942, *apud* VIDAL, 2009, p. 155)

Para autores como Chaul (1995, p.12) e Campos (1997, p.208), esse ideal de modernidade no Estado que direcionou a política de Pedro Ludovico e fomentou a construção de Goiânia só se justificou a partir do estigma do “atraso”, e da disseminação da ideia de uma sociedade à margem dos grandes centros do país. Entretanto, essa concepção que permeou a obra de vários autores se configura mais como argumentação para legitimar a mudança da capital, do que em um atraso real, como considera o trabalho da historiadora Karinne Machado Silva. Para a autora (2006, p. 18) é na ótica de oposição ao velho, em que o moderno se fundamenta pela negação do tradicional que Goiânia é concebida, “como um marco divisor de águas na história do Centro-Oeste”¹³, e como cidade moderna, passa a contar com recursos como a ferrovia, a abertura de novas ligações viárias, e logo nas décadas seguintes, no campo das artes, com a fundação da Escola Goiana de Belas Artes e a criação de universidades.

¹² Interventor federal (1930-1933) e governador do estado (1935-1937) foi o responsável pelo convite à Attilio Corrêa Lima, em 1933, para a organização do traçado da cidade, projetos de infraestrutura, plano diretor, e projeto arquitetônico dos principais edifícios públicos e casas para funcionários, com a consequente supervisão das obras de implantação dos mesmos. (DINIZ, 2007, p. 52).

¹³ MACHADO SILVA, 2006, p. 18.

De acordo com Daher (2003, p. 87), o fator preponderante da mudança da capital para Goiânia vai além das necessidades geográficas impostas pelas limitações da região montanhosa da antiga capital, Vila Boa, mas considera principalmente a disputa de poder. Manso (2002) corrobora com essa visão, quando afirma ser possível perceber que a cidade nasce principalmente em decorrência de questões políticas ligadas à “Marcha para o Oeste” e ao programa de interiorização que incentiva à transição da sede do governo do país. Politicamente, associar esses fatos a uma “visão de modernidade” foi bastante conveniente, e para tanto, desde sua fundação no início da década de 1930, Goiânia recebeu e mantém o título de cidade moderna.

Ainda segundo Chaul (1997, p. 206), a cidade foi considerada a maior expressão da chegada do que seria um novo tempo à Goiás, sinônimo de desenvolvimento, progresso e modernidade. Entretanto a modernidade entendida como progresso econômico e político, no estado de Goiás já apresentava sinais em outras cidades que estavam em pleno desenvolvimento. Anápolis, por exemplo, a 55 km de Goiânia, já contava com a ferrovia que estava em início de instalação e tinha grande importância para todo o país. Mas o argumento da modernidade continuou sustentando a mudança da capital, representando o abandono de todo atraso que qualificava a antiga capital Vila Boa.

É possível perceber que a ideia de que Goiânia foi edificada como símbolo de modernidade, não rompeu, mas deu continuidade a essência social da estrutura fundiária da época colonial, o que é reafirmado por autores como Pelá (2009, p. 73). De acordo com a autora, o vínculo da cidade com os elementos da tradição não foi rompido através do projeto urbano tal como propôs a ideologia política. Como exemplo disso, a arquitetura que disseminava casas em estilo neocolonial construídas na década de 1930, início da implantação da cidade, coexistiu com construções modernistas nas décadas seguintes. (PELÁ, 2009, *apud* ARAUJO JUNIOR, 2011, p. 3 e 4)

Essa coexistência indica percursos da construção de Goiânia e revela uma diversidade no que diz respeito à cultura que definiu o conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade, em um momento em que os ideais de modernidade e racionalidade que direcionaram o urbanismo se estabeleceram na arquitetura, alcançando um conjunto de bairros, os primeiros bairros da cidade, e tornando-os territórios férteis para a produção modernista.

Esse conjunto arquitetônico dentro da paisagem urbana apenas reafirma valores e discursos em prol da cidade moderna, estabelecidos desde o planejamento de Goiânia, cuja pedra fundamental data de 1933, e foram ampliados sob a influência política de governos como os de Pedro Ludovico (1930 – 1933 / 1935 – 1937), responsável pela mudança da capital, se estendendo aos governos de Jerônimo Coimbra Bueno (1947 – 1950) à Mauro Borges (1961 – 1964), período em que ocorreu a ocupação desses primeiros bairros e auge do Modernismo na cidade. Como sugere Buzzar (2007, p. 4 e 5), a representação do Estado que forja a nação que se quer, moderna e desenvolvida, conhece na arquitetura modernista um aliado perene.

É preciso também entender a modernidade em Goiânia como conceito diretamente ligado aos projetos relativos ao Movimento Moderno, e conseqüentemente, entender o quadro da arquitetura no início do século XX, e suas primeiras proposições de forma e concepção produzidas na casa dessa época, pois “a história da arquitetura é, antes de mais nada e essencialmente, a história das concepções espaciais”.¹⁴ A partir da década de 1950, a concepção espacial do ambiente construído dos projetos residenciais na cidade fica ainda mais consistente no que diz respeito aos valores que indicam uma maior influência modernista.

Entender a contribuição dessas casas enquanto mudança no espaço ressalta a importância desses projetos na formação de um conjunto arquitetônico no tecido urbano da cidade, com novas proposições na morfologia não só da casa, mas na própria identidade do bairro. Proposições relacionadas à forma de implantação dos projetos, suas relações espaciais, no entendimento de público e privado, entre outras questões. Esses projetos discutiram os limites da arquitetura moderna na cidade, que segundo Caixeta (2011, sp.), não permaneceram restritos à produção de um grupo seleto de arquitetos, ou voltados para um contexto local, mas influenciaram outras construções e leituras realizadas por outros personagens, com diferentes interpretações e reinterpretações do moderno.

¹⁴ ZEVI, 1994, p. 18.

O conjunto de casas modernas distribuídas por diversos bairros da cidade mescla projetos emblemáticos de arquitetos bastante representativos a uma produção fora do contexto do Movimento Moderno, fora até mesmo do contexto acadêmico, mas difusa pela arquitetura local, e encarada como mais livre em sua composição, mas que surge com novos significados, participando e contribuindo efetivamente para a formação de uma imagem da arquitetura moderna da cidade.

Nesta discussão da cidade através da arquitetura, em que as duas se complementam e por vezes se confundem, entender o contexto de cada bairro da cidade é essencial como sendo o primeiro passo para compreender o local da experimentação e a influência da arquitetura moderna, em que a casa como bem isolado dá lugar à percepção da mesma como conjunto de valores, ultrapassando o saber competente e alcançando a arquitetura local.

Inicialmente, a modernidade vivida na cidade alcança a arquitetura à medida que, a partir da década de 1950, começa a produzir um panorama: um conjunto de casas emblemáticas, que não apresentaram diferenças significativas no núcleo familiar ou nas atividades desenvolvidas em seu interior, para que se justificasse uma mudança formal, mas comporta um novo repertório arquitetônico na região, sugerido por uma arquitetura de vanguarda, pelo uso de novos materiais, essencialmente clara, limpa e racional.

Posteriormente, a importância dessa casa, cânone da historiografia, passa a coexistir com um panorama para além das casas mais icônicas, cujo estudo não se dá com tanta veemência, o que revela a importância da contribuição deste trabalho em particular, uma vez que é uma produção ainda parcialmente desconhecida. As pesquisas a respeito da difusão da linguagem moderna pela arquitetura local na cidade, nesse período, ainda não alcançaram uma visão panorâmica, restringindo-se a alguns trabalhos que tratam de maneira pontual alguns exemplares da produção desse conjunto, em uma análise mais circunscrita a edifícios a partir de seus arquitetos.

O reconhecimento dessa produção difusa é importante devido às interferências como a verticalização que, como na maioria das cidades do país, tem modificado o tecido urbano de Goiânia, promovendo um tipo de renovação, que na verdade coloca em risco o

conhecimento de exemplares importantes como representantes da história da arquitetura moderna da cidade.¹⁵ A possível perda dessa arquitetura cujos valores podem configurar um patrimônio é um dos motivadores dessa pesquisa, visto que no contato direto com a cidade, torna-se preocupante perceber que muitos dos exemplares dessa arquitetura já não existem.

Tomando por base os primeiros bairros implantados na cidade, o Setor Sul de Armando de Godoy, cuja implantação ocorreu em 1950 e ocupação efetiva posterior entre 1960-1970, é o que possui obras com mais razoável conservação. Já no centro de Goiânia, a exemplo de outras cidades brasileiras, o moderno se apresenta mais diversificado e diluído devido às constantes alterações e renovações de suas edificações. Todos os bairros, cujas ocupações ocorreram nesse período, possuem um número considerável de obras de interesse de estudo, entretanto, esta pesquisa pretende contribuir construindo esse panorama da arquitetura residencial moderna tal como se apresenta, com casas tanto cânones quanto difusas na cidade, circunscrito aos bairros: Sul, Oeste, Centro, Bueno, Marista e Aeroporto.

Mesmo diante de todo o “histórico de modernidade” que envolveu a formação da cidade, o tema da arquitetura moderna em Goiânia ainda requer aprofundamentos, comparando aos demais temas explorados. A arquitetura colonial, por exemplo, está representada nos trabalhos de Gustavo Neiva e Milena D’Ayala Valva (2001);¹⁶ Maria Diva Vaz (2003) explora a casa tradicional goiana¹⁷; e a documentação do *Art Déco* possui aprofundamentos com: Wolney Unes (2001), Marilda Blumenschein (2004), Amanda Barreto (2007), Gustavo Neiva (2001) e Celina Manso (2002)¹⁸ entre outros.

Quanto à criação da cidade, as publicações documentam exaustivamente os acontecimentos em Ofélia Monteiro (1938), Oscar Sabino (1980), Luiz Fernando Teixeira

¹⁵ Ver mapa 1 – Locação das Demolições dos últimos dois anos.

¹⁶ COELHO e VALVA, 2001.

¹⁷ VAZ, 2003.

¹⁸ UNES, 2001; BLUMENSCHHEIN, 2004; BARRETO, 2007; COELHO, 2001; MANSO, 2002.

(1975), Tarcisio Rodrigues (2002), Tânia Daher (2003), Alexandre Gonçalves (2003), Aristides Moysés (2005) além das documentações oficiais das Secretarias de Planejamento do município e do IBGE.¹⁹ Os trabalhos de Celina Manso (2002), Alexandre Gonçalves (2003), Dulce Portilho (2012) e Anamaria Diniz (2007) destacam-se por traçarem detalhado estudo sobre a cidade, previamente planejada e ordenada, e o Movimento Moderno, tanto na urbanização quanto na arquitetura; e com um enfoque mais sociológico o trabalho da Professora Genilda D’Arc Bernardes (1998)²⁰. Os citados estudos inclusive são arcabouço teórico para produção desse trabalho.

A modernidade em Goiânia também é discutida nos trabalhos de Marcia Metran (1996), Eurípedes Afonso da Silva Neto (2010), e por Ana Amélia de Paula Moura (2011)²¹, que contribuíram para o inventário de vários exemplares de casas representantes do Modernismo em Goiânia. Os títulos citados são importantes, despertam leituras sobre as perspectivas já abertas e que podem ser ampliadas.

Diante disso, as pesquisas sobre a casa representativa do Modernismo goianiense e de sua difusão como um modelo de arquitetura a partir de características formais que resultaram nesta dissertação, se iniciaram a fim de responder a alguns questionamentos e de identificar características fundamentais nos primeiros bairros da cidade e no processo histórico da formação dos mesmos. Do centro da cidade a expansão, a fim de entender a implantação e ocupação de cada bairro por parte de um acervo arquitetônico que se revelou bem maior que o esperado.

Goiânia e as casas modernas

A questão habitacional foi sempre considerada uma das mais importantes dentro do Movimento Moderno. Uma análise sobre os debates dos três primeiros Congressos

¹⁹ MONTEIRO, 1938; SABINO, 1980; TEIXEIRA, 1975; BOTELHO, 2002; DAHER, 2003; GONÇALVES, 2003; MOYSES, 2005; IBGE, 1942.

²⁰ PORTILHO, 2012; DINIZ, 2007; BERNARDES, 1998.

²¹ MELLO, 1996; SILVA NETO, 2010; MOURA, 2011.

Internacionais de Arquitetura Moderna, os CIAMs²², torna perceptível a preocupação em responder com a arquitetura à realidade do déficit habitacional e das condições insalubres de moradia do contexto europeu pós-Primeira Guerra. De semelhante modo, em 1927 a exposição *Weissenhofsiedlung* sediada na Alemanha e coordenada por Mies van der Rohe (1886-1969), contando com a participação de mais dezessete arquitetos, entre eles Le Corbusier (1887-1965) e Gropius (1883-1969), apresentava as propostas da arquitetura moderna para o tema da habitação. (WESTON, 2002, p. 34)

Arquitetos se destacavam por trazerem novos conceitos de projeto, como Ernst May (1886-1970) e os apartamentos Existenzminimum de 32m² na Alemanha, em 1928. A Revolução Industrial ocasionou o crescimento das cidades, de forma rápida e sem infraestrutura. O aumento populacional resultado do êxodo rural trouxe à tona discussões voltadas para a solução dos problemas habitacionais gerados. Em resposta a esse quadro, Le Corbusier propõe a casa como “máquina de morar”, desenvolvida em função das atividades práticas, respondendo às necessidades, cada espaço com uma função, uma visão intimamente ligada à industrialização vivida pela sociedade. Tantos arquitetos disseminaram essa visão que os cinco pontos da nova arquitetura propostos por Le Corbusier correspondem à boa parte do repertório formal desenvolvido na arquitetura modernista.

A discussão do modo de morar como constante da arquitetura moderna resultou em algumas propostas que pretendiam trazer um novo entendimento das atividades desenvolvidas pelo homem dentro do ambiente da casa. Frampton (1980) caracterizou a arquitetura que culminou em 1932 na exposição no MoMa - Museum of Modern Art em Nova York como Estilo Internacional, se referindo às primeiras propostas de um modo de construir usando o branco, com volumes prismáticos, a cobertura horizontal, a recusa de ornamentos, e o espaço racionalista-funcionalista, apesar de o Movimento Moderno negar a relação com símbolos que conformassem sua arquitetura à adoção de um estilo.

Essas mudanças promovidas na temática da habitação não deveriam ser consideradas um estilo, pois não se restringiram à mudanças estéticas ou à parte externa da casa

²² Congressos de 1928 a 1930.

somente, mas alcançaram o caráter intrínseco do espaço interno: “no interior, a compartimentação isolada deu lugar ao espaço contínuo e fluido, tornado possível pela estrutura independente. A ‘planta livre’ resultante refletia os novos modos de vida, acabando com as antigas hierarquias sociais e reduzindo o número de ‘serviçais’.” (weston, 2002, p. 34) Nesse contexto, Wright (1867-1959) também seria um dos responsáveis por fazer uma nova leitura da casa através de planos abstratos, formas geométricas em alturas distintas, e diferenciando paredes e janelas, dentro e fora, onde o espaço é o meio de composição, e as formas exteriores transparecem o interior.

As primeiras décadas do século XX, no Brasil, foram marcadas pelo processo de industrialização, e pela modernização econômica e política das grandes cidades. Esse cenário influenciou a questão da habitação nas escolas de arquitetura no Brasil e dialogou com a ideologia de mudanças do Modernismo difundido a partir da Europa, em São Paulo e no Rio de Janeiro, alcançando posteriormente outras regiões. No mesmo período, na Europa, o segundo CIAM²³ discute o espaço como forma de garantir as condições mínimas de existência, diante de um espaço urbano disputado.

Arquitetos da vanguarda brasileira, como Warchavchik (1896-1972), aderem aos preceitos da nova arquitetura. O arquiteto projeta sua própria casa em 1927, que passa a ser conhecida como a primeira casa moderna da cidade de São Paulo. Segundo Warchavchik (1925 *apud* BARDI, 1971), “para que a arquitetura modernista tivesse seu cunho original, como o tem as nossas máquinas, o arquiteto moderno deve não somente deixar de copiar os velhos estilos, como também deixar de pensar no estilo. A nossa arquitetura deve ser apenas racional, deve basear-se apenas na lógica e esta lógica devemos opô-la aos que estão procurando por força imitar na construção algum estilo.”

Apesar da proposta teórica do arquiteto, para Bruand (1981, p. 67), o projeto de Warchavchik para a casa da Rua Santa Cruz possui inovações que se limitaram apenas às questões estéticas. Segundo Bruand, as principais características da arquitetura moderna brasileira se deram em refletir a forma da casa como resultado de requisitos do programa,

²³ 1929 - Frankfurt, Alemanha – Existenzminimum.

do lugar e das condições da construção; e por vezes, possuir os valores da arquitetura regional influenciando os projetos, mostrando preocupações com as novas possibilidades frente à industrialização.

Outros teóricos também possuem contribuição na história da casa moderna brasileira, tais como: Henrique Mindlim (1999), em seu livro ‘Arquitetura Moderna no Brasil’, quando discorre sobre a arquitetura moderna nacional e sua forma rápida de desenvolvimento por jovens, no período que compreendeu as décadas 1930 e 1940, coincidindo com a construção do Ministério de Educação e Saúde (1936-1943); Telma de Barros Correia (2004) em seu livro “A construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870 – 1950” ao discutir as mudanças de ordem espacial, alterações de uso e significados da casa; Carlos Lemos (1989) em seu livro “História da Casa Brasileira” em uma abordagem mais antropológica da arquitetura, entre outros; que traçaram parâmetros à ser estendidos para análise do quadro da arquitetura da casa moderna de uma forma geral, inclusive em Goiânia.

Destaque para Marlene Milan Acayaba e Sylvia Ficher (1984) no livro “Arquitetura Moderna Brasileira” que contribui com interpretações de um acervo da historiografia do contexto da arquitetura moderna brasileira. Segundo as autoras, “a adoção dos cinco postulados de Le Corbusier favoreceu a consolidação da linguagem moderna na arquitetura doméstica”, desenvolvendo uma expressão própria na casa da década de 1950. Além dos cinco pontos propostos por Le Corbusier, no Brasil, a casa moderna assume outras características associadas ao uso de estruturas de concreto e aço (BRUAND, 1981, p. 270); fruto da própria industrialização e da possibilidade do uso desses “novos materiais” da arquitetura moderna. (BENEVOLO, 1976, p.42)

Nesse sentido, os exemplares canônicos da arquitetura modernista também adotam uma estética voltada para as formas geométricas simples e a ausência de ornamentos. Projetos como os de Alvaro Vital Brazil (1909-1997) de sua residência em Santa Tereza (1940) |**Figura 23**|, Jorge Machado Moreira (1904 – 1992) na residência Antônio Ceppas (1946) e Affonso Eduardo Reidy (1909 – 1964) no pedregulho (1948) seguiram essa linguagem.



FIGURA 23 | CASA EM SANTA TERESA, ARQUITETO ALVARO VITAL BRASIL. BRAZIL, ÁLVARO VITAL. 50 ANOS DE ARQUITETURA. SÃO PAULO: NOBEL, 1986.

A interferência da indústria na casa vai além do fornecimento de novos materiais, mas a modifica e propõe uma revisão da rotina familiar enquanto modo de morar e técnica construtiva, atendendo não apenas necessidades, mas desejos supérfluos com os novos equipamentos que surgiram na sociedade de consumo e no desejo da diferenciação. Segundo Nunes (2009, p. 6), “as novas casas eram bem iluminadas, arejadas e continham todas as facilidades da vida moderna, tais como água quente e abundante, novas instalações hidráulicas e sanitárias, revestimentos recém-lançados etc.”

A construção das primeiras casas representativas do Modernismo em Goiânia, a partir de meados da década de 1950, se dá primeiramente, através de projetos desenvolvidos por profissionais que vieram de outros estados, como David Libeskind [Figura 24], somente mais tarde profissionais já formados na própria cidade começaram a atuar. A estrutura da cidade vai se consolidando, e conseqüentemente os recursos disponíveis para utilização nas construções vão se desenvolvendo: “a partir de seu batismo cultural em 1942, sua estrutura urbana, incluindo vias de circulação, permite uma maior atualização tecnológica na construção civil, favorecendo o aprimoramento do uso do concreto armado, acesso

facilitado ao vidro, ferro e mão de obra qualificada”²⁴. Segundo Gonçalves (2002, *apud* SILVA NETO, 2010, p.9), no contexto da construção e do rápido crescimento da cidade de Goiânia, inicialmente permeada por edificações no estilo *art déco* e neocolonial, as casas desenvolvidas a partir da década de 50, tornam-se exemplos de uma nova linguagem, destacando-se na paisagem em meio à produção local.



FIGURA 24 | CASA HAJI ASCAR, SETOR SUL, GOIÂNIA - ARQUITETO DAVID LIBESKIND (1955).
ARQUIVO PESSOAL DE LUCIANA TOMBI / IN SILVA NETO, 2010.

Esses exemplares da arquitetura moderna, entre inéditos na historiografia e consagrados como exemplares canônicos, na cidade são visualizados dentro de um conjunto de características bem diferenciadas, inovando nos processos construtivos, na proposição de elementos estruturais e funcionais, marcando o quadro da arquitetura residencial e suas particularidades na cidade. Entre esses exemplares, estão projetos tais como os dos arquitetos David Libeskind [Figura 24], Eurico Calixto de Godoy [Figuras 25 e 26], Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman, Antônio Lúcio Ferrari, Paulo Mendonça, Luis Osório Leão e do engenheiro Tristão da Fonseca Neto.

²⁴ SILVA NETO, 1993, p. 11.

Tais projetos se mesclam e se difundem em uma arquitetura moderna de expressões populares, associada ao ato de construir de forma mais livre. Nesse processo de modernização da casa, além dos melhoramentos de ordem higiênica, o espaço e a construção também são característicos. As casas além de serem salubres, tem sua concepção espacial interna influenciada, segundo Correira (2004), definindo-se lugares próprios para cada atividade, como estar, repouso e serviços.

Essa mistura na casa de feições modernas em Goiânia permite levantar questionamentos recorrentes sobre o que é considerado moderno na arquitetura da cidade, remetendo à própria definição do termo. Essa definição precisa lidar com edificações consideradas verdadeiramente modernas, casas *art déco* que preconizam uma expressão moderna, e uma modernidade canônica, que expressa a “boa modernidade” escondendo, por vezes, juízos de valor sobre determinadas expressões da arquitetura popular.



FIGURA 25 | CASA DOURIVAL DE SOUZA BACELLAR, SETOR SUL, GOIÂNIA - ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY (1952).

BORGES, 1990 IN SILVA NETO, 2010.

FIGURA 26 | CASA JOSÉ RIBEIRO PARRODE, SETOR OESTE, GOIÂNIA - ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY (1960).

ACERVO PESSOAL.



FIGURA 27 | CASA ENGENHEIRO NESTOR GUILMARÃES SOUZA, SETOR CENTRAL, GOIÂNIA – ENGENHEIRO NESTOR GUILMARÃES SOUZA (1966).

ACERVO PESSOAL.

Déco x Moderno

Em momento anterior à popularização da arquitetura moderna na cidade, e para além dos edifícios institucionais, é sabido que a casa em Goiânia também teve relativa influência do *art déco* no período inicial de construção da cidade (NOVAIS, 2015, p. 198-216). No Brasil, segundo Reis (2014), a produção arquitetônica oficial do governo de Getúlio Vargas, decorrente de políticas progressistas de modernização dos Estados era de inspiração *art déco*. Departamentos públicos foram pioneiros ao projetar e construir “parametrizados tanto pelas técnicas e materiais construtivos convencionais disponíveis, como pelas inovações trazidas pelo campo da engenharia e da arquitetura, como o concreto armado e a considerada modernidade do *art déco*”²⁵ o que influenciou as construções públicas em todo país.

Em Goiânia, Attilio Corrêa Lima que havia voltado a pouco de Paris, onde estudou urbanismo, foi quem primeiro se dedicou ao desenho da cidade e de alguns de seus edifícios, usando os conceitos dessa vanguarda. O *art déco* torna-se então o primeiro a se responsabilizar “por trazer os ares da modernidade, da cidade moderna, com inúmeros novos programas, e configurava-se contextualmente na era da máquina” (ROCHA, 2012, p. 294), servindo de inspiração para a arquitetura residencial. Coimbra Bueno consolida a visão do *art déco* relacionada à modernidade em entrevista concedida ao jornal O Globo, em 1937, quando afirma que “[...] todos os serviços da União do estado de Goiás. Todos esses prédios são de dois pavimentos com uma distribuição arquitetônica que dão ao Centro Cívico de Goiânia um aspecto verdadeiramente moderno”.²⁶

Os edifícios do governo tornaram-se um importante instrumento para dar visibilidade e disseminar a linguagem de vanguarda. (REIS, 2014, p. 13) Por características como a facilidade de manipulação e aplicação, o *art déco* alcançou inclusive o programa residencial, e os prédios públicos acabaram sendo concebidos como modelos, tipos destinados tanto à

²⁵ REIS, 2014, p. 13.

²⁶ COELHO, 1997, p. 56-57.

residência de autoridades como às residências mais simples, com o objetivo claro de produzir uma arquitetura associada à modernidade.

Sua manifestação em propostas de baixa ocupação e baixa densidade se relacionou de forma muito pertinente com o projeto urbano de Attilio. As residências de inspiração *déco* adequavam-se a identidade que a nova Capital desejava. Indiscutivelmente modernas, procuravam não se associar com a proposta da antiga casa goiana, tradicional, mas se caracterizavam, segundo Reis (2014, p.11) como: “*art déco* - expressão primaz do moderno - não modernista”, neste sentido afirmando a relação clara com o Modernismo e as vanguardas do começo do século XX.

A relação *art déco* como expressão do moderno se estabelece através de sua diversidade plástica, sua vinculação às tecnologias modernas, como concreto armado, associadas à materiais e técnicas construtivas tradicionais, considerado uma de suas qualidades pela facilidade de manipulação por profissionais de todos os níveis de conhecimento, além das preocupações oficiais acerca de se ver representado por uma arquitetura moderna, funcional e monumental, que satisfazia requisitos de ordem técnica e econômica. Um moderno, que para Reis (2014, p. 11), agia em desacordo com o fundamentalismo e rigor didático da arquitetura modernista, mas de linguagem simbolicamente moderna. Por tais características, o *art déco* passa a fazer parte da arquitetura residencial local, configurando-se não só como um estilo importante na transição para uma modernidade, mas como integrante da própria arquitetura moderna.



FIGURA 28 | CASA DE PEDRO LUDOVICO EM CONSTRUÇÃO EM GOIÂNIA. – ARQUITTO ATTILIO CORRÊA LIMA
PORTAL.SEDUC.GO.GOV.BR



FIGURA 29 | CASA ART DÉCO RESTAURADA
JORNAL OPÇÃO - EDIÇÃO 9 A 15 DE FEVEREIRO DE 2014

A modernidade em Goiânia pode ser representada à partir de diversas arquiteturas (*déco*, moderna pura, releituras, re-interpretações). Devido à diversidade de entendimento, convém, para dar prosseguimento ao estudo da produção e difusão da arquitetura modernista na cidade de Goiânia, avançar sobre a relatividade assumida por esse termo. A abrangência assumida pelo conceito que já foi discorrido em trabalhos como os de Marshal Berman (1982), David Harvey (1989), Hilde Heynen (2000), entre outros, alcança clareza na definição utilizada por Mello (2014):

[...] sua definição assume variadas dimensões, inúmeras caracterizações e diferentes periodizações. De fenômeno técnico-material, passando por definições de cunho político-ideológico, religioso, ético-comportamental, econômico, geográfico-espacial, admite dessemelhantes conotações. É, portanto, um termo aberto, pluridimensional e polissêmico, estruturado por campos disciplinares diversos e variadas matizes filosófico-ideológicas.

(MELLO, 2014, p. 20)

Como termo que assume diversos significados em vários campos do conhecimento, a modernidade passa a ser compreendida de forma diferente por vários autores. No campo teórico, a partir do que considera ser a arquitetura e suas relações sociais, Heynen (2000, p.3) propõe a inadequação do conceito de “modernidade” no Movimento Moderno, produzindo uma diferença entre seu discurso e suas teorias culturais. Segundo Heynen:

A experiência da modernidade envolve uma ruptura com a tradição e tem um profundo impacto sobre o modo de vida e hábitos diários. Os efeitos dessa ruptura são múltiplos. Eles são refletidos no Modernismo, o corpo de ideias e movimentos artísticos e intelectuais que lidam com o processo de modernização e com a experiência da modernidade.

(HEYNEN, 2000, p. 3, tradução nossa)²⁷

²⁷ Citação Original: “The experience of modernity involves a rupture with tradition and has a profound impact on ways of life and daily habits. The effects of this rupture are manifold. They are reflected in modernism, the body of artistic and intellectual ideas and movements that deal with the process of modernization and with the experience of modernity. (HEYNEN, 2000, p. 3)

No campo específico da habitação, Haynen discute amplamente, procurando entender a relação arquitetura e modernidade diante da construção do Movimento Moderno, inclusive enquanto oposição, arquitetura *versus* modernidade. Para Haynen, o desejo de enfrentar o desafio da modernidade alinhado às vanguardas da arte e da literatura não conseguiram se desprender dos valores tradicionais da arquitetura, tornando-se o Modernismo acrítico da modernidade, e assumindo uma posição de conciliação de diferenças e conflitos.

Uma nova concepção de espaço é atribuída àquela época, dentro das relações específicas entre modernidade e habitação, que segundo Giedion (1941, p. 551-557) foi possível à medida que o problema da habitação foi definido como assunto principal dos primeiros trabalhos tanto práticos quanto teóricos de arquitetos modernos como Le Corbusier. Contribuíram também para essa nova concepção, os métodos da engenharia moderna, responsável também por possibilitar um avanço na orientação social através de um olhar mais conciente para o usuário da arquitetura, e não somente para o arquiteto.

Diante de tais questões, a modernidade é aqui definida fazendo referência a uma condição de vida imposta aos indivíduos pelo processo de modernização socioeconômica, provocando uma ruptura com a tradição através de uma nova interpretação do espaço arquitetônico conjugado à um período da trajetória da arquitetura residencial na história de Goiânia, submetido também à questões políticas e ideológicas durante sua formação. Uma mudança na arquitetura praticada até então, que, conforme propõe Mello (2014), “origina ou transforma instituições, valores, concepções, atitudes, apropriações do espaço, produção e reprodução material, organização da vida e vivências subjetivas, constituindo o que consideramos modernidade”²⁸, mudança da interpretação da casa na história da arquitetura moderna da cidade a partir da contribuição de vários atores.

Com essas bases firmadas, é possível avançar sobre a casa moderna de Goiânia, uma produção arquitetônica, por vezes reconhecida a partir apenas de alguns exemplares que são cânones, e que são extremamente importantes na arquitetura na cidade, mas que estão inseridos em um panorama maior ainda desconhecido em sua totalidade. Em pesquisa ao

²⁸ MELLO, 2014, p. 20.

arquivo do Núcleo de Documentação e Divulgação da Escola de Arquitetura mais antiga do Estado (Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC), foi possível encontrar referência a apenas 24 casas projetadas e construídas entre as décadas de 1950 e 1980, dentre as quais algumas não constavam listadas em pesquisa previamente feita no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Diversas outras tentativas de se produzir um panorama da arquitetura moderna na cidade têm sido desenvolvidas. Além das casas documentadas no IPHAN e no Arquivo da PUC, uma lista de 506 imóveis²⁹ produzida pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável, da Prefeitura de Goiânia, serviu para consolidar um levantamento final almejando uma visão completa dessa produção.

O panorama de casas modernas da cidade estabelecido neste trabalho conjugou todas essas pesquisas como auxílio para um novo levantamento, a fim de verificar a proporção da arquitetura para além das casas cânones já conhecidas. À medida que essa produção é ampliada, contexto histórico, técnicas construtivas, modo de vida e papel da arquitetura na modernização contribuem para o entendimento do Movimento Moderno na cidade e para o amadurecimento de características e relações estabelecidas entre exemplares de forma isolada, e inclusos na dinâmica das construções dos bairros em que estão inseridos.

Tais considerações não seriam possíveis a partir de uma perspectiva apenas de soluções canônicas, caracterizadas como representantes do Modernismo característico da cidade. Não faria jus à boa parte de um repertório que se apresenta estabelecido a partir da difusão de uma linguagem moderna “mais pura” em casas de cunho mais popular. Uma arquitetura residencial que em Goiânia possui exemplos singulares na construção de sua

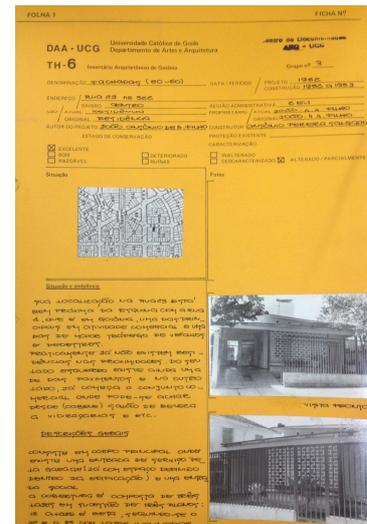


FIGURA 30 | CASA NO SETOR CENTRAL DOCUMENTADA NA PUC-GO. NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO (NDD-PUC-GO).

²⁹ Disponibilizada pela Secretaria de Cultura do município, a lista possui levantamento, identificação e mapeamento de 506 imóveis, não só residências, com interesse para proteção e preservação do município / capital Goiânia, organizada pela Divisão de Requalificação Urbana e Patrimônio - DVRUP.

paisagem e define seu desenho por uma estética totalmente racionalista mas que convive e influencia valores culturais e artísticos tradicionais.

Arquitetura moderna x arquitetura tradicional

A importância do estudo da casa se dá, segundo Vaz e Zarate (2003, p. 7), pois “como espaço de moradia... resguarda em sua materialidade, além da sua constituição formal e técnica, também a maneira de viver e de se relacionar com o mundo que o homem estabelece em seu tempo e lugar”. Por isso, estudar a casa é uma possibilidade enquanto história, além de ser campo de estudo da arquitetura e abrigo de diversas relações. Para Marlene Acayaba e Sylvia Ficher (1984, p. 51) a casa é o melhor objeto de experimentação para o arquiteto.

Enquanto objeto de experimentação, algumas casas tornam-se referenciais, e registram mudanças importantes na história da arquitetura com relação à sua forma, funções e concepção, transformando a compreensão do morar em cada época, distinguindo-se da tradição arquitetônica existente e apontando novas direções.

Le Corbusier (1887-1965) por exemplo, refletiu claramente a vontade do Movimento Moderno de se contrapor ao conceito de habitação da arquitetura tradicional, através de uma perspectiva funcional da casa – a máquina de morar. Exemplo disso é a *Ville Savoye* | **Figura 31** |, projetada e construída entre 1928-1929, onde o arquiteto teve a possibilidade de concretizar, apesar dos graves problemas construtivos, sua proposta dos cinco pontos para uma nova arquitetura, concebidos um ano antes. De acordo com Banham:

A Ville Savoye representa um momento de síntese na obra de Le Corbusier. Formulados em 1927, esses cinco pontos orientaram de modo parcial a concepção das suas primeiras casas, especialmente na definição de um repertório formal que se adequasse às novas possibilidades tecnológicas recém-surgidas, especialmente a impermeabilização e as estruturas em concreto armado.

(BANHAM, 2003, p. 404)

Mies van der Rohe (1886-1969) também interferiu na proposta para a casa ao guiar seu processo de projeto por uma abordagem racional, que segundo Blaser (1992, apud COELHO, 2007, p. 47), concebe *Farnsworth* com forma bastante depurada, voltada às necessidades impostas pelo lugar e segundo o preceito do minimalismo, “*Less is More*”.³⁰ Tanto a casa *Farnsworth* [Figura 32] como o pavilhão alemão da feira mundial de Barcelona produzidos por ele fazem uso de materiais representativos de uma nova era industrial, como o aço e o vidro que passaram a fazer parte do universo da casa.



FIGURA 31 | VILLE SAVOYE, LE CORBUSIER, 1928.
WWW.BC.EDU/BC_ORG/AVP/CAS/FNART/CORBU.HTML



FIGURA 32 | FARNSWORTH HOUSEVILLE, MIES VAN DER ROHE, 1951.
FARNSWORTHHOUSE.ORG

De semelhante modo, no Brasil, a casa de autoria do arquiteto Gregori Warchavchik (1896-1972), projetada em 1927, na Rua Santa Cruz, é considerada um projeto diferencial no modo de olhar a habitação no país. Construída três anos após o manifesto “Acerca da arquitetura moderna” do próprio Warchavchik e contemporânea à *Ville Savoye*, é destituída de toda ornamentação na constituição de sua forma, sendo composta por volumes prismáticos brancos, que segundo Camargo (2000, p. 49.), até então não haviam sido concebidos em outros projetos.

A importância da casa como questão representativa do Movimento Moderno no Brasil foi ressaltada por diversos autores como: Bruand (1981), Acayaba (1984) e Segawa (2000).³¹ Para Bruand (1981, p. 375), o arquiteto modernista objetivava introduzir uma nova

³⁰ A expressão ‘Less is More’ de Robert Browning escrita em um poema publicado em 1855, referindo-se as pinturas de Andrea del Sarto ficou amplamente conhecida através de Ludwig Mies der Rohe para descrever a depuração formal de sua arquitetura.

³¹ Bruand, Yves. *Arquitetura Contemporânea do Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981. / ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo 1947 – 1975*. São Paulo: Editora Romano Guerra, 1ª edição. / SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas do Brasil 1900-1990*. São Paulo: Edusp, 2000.

abordagem da casa, formal, produtiva, social e cultural, como que construindo uma nova sociedade. Segundo o autor, os arquitetos responsáveis pela questão habitacional acreditavam dar “sua contribuição ao projeto de modernização social por meio da construção de um espaço racionalizado e de um novo modo de morar, símbolos de uma nova época.” (BRUAND, 1981, p. 375)

Ao se relacionar à arquitetura tradicional, a arquitetura moderna pretende que o arquiteto adquira o papel de interpretar de forma moderna o objeto. Segundo afirma Cavalcanti (1995, p. 63): “é minha hipótese estar a arquitetura moderna inserida em um movimento mais amplo dos intelectuais brasileiros que assumem postura intervencionista ou domesticadora em relação às camadas populares.” Como protagonista, a casa passa então a ser anacrônica sem a intervenção do arquiteto.

Esses posicionamentos demonstram uma contraposição entre atrasado e moderno, em que se torna responsabilidade do arquiteto a modernização dos hábitos trazidos do meio rural ou até mesmo os desenvolvidos em um espaço urbano de ordem espontânea e, portanto, devido a ausência de seu protagonista, também ‘atrasados’, sendo a casa prioridade na tarefa de alcançar uma modernidade.

Apesar de equivocadas, essas ideias, para Bruand (1981), trouxeram diferenciais na casa moderna e foram bastante relevantes quando aplicadas a uma grande produção privada de habitação. Casas que adotaram princípios como economia, racionalidade e valorização do espaço público, em que desses diferenciais, um dos aspectos mais importantes do projeto foi a busca da racionalização e da modernização.

Ao se tratar da casa de arquitetura tradicional, construída sem saber competente o contexto não é diferente. A casa demonstra a percepção e modificação dos espaços segundo quem se apropria dela; é a transformação do espaço como processo de reconhecimento das diversas escalas, tamanhos e função, a partir do cotidiano de quem a habita. É interessante notar um processo de mão dupla quando se avalia a casa de origem erudita³² e a casa popular, do qual nos interessa para esta pesquisa apenas uma das vertentes. Em primeiro

³² Entende-se por erudita aquela construção resultado da formação acadêmica.

lugar pode-se ressaltar o que Paulo Bruna (*in* BASTOS, 2007) chama de “persistência da senda popular” referindo-se à valorização de uma arquitetura erudita que se nutre de elementos de construção usados em obras de pequenos construtores. Segundo ele,

O discurso sobre o popular comportou caminhos diversos nos anos 80 e início dos 90, quer com a valorização da contribuição do operário na residência dos padres claretianos, no pop de Eólo Maia das fontes luminosas, vidros coloridos, abundância de cores e formatos nos revestimentos, na apropriação de soluções construtivas autóctones, como na obra de Severiano Porto, no emprego de uma gama de materiais considerados feios, kitsch ou pobres, na obra de James L. Vianna, no trabalho direto com as comunidades, no caso da pré-fabricação de Joan Villá, ou na definição da cidade de Nova Itá, o popular aparece ainda na pesquisa sobre arquitetura anônima civil, familiar e cotidiana, onde se nutre a obra de Luiz Paulo Conde.

(BRUNA *in* BASTOS, 2007, p. XVI)

Entretanto nos interessa período imediatamente anterior quando, movidos pelo desejo de participação na modernidade, as pequenas construções, por vezes obra do trabalho de seus proprietários, passam a difundir elementos encontrados na arquitetura moderna: platibandas, cobogós, pilares metálicos, elementos vazados, marquises, entre outros, que se tornaram características, como que de uma identidade, de uma estética moderna vista “pela ótica da recepção e da apropriação populares de seu vocabulário formal”,³³ uma modernidade aparente.

Nesse aspecto, durante muito tempo na história da arquitetura, segundo Vaz e Zárte (2003, p. 8), somente a casa dos ricos, da realeza, dos nobres e religiosos, e a arquitetura monumental despertou interesse. “Somente no século XX se difundiu a discussão acerca do espaço produzido distante dos cânones da erudição pelo reconhecimento de sua importância como cultura, história e relações sociais.” Os desafios do século XX frente aos problemas de moradia e salubridade e a busca de alternativas motivaram a discussão.

³³ LARA, 2005, p. 171.

Essa abertura para o estudo de outras arquiteturas durante as pesquisas que compõe essa dissertação se mostraram atuais diante do interesse do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em documentar a totalidade da produção das casas de arquitetura modernista em Goiânia e cidades próximas através de trabalho iniciado junto a algumas universidades locais e órgãos públicos. Entretanto, à medida que o campo da arquitetura passa a ser entendido, de forma abrangente, como toda edificação produzida pelo homem, conforme afirma Stevens (2003, p. 23), na prática, somente uma pequena porção da arquitetura é historicamente abordada, aquelas que são resultado de um conjunto de práticas e conhecimentos especializados e que, portanto, constituem uma arte, uma profissão, uma disciplina.

No contexto da produção moderna em Goiânia, por exemplo, colaboram trabalhos que contribuem dentro do panorama de estudo, com algumas obras de maior enfoque, como dois dos três projetos do arquiteto paranaense David Libeskind ou os projetos de maior projeção do arquiteto goiano Eurico Calixto de Godoy, obras que possuem maiores desdobramentos, pesquisas e estudos.³⁴ Ao mesmo tempo outros profissionais possuem projetos importantes na cidade ainda sem o aprofundamento necessário, como o arquiteto Luis Osório Leão, que figura como um aprofundamento desse trabalho.

A ampliação da produção arquitetônica moderna para obras de característica mais difusa resulta na identificação de um quadro bastante relevante de profissionais que atuaram à época. Esse quadro |Tabela 1| permite constatar a existência de diversas parcerias desenvolvidas em obras na cidade entre profissionais, o que sugere algumas relações. Sugestão verificada por Sáida Cunha³⁵ quando afirma: “...era um meio restrito. O fato de serem formados em universidades de ponta, terem estudado com os grandes mestres nacionais, ou dividirem funções nos empregos dos Estado ou universidade possibilitava a afinidade intelectual entre os profissionais.”

³⁴ Ana Amélia de Paula Moura (2011) contribui dissertando sobre a arquitetura da cidade em período anterior às décadas de estudo desta pesquisa, Eurípedes Afonso da Silva Neto (2010) contribuiu entre outras coisas com uma visão pontual aprofundada de dez obras de arquitetura de sete arquitetos de grande importância na cidade; Márcia Metran de Mello (1996) e Genilda D. Bernardes (1998), que também ampliam a visão a partir do planejamento da cidade.

³⁵ Entrevista concedida à SILVA NETO, 2010, p. 22.

Arquitetos	Antônio Lúcio Ferrari	Jaime Miranda
	Ariel Veiga Costa Campos	João Antônio de A. Filho
	Armando Scartezini	José Silveira Rezende
	Armando Norman	Luis Fernando Cruvinel Teixeira (Grupo Quatro Arquitetura)
	Arnaldo Mascarenhas Braga	Luis Osório Leão (Local Engenharia e Arquitetura Ltda.)
	Attilio Corrêa Lima	Moacyr Cordeiro
	David Libeskind	Paulo de Barros Mendonça
	Edmar Ferreira	Paulo Mendes da Rocha
	Eduardo Simões Barbosa (Arquitetos Associados S/C Ltda.)	Raúl Naves Filó
	Elder Rocha Lima Presidente do CREA (1972)	Roberto Benedetti (Arquitetos Associados S/C Ltda.)
	Elias Daud Neto (Arquitetos Associados S/C Ltda.)	Ruy Othake
	Ênio Nery de Oliveira	Siegbergt Zanettini
	Ercílio Gonçalves de Sousa	Silas Varizo Rodrigues
	Eurico Calixto de Godoy	Silvio de Oliveira Castro
	Fernando Carlos Rabelo (Arquitetos Associados S/C Ltda.)	Valdir Santos Aguiar
Jaime Miranda	José Alair (Goianenge)	
Engenheiros	Armênia de Souza Gonçalves	Manoel Garcia
	Carlos Alberto Leão (Local Engenharia e Arquitetura Ltda.)	Marcelo Cunha Moraes (Constec)
	Clay Mendes	Nestor Guimarães de Souza
	Edson Ponsiano Trevensol	Oswaldo Santos Cruz Nery
	Geraldo Duarte Passos	Otto Nascimento (Dália Construtora)
	Geraldo Fonseca (Constec)	Renan de Barros
	Geraldo Rodrigues	Theldo Emrich (Sobrasil) (presidente do CREA 1968 a 1969)
	Gilberto Nascimento (E. Nascimento Engenharia e Construções Ltda.)	Tristão da Fonseca Neto (T. P. Fonseca)
	Jair Lage de Siqueira	Walter Bittar (EICA)
	José Urbano Portugal Filho	
João Pessoa Tavares		
Demais Profissionais³⁶	Américo Vespúcio Pontes (projetista)	Robledo Ribeiro Reis (projetista)
	Bernardo Krupok (projetista)	José Alberto Guimarães (projetista)
	Alexander Achuf (projetista)	Gildo Botosso (projetista)
	Ewald Janssen (topógrafo / projetista)	Freimundo Brox (projetista)

TABELA 1 | PROFISSIONAIS ATUANTES EM GOIÂNIA ENTE 1950 E 1980, NÃO RESTRITO À ARQUITETURA RESIDENCIAL.
ACERVO PESSOAL.

³⁶ Ver mapa 6 - profissionais abordados nesta pesquisa

A discussão do morar moderno na cidade de Goiânia entre as décadas de 1950 a 1980, e as relações estabelecidas entre arquitetura erudita e construção popular esclarecem como se deu essa difusão, visto que esse processo acontece na cidade por diversos veículos, como revistas, jornais, outras publicações, ou através do próprio profissional que trabalha na construção dessas obras, e dá conhecimento de sua execução. Aqueles que trabalhavam sem formação acadêmica e construtores informais foram os principais responsáveis pela difusão da arquitetura moderna nas construções em Goiânia.

Esses profissionais ganharam notoriedade de sua produção nas últimas décadas sob influência da reavaliação da produção do Movimento Moderno por parte dos últimos seminários Docomomos³⁷, nos trabalhos, por exemplo, de Hugo Segawa e Nabil Bonduki³⁸; além de estudos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no intuito de sanar a falta de conhecimento desse conjunto.

Relevante para essa difusão da arquitetura também é o contexto histórico. Quando não levado em consideração no processo de difusão, essa ausência de contexto favoreceu uma produção mais superficial ou, totalmente isenta de revisão crítica, gerando uma apropriação por vezes “singular”, a partir apenas de um vocabulário formal e da percepção de quem se apropria dele, o que, de acordo com Lara (2005, p. 173), foi responsável por definir essa produção, na historiografia, na maioria das vezes, como simplificação e banalização de uma “boa” arquitetura.

Resultado de um saber competente ou produção ausente de intervenção do mesmo, a casa revela mudanças culturais, econômicas, entre outras, ao longo do tempo. Sendo assim, as casas levantadas nesta pesquisa, assim o foram por serem importantes no entendimento das mudanças espaciais, funcionais e estéticas, tanto na composição moderna de projeto, quanto limitadas à uma “modernidade de fachada”, com interesse principal dentro desse conjunto de características difusas no setor Aeroporto como exposto anteriormente.

³⁷ Sigla referente à *International Working Party for Documentation and Conservation of Buildings, Sites and Neighbourhoods of the Modern Movement* - Grupo de Trabalho Internacional para a Documentação e Conservação de Edifícios, Sítios e das Vizinhanças do Movimento Moderno – tradução nossa.

³⁸ Disseminação da arquitetura moderna: deslocamento, fluxo, mobilidade (SEGAWA, 2011); Casas não são Ilhas: Morada Popular e Arquitetura Moderna através do Conjunto Residencial de Paquetá (BONDUKI, 2003).

Um “estilo”

Inerente as duas abordagens da casa, saber competente e difusão de elementos da arquitetura modernista, esta pesquisa realiza uma reflexão sobre as mudanças no projeto da casa em Goiânia. É a arquitetura tomada a partir de elementos construtivos, encontrados nas casas mais representativas da cidade, canônicas, e apropriados a fim de formar uma linguagem própria a ser copiada. Diante dessa perspectiva é possível avaliar nesta produção em que medida essa difusão da linguagem na arquitetura se dá apenas como um “estilo” de fachada, ou associada a um possível caráter crítico nessa produção difusa, conforme propõe Lara (2005).

Considerando a proposição de Anatole Kopp (1990, *apud* BRUNA, 2010, p. 26) no que diz respeito ao estilo e ao conceito de modernidade estreitamente ligado ao “progresso”, “o movimento moderno não se caracteriza como um movimento artístico a se contrapor ao ecletismo dominante, ou ao *art déco*, mas, sobretudo uma tentativa de participar da transformação da sociedade”. Para o autor, o problema está em analisar o contexto do Movimento Moderno da arquitetura enquanto fator de transformação a partir da racionalização das formas arquitetônicas como princípio para ultrapassar a questão artística, pois, para ele

[...] a história não avançou no ‘sentido’ que os arquitetos esperavam. O mundo radioso e fraternal, igualitário e democrático que eles acreditavam estar próximo, não chegou... Essas esperanças foram frustradas... Esperanças ligadas a uma nova arquitetura: melhores habitações nas cidades reconstruídas em função das necessidades da época e situadas em um conjunto territorial protegido e utilizado racionalmente. Esse mundo não surgiu.

(KOPP, 1990, *apud* BRUNA, 2010, pg. 26)

Segundo Kopp, a importância da arquitetura moderna está em um conteúdo antes de se tornar cânone, antes de ser reproduzida apenas como estilo, antes de se expressar como

estética baseada nos princípios de racionalidade, mecanização, pureza e abstração geométrica. Esses fatores evidenciariam um esvaziamento de sentido na obra arquitetônica.

A visão do homem usuário da arquitetura também muda radicalmente entre a década de 1920 e a Segunda Guerra Mundial. Segundo Montaner (1993, p. 18); nasce “um homem ética e moralmente interior, de hábitos puritanos de uma funcionalidade espartana, capaz de viver em espaços racionalizados, perfeitos, transparentes, configurados por volumes e formas simples”. Se o Movimento Moderno concebe a arquitetura em função de um homem puro, o “modulor” de Le Corbusier é uma aplicação dessa atitude. Para tanto um novo homem, requer uma nova forma de olhar a arquitetura.

O discurso moderno foi muito eloquente quanto às necessidades dos usuários e o bem estar social, mas, para Kostoff (*apud* STEVENS, 2003, p. 23), nunca se cogitou consultar o usuário da moradia durante o processo de seu projeto. “Os usuários não sabiam o que queriam ou, mais importante, o que deviam ter. O morador deveria se ajustar à casa, mesmo que esse ajuste “não fosse muito confortável” ou “estranho aos seus hábitos”, havia que se adaptar ao novo *Wohnkultur* porque ele se baseava em padrões racionalmente estabelecidos”.

A forma pela forma, conforme sugere Stevens ao afirmar: “enquanto se falava muito no desenvolvimento de uma arquitetura funcional, de uma arquitetura social, de uma arquitetura para as pessoas usarem, terminou-se por produzir um estilo, os modernistas transmudaram as demandas sociais em estéticas.”³⁹ A planta flexível, a livre disposição dos ambientes e a independência das divisórias internas passaram a ser também consequência do uso de novos materiais, e da possibilidade de experimentação adquirida com o desenvolvimento das questões estruturais.

Entretanto, ao considerar-se o que coloca Pereira (*apud* ACAYABA; FICHER, 1982), que “a história da arquitetura não é o estudo da evolução da forma apenas, mas o estudo da transformação das ideias que geraram essas formas e do próprio contexto social onde essas ideias são produzidas,” percebe-se a importância no contexto da difusão da arquitetura

³⁹ STEVENS, 2003, p. 114.

modernista na arquitetura da casa, inclusive em Goiânia, diante de mudanças, tais como: a redefinição da planta e do programa de necessidades, ou da introdução de novos materiais e técnicas construtivas, além de novos hábitos a partir da articulação de um novo modelo de moradia e de uma nova relação entre a casa e o urbano, ou até mesmo como mudanças de caráter estético.

Para se entender como a casa de construção popular em Goiânia se relaciona com a casa modernista enquanto difusão, proposta dos primeiros arquitetos atuantes na cidade, é preciso compreender a casa não só com um enfoque projetual ou construtivo, mas a partir de uma abordagem sociológica, como propõe Carlos Lemos (1976, p. 12) ao afirmar que:

O que interessa (...) é procurar vislumbrar dentro da simplicidade despojada da casa popular as constantes intencionais sempre presentes (...) apesar da carência de meios(...) sem um mergulho profundo(...) mergulho no tempo e no espaço, que disseque a moradia para ver como as funções da habitação foram e estão sendo exercidas no espaço arquitetônico – não poderemos planejar nada.

(LEMOS, 1976, p. 12)

Lemos (1989) estuda a evolução da casa brasileira com base em suas funções (estar, repouso noturno, serviço e a relação entre essas funções). Seu artigo “O morar no Modernismo paulistano”, de 1989, verifica como as funções da habitação, na década de 1920, eram exercidas dentre as várias camadas sociais. Para ele, embora os “programas de necessidades” das habitações das diferentes classes sociais devessem ser iguais, visto que as necessidades são as mesmas. Sua análise se dá em saber como as atividades praticadas dentro da casa se diferenciam, ou como os exemplares que são cânones da arquitetura moderna se diferenciam e rompem com as antigas tradições, sendo um projeto diferenciado, ou de vanguarda.

Em caminho oposto está o processo de difusão de ideias, valores e até os fracassos da arquitetura moderna que influenciam antigas tradições arquitetônicas, caracterizado, segundo Segawa (1998), por termos como “deslocamento, fluxo, mobilidade”. Esses termos evidenciam um fenômeno no cenário da arquitetura no século XX e fazem menção aos exemplares de construção popular que apresentam, de alguma forma, elementos de

inspiração moderna, e que a partir de suas documentações, encontram-se dispersos. Apresentar o quadro da arquitetura moderna em Goiânia constitui esse “revolver personagens, lugares e trajetórias, e configura uma fascinante narrativa e uma cartografia a elaborar”. (SEGAWA, 1998, p. 2)

As obras apresentadas nesta pesquisa sob os preceitos da difusão são aproximações aos ideais modernos, de características não homogêneas, de concepção e execução diferenciadas, mas subordinados a questões inerentes a construção popular como: restrições econômicas, dificuldade de acesso aos materiais diferenciados, entre outras condicionantes. Todavia, possuem diálogos estabelecidos com a arquitetura moderna em sua época, na figura de seus construtores, de outras casas da centralidade próxima, ou da circulação de valores e ideias.

Esse diálogo remonta à possibilidade de participação na modernidade tão propagada na sociedade da época. Essas casas, de construção popular ou executadas por um hábil construtor atuante na cidade, não possuíam o arquiteto na condição de protagonista, e sim esses profissionais que assumiram o papel de agentes da difusão das ideias modernas⁴⁰. Obras que em nada podem se relacionar com o Modernismo da Escola Carioca ou Paulista, sendo estabelecidas relações muito mais relacionadas a um contexto regional.⁴¹

Diante disso, a produção da casa moderna, de extrema relevância na história da construção de Goiânia, a priori representada nessa dissertação por exemplares canônicos⁴², nove no total, se expandiu diante de um panorama muito mais amplo revelado durante a

⁴⁰ Segundo Segawa, esses personagens foram os verdadeiros vetores de modernidades e modernizações. (SEGAWA, 1998).

⁴¹ SEGAWA, 1980; SEGAWA, 1988.

⁴² Casas José Felix Louza - Setor Central de 1952 **[Figura 3]** e Abdala Abrão - Setor Sul de 1967 **[Figura 8]** do arquiteto David Libeskind; as casas José Ribeiro Parrode - Setor Oeste de 1960 **[Figura 9]** e Eurípedes Ferreira - Setor Sul de 1961 **[Figura 2]** do arquiteto Eurico Calixto de Godoy; a casa Carlos Cunha Filho - Setor Sul de 1963 **[Figura 7]** dos arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman; as casas Ruffo de Freitas - Setor Oeste de 1972 **[Figura 10]** e Antônio Lúcio - Marista de 1974 **[Figura 11]** do arquiteto Antônio Lúcio; a casa Georhton Philocreon - Setor Marista de 1974 **[Figura 12 e 13]** do arquiteto Paulo Mendonça e a casa Pedro Abrão Filho - Setor Central, sem data comprovada) **[Figura 14]** do engenheiro Tristão Pereira da Fonseca Neto.

realização das pesquisas. Os dados levantados chamam a atenção, por exemplo, na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em listagem desenvolvida em convênio com a Pontifícia Universidade Católica, no ano de 2013, em que constavam aproximadamente noventa casas, em diversas situações – desde tombadas até demolidas, distribuídas por determinados bairros da cidade.

Segundo o próprio IPHAN, a listagem continha algumas lacunas por não se tratar de uma pesquisa concluída, mas dava indícios de uma grande produção ainda desconhecida. As nove casas modernas anteriormente selecionadas dentre os exemplares que são cânones, apenas elas, já não conferiam identidade ao panorama que foi se revelando nas noventa casas listadas. Analisar o objeto de pesquisa com outro olhar tornou a expansão inevitável, favorecendo uma dimensão maior a respeito desse conjunto.

Uma nova varredura foi iniciada para observar “*in loco*” condições não prescritas na listagem existente no IPHAN. A metodologia utilizada para essa varredura será exposta a seguir, momento em que quase 150 casas passaram a figurar nesta pesquisa. Obviamente nem todas essas casas serão discutidas aqui, pois após passarem por uma sistemática de ordenação e estudo de informações, evidenciou a necessidade de um recorte para tornar o acervo passível de manipulação.

Além da varredura, o auxílio de material iconográfico, a consulta a acervos públicos e particulares revelaram outras obras que foram paulatinamente incluídas na pesquisa, para além da listagem inicial. Muitas dessas casas foram descritas e inseridas também como objeto de estudo a partir da história oral de antigos moradores, que com riqueza de detalhes compartilharam suas memórias e contribuíram pelas conversas informais, enriquecendo o olhar dessa dissertação sobre a cidade: “seguir esses fios de memória é buscar a trama que constitui a “cidade antropológica”, muitas vezes escondida.”⁴³

O conhecimento desse acervo auxiliou na construção da imagem desse objeto moderno, sem uma ideia final, mas algo que pode ser revisto. O mesmo objeto já abordado sob a leitura de outros autores, agora a partir de uma nova configuração, com novas peças, a partir de um novo desdobramento. Outros desdobramentos podem surgir, visto que esta

⁴³ MEDEIROS, 2002, p. 165.

pesquisa levanta fatos novos, novos profissionais e, sobretudo, favorece outras possibilidades para esse panorama.

Buscando uma visão de totalidade, uma possível identidade para esse conjunto arquitetônico residencial na cidade é observada, encontrando seu aporte no setor Aeroporto. Identidade ainda carente de verificação enquanto características que, ao mesmo tempo, se distingue e individualiza o conjunto do bairro em relação aos demais, e que, por meio de detalhes camuflados, como por exemplo, a visão de um panorama permeado por arquitetos de atuação local de produção pouco aprofundada, não se comporta como portador de uma lista de itens a se adequar e repetir de forma mecânica (pilares, alpendres, lajes planas, elementos vazados), ou como um “estilo” a ser replicado, mas através de uma população local que viabilizou propostas arquitetônicas portadoras da memória coletiva, com significado e valor no bairro, reconhecido pelas casas “modernosas”.

Entretanto, o estudo da produção em Goiânia também perpassa em alguns momentos, a difusão da arquitetura moderna restrita à noção de ‘estilo,’ em abordagens de teor meramente estético e de linguagem formalista, revelando replicações de elementos formais para configurar simbolicamente a participação na modernidade. A história, os profissionais atuantes na construção, ou a quantidade de construções definidas ou influenciadas pela vanguarda modernista relatam nuances que vão desde a difusão da arquitetura autoral até a livre produção da população local.

O olhar retrospectivo sobre o desenvolvimento histórico da casa em Goiânia, não por coincidência considera as décadas de 1950 a 1980, pois foi o período em que se deu a implantação dos primeiros bairros da cidade, previstos no Plano de Urbanização de 1938, além de alguns setores implantados no interstício, para além do plano inicial, como o Sul, Oeste e Aeroporto⁴⁴ e que possuem boa parte dos exemplares de arquitetura moderna, cânone ou difusa. Pelo exposto acredita-se contribuir nesta pesquisa para o enriquecimento da historiografia vigente, ampliando a visão da arquitetura moderna em Goiânia.

⁴⁴ Os desenhos dos setores Leste, Sul e Oeste não prosseguiram durante o detalhamento do plano de urbanização de 1938. A área destinada ao aeroporto, que posteriormente se tornou o Setor Aeroporto á havia sido sugerida. Nesse decreto não constavam as plantas relativas ao Setor Oeste, sendo delimitada na planta e apenas indicada à ser projetado em 1950. (GONÇALVES, 2003).



2. ORIGEM DAS CASAS MODERNAS EM GOIÂNIA

2. ORIGEM DAS CASAS MODERNAS EM GOIÂNIA

Como poderiam nascer grandes arquitetos, se só tivessem de realizar obras sem grandeza?

Saint-Exupéry, A Cidadela, 1948

O Governo do Estado foi o primeiro a relacionar o morar em Goiânia ao morar de maneira moderna quando incluiu esta temática como item de importância em sua política desenvolvimentista, e promoveu o financiamento das primeiras habitações da cidade. O Estado também influenciou a opinião popular quando estabeleceu critérios estéticos e construtivos nos modelos de construções residenciais.⁴⁵ Durante a mudança da Capital, a preocupação em suprir a necessidade de habitação por parte dos funcionários públicos e classe operária através do Decreto nº 3.359 de maio de 1938 aproveitou para garantir a construção de moradias que superassem os problemas sanitários recorrentes nas casas da antiga Vila Boa:

Art. 3º - O Governo fará construir tantos prédios quantos requeiram os funcionários públicos que tenham domicílio na Capital do Estado. Facilitando-lhes o pagamento em prestações, que poderão ser deduzidas de seus vencimentos, se assim o desejarem. (...)

Art. 4º - A prefeitura da nova cidade construirá em zona para esse fim demarcada, prédios em condições higiênicas e de aluguel barato para os operários.

(DECRETO Nº 3.359 DE MAIO DE 1938 *in* MONTEIRO, 1938)

⁴⁵ “Cuidamos outrossim, de terminar o grupo de casas modelo que faziam mais falta, quer para alojamento, que pelo próprio caráter de modelo”. Relatório de Coimbra Bueno e Cia. Ltda. *In*: MONTEIRO, 1938, p. 463.

Com os edifícios institucionais já em andamento, o Governo do Estado, em 1935, contrata a Construtora Lar Nacional⁴⁶ para a construção de casas particulares na cidade a fim de atender a demanda existente. A atuação do Estado nas políticas habitacionais é vigorosa até a década de 1940,⁴⁷ exemplo disso foram as casas-tipo [Figuras 33 e 36], financiadas pelo poder público com o intuito de facilitar sua aquisição e tomadas como solução para o problema habitacional e para uma rápida ocupação da cidade. “Implantadas no setor Central da cidade, eram objeto de uma considerável flexibilidade no programa de necessidades..., e até uma preocupação na diferenciação da fachada de cada uma delas.”⁴⁸

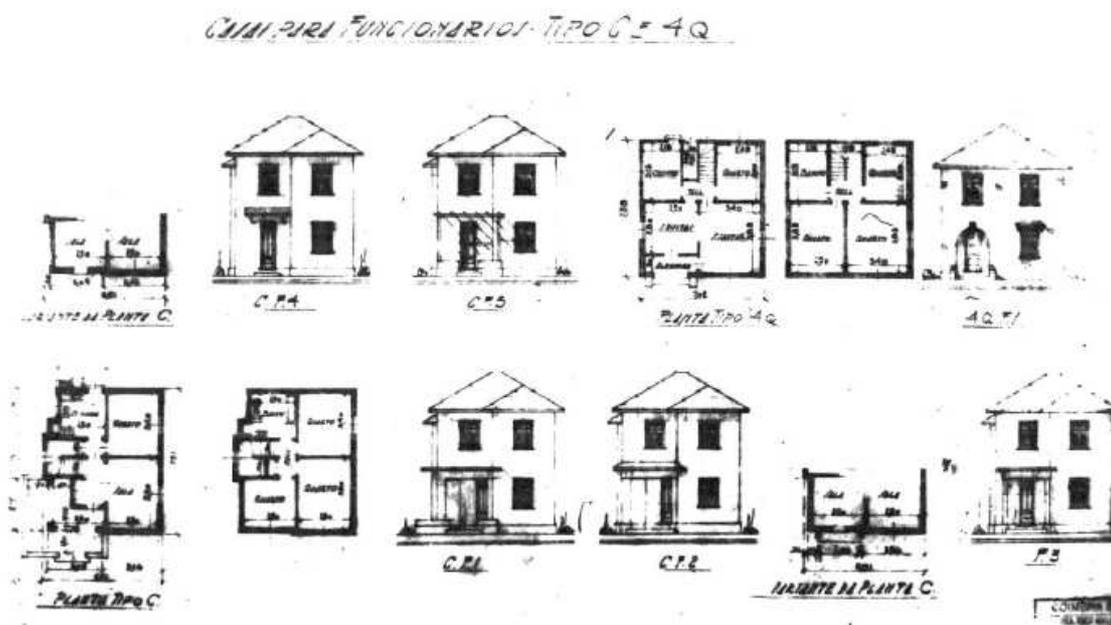


FIGURA 33 | CASAS TIPO – A MESMA PLANTA DIFERENTES FACHADAS
MOURA, 2011, P. 65.

⁴⁶ Carta de Heitor M. Fleury, Diretor Geral da Fazenda, à Pedro Ludovico, informando das dificuldades e urgências na implantação da cidade: “Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado: De todos os assuntos que se relacionam com o importante problema da construção da Nova Capital, por certo, o mais importante é o que procura solucionar a questão da habitação para o funcionalismo público, porque resolve, em definitivo, a premente necessidade da laboriosa classe que tem vivido, quase sempre, desamparada dos poderes públicos (...). O primeiro passo para alcançar esse objetivo acaba de ser dado com a recente assinatura do contrato celebrado com a empresa Construtora de São Paulo ‘Lar Nacional’”. (MONTEIRO, 1938, p. 200 e 201)

⁴⁷ Este foi um período de grande atuação dos Institutos de Previdência e da Fundação da Casa Popular (FCP) nos financiamentos de casas populares para funcionários públicos e operários em todo o Brasil.

⁴⁸ MONTEIRO, 1938, p. 472 e 473.



FIGURA 34 | CASA EM ESTILO MISSIONES - RUA 3, CENTRO
MOURA, 2011, P. 73.



FIGURA 35 | CASA EM ESTILO MISSIONES - RUA 163, CENTRO
MOURA, 2011, P. 73.

A construção desses projetos viabiliza uma paisagem de imagens marcantes para a época e começa a estruturar a cidade, configurando-se como protótipos da habitação unifamiliar. A partir da iniciativa do Estado nessas construções pioneiras, começam a surgir projetos de anônimos e engenheiros da equipe técnica da administração da cidade, fortemente influenciados pelas mesmas características. Outras construções de iniciativa popular também começaram a se multiplicar pela cidade, guiadas por várias influências: construções de ordem espontânea em assentamentos não regulamentados promovidos pelos que não eram atendidos pelos programas de financiamento. Casas inspiradas nas casas-tipo, e segundo Vaz e Zárate (2005, sp.), também inspiradas pela arquitetura presente em outras regiões do país [Figuras 34 e 35]. No espaço construído da cidade, segundo as autoras,

Prevalece nos primeiros tempos o ecletismo como linguagem arquitetônica das casas construídas para ou pela classe média e média-alta. São erigidos edifícios assobradados neocoloniais, chalés suíços ou normandos, casas térreas de estilo denominadas missões ou construções populares, convencionais de alvenaria com ornamentações variadas em massa ou pedra sobre as paredes e relevos e desenhos decorativos sobrepostos às portas e/ou presentes nas vidraças. O *Art Déco* recebe a preferência dos edifícios oficiais e comerciais, mas também é assumido, de forma mais contida, nas residências das famílias de maior poder aquisitivo, moradoras do espaço central da nova cidade.

(VAZ E ZÁRATE, 2005, sp.)

Neste período, Goiânia ainda apresenta, no campo do urbanismo, o projeto original da cidade sem conclusão, e na arquitetura institucional a garantia do rigor técnico feita por equipes vindas do Rio de Janeiro. Entretanto, essa mesma equipe, não conseguiu acumular a responsabilidade de analisar e aprovar os projetos residenciais, problema que foi solucionado com a criação de uma nova seção de arquitetura. Esse trabalho tornou-se necessário pois as novas habitações tipo promoveram mudanças de hábitos, e segundo Alvares (1942, p. 119-120), possuíam um caráter educativo, além da preocupação estética com a linguagem para a ‘nova arquitetura’, “pois uma nova capital e um novo desenvolvimento, precisavam de um novo modo de morar.” Para Álvares, esse foi o argumento responsável por justificar um “acabamento acima do nível médio de construção estimável para a cidade.”, conforme ele discorre no trecho abaixo;

[...] Foi preciso fazer obra avançada, tida como verdadeiro arrojo, elevando o padrão de conforto das construções, a fim de colher os frutos de uma educação nova, que influenciasse a mentalidade e a vida social do homem e do meio.

(ALVARES, 1942, p. 119-120)



FIGURA 36 | CASA-TIPO DE DOIS PAVIMENTOS, PRIMEIRA CONSTRUÇÃO DA RUA 20, NO SETOR CENTRAL
PROJETO ALBUM, JORNAL O POPULAR, 1998

Localizadas na Rua 20 no centro | **Figura 36** |, as casas eram o modelo moderno para quem se mudava para a cidade, um moderno com características bem diferentes das formas puras e limpas até então praticadas nas Escolas Carioca e Paulista. As casas de até dois pavimentos, com recuos que favoreciam jardins e ventilação, uma das maiores diferenças em relação à casa da antiga Capital que era alinhada aos limites do lote, eram executadas em materiais da própria região. Volumetricamente, “são construções marcadas por volumes pesados, coberturas de telha francesa com forte inclinação e um pequeno e acanhado alpendre, funcionando quase que somente como proteção para a porta principal contra as intempéries.”⁴⁹

Segundo Moura (2010, p. 34), essas que foram as primeiras casas de Goiânia “deveriam ser modelos de habitação moderna e higiênica, havendo por parte do governo uma preocupação especial com a qualidade dessas construções.” Essa preocupação sugeriu uma padronização, procedida pela Superintendência Geral das Obras, a partir de uma lista de especificações de materiais que deveriam ser aplicados nas construções: “A listagem era longa e abarcava do tipo de areia à descrição dos equipamentos sanitários e da cozinha, como o fogão, passando pelo detalhamento das tubulações de água e esgoto, fiação elétrica, pavimentação, forros e elementos constituintes das fachadas: esquadrias, tipos de reboco e pintura, etc.” (MOURA, 2010, p. 34)

As três décadas seguintes à construção da cidade foram marcadas por um crescimento acelerado, destacando-se a década de 1950, marcando a cidade com a aprovação de 114 loteamentos, o equivalente a 70% de todos os parcelamentos já realizados na cidade até então, representando um alto índice de adensamento e urbanização da paisagem da cidade. Ainda nesta década a população superou a projeção inicial de 50 mil habitantes, atingindo 53 mil habitantes, com 40 mil deles vivendo no espaço urbano, e 150 mil habitantes na década de 1960.⁵⁰ Esse período marca o início da atuação da arquitetura modernista na

⁴⁹ MELLO, 1996, p. 113.

⁵⁰ Anuário Estatístico de Goiânia, 2012 – Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo (SEPLAM).

cidade, uma modernidade mais ‘pura’, ligada ao que era difundido nas demais Escolas de arquitetura no restante do país.

Diante de tantas influências e de um crescimento acelerado, e do aumento da industrialização na construção civil, Goiânia passa por grandes transformações quanto ao modo de ver e conceber a arquitetura a partir daí. Segundo Paixão e Caixeta (2014, sp.), a tipologia arquitetônica das décadas de 1950 e 1960 já haviam experimentado outras escalas de relevância na cidade como: “edifícios institucionais (sede de universidades, órgãos públicos e clubes), grandes equipamentos urbanos (estádio de futebol⁵¹, autódromo e estação rodoviária) e residências de alto padrão”.

A industrialização e as questões habitacionais na cidade reafirmam o exposto por Gideon (2004, p. 113), quando coloca a arquitetura modernista ligada desde o início à resolução de problemas sociais como o déficit habitacional. Para ele, “as sementes desta nova arquitetura foram plantadas no momento quando o trabalho manual deu lugar à produção industrial”. Mesmo nas primeiras proposições do Movimento, quando do seu surgimento na Europa nos primeiros anos do século XX, o enfoque era a questão habitacional, como uma revisão do modo de morar em função das necessidades da nova família de sociedade industrial e assim alcançaram projeção.

No contexto nacional, Gonçalves (2003, p. 21) ressalta que uma das características da ascensão do Movimento Moderno no Brasil foram o crescimento e planejamento de novas cidades, que abriram espaço para uma renovação na técnica construtiva, como o exemplo de Belo Horizonte, trinta e seis anos antes de Goiânia, e Brasília vinte e sete anos depois favorecendo mudanças de ordem espacial tanto na escala da cidade, quanto na escala residencial, quanto no significado do Movimento. Segundo Correia (2004, p. 28), de um modo geral, a planta e o programa residencial tenderam a se alterar pela criação de áreas internas, recuos laterais e jardins, que permitiram a abertura de janelas nos diversos

⁵¹ Os projetos do Jockey Clube de Goiás, em 1962; do Estádio Serra Dourada, em 1975; e a consultoria para o projeto do novo Terminal Rodoviário da capital, entre 1985-86 são de autoria de Paulo Mendes da Rocha, que também projeta uma residência na cidade.

cômodos e que separaram a casa da Rua e dos vizinhos. A nova conformação de jardim pôde, por exemplo, se apresentar como um espaço que se abre para o céu, o terraço-jardim de Le Corbusier, onde “a cobertura plana revela o reconhecimento de uma extensão espacial da casa.” (GIDEON, 2004, p. 557)

Outra interferência na compreensão da formação da casa enquanto espaço, aconteceu através da diferenciação nos usos, como sugere Freyre (1979, p. 18), através da “vantagem daquelas modernizações, ou mecanizações, da casa – da cozinha, do banho, da iluminação, da aeração, da refrigeração”. Em Goiânia, estas mudanças influenciaram a construção de uma grande quantidade de residências de características modernistas, que embora tardiamente em relação ao restante do país, favoreceram a formação de um acervo um tanto diverso.



FIGURA 37 | CASA DO FUNCIONÁRIO PÚBLICO TRANQUILINO BRASIL E ARGENTINA NUNES
BRASIL NA RUA 24, SETOR CENTRAL.
ACERVO PESSOAL

A evolução do discurso moderno em Goiânia

Segundo Ferreira (2006), a escolha do “estilo moderno’ era a garantia de que a arquitetura da nova capital estava em sincronia com uma cidade moderna e progressista.”

Exemplo interessante dessa arquitetura portadora de um discurso moderno são os conjuntos do Banco Lar Brasileiro [Figura 38], de arquitetura modernista, construídos nos setores Sul e Oeste. A implantação individual em que cada lote possuía apenas uma casa, definida por linhas retas, superfícies planas e arestas vivas, sem nenhum tipo de separação entre elas era a representante à altura.

A implantação dessas casas [Figura 40 e 41] se deu de forma diferente nos dois bairros, mas seguiam uma integração de espaços públicos e privados⁵², considerada diretriz do ideário moderno, e adotada por várias experiências nacionais dentro de outros projetos de casas seriadas, como Jardim Ana Rosa (1951) em São Paulo, entre outros.

Os referenciais para a casa moderna em Goiânia, em sua maioria construções com características racionalistas, evoluem da utilização de

elementos decorativos geométricos nas fachadas, para posterior adoção de volumetrias simétricas e composições de cheios sobre vazios, até aqui conhecidos a partir da casa *art déco*, das casas-tipo financiadas pelo Governo do Estado e agora com as casas seriadas financiadas com recurso Federal, modelos imprescindíveis para a aceitação e difusão da arquitetura moderna em casas de pessoas que buscavam participar do ‘morar moderno’,

BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO S. A.
Capital e reserva: Cr\$ 339.032.529,00

MATRIZ: Rio de Janeiro

AGÊNCIAS: São Paulo • Bahia • Santos • Niterói • Belo Horizonte • Porto Alegre • Recife • Baurá • Campinas • Curitiba • Goiânia

Fundado em 1925 por iniciativa de Diretores do Sul América é hoje a mais importante organização, em seu gênero, da América Latina.

DEPÓSITOS:

- Sem limite
- Populares até Cr\$ 200.000,00
- Prazo Fixo - 30 - 60 - 90 dias ou mais
- Aviso Prévio
- Obrigações Preferenciais
- Juros de 8,04% A. A.

• Ordens de pagamento • Cobranças • Operações Imobiliárias

ABERTO DAS 8,15 HORAS ÀS 17,30
AOS SÁBADOS DAS 8,15 ÀS 11 HORAS

AGÊNCIA EM SANTOS: CENTRO, Rua Vasc. Favares, 33 - Tel. 2-5458
PRAIA, Av. Marechal Deodoro, 18 - Tel. 4-2790

FIGURA 38 | PROPAGANDA DO BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO. A TRIBUNA, 16 DE JUNHO DE 1957 - FACEBOOK.COM/ACERVOATRIBUNA\

⁵² A implantação das casas do Conjunto Lar Brasileiro não seguiu o proposto pelo projeto urbano do Setor Sul, voltando a casa para a parte interna da quadra, entretanto, ainda assim favorecia certa integração entre as áreas pública e privada devido à ausência de separação entre os lotes, o que posteriormente foi descaracterizado: “(...) numa fase posterior, muros em alvenaria foram erguidos. No limite frontal do lote, ergueu-se uma mureta de um metro de altura, assegurando ainda a integração com o espaço urbano e as outras unidades”. (COSTA, 1992, p. 13)

mas que não se viam inseridas dentro do perfil de pessoas atendidas pelos financiamentos do governo.

O conjunto moderno construído pela Construtora Lar Brasileiro precedeu experiências de proporções ainda maiores na arquitetura moderna em Goiânia, quando propostas de profissionais reconhecidos em todo o Brasil passam a figurar na cidade em construção, e, portanto, rica de alternativas no campo da construção civil.

Esses arquitetos produzem obras que se tornam protagonistas do estudo da arquitetura residencial na cidade, propostas inovadoras em diversas instâncias, de uma arquitetura de formas puras, obras pioneiras, fiéis ao ideário moderno, monumentais para a escala da cidade à época. A associação dessas casas a seus autores aumentam seu valor enquanto objetos arquitetônicos, bens culturais de valor, assinados por arquitetos com produção extensa e reconhecida em todo país, e posteriormente por profissionais de importante atuação local.



FIGURA 39 | GOIÂNIA NA DÉCADA DE 50
SEPLAN.

FIGURA 40 E 41 | LOCAL DE IMPLANTAÇÃO DOS CONJUNTOS
HABITACIONAIS PRODUZIDOS PELO BANCO HIPOTECÁRIO LAR
BRASILEIRO NOS SETORES SUL E OESTE EM GOIÂNIA
ACERVO PESSOAL

Projetos que provocaram outros olhares, e tornaram-se elementos de experimentação conceitual e prática, e de modernização, em bairros que estavam em pleno processo de ocupação nas décadas de 1950 e 1960: As casas do arquiteto David Libeskind – a visão dos arquitetos que vieram de fora da cidade; as casas do arquiteto Eurico Calixto de Godoy – o autor da primeira casa moderna na cidade; as casas do arquiteto Silas Varizo Rodrigues – a “Escola Carioca”; as casas do arquiteto Antônio Lúcio – a questão espacial; a casa do arquiteto Paulo de Barros Mendonça – o processo da criação na construção; a casa do engenheiro Tristão da Fonseca Neto – um engenheiro no projeto, entre tantas outras⁵³.

A implantação dessas casas em bairros que estavam iniciando seu processo de ocupação favoreceu uma difusão da linguagem modernista por várias outras casas desses bairros a partir de construções da população local, formando um panorama geral muito mais denso e extenso da arquitetura e revelando exemplares que se relacionam tanto com a arquitetura moderna como com a casa tradicional goiana. A compilação e organização de pesquisas, levantamentos e imagens referentes às casas representativas desse panorama em Goiânia introduzem o entendimento da casa moderna em uma arquitetura de cidade nova, que lidava com problemas relativos à localização central da cidade no território e à dificuldade na busca por mão-de-obra e materiais utilizados nas construções, através das contribuições e perspectivas de profissionais que atuaram em Goiânia entre as décadas de 1950 a 1980.

O registro e análise das casas selecionadas para discussão, sua morfologia, processo construtivo e elementos estruturais, ressaltam a contribuição modernista no decorrer do desenvolvimento da cidade: em que foi proeminente, em que se destacou ou se isolou dentro do contexto da história da arquitetura na cidade, e mostra como o discurso moderno permeou a casa popular tradicional na cidade, para além da mudança estética das edificações, provocando uma mudança significativa na paisagem da cidade, principalmente no que diz respeito às diferentes tipologias arquitetônicas.

⁵³ Ver mapa 3 – Primeira Abordagem.



norte

MAPA DA REGIÃO CENTRAL DE GOIÂNIA



SILVA NETO, 2010

Setor Central
David Libeskind, 1952



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Central
Tristão da Fonseca,



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Sul
Varizo e Norman, 1963



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Oeste
Eurico de Godoy, 1960



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Sul
Eurico de Godoy, 1961



GOOGLE MAPS, 2015

Setor Oeste
Antônio Lúcio,



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Sul
David Libeskind, 1966



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Marista
Antônio Lúcio, 1974



ACERVO DO AUTOR, 2015

Setor Oeste
Antônio Lúcio, 1972



BULCAR, 1985

Setor Marista
Paulo Mendonça, 1974

Casas modernas

Desde a década de 1990, com a criação do DOCOMOMO, a produção da arquitetura moderna passa por uma reavaliação de sua relevância na história, enfrentando as dificuldades de estudo de um período tão recente e tão cheio de conflitos. Nesta pesquisa, essas discussões são resultado das da relação arquitetura e formação do espaço urbano na paisagem da cidade. As casas, objeto dessa relação, seus detalhes construtivos e de programa, na medida em que podem ser averiguados revelam vínculos entre a arquitetura e a história da cidade e tornam-se imprescindíveis no contexto da revisão da historiografia da arquitetura moderna local.

O artigo de Inamoto (2011, p. 4), para o 9º seminário DOCOMOMO Brasil, por exemplo, coloca a casa da Rua Santa Cruz de Warchavchik no cerne de uma reavaliação da paisagem, enquanto resultado de percepções sobre a cidade e sua relação com a arquitetura e a formação do espaço urbano, ocasionando a própria reformulação da interpretação historiográfica. Segundo Inamoto, a importância de se refletir sobre um mesmo objeto arquitetônico repetidas vezes contribui para o entendimento da casa modernista para além de seus aspectos iniciais. Entende-se a obra construída como documento central para a análise histórica, e mobilizam-se novos elementos para sua interpretação.

Nesse processo de interpretação do panorama modernista constante desta pesquisa, várias questões são levantadas e significados são ampliados, tanto sobre os aspectos originalmente formulados, quanto sobre outra questão de extrema relevância: as revisões formais e funcionais baseadas na necessidade dos usuários, tantas vezes consideradas um crime contra a autoria do projeto e do patrimônio. Fato é que, essas revisões estéticas ou por necessidades funcionais que guiam as alterações de um projeto são de difícil avaliação, ainda mais em um conjunto tão extenso.

Para Argan (1998, p. 41), a história da arquitetura se realiza na presença de seus objetos, sem a necessidade de uma narrativa. Para além do tempo e do desgaste sofrido

pela obra, o pesquisador busca a condição original para o melhor discernimento dos determinantes que já não estão mais ao seu alcance (ARGAN, 1998, p. 24). Entretanto, as relações estabelecidas a partir de suas apropriações, adaptações, intervenções e alterações permitem diálogos interessantes com a cultura de quem habita a casa; a casa como extensão do próprio homem. O que pode ser perfeitamente relacionado com a definição de casa para Bacon: “Eu sou o espaço que habito, o ponto de origem de toda atividade.” (Bacon, Apud Alba, 1990. sp.)

Antes de adentrar nas relações existentes no panorama de difusões e apropriações, é preciso efetuar uma leitura do objeto na cidade. A partir dele, torna-se perceptível que o conjunto arquitetônico em Goiânia apresenta obras com ‘vários níveis de moderno’ | Figuras 42 e 43 |, desde as que são cânones, consagradas pela literatura, até o moderno de fachada, resultado da difusão de elementos da arquitetura modernista em exemplares implantados no tecido urbano da cidade.



FIGURA 42 | CASA RUA 16 – FACHADA DE INSPIRAÇÃO BRUTALISTA.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 43 | CASA RUA 16 – ELEMENTOS DA ARQUITETURA MODERNISTA ASSOCIADOS A CONSTRUÇÃO POPULAR.
ACERVO PESSOAL, 2013.

O contexto de reconhecimento desse conjunto de casas, desde as formas puras, até o difuso e de características não tão puras, como bens históricos só tem a enriquecer a historiografia, independente da ‘profundidade’ dessa modernidade. Essa importância segundo Tuan (1983, apud DUARTE, 2010, sp.), se dá no espaço, a partir de seu usuário, no campo da simbolização, da experiência e da formação de vínculos de identidade como sinônimo de lugar. O ambiente é modificado, recebe novas significações, modifica o

indivíduo que o usa e retorna a ser alterado em seus valores e significados, ressaltando o caráter artesanal do processo de interação entre as pessoas e a seu ambiente construído.

O panorama da casa moderna em Goiânia não se refere somente a obras de exceção produzidas por profissionais, mas também abrange obras cunhadas no dia-a-dia pelas pessoas que as usam. O espaço construído torna-se, como afirma Duarte (2010, p. 2) “artefato cultural, objeto de expressão de uma linguagem, portador de significados e, materialização da visão de mundo dos grupos que a produzem”. Esse panorama revela uma produção rica e, de forma geral, negligenciada, que sofre com um processo de desvalorização de boa parte das casas, e consequente degradação e demolição.

Muitas dessas obras estão abandonadas |Figura 44|. As fotografias, desenhos e memoriais, quando existentes, pouco dizem a respeito dessa produção. Arquivos, bibliotecas, documentos antigos, jornais e entrevistas pouco apresentam das obras como partes constituintes de um conjunto no contexto urbano da cidade, e seu impacto nos bairros em que estão inseridas. O conhecimento desse panorama moderno favorece a percepção de sua relevância e de seu grau de descaracterização.

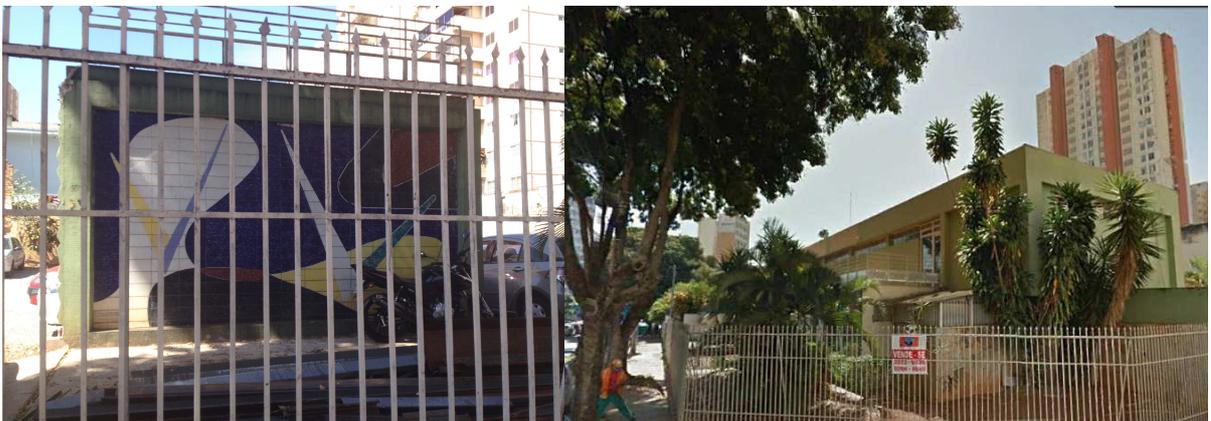


FIGURA 44 | CONSTRUÇÃO RUA 29 – DEMOLIDA EM 2012, O LOTE FOI TRANSFORMADO EM ESTACIONAMENTO, RESTANDO APENAS O PAINEL DECORATIVO QUE FAZIA PARTE DA FACHADA. ACERVO PESSOAL, 2013.

As primeiras casas referentes a essa produção começam a ser construídas em Goiânia na década de 1950 e segundo Vaz e Zárate (2005): “apesar de muito significativas, como exemplos de uma linguagem nova e diferenciada da produção arquitetônica local, constituindo elementos de destaque na paisagem da cidade, eram ainda obras isoladas”.

Entretanto, rapidamente essa produção foi ampliada por quase todos os bairros implantados na cidade nesta década, conforme levantamento⁵⁴.

Uma das leituras feitas do conjunto de casas modernas na cidade e sua difusão permite verificar a interferência socioeconômica na construção e implantação dessas casas. Os bairros mais valorizados possuem obras de características mais ligadas a um moderno 'puro', mesmo em obras representantes da difusão, com área construída maior e um programa mais extenso. O oposto ocorre nos bairros de características mais populares. Essa constatação, a priori não surpreende, afinal, o poder aquisitivo sempre esteve ligado à produção da casa na cidade. Se os bairros mais permeados por casas canônicas são os setores Sul e Oeste, as difusões ocupam o setor Aeroporto e Centro, formando centralidades.

A maioria das edificações modernas projetadas em Goiânia, a partir da década de 1950, foram projetos de arquitetos com formação em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, tornando-se responsáveis por inserir a produção arquitetônica goianiense no panorama da arquitetura brasileira. A importância desses profissionais na cidade foi potencializada, ao projetarem edifícios institucionais e privados, além de se organizarem em prol da propagação dessa arquitetura. Segundo Silva Neto (2010, p. 22), os profissionais atuantes nesta época se uniam por meio de instituições como o IAB, o Clube de Engenharia ou a Maçonaria para promover concursos, atrair arquitetos de fora da cidade, e fomentar a arquitetura. Exemplo disso é o arquiteto David Libeskind, um dos profissionais de maior reconhecimento no contexto nacional que atuou na arquitetura residencial da cidade, e que, segundo Vaz e Zárte (2005), “produziu uma arquitetura respaldada em um conhecer mais erudito, e contemporâneo ao seu tempo.”⁵⁵ Seu projeto para a casa José Felix Louza (1952) ficou amplamente conhecido, figurando entre outras obras de importância em todo país.⁵⁶

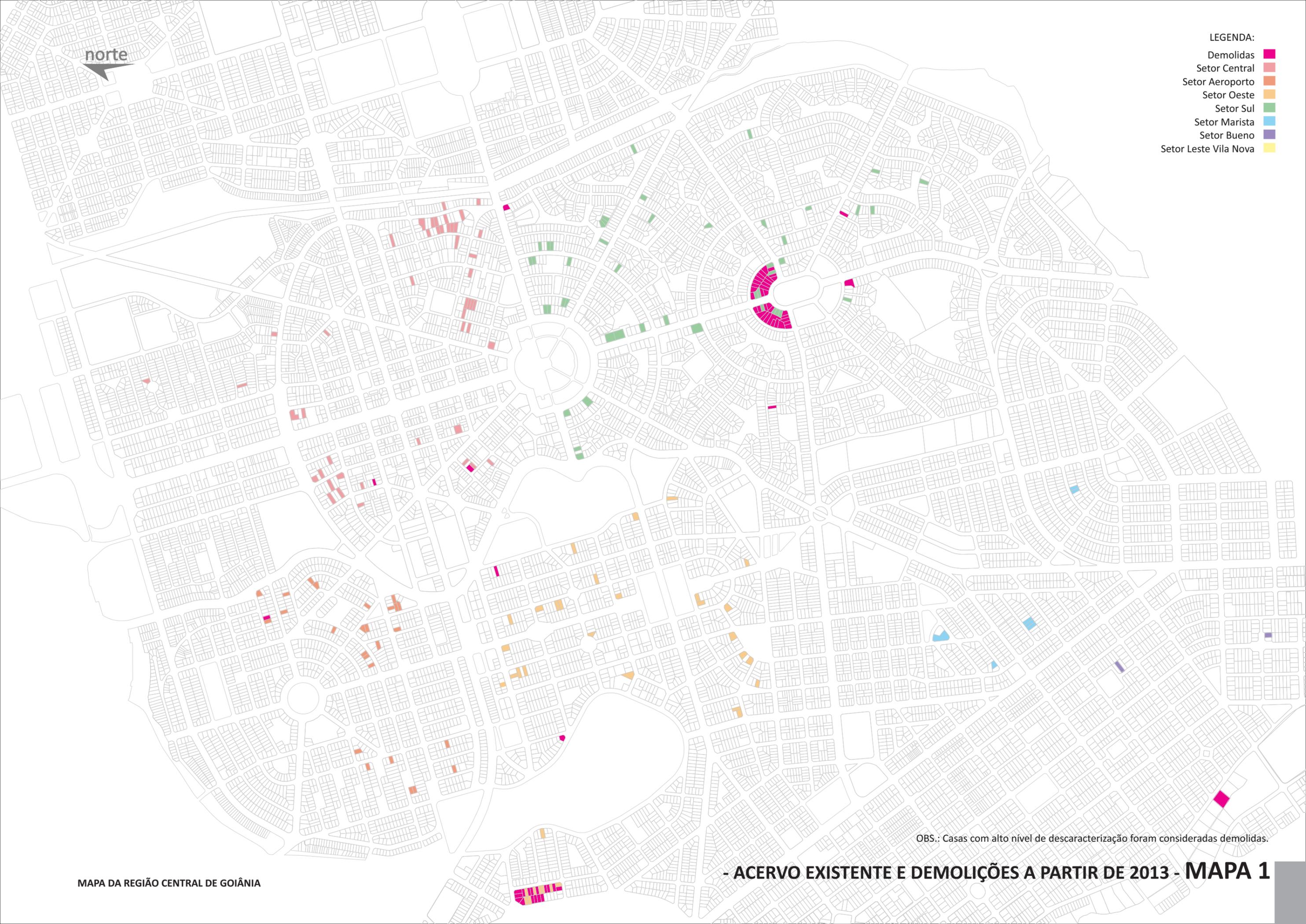
⁵⁴ Ver mapa 1 – Acervo existente e demolições a partir de 2013.

⁵⁵ Artigo “A experiência moderna no cerrado goiano”, publicado no site Vitruvius em dezembro de 2005.

⁵⁶ TOMBI, Luciana. David Libeskind: Ensaio sobre as Residências Unifamiliares”, na coleção Olhar Arquitetônico, da Editora Romano Guerra, 2004.

norte

- LEGENDA:
- Demolidas
 - Setor Central
 - Setor Aeroporto
 - Setor Oeste
 - Setor Sul
 - Setor Marista
 - Setor Bueno
 - Setor Leste Vila Nova



OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

Em contrapartida, impressiona no levantamento procedido para essa pesquisa, o grande número de profissionais sem formação acadêmica atuando não só na construção, mas na elaboração de projetos de arquitetura para a cidade. Desenhistas e projetistas, normalmente associados a pequenos construtores ou engenheiros, brasileiros ou de outras nacionalidades, que trabalham na concepção e/ou construção de edifícios e se tornam responsáveis por um tipo de difusão um pouco mais elaborada, devido aos conhecimentos técnicos que possuem. Entre eles estão o projetista Américo Vespúcio Pontes; e o topógrafo e projetista Ewald Janssen.⁵⁷

Muito dessa produção, nos últimos anos, passou por uma série de intervenções - mudanças de uso e adaptações à novas necessidades – algumas casas foram comprometidas, outras chegaram a ser completamente demolidas. A contribuição destes e outros agentes na construção da cidade segundo a linguagem estética moderna, para Vaz e Zárate (2005), é considerada tardia frente às primeiras experiências brasileiras, mas contemporâneas ao que se desenrolava no interior do país.

Além dos profissionais que vieram de outros Estados para atuarem na cidade, há também um número considerável de goianos que, tendo suas formações acadêmicas e profissionais acontecendo, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, encontram na universidade o local de contato com o ideário moderno. Ao retornar a cidade para atuar em sua construção, passam a desenvolver paralelamente a carreira acadêmica e a compor o corpo docente da Escola de Belas artes, e posteriormente da Escola de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás, até então, primeiro e único curso a se estabelecer na cidade.

Segundo Silva Neto (2010, p. 21), pode se afirmar que a chegada dos arquitetos Modernistas na cidade se deu em três momentos,

O primeiro grupo, liderado por Eurico Godoy e Elder Rocha Lima, vindos do Rio de Janeiro, chega à capital no início dos anos cinquenta. No segundo momento, na década de sessenta, profissionais influenciados pela Escola Paulista instalam-se em Goiânia vindos de São Paulo e Minas Gerais. Ariel

⁵⁷ Ver tabela 1 – Profissionais atuantes em Goiânia entre 1950 e 1980 não restritos à arquitetura residencial.

Costa Campos, Raul Filó e Luis Osório Leão são formados em São Paulo e Antônio Lucio, Eduardo Simões Barbosa e Fernando Rabello são os nomes mais proeminentes da geração que graduou-se em Belo Horizonte. Por fim, Walmir Santos Aguiar, Fernando Cruvinel e Paulo Mendonça são provenientes da Universidade de Brasília nos idos de 1970.

(SILVA NETO, 2010, p. 21)

Essa divisão de referências trouxe ao panorama das primeiras produções na cidade, clara ligação com as Escolas Carioca e Paulista de arquitetura. Dentre as obras que dialogam com o brutalismo na cidade está a casa Bento Odilon Moreira (1963), de Paulo Mendes da Rocha, considerada também referência dos primeiros ensaios com essas características em residências na cidade.⁵⁸ Transformada posteriormente para acolher o uso comercial foi totalmente descaracterizada.

Essas influências ficaram perceptíveis mesmo nos profissionais formados no primeiro curso de arquitetura da cidade (1968),⁵⁹ através de professores arquitetos que atuaram na arquitetura de Goiânia e tiveram sua formação marcada por Lucio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas e Carlos Millan (SILVA NETO, 2010, p. 29). Essas relações de influência estabelecidas entre arquitetos, dentro da academia ou em estágios profissionais, faz chegar aos pioneiros da época, que refletiram e formularam as bases da arquitetura moderna na cidade. Goiânia confirma o proposto por Segawa (2000, p. 9-13), ao afirmar que boa parte dessas relações de influência se deu devido aos deslocamentos de profissionais de uma região para outra, a partir da década de 1950, marcando a expansão das cidades e fato decisivo para o que ele chama de modernização.

⁵⁸ Os autores Eline Caixeta e José D'Aló (2013) classificam o brutalismo em Goiânia, considerando a periodização estabelecida por Zein (2006 e 2007): "a década de 1950, como divisor de águas; a década de 1960, surgimento dos primeiros exemplares; e a década de 1970, como período de expansão; ficando apenas a década de 1980, que mesmo fora desta periodização, caracteriza-se como outono desta produção brutalista, no caso específico de Goiânia". (CAIXETA; FROTA, 2013)

⁵⁹ Dados fornecidos pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Eurico Godoy, por exemplo, tem em sua formação acadêmica, um estágio com Lucio Costa⁶⁰, assim como Luis Osório Leão que estagia com Jon Maitrejean e tem contado direto com Anhaia Mello, Vilanova Artigas e Carlos Millan⁶¹. Goiânia recebeu arquitetos como: Sigbert Zanettini, Ruy Othake, David Liebeskind, Paulo Mendes da Rocha, Sérgio Bernardes e muitos outros, profissionais de reconhecimento nacional, envolvidos na produção arquitetônica em Goiânia.⁶²

Também engenheiros diplomados em outras cidades do País chegam à cidade e acumulam a função de projetistas, calculistas e construtores, se responsabilizando por inúmeros projetos de arquitetura tanto residenciais como institucionais. É o caso do engenheiro Tristão da Fonseca Neto, diplomado na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, em 1945, e do projetista Américo Vespúcio Pontes, caso bastante relevante quando considerada a quantidade e diversidade de projetos em Goiânia. Bastante atuante na cidade trabalhou em parceria com diversos engenheiros e arquitetos da cidade⁶³.



FIGURA 45 | CASA RUA 18.

FIGURA 46 | CASA ALAMEDA BOTAFOGO

O VOLUME ÚNICO E COMPACTO DAS CASAS É POR VEZES RESSALTADO POR PEQUENOS AVANÇOS DE PLATIBANDA, OU BEIRAIS DE TELHADO APARENTE. ACERVO PESSOAL, 2013.

⁶⁰ VAZ, 2006 *apud* NETO, 2010, p. 24.

⁶¹ LUSCHER, 1999 *apud* NETO, 2010, p. 29.

⁶² Alguns arquitetos, mesmo sendo de outros estados, se fixaram definitivamente em Goiânia e tem produção bastante relevante na cidade.

⁶³ Ver mapa 2 com a produção residencial levantada desses dois profissionais.

O resultado dessas referências pode ser visto nas obras que extrapolaram a produção dos arquitetos de renome e alcançam uma produção local com características próprias. Esses diálogos são evidenciados nesse período através da atuação dos principais arquitetos em um conjunto de obras não uniforme. O reconhecimento do legado dessa produção, não se dá por uma atividade de “transposição” de princípios modernistas de uma casa para outra, mas pela “adaptação” | **Figura 45 e 46** | destes princípios, de forma crítica e coerente, em relação a várias determinantes, tais como econômicas, culturais e físicas da cidade.

As casas remanescentes destas décadas resistem à renovação urbana na cidade, marcada pelas mudanças naturais, e pela falta de cuidado e manutenção por parte de seus proprietários que, via de regra não reconhecem as mesmas como parte de um acervo. Alguns exemplares tratados em estudos até mesmo recentes⁶⁴ já não existem mais (vide mapa de demolições dos últimos dois anos). Diante de todo o exposto, essa pesquisa parte para uma prospecção desse panorama moderno, exemplares canônicos e difusos, a partir de seus bairros, o que parece coerente segundo a metodologia de investigação que foi aplicada neste contexto. A discussão parte de exemplares consagrados pela literatura da arquitetura moderna na cidade, em função das mudanças ou inovações apresentadas, para os demais exemplares de arquitetura difusa, que se apropriaram dessas inovações, pouco ou não discutidos dentro da ótica desse panorama, ainda não exposto em sua totalidade.

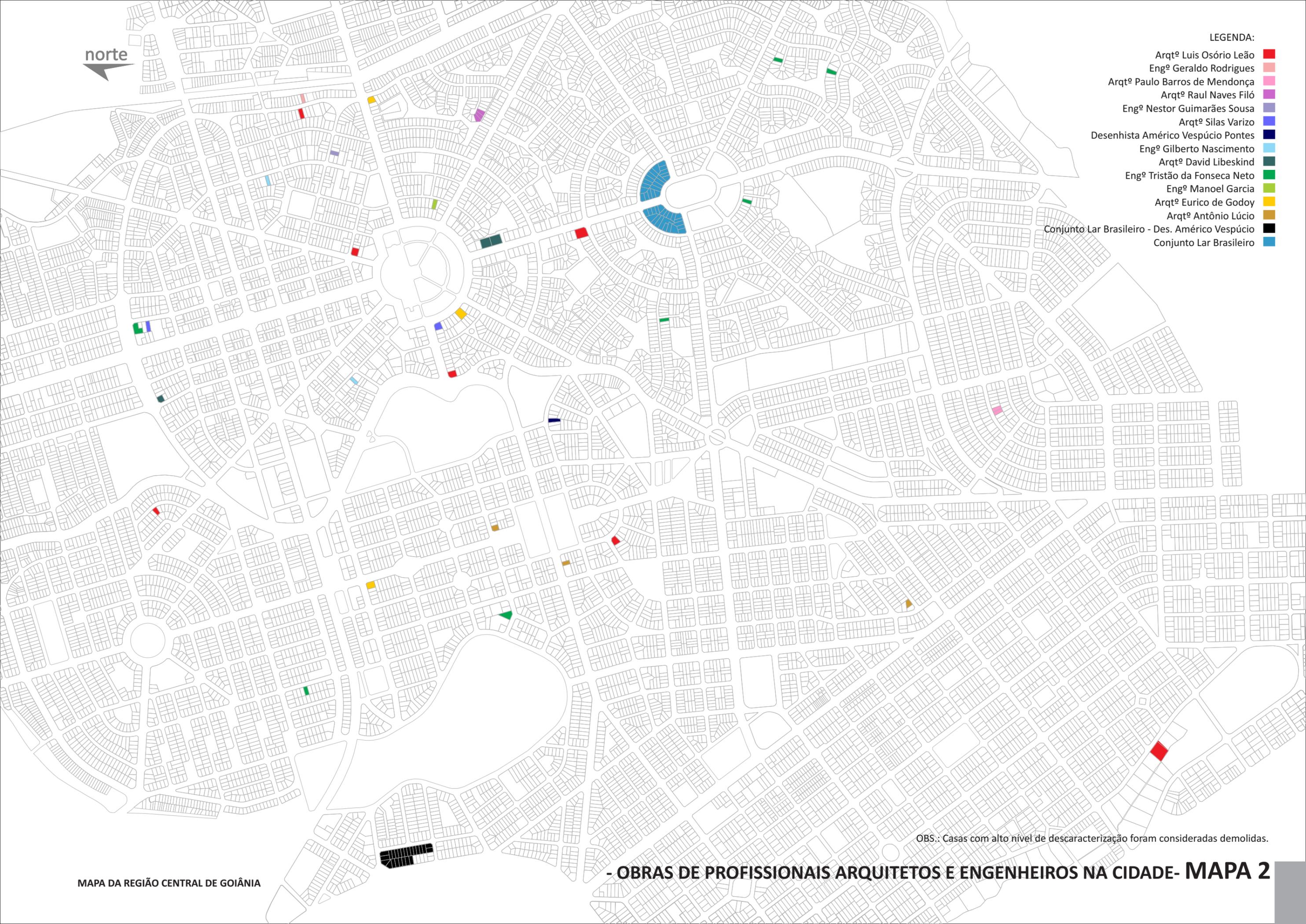


⁶⁴ Alexandre Ribeiro Gonçalves, “A construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)” (2002); Ana Amélia de Paula Moura, “Arquitetura residencial moderna em Goiânia: delineando um cenário” (2011); Celina Manso, *Goiânia Art Déco* (2004); Eurípedes Afonso da Silva Neto, “Goiânia Casa Moderna: 1950, 1960, 1970” (2010); Márcia Metran de Melo, “Moderno e modernismo: a arquitetura dos dois primeiros fluxos desenvolvimentistas de Goiânia (1933 a 1950 /1950 a 1964)” (1996); Maria Diva Araújo Coelho Vaz & Maria Heloisa Veloso Zárte, “A Experiência moderna no cerrado goiano” (2005); Rosane Costa Badan, “O mobiliário como testemunha da história de Goiânia (1930-1940)” (2004).

norte

LEGENDA:

- Arqtº Luis Osório Leão
- Engº Geraldo Rodrigues
- Arqtº Paulo Barros de Mendonça
- Arqtº Raul Naves Filó
- Engº Nestor Guimarães Sousa
- Arqtº Silas Varizo
- Desenhista Américo Vespúcio Pontes
- Engº Gilberto Nascimento
- Arqtº David Libeskind
- Engº Tristão da Fonseca Neto
- Engº Manoel Garcia
- Arqtº Eurico de Godoy
- Arqtº Antônio Lúcio
- Conjunto Lar Brasileiro - Des. Américo Vespúcio
- Conjunto Lar Brasileiro



Conjunto Lar Brasileiro - Des. Américo Vespúcio

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

Para entender a implantação dos exemplares modernos na cidade é necessário recordar que a divisão de Goiânia em seu plano inicial se deu em quatro setores: Central, Norte, Sul e Oeste. A programação da construção da cidade deveria acontecer de forma a ocupar, primeiro os setores Central e Norte, e posteriormente as construções começariam a ser executadas no setor Sul. Em um terceiro momento, o setor Oeste, já reservado no relatório de 1937 para posterior parcelamento pelos Coimbra Bueno, seria construído seguindo a mesma orientação técnica do setor Sul, o que não aconteceu.

O objetivo dessa determinação era evitar a dispersão demográfica da cidade e a dificuldade de fornecimento dos serviços urbanos e, conseqüentemente, problemas na formação da cidade. Alguns fatores incentivaram o crescimento populacional e desenvolvimento da cidade neste período: a chegada da ferrovia, em 1951; a política desenvolvimentista de Pedro Ludovico Teixeira, a inauguração da represa do Rochedo, que forneceu energia de forma contínua para Goiânia, em 1955; a primeira etapa de Cachoeira Dourada, em 1959; a expectativa e posterior construção de Brasília, de 1954 a 1960; a criação de duas universidades a Católica de Goiás e a Federal de Goiás, no final da década de 1950 e a instalação da Telegoiás e a expansão das redes de telefonia em 1962⁶⁵.

Todos esses fatores fizeram da década de 1950, a década do parcelamento extensivo, proveniente dos proprietários de terras que se beneficiavam do capital investido na primeira fase de Goiânia. A população urbana, a essa época, evoluiu: “em 1940, havia, segundo o censo demográfico, 18.889 pessoas na área urbana, num total de 48.166 habitantes em todo município; em 1950, a população do município era de 53.384 pessoas, das quais 40.333 moravam na área urbana, superando o planejamento inicial de 50.000 habitantes.”⁶⁶ Tudo isso favoreceu o grande desenvolvimento da cidade e a implantação de inúmeras casas quer pelo financiamento do Estado, ou pelos proprietários individualmente, no espaço dos primeiros bairros da cidade.

⁶⁵ Segundo Márcia Metran de Mello, essas características foram representativas, em Goiânia, do segundo fluxo desenvolvimentista, de 1950 a 1964. O primeiro foi de 1933 a 1950. (MELLO, 2006, p. 155 e 156)

⁶⁶ RIBEIRO, 2000, p. 54.

O Setor Central

Visitei Goiânia em 1937. Uma planície sem fim, que parecia, ao mesmo tempo, um terreno baldio, um campo de batalha, erçada de postes de eletricidade e de estacas de agrimensura, exibia uma centena de casas novas dispersas nos quatro cantos do horizonte.

Levy-Strauss, 1979 in VAZ, 2003, p.70

As relações entre lugar e arquitetura enquanto condicionantes tanto do espaço arquitetônico quanto do espaço urbano são tema amplamente tratado na arquitetura, por diversos autores. Para Coelho Netto (1999, *apud* REIS-ALVES, 2007), “Arquitetura não é somente a organização do espaço, mas também é o ato de criá-lo⁶⁷”. Para tanto, REIS-ALVES (2007) sugere o entendimento da casa conjugado ao entendimento do espaço criado por ela, em função de formular o conceito do lugar, e determinar sua estrutura.⁶⁸

Abordando a especificidade do lugar, Frampton (1997 *apud* NESBBIT, 2008, p. 503), afirma que a arquitetura não deve negar a expressão e a identidade local, ela deve se basear na consciência do lugar e na tectônica. Quando Norberg-Schulz (*apud* NESBBIT, 2008, p. 459) retoma a noção romana de *genius loci*, ou seja, o espírito de cada lugar, para ele era papel da arquitetura compreender o lugar e sua essência, a fim de que o ‘fazer arquitetônico’ definisse o lugar como a manifestação do habitar humano e a casa como extensão do próprio homem, como refúgio. Trata-se de um novo homem que vivencia o espaço moderno

⁶⁷ COELHO NETTO, José Teixeira. A construção do sentido na arquitetura. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

⁶⁸ REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. Caderno Arquitectos nº 087. 10ano 08, ago. 2007, Vitruvius.

através da cultura regional ao mesmo tempo em que se apropria de outras influências, um “novo homem”⁶⁹ que enfatiza a modernidade e a racionalidade.

Nos primeiros bairros formados na cidade de Goiânia a arquitetura cumpriu seu papel. Constituídos pelo “espírito do novo” e da ideologia da “ruptura com uma sociedade organizada de forma arcaica e anacrônica”,⁷⁰ tem-se no início da década de 1950, o tecido urbano da cidade pontilhado de casas concebidas sob os preceitos modernistas. Esses projetos produzidos por profissionais nacionalmente reconhecidos e inicialmente desenvolvidos para uma parcela da população de maior poder aquisitivo⁷¹ começam a se destacar.

Os métodos construtivos econômicos e inovadores e os altos padrões propostos em casas que refletiam o morar moderno eram atrativos à médicos, engenheiros, administradores, arquitetos e artistas que compunham a economia local e partilhavam do desejo de morar de forma moderna, associando claramente essa produção a fatores econômicos. Essas casas, de formas geométricas definidas, sem nenhum tipo de ornamentação, de estrutura e vedações independentes, extensos planos de vidros, por vezes integrada a murais e azulejos decorados, exemplares canônicos segundo a literatura da arquitetura moderna, tornaram-se referências na arquitetura da cidade.

Goiânia passa a ser a representante, como sugere Comas (1991), do rompimento que aconteceu na arquitetura brasileira nesse período, entre 1955 e 1960, destacando-se pela inauguração de Brasília. Na cidade essa ruptura, em tese, atingiria a arquitetura tradicional e o novo proposto pelo Modernismo, demonstrando um momento de visível experimentação na arquitetura da casa, afinal toda a arquitetura na cidade era nova. Em tese, pois o desejo da modernidade tanto no urbanismo quanto na arquitetura, não impediu que tradições coloniais permanecessem influenciando o modo de vida e o modo de construir na cidade.

⁶⁹ GOMES *et all*, 1982.

⁷⁰ GULLAR, 1969, *apud* MELLO, 2004.

⁷¹ Indicativo do perfil socioeconômico dos proprietários, em que alguns, até hoje, se destacam como grandes investidores imobiliários na cidade.

As experimentações na tipologia casa na cidade são visivelmente permeadas por diversas influências. Essa experimentação na casa goianiense, pode ser observada no centro, nas primeiras décadas de sua formação. Em um primeiro momento pela presença na cidade de casas estilo “Misiones”, associadas às casas art-Déco, casas com inspiração colonial, além de casas que, por incorporarem tantas características quantas foram possíveis, acabaram sem características definidas | Figura 47 a 50 |.



FIGURAS 47 48 49 E 50 | CASAS NA RUA 29 – EXPERIMENTAÇÃO NAS PRIMEIRAS CASAS DA CIDADE. ACERVO PESSOAL, 2013.

Segundo Norberg-Schulz (2005, p. 99), a casa moderna se diferencia pelas “funções básicas que continuam as mesmas, sem dúvida, mas é nova a definição de onde tais funções têm lugar.” A arquitetura nessa cidade recém-criada propõe questões interessantes quando se pensa a organização espacial, além de técnicas construtivas e tecnologias utilizadas, ainda mais perceptíveis quando se considera o enfrentamento da população da época, agrária e conservadora, frente a um contexto de dificuldades nessas áreas.

A partir do momento em que essa experimentação vai se configurando na consolidação do Modernismo na cidade, a implantação de exemplares canônicos no traçado do setor Central verifica algumas características importantes que se repetem. Implantados nas avenidas principais, em grandes lotes, com ocupações privilegiadas no bairro, essas casas possuem uma tipologia característica. Térrea ou de dois pavimentos, bem setorizadas, dispõe geralmente de dois acessos, o principal – com jardim integrado, e o de serviço - localizado em local menos privilegiado em relação ao lote. O sistema estrutural, lajes, vigas e pilares de concreto, raramente dá lugar a uma solução diferenciada, e paredes de vedação de alvenaria de tijolo.

Casa José Felix Louza . 1952

A expressão arquitetônica decorrente do uso de estruturas de concreto, em uma estética definida por formas geométricas simples e a ausência de ornamentos foi amplamente difundida pelos arquitetos modernos nas casas cânones na cidade, guardadas as devidas características e influências de cada arquiteto no enfrentamento de cada projeto. À exemplo, a casa José Felix Louza . A casa construída no setor Central foi uma das primeiras a ser concebida sob os conceitos da arquitetura moderna. Estes conceitos podem ser lidos tanto na racionalidade do sistema estrutural |Figuras 55|, quanto no tratamento paisagístico adequado, como nas fachadas pelo volume despojado de ornamentos.

Certamente, das casas do setor Central, é a mais encontrada nos estudos da historiografia da arquitetura. Destaque dado talvez pelo arquiteto que a projetou, o paranaense David Libeskind. A residência José Félix Louza |Figuras 51 e 52| fica na Avenida Paranaíba esquina com a Rua Nove. A casa térrea, com cobertura em platibanda, desde a sua implantação se diferenciou totalmente da tipologia das casas à sua volta. Anteriormente circundada por casas de duas águas e telha cerâmica, hoje convive com edifícios de múltiplos andares e o mercado popular logo à frente.

Na casa as relações entre espaço público e o particular são resolvidas de forma bastante pertinente, visto sua localização frente a uma das avenidas de maior fluxo do

centro da cidade, através de empenas e cobogós que protegem a visualização da casa, e ao mesmo tempo revelam o interior. O mesmo elemento assume função de muros, fazendo dos recuos frontais um espaço de transição. A casa é uma das primeiras na cidade a propor uma nova leitura da arte enquanto integrante da arquitetura e participante do espaço da casa, através de seus painéis cerâmicos azuis e cobogós.



FIGURA 51 | CASA JOSÉ FELIX LOUZA – ARQUITETO DAVID LIBESKIND, 1952.
ACERVO PESSOAL, 2013.

FIGURA 52 | RESIDÊNCIA JOSÉ FÉLIX LOUZA EM GOIÂNIA, 1952.
LIBESKIND IN SILVA NETO, 2010, P. 59.



O uso dos revestimentos se tornou um elemento facilmente identificável nas obras de Libeskind. Sua localização em um terreno de esquina na quadra favorece a organização e a boa orientação do projeto. A parte social da casa é voltada para o pátio interior. Os acessos foram separados, pedestres pela avenida maior movimentação e automóveis pela rua de acesso lateral.

Não é do interesse deste trabalho fazer uma biografia completa de nenhum dos profissionais aqui contemplados, outros trabalhos já se destacam neste aspecto⁷², mas

⁷² TOMBI (2004) e SILVA NETO (2010) no caso do arquiteto David Libeskind são importantes fontes biográficas.

pretende-se entender o contexto e influência de sua produção na cidade de Goiânia. Silva Neto (2010, p. 27) resalta sua formação em 1952 pela Universidade Federal de Minas Gerais, e suas referências reconhecidas em Guignard, Sylvio de Vasconcellos e Mendes de Guimarães Junior, na sua admiração por Lucio Costa, e na sua aproximação à obra de Oswald Bratke na década de 1960. Silva Neto (2010) expõe:

Já em São Paulo, em 1953, Libeskind entra em contato com vários personagens da arquitetura paulistana como Luis Saia, Vilanova Artigas e Rino Levi. No IAB-SP é intensa a convivência com grandes nomes do cenário cultural brasileiro. Na capital, a influência do arquiteto por parte de outras experiências nacionais e internacionais é nítida.

(SILVA NETO, 2010, p. 27)

Em Goiânia, sua atuação se dá em três momentos, o primeiro deles: o projeto supracitado, no setor Central, na avenida que dividia Centro e Bairro Popular, a casa José Felix Louza (1952). As segunda e terceira intervenções de Libeskind na cidade são consequência do reconhecimento de sua primeira obra, através da unidade, simplificação e ortogonalidade de seus volumes, e se deram nas casas Haji Ascar (1955) e Abdala Abrão (1966)⁷³ | **Figura 53 e 54** |, ambas na avenida 84, no setor Sul, bairro limítrofe ao setor Central.



FIGURA 53 | CASAS HAJI ASCAR (1955) DO ARQUITETO DAVID LIBESKIND.
LIBESKIND IN SILVA NETO, 2010, P. 61.



FIGURA 54 | CASAS ABDALA ABRÃO (1966) DO ARQUITETO DAVID LIBESKIND.
ACERVO PESSOAL, 2013.

A residência Haji Ascar não possui mais seu volume preservado e passível de estudos, mas possuía a mesma horizontalidade e setorização bem definidas, marcantes nas obras do

⁷³ Publicadas por BRASIL, 2007 e SILVA NETO, 2010.

arquiteto na cidade. Segundo Váz e Zárate (2005), esta foi uma das primeiras obras a propor quartos com banheiros e closets individuais, o que não era muito usual nos projetos na cidade. As funções básicas da casa continuavam as mesmas, mas o modo de realizá-las e o local onde elas são realizadas sofreram alterações. Essas novas relações estabelecidas no espaço interno da casa começam a se difundir na cidade. Fato também interessante nesta obra é a interpretação do espaço de transição entre passeio público e espaço privado que, segundo Silva Neto (2010, p. 62) é inovador à medida que Libeskind apresenta o anteprojeto do muro da edificação em curvas e retas fornecendo áreas verdes internas para o passeio público, entretanto a proposta não foi aceita. Para a residência Abdala Abrão percebe-se o mesmo cuidado e riqueza com os acabamentos e com a paginação dos revestimentos, sem nenhuma ornamentação, mantendo a horizontalidade como na proposta na casa Louza.

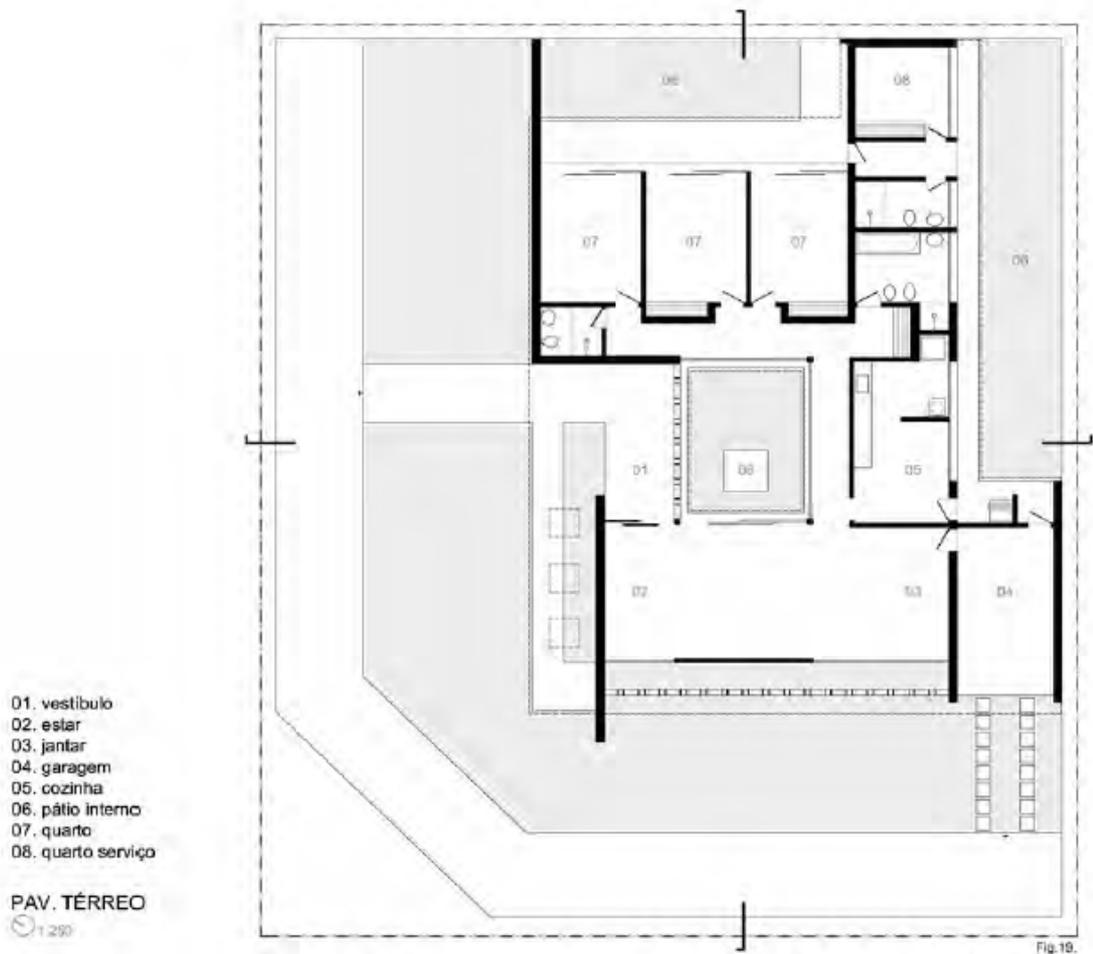


FIGURA 55 | PLANTA DO PAVIMENTO TÉRREO CASA JOSÉ FELIX LOUZA – ARQUITETO DAVID LIBESKIND, 1965. SILVA NETO, 2010.

De pouco mais de 350m² de área construída, as questões climáticas não foram esquecidas na casa Louza, segundo Silva Neto (2010, p. 52), ao propor paredes mais espessas e revesti-las com material cerâmico nas faces que recebem o sol o arquiteto pretendia responder a essas questões. A referência à Mies van der Rohe é feita ao esconder a porta de acesso principal pelo prolongamento de planos.⁷⁴ Os cheios e vazios se destacam na fachada através dos pátios e da composição volumétrica, e as empenas são o que diferencia a casa de seu entorno |Figura 56|. A referência aos painéis de revestimentos e fachadas com elementos vazados se dissemina por projetos na cidade |Figura 58|.



FIGURA 56 | PAINEL CERÂMICO E COBOGÓ CASA LOUZA, ARQUITETO DAVID LIBESKIND. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 57 | PAINÉIS DE FACHADA CASA ABDALA ABRÃO, ARQUITETO DAVID LIBESKIND. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 58 | CASA ENGENHEIRO NESTOR GUIMARÃES SOUZA – ENGENHEIRO NESTOR GUIMARÃES SOUZA, 1968, SETOR CENTRAL. ACERVO PESSOAL, 2013.

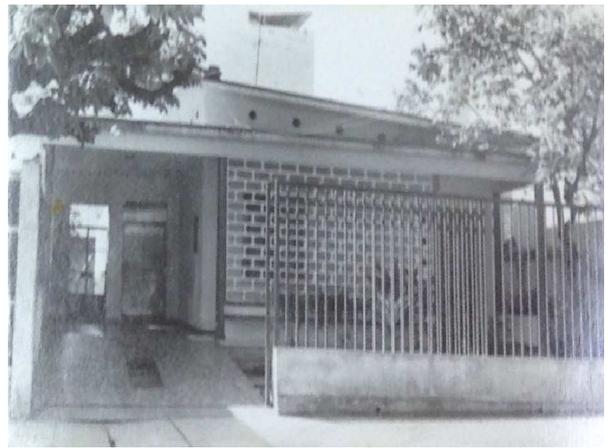


FIGURA 59 | CASA JOÃO ANTÔNIO DE A FILHO, 1952, SETOR CENTRAL. NUCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E DIVULGANÇÃO PUC-GO.

⁷⁴ SILVA NETO, 2010, p. 52.

O volume retangular da casa marcado pela horizontalidade é enfatizado pelo prolongamento dos muros para além dos limites da cobertura. A laje é de concreto e a cobertura é de telha de cimento amianto. A edificação possui como sistema estrutural, lajes, pilares e vigas de concreto e permanece em ótimo estado de conservação.



O setor Central, assim como os demais bairros da cidade revelam, segundo pesquisa, boa parte de suas casas alteradas ou descaracterizadas, principalmente o interior, por parte de proprietários que mudaram ou adicionaram novos usos, trocaram acabamentos ou modificaram a casa após sua ocupação, por insatisfação perante o uso. Volumetricamente, as casas aqui retratadas foram selecionadas por ainda manter suas características preservadas e passíveis de estudo das suas influências, apesar da substituição de algum acabamento ou elementos como esquadrias.

Profissionais de reconhecimento nacional e local produziram na parte ‘oficial’ do bairro, e apesar de não se encontrar mais em condições de estudo, é impossível não citar a Casa Bento Odilon Moreira devido à sua representatividade.

Casa Bento Odilon Moreira . 1963



FIGURA 60 | CASA BENTO ODILON MOREIRA (1963) – ARQUITETO PAULO MENDES DA ROCHA.
ARQUIVO DE ARNALDO MASCARENHAS / IN CAIXETA; FROTA, 2013.

A residência Bento Odilon Moreira [Figura 60], projetada em 1963 por Paulo Mendes da Rocha no centro de Goiânia apresenta uma proposta estrutural que a torna única quando

comparada as demais residências na cidade. A caracterização de Kneib (2013, sp.) é singular: “elementos de apoio, em número reduzido e, internalizados em relação aos seus limites, e cuja laje superior avança sobre a as demais”. O avanço da laje superior foi o recurso utilizado pelo arquiteto para solucionar a insolação proporcionando sombra. A estrutura centralizada a partir de quatro pilares sustenta a projeção dos pavimentos, e mostra traços que segundo Ruth Zein (2005) torna a casa representante do brutalismo associado à “Escola Paulista” de arquitetura: a verdade e características próprias dos materiais empregados, não mascarados, propostos sem nenhum tipo de ornamentação, além de uma volumetria definida pela própria estrutura.

Infelizmente a casa foi completamente descaracterizada pelo uso comercial, e quase nenhuma documentação que contribuísse com sua análise resistiu ao tempo, mas ao considerar o que Paulo Mendes da Rocha afirma da casa moderna e sua necessidade de “dialogar com a cidade” (ROCHA, 1986 in KNEIB, 2013, sp.), é possível reconhecer na casa Bento Odilon Moreira essa expressão, na relação que a casa estabelecia com o espaço urbano em que estava implantada. Os princípios da modernidade, do repensar o espaço de morar como um espaço que seja adequado a um novo momento histórico; e conseqüentemente a um novo homem repercutem na obra.



As casas cânones no setor central não se veem representadas apenas por volumes de formas geométricas puras. Das casas modernistas de linguagem mais pura, algumas apresentam proposta bastante relevante no que diz respeito à configuração de elementos morfológicos tradicionais definindo a forma, e interferindo na implantação dos exemplares na cidade.

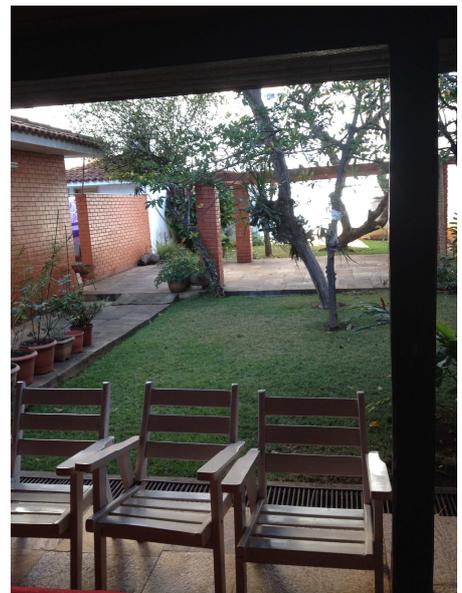
Casa Suhail Rahal . 1965

Uma arquitetura moderna que explora não apenas novos aspectos formais, mas tipologias da arquitetura tradicional reinterpretados, como o telhado de duas águas na parte

frontal, é o apresentado na casa Suhail Rahal. Sua implantação no lote é resultante de um programa extenso, porém eficiente, sem grandes alterações. A edificação avança sobre os limites laterais do lote, porém ganha grandes vazios, pensados e entendidos como parte da proposta projetual com a intenção de suprir a necessidade por áreas verdes, ventilação e iluminação na frente e fundos do lote. O projeto de 1965 é de Silas Varizo Rodrigues, arquiteto carioca de grande atuação em Goiânia. Sua história na cidade começa desde a infância, após se mudar e deixar o Rio de Janeiro, e onde começa a atuar em 1961, após sua formação na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, em 1957.



FIGURA 61 | CASA SUHAIL RAHAL – ARQUITETO SILAS VARIZO, 1965.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURAS 62 E 63 | CASA SUHAIL RAHAL, DETALHES DO INTERIOR – ARQUITETO SILAS VARIZO, 1965.
ACERVO PESSOAL, 2013.

A casa, implantada em uma rua de menor fluxo no centro da cidade, possui em sua fachada principal volume ressaltado que contrapõe a horizontalidade com um telhado aparente de duas águas |Figura 61|. O contraste é salientado com a diferenciação, neste volume, do material de acabamento, que deixa de ser a alvenaria branca, e recebe o tijolinho à vista. As aberturas frontais, que dão para a sala de estar são generosas, fazendo com que o gradil frontal fosse recoberto com vegetação para garantir a privacidade.

A residência, implantada em um terreno plano, é constituída por um programa que setoriza a parte de lazer nos fundos do lote. A garagem é o único ambiente possível de ser observado a partir da rua, a área íntima fica à direita do volume, servida de grandes esquadrias. A fachada foi resolvida com elegância combinando diferentes materiais e texturas: tijolinhos à vista marrom, alvenaria branca, e esquadrias metálicas ajudam na composição.

Na parte interna da casa, o conjunto salas e biblioteca tem seu pé direito diferenciado entre elas, favorecendo a iluminação. Boa parte dos pisos e revestimentos ainda é original, e permanecem muito bem conservados. No fundo da casa, uma parede que se prolonga no jardim esconde a parte de serviços. A casa, vizinha à casa Pedro Abrão Filho, de autoria do engenheiro Tristão Pereira da Fonseca Neto, tem planta em forma de “T” com funções bastante setorizadas, mas destoa da linguagem utilizada pelo arquiteto na casa Carlos Cunha (1963), na Praça Cívica, mostrando diferentes linguagens trabalhadas pelo mesmo profissional. Uma casa que reafirma, diante do panorama modernista da época, um estilo próprio, à medida que não retoma um repertório formal, mas o constitui em resposta à problemas práticos propostos pelo local e pelo programa.



Quando observado o conjunto de casas modernas no setor Central de Goiânia, este se apresenta bastante diversificado. Os exemplares canônicos posicionados nas principais avenidas do bairro, participam de uma espécie de ‘pulverização’, em que a arquitetura de linhas totalmente puras vai dando lugar à fachadas com uma maior quantidade de elementos, que de forma empírica, e submissas a algumas adaptações, são plasticamente

influenciadas por diversas obras da cidade, e vão definindo uma linguagem própria, a partir de condicionantes como: implantação, tamanho do lote, privacidade, ou mesmo questões financeiras.

Esses exemplares são produzidos por profissionais, arquitetos ou não, com e sem formação acadêmica, que atuaram sob os princípios do Modernismo e deixaram sua marca no centro da cidade. Projetos originais em suas concepções que tem uma produção bastante associada à difusão dos elementos encontrados nos exemplares canônicos, tanto na plasticidade quanto na interpretação dos problemas projetuais que se apresentam individualmente.

A produção desses profissionais não é de fácil avaliação, pois se diferem muito na linguagem e no tratamento dado a algumas questões de projeto, além de favorecer bastante a interferência do proprietário nas decisões, o que torna o conjunto bastante heterogêneo. As edificações, de um a dois pavimentos, com sistema estrutural de lajes, vigas e pilares de concreto, assumem fachadas, principalmente as frontais, com composições volumétricas com maior quantidade de elementos. Característicos nos exemplares da arquitetura canônica estão bastantes presentes nesse panorama: planos de vidro generosos, cobogós, lajes planas, entre outros. As alterações de projeto prejudicam a visualização desse conjunto, e, se fazem bastantes presentes no contexto atual da cidade.

O Engenheiro Tristão Pereira da Fonseca Neto é um dos profissionais de destacada atuação na cidade. Embora esta pesquisa não tenha intenção de desenvolver uma biografia sobre os profissionais tratados aqui, convém ressaltar que o engenheiro contribuiu em muitos projetos residenciais na cidade, e algumas informações à seu respeito podem fechar lacunas. Nascido em Minas Gerais em 17 de dezembro de 1919, filho de Claudino Pereira Fonseca Neto e Vera de Andrade Fonseca, formou-se engenheiro civil em 1945 pela Universidade Federal de Minas Gerais. Já em 1945 tornou-se responsável pelo Departamento Nacional de Produção Mineral - DNPM do Ministério de Minas e Energia em Goiânia-GO, momento em que desenvolveu estudos para instalação de usinas hidroelétricas e promoveu um inventário do Rio Tocantins, função em que esteve até 1948.

A funcionalidade e a economia tiveram sua importância reafirmada de forma incisiva na sua obra, privilegiando aspectos eminentemente pragmáticos, e compartilhando de uma beleza resultado dessa racionalidade. Não considerou em sua produção o fator estético irrelevante, mas entendeu, dentro de sua visão funcionalista, que a expressão de suas obras resultaria da resolução lógica dos aspectos práticos e dos materiais utilizados na construção em primeira instância. Atenta-se aos problemas lógicos sem deixar a resolução estética de lado, atingindo-a de forma coerente, mas não como primeira preocupação.

Concomitantemente, a partir de 1946, trabalhou nas estações Ferroviárias de Goiânia a Leopoldo de Bulhões e construiu cerca de 30 (trinta) campos de pouso, no antigo norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Com intensa atuação, iniciou em 1949 seu trabalho como Secretário de Estado da Viação e Obras Públicas de Goiás até 1950. No ano de 1950 desenvolveu o projeto do Aeroporto da Cidade de Goiás, e subsequentemente, em 1951, o projeto do Aeroporto da Cidade de Catalão.

Em 1951 fundou a empresa T.P. Fonseca. Em 1952, segundo RIOS (2013), é escolhido como responsável técnico pelo projeto do parcelamento do Setor Jaó |**Figura 64**|, liderando profissionais alemães, e seguindo princípios como ruas largas, grandes alamedas e bulevares e mais uma série de elementos que remetem às cidades-jardins. Para Rios, Tristão criou afinidades com os alemães na área de engenharia, pois eles tinham altíssimos conhecimentos técnicos. Segundo o autor, Tristão assinava, mas quem elaborava todos os trabalhos de loteamento eram os militares alemães.

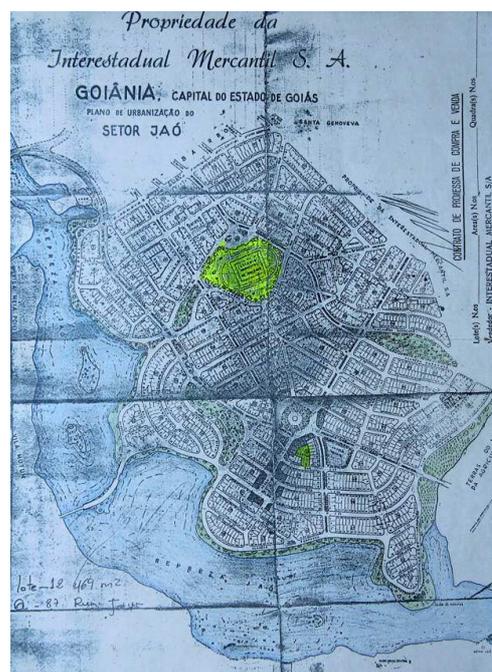


FIGURA 64 | PLANTA DO SETOR JAÓ.
JORNAL OPÇÃO, 2013.

Quando governador, Coimbra Bueno firmou um protocolo apocalíptico com a embaixada inglesa. O governo inglês desobrigava-se do ônus de manter 50 prisioneiros alemães e passava-os à responsabilidade do Estado de Goiás! Meses depois, chegaram de avião os 50 militares, que, levados para

a penitenciária, ali viveram pouco e foram alojados, após, em barracas às margens da represa Jaó. O governo cumpria sua obrigação de sustentar os alemães, tarefa coordenada pelo engenheiro Tristão Pereira da Fonseca.

(RIOS, 2013.)

Em 1955, Tristão da Fonseca construiu vários pavilhões da Santa Casa, o Colégio Assunção e vários galpões do Parque de Exposição, todos em Goiânia. No mesmo ano tornou-se Professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás, na cadeira de Materiais de Construção, até o ano de 1960. Entre 1955 e 1965 construiu as Escolas de Direito, Serviços Sociais, Arquitetura, Enfermagem e o Ginásio da Universidade Católica de Goiás e o Colégio Franciscano de Goiânia. Em Brasília trabalhou, em 1957, na implantação dos primeiros galpões e prédios pioneiros da nova Capital Federal na avenida W3 e mais 23 lojas comerciais; além de executar obras para a NOVACAP, Ministério do Exército, Ministério da Marinha e Fundação Zoobotânica.

Entre 1959 e 1960, em Goiânia, construiu o edifício do Ministério da Agricultura, trabalha na construção do Colégio Marista, e em Jaraguá, o Hospital e Maternidade da cidade. Entre 1960 e 1970 trabalhou na construção de vários grupos e ginásios no interior de Goiás, assim como vários bancos: edifício do Banco Mercantil, adaptações no edifício da agência central do Banco do Brasil em Goiânia, Banco do Brasil em São Luiz de Montes Belos, Banco do Brasil em Ceres, interior de Goiás, Banco Nacional agência Campinas em Goiânia, Banco Nacional agência W3 em Brasília, 30 lojas comerciais na Avenida W3 em Brasília, edifício Moisés Abrão na Av. Anhanguera em Goiânia, Galeria Anhanguera em Goiânia, Cine Casa Blanca em Goiânia, Cine Eldorado de Campinas, em Goiânia, edifício Minas, Hospital Santa Helena, e vários outros. Constrói a primeira parte da Basílica de Trindade, momento em que foi construída a Cúpula da igreja, o sistema de abastecimento de água da cidade de Jaraguá-GO.

Construiu os pavilhões do Corpo de Fuzileiros Navais de Brasília e o pavilhão da radiologia do Hospital da ENFA, além da captação de água da cidade de Petrolina-GO e da fábrica de Azulejos e pisos CEMINA em Anápolis-GO. Entre 1979 e 1982 assumiu o cargo de diretor técnico da Companhia de Distrito Industriais de Goiás. Em 1980 construiu a

Maternidade da Santa Casa de Catalão. Em 1986 tornou-se professor da Universidade Federal de Goiás. Em 1989 mudou-se para Miracema do Tocantins, quando ajuda a construir as primeiras obras do recém-criado Estado do Tocantins. Em 1990, transferiu-se para Palmas na condição de Consultor Técnico do Tribunal de Contas do Estado.

Em 1991 voltou a construir residências em Goiânia. Entre 1992 e 1993 executou vários edifícios para fins residenciais, em Palmas. Entre 2009 e 2012 executou vários edifícios para fins residenciais em Trindade – GO, pouco antes de seu falecimento. Algumas residências produzidas pelo engenheiro nas décadas de 1950 a 1980 não foram encontradas registradas no Conselho Regional de Engenharia de Arquitetura e Agronomia (CREA – GO), apenas no acervo pessoal do engenheiro, pois, apesar de os Conselhos terem sido instituídos pela Lei nº 5194 de 1966, o CREA em Goiânia só possui registros a partir da década de 1970. Ao fim de sua carreira havia construído cerca de 500 residências em Goiânia e no Nordeste, geralmente obras de alto e médio padrão. Devido ao tamanho e às influências recebidas durante tantos anos de produção, é possível encontrar em seu acervo casas em diferentes ‘estilos’.



Avenida Paranaíba esquina com Rua 7,
Setor Central
Engº Tristão da Fonseca



ACERVO PESSOAL, 2015

Rua 9-A qd. 12-A lote 23,
Setor Aeroporto
Engº Tristão da Fonseca



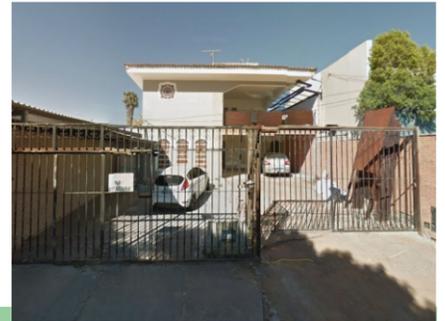
ACERVO PESSOAL, 2015

Rua 6 quadra G3 lote 55,
Setor Oeste
Engº Tristão da Fonseca



ACERVO PESSOAL, 2015

Rua 123 lote 27,
Setor Sul
Engº Tristão da Fonseca



ACERVO PESSOAL, 2015

Rua 119-A lote 2,
Setor Sul
Engº Tristão da Fonseca



ACERVO PESSOAL, 2015

LEGENDA:

- Demolida
- Setor Leste Vila nova
- Setor Aeroporto
- Setor Oeste
- Setor Sul

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização.

Casa Pedro Abrão Filho.

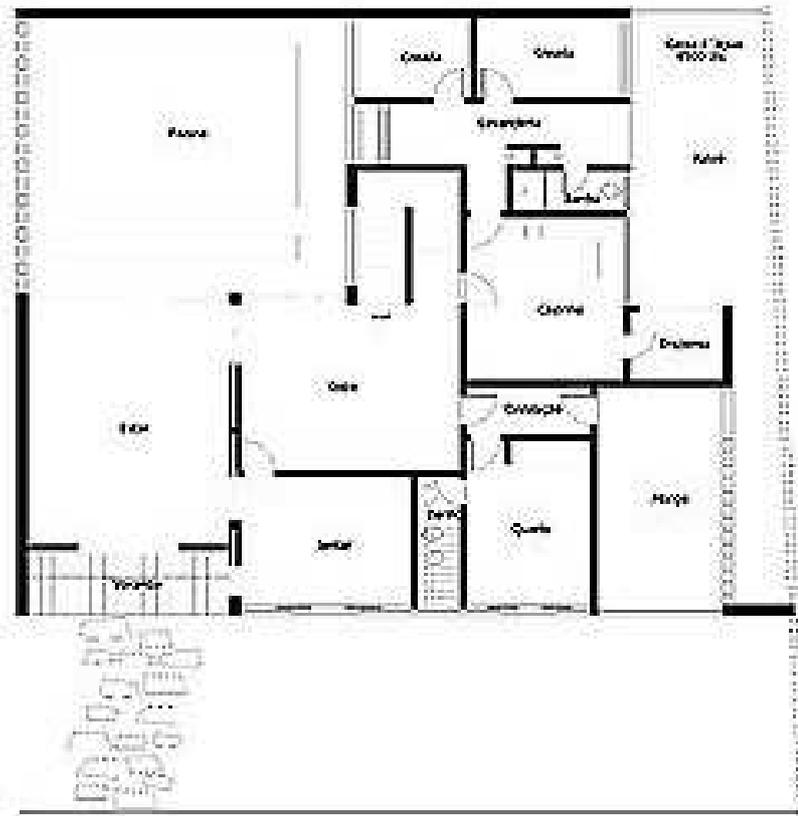
FIGURA 65 | CASA PEDRO ABRÃO FILHO – ENGENHEIRO TRISTÃO DA FONSECA, SEM DATA COMPROVADA. ACERVO PESSOAL, 2013.

Projetada pelo engenheiro Tristão da Fonseca Neto, a residência de Pedro Abrão Filho, na Avenida Paranaíba no Centro, apresenta uma horizontalidade que se destaca no lote de esquina em que está implantada. As grandes janelas do pavimento superior voltadas para a avenida de grande fluxo tem a privacidade preservada através das venezianas de madeira. A planta possui uma integração parcial apenas nas áreas sociais situadas no térreo. A parte íntima está no segundo pavimento, essa setorização é a solução mais comumente encontrada.

A disposição assimétrica da forma pura rege a composição de implantação, onde os blocos construídos são organizados de forma equilibrada. A única divisão aparente no volume é a diferença entre o tamanho do bloco superior que avança além do bloco do pavimento térreo. O recuo do térreo favorece a transição suave da área verde externa para a parte interna. Cercada por um gradil, hoje essa área é de uso restrito aos moradores, mas anteriormente permitia a socialização entre moradores e espaço público, atuando como local de transição entre a casa e a cidade.



PAV. SUPERIOR



PAV. TÉRREO

FIGURA 66 | PLANTA BAIXA SUPERIOR E TÉRREO CASA PEDRO ABRÃO FILHO – TRISTÃO DA FONSECA NETO. VAZ E ZÁRATE, 2005.

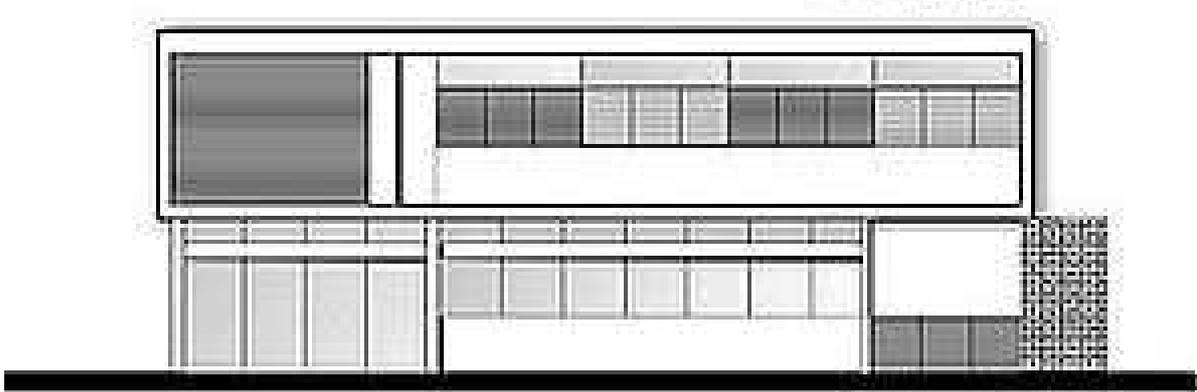
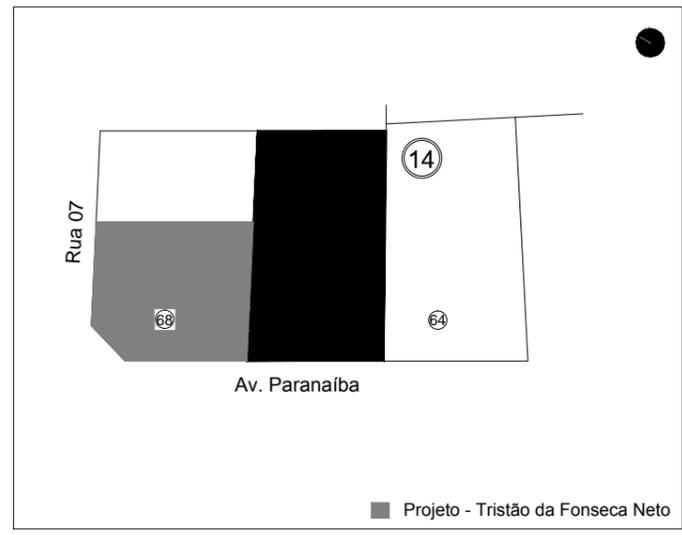
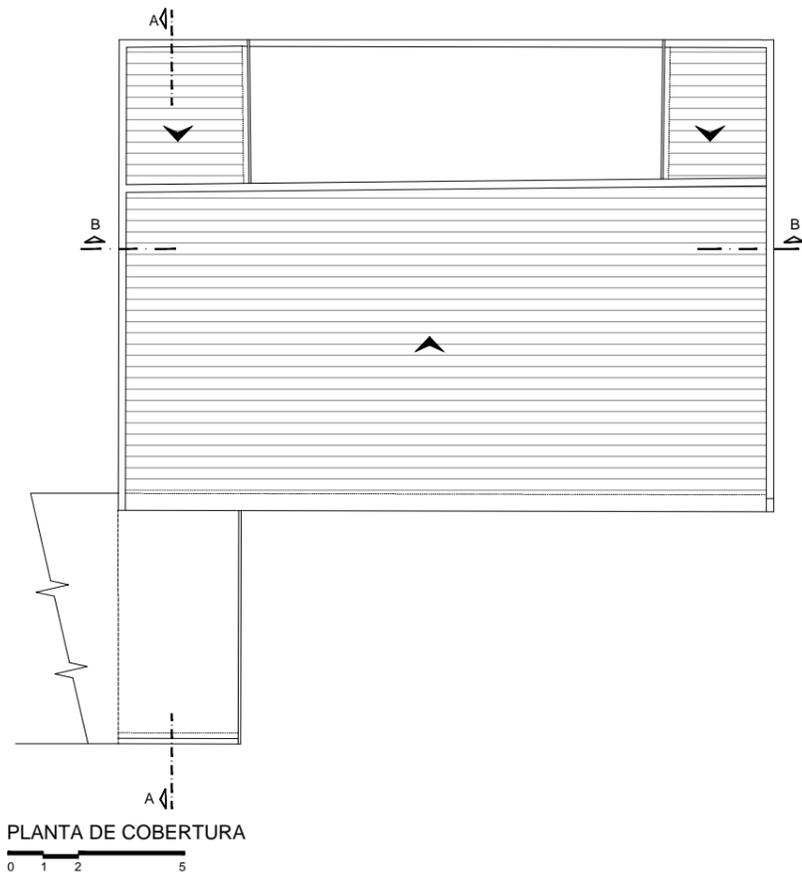


FIGURA 67 | FACHADA FRONTAL CASA PEDRO ABRÃO FILHO – TRISTÃO DA FONSECA NETO.
VAZ E ZÁRATE, 2005.

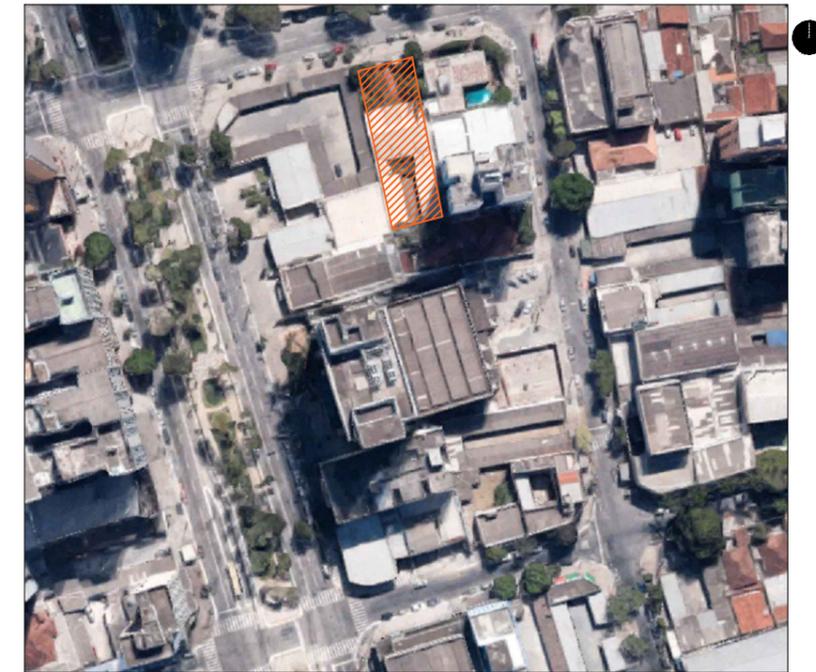
Na mesma casa, em 1968, a ampliação de uma dependência, que foi executada posteriormente. No programa da nova construção um amplo salão de festas com suporte de uma cozinha, sala, banheiro, lavanderia e depósito. O volume foi estruturado em uma parede de espessura maior que as demais, e já construída da residência. O salão de festas é delimitado por duas amplas e permeáveis fachadas em esquadrias de vidro. Um volume à esquerda setoriza toda a parte de serviços, restando à direita, apenas a locação do depósito. Um pátio entre depósito e lavanderia serve de apoio para os serviços.

As casas de Tristão da Fonseca, dentro do conjunto das residências construídas no panorama moderno assumem diferentes posturas. No caso da residência Pedro Abrão Filho, há uma fácil associação com obras projetadas por vários arquitetos da cidade e com intenção formal mais próxima do repertório moderno, o que não se configura totalmente na organização espacial do edifício. Nele predominam os volumes simples, acentuadamente geométricos; as linhas horizontais, os materiais diversos, vãos generosos de janelas. Essas residências passam a integrar a paisagem da cidade e materializam a imagem de modernidade que será almejada e reproduzida com restrições por outras casas da cidade.

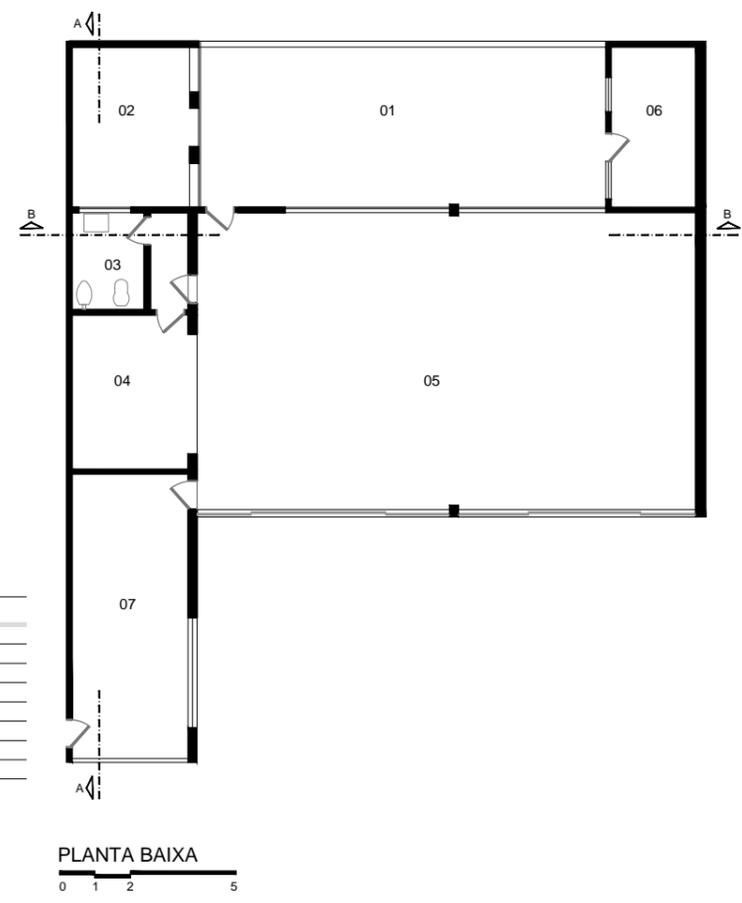
Entretanto, essa tipologia não representa a totalidade da obra do engenheiro. Outros tipos de abordagem se fazem presentes na sua produção, no que diz respeito à linguagem do projeto arquitetônico, como o encontrado na casa da rua 23.



PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:1000

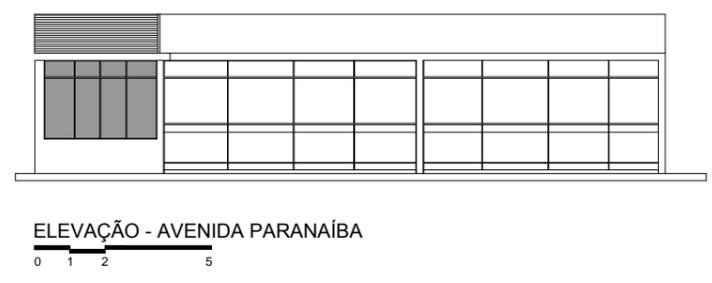
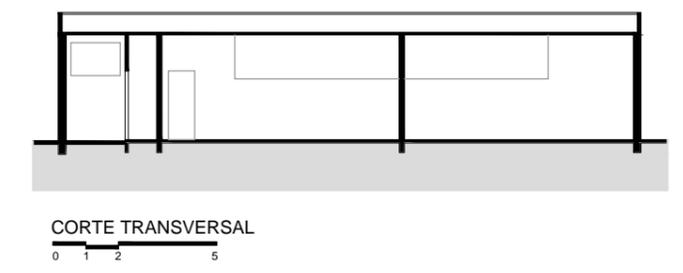
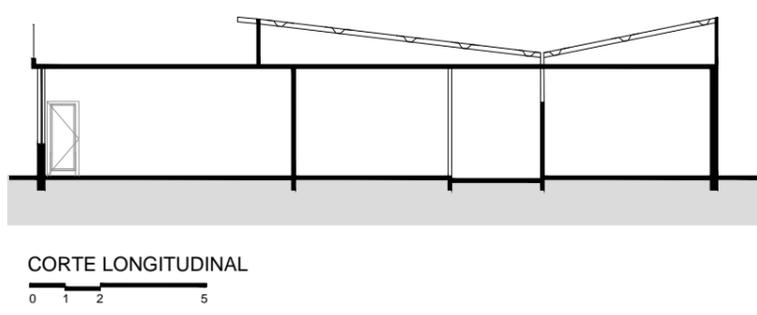


QUADRA 66 LOTE 14
SETOR CENTRAL
ÁREA DO LOTE: - 690,15 m²
ÁREA CONSTRUÍDA: - 214,22 m²



LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Pátio
2	Lavanderia
3	Sanitário
4	Sala
5	Salão de Festas
6	Depósito
7	Cozinha



Casa da Rua 23.

FIGURA 68 | CASA DA RUA 23 – TRISTÃO PEREIRA DA FONSECA NETO, SETOR CENTRAL. ACERVO PESSOAL, 2013.

Responsável pelo projeto arquitetônico⁷⁵, Tristão da Fonseca morava na mesma rua que a proprietária da casa, fator que os aproximou e o fez desenvolver o projeto da residência. Na casa, assim como em sua obra de forma geral, o engenheiro não trata a forma como prioridade sobre o conteúdo da obra, tornando-se um fator plástico apenas, autônomo em relação ao projeto, mas procura uma interpretação do moderno associado às questões práticas e de inovação.

Ao comparar-se a casa Pedro Abrão filho e a casa da Rua 23 [Figura 67], percebe-se uma dualidade. Os aspectos desta última evidenciam, mesmo que em outra escala, características semelhantes às encontradas na obra do engenheiro, como os planos de vidro generosos e a pureza das formas geométricas. Entretanto, essas características estabelecem uma relação de maior intensidade associadas à presença de outros elementos construtivos, numa tentativa de conciliação entre esses ‘elementos de modernidade’ e questões como: o lote de dimensões menores, questões socioeconômicas, e um programa mais enxuto.

⁷⁵ Não foram encontrados nos órgãos responsáveis pelo registro dos projetos arquitetônicos data ou autoria do projeto que confirmassem as informações cedidas pela proprietária, comum em projetos desse período.

A família que opta por nela morar mostra-se sensível e receptiva às transformações do modo de morar e às inovações delas decorrentes. Os setores social e íntimo são resolvidos na casa em um volume único, a platibanda é mesclada a telha aparente, que avança poucos centímetros, apenas para proteger a aberturas dos quartos. Nota-se ainda que o tipo de cobertura, e a diferença de altura ressaltam os volumes. O arranjo das funções em níveis distintos demonstra uma adequação ao terreno. Do ponto de vista formal é composta por um volume simples, porém tratado intensamente pelos materiais e texturas agregados à fachada. A casa que em um primeiro momento só possuía um pavimento, teve seu segundo pavimento construído posteriormente. O estado de conservação da casa é razoável. Para além do setor Central, Tristão da Fonseca também trabalhou em quase todos os bairros abordados por essa pesquisa, e em parceria com diversos arquitetos.



Outro representante importante dentro desse conjunto de obras no centro da cidade, e em outros bairros é o projetista Américo Pontes. Entre seus diversos projetos está a casa do engenheiro Gilberto Nascimento, proprietário da antiga empresa E. Nascimento Engenharia e Construções Ltda⁷⁶. Américo Pontes projetou junto ao engenheiro Gilberto Nascimento diversas outras casas, além da casa do próprio engenheiro na Rua 16, no setor Central, em 1957 |Figura 69|. Os cálculos estruturais e a construção foram de responsabilidade do proprietário.⁷⁷

A construção iniciada em 1957 foi paralisada após Gilberto Nascimento viajar para Minas Gerais à trabalho, retornando apenas um ano depois, quando finalizou a parte básica da casa para que pudesse mudar com a esposa; o que aconteceu em 1960. O engenheiro Gilberto Nascimento também assina a responsabilidade técnica e o projeto de arquitetura, entretanto é de sua autoria apenas um croqui inicial da obra, o projeto arquitetônico foi

⁷⁶ O engenheiro Gilberto Nascimento trabalhou na construção das casas do conjunto Lar Brasileiro no setor Sul.

⁷⁷ Em Entrevista concedida pela esposa do engenheiro Gilberto Nascimento, Maria Sílvia Nascimento em 14/08/2014, ainda proprietária da casa, ela confirma a autoria do projeto por parte de Américo Pontes.

totalmente desenvolvido por Américo Pontes, que não poderia assinar o projeto pela falta da formação profissional.



**FIGURA 69 E 70 | CASA GILBERTO NASCIMENTO:
PROJETO EM PARCERIA COM PROJETISTA AMÉRICO
VESPÚCIO PONTES.
ACERVO PESSOAL, 2013.**

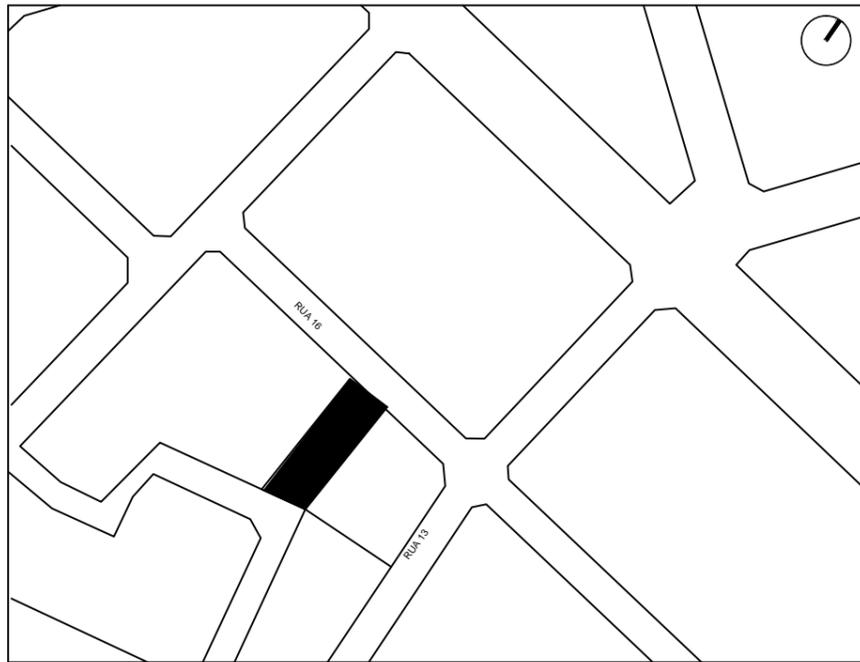


**FIGURA 71 | CASA DA RUA 20, SETOR CENTRAL.
ACERVO PESSOAL, 2013.**

A casa está em ótimo estado de conservação, mas possui mudanças pós-ocupação. O próprio engenheiro fez acréscimos na residência, ampliando um quarto e um banheiro no pavimento superior, cobriu a laje impermeabilizada e ampliou a platibanda para reduzir a temperatura em seu interior. As duas salas compartimentadas foram transformadas em um ambiente único. A parte livre do térreo transformada em um loft independente. O espelho d'água abaixo da escada foi desativado e demolido, aumentando a área de garagem. Alguns móveis ainda são originais da época. Américo Vespúcio Pontes tem grande produção no cenário residencial na cidade, à exemplo, a casa na Rua 1, no Setor Oeste, destacada por Vaz e Zárte (2005) em artigo publicado no site Vitruvius, e a casa da Rua 20 | **Figura 70** |, no setor Central, já bastante modificada.⁷⁸

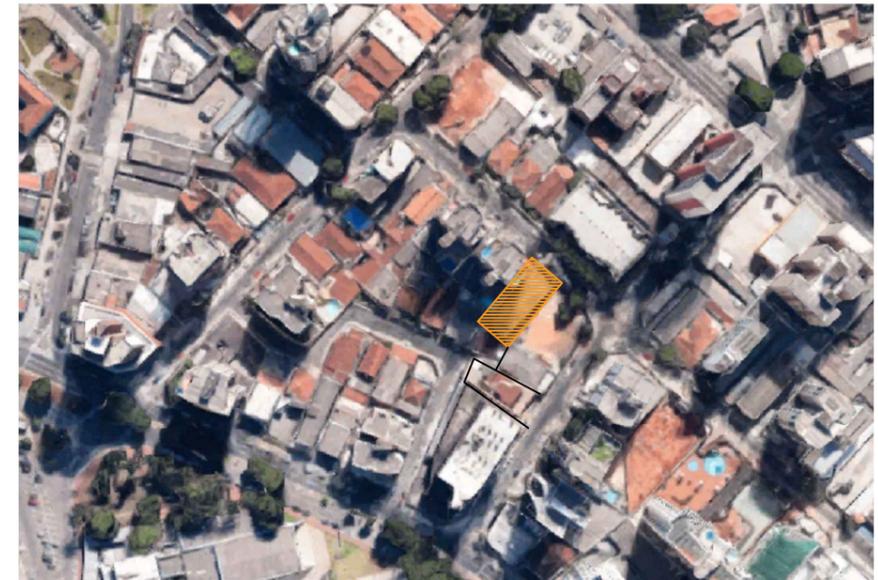
⁷⁸ Ver Mapa 3 – Primeira Abordagem.



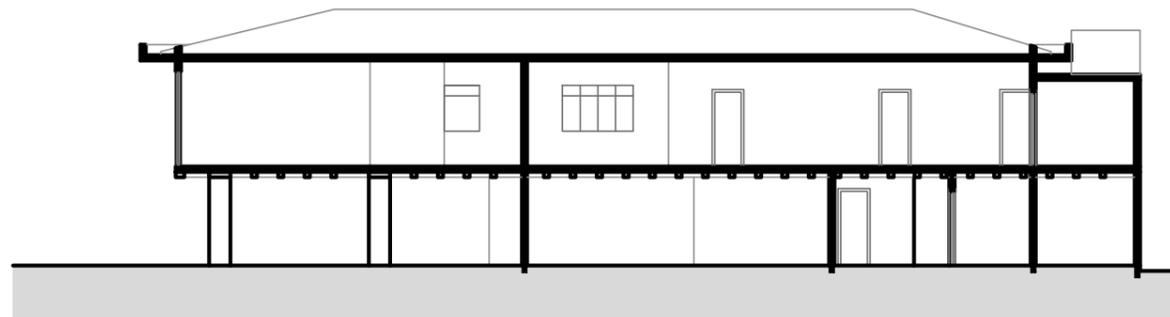


PLANTA DE SITUAÇÃO

Escala 1:2500

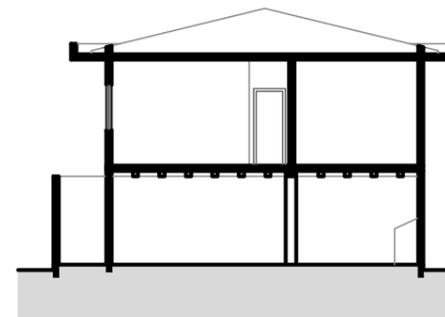


RUA 16 SETOR CENTRAL



CORTE LONGITUDINAL

0 1 2 5



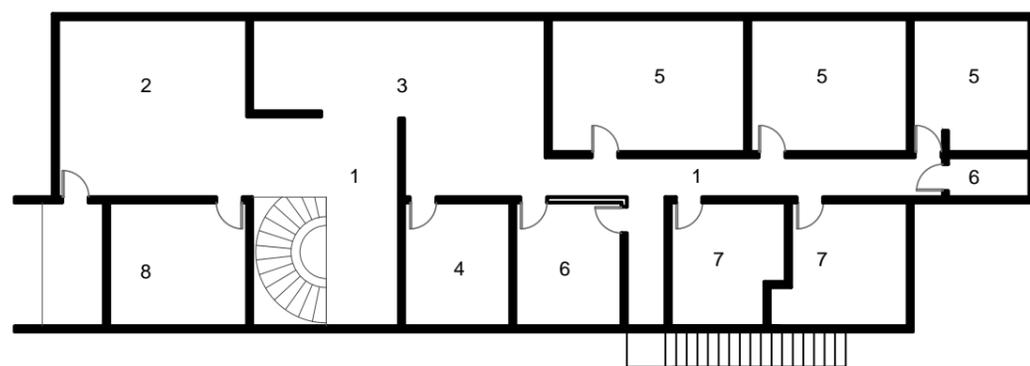
CORTE TRANSVERSAL

0 1 2 5



VISTA LATERAL

0 1 2 5

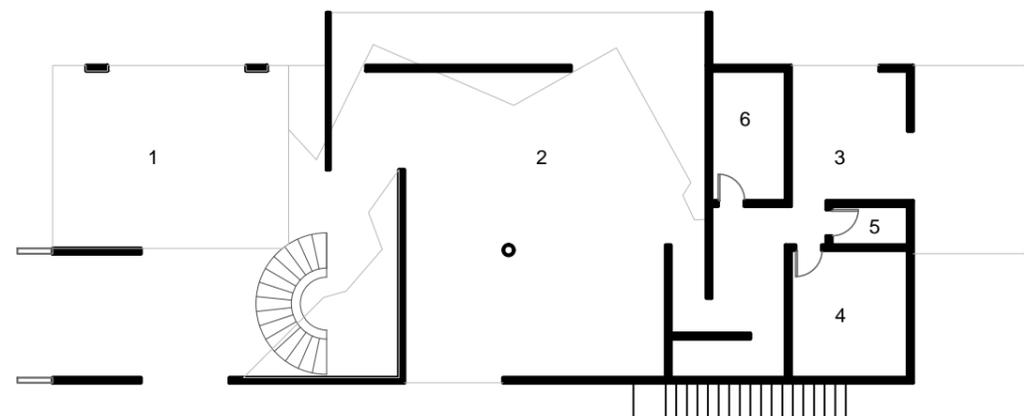


LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Circulação
2	Sala de Estar
3	Sala de Jantar
4	Cozinha
5	Suite
6	Banho
7	Quarto
8	Escritório

PAVIMENTO SUPERIOR

0 1 2 5



LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Garagem
2	Loft (acrecimo posterior)
3	Área de serviço
4	Quarto Serviço
5	Banho Serviço
6	Depósito
7	

PAVIMENTO TÉRREO

0 1 2 5



FIGURA 72 E 73 | CASA ENGENHEIRO NESTOR GUIMARÃES SOUZA – ENGENHEIRO NESTOR GUIMARÃES SOUZA, 1968.
ACERVO PESSOAL, 2013.

Partindo da estruturação desses exemplares no tecido urbano do setor Central, a própria ocupação e desenvolvimento do bairro cooperaram para a difusão da arquitetura moderna. A cidade, como capital do novo Estado, desenvolveu-se em grande velocidade. A população dobrou de uma década para a outra em um fluxo migratório intenso, aumentando a pressão no setor habitacional e nos serviços públicos. Com o crescimento econômico e populacional e a expansão do sistema bancário nacional, instituições impulsionaram o investimento em habitação, como é o caso também dos Institutos de Pensão, responsáveis na cidade pela divulgação da arquitetura moderna.

Essa relação ocorre por toda cidade, não apenas no setor Central, e não só pelos órgãos responsáveis pelas questões habitacionais. Uma leitura no panorama arquitetônico do bairro revela manifestações populares do moderno, em obras de autores desconhecidos, construídas a partir da influência das casas modernistas canônicas, como é o caso do bairro Popular. Com o início da construção do plano de Attilio Corrêa Lima e a chegada das pessoas que vinham para a construção da cidade e que precisavam se abrigar próximos aos canteiros de obras, e diante do traçado do setor Central totalmente definido, o bairro passa a ser circundado por ocupações espontâneas, dando origem ao bairro Popular.

Posteriormente regulamentado, e ocupado por pessoas de classe média e baixa, principalmente funcionários públicos, o bairro tinha uma situação privilegiada, junto ao Centro, e acabou sendo absorvido pelo mesmo em momento posterior, sendo reconhecido

por lei como setor Central. Diante disso temos um centro oficial, e um centro que nasce em função de necessidades práticas da população local. As casas do bairro foram construídas nas ruas abaixo da avenida Paranaíba, estendendo-se até a avenida Independência. Casas localizadas em “uma região muito populosa, sem grandes mansões, mas com casas confortáveis e modernas”⁷⁹.

Casas “modernas”

A ideia de bem morar como sinônimo de morar de maneira moderna, segundo Costa (*apud* ARRUDA, 2004, p. 6) se instaura nos anos 1930, em que um conjunto de profissionais inspira-se não somente nas realizações de Gropius e Mies van der Rohe, assim como na obra de Le Corbusier, encarada por alguns autores como referencial na arquitetura. Em Goiânia, segundo Gonçalves (2003, p. 81), “os exemplares residenciais do Modernismo caracterizaram uma nova linguagem na cidade, destacando-se na paisagem”, contribuindo com uma nova forma de pensar a casa nesse período.

É possível relacionar semelhanças entre a arquitetura de Goiânia e o contexto brasileiro da produção modernista, através da influência recebida pelos profissionais atuantes na cidade. Para Mello (1996), “arquitetos que trabalharam na cidade nesse momento compartilharam do contexto brasileiro vivido pela arquitetura.” Esses projetos residenciais, as ideias, a modificação de sua organização espacial e a forma de construir foi incorporado pela população da cidade.

Os projetos modernistas marcados pelo racionalismo e funcionalismo, além de características como formas geométricas definidas, falta de ornamentação; separação entre estrutura e vedação, uso de pilotis a fim de liberar o espaço sob o edifício, panos de vidro contínuos nas fachadas ao invés de janelas tradicionais; integração da arquitetura com o paisagismo, e com outras artes plásticas passam a mudar a paisagem dos bairros. E essa

⁷⁹ Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Habitação (Seplanh) - Acervo Goiano/2.1.2 bairros: Região Central- Biblioteca Cora Coralina, 2000.

arquitetura se dispersa, como sugere Daher (2003) ao afirmar que os arquitetos se tornaram nômades, difundindo a arquitetura moderna como ocorreu com Goiânia.

Mais uma vez a produção da habitação na cidade é associada à modernidade. No antigo Bairro popular, hoje incorporado ao setor central, as casas construídas inicialmente pela Construtora Lar Brasileiro e, em seguida, pela firma Coimbra Bueno, se mesclam à exemplares de arquitetura vernácula. A ideia da implantação do bairro, segundo consta em arquivos da prefeitura de Goiânia, foi do próprio interventor, Pedro Ludovico Teixeira, e ainda hoje algumas casas pertencem aos pioneiros da cidade. A manifestação de um Modernismo difuso e singular no bairro revela a popularização dessa linguagem frente a casas com um programa por vezes, bem mais compacto, em casas com padrões construtivos e financeiros diferenciados.

Por vezes a relevância desse tipo de Modernismo é questionada frente a argumentos estéticos demonstrando a existência, portanto, de critérios que definiriam os valores estéticos, não subjetivos, mas objetivos e que estabeleceriam e evidenciarão o que seria aceitável como arquitetura moderna, dos quais esses exemplares difusos não fariam parte. Convém ressaltar alguns exemplares desse panorama, dos quais o Centro da cidade é um dos maiores representantes. Casas em sua maioria de um pavimento, feitas por pequenos construtores e proprietários que, inspirados pela linguagem moderna 'pura', associaram e apropriaram-se de alguns elementos.

Tomando por base suas características, geralmente a composição do pavimento térreo se constitui de: uma pequena varanda com ou sem alpendre, um espaço que se comporta como sala de estar e jantar juntos, quando não, uma cozinha com uma pequena copa que adquire a função de jantar, banheiros com revestimentos 10x10cm de cor azul, amarelo ou rosa⁸⁰, e um número variável de quartos com uma suíte. As casas também possuem sistema estrutural em lajes, vigas e pilares de concreto.

⁸⁰ As únicas cores desse tipo de revestimento existente e acessível para a população na época.

Nestas casas, o vazio acontece em menor proporção, fazendo parte do programa, como um jardim interno, ou um espaço que organiza a planta, mas se comporta frequentemente como jardins anexos à casa. Muitas vezes, as propostas modernas se condicionam à elementos morfológicos da arquitetura tradicional, como a platibanda que esconde o telhado cerâmico, ou a implantação que se desprende de três das laterais do lote, mas permanece dependente de uma delas.



FIGURA 74 | CASA RUA 8.
ACERVO PESSOALM, 2013.



FIGURA 75 | CASA RUA 24.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 76 | CASA MÁRIO RODRIGUES DE OLIVEIRA, 1959.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 78 | CASA RUA 9.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 77 | CASA RUA 23.
ACERVO PESSOAL, 2013.

A relação do edifício com o lote e o espaço público pode ser comparada. Propostas como a soltura em relação ao lote, elevação por pilotis e a transição entre interior e exterior precisam ser reinterpretadas visto à escala bem menor dos lotes, mantendo alguns aspectos tradicionais. O volume único e compacto das casas é por vezes ressaltado por pequenos avanços de platibanda, ou beirais de telhado aparente. A figura do pátio, elemento organizador e integrador da planta, tão utilizado nos exemplares cânones da arquitetura moderna, aparecem de forma tímida, em pequenos jardins internos ou adjacentes às casas.

A ‘varredura’ utilizada neste levantamento sugere uma visão pessoal deste panorama, mas pretende contribuir para uma leitura dessa produção, servindo ainda como instrumento de visualização do cenário histórico e local dessas obras. Esse conjunto de moradias vem se descaracterizando com as interferências sofridas no centro, pela transformação de grande parte das obras em pontos comerciais, assim como ocorre no centro de diversas outras cidades brasileiras.

Fica evidente o interesse da população local por uma arquitetura moderna que oferecesse uma proposta de convivência com a tradição. A ousadia das propostas plásticas foi inegável, tanto no moderno ‘puro’ quanto difuso. Os projetos são indícios de um formalismo contraposto à tradições construtivas, mas que não se reduziu à percepção da arquitetura moderna como o ornamento do pilar, ou da platibanda.



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

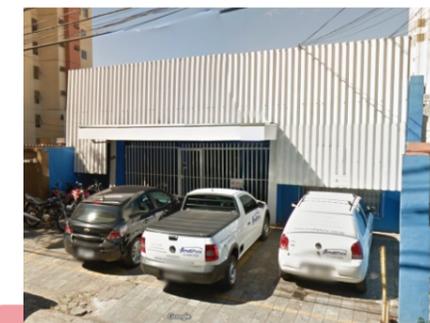
norte



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



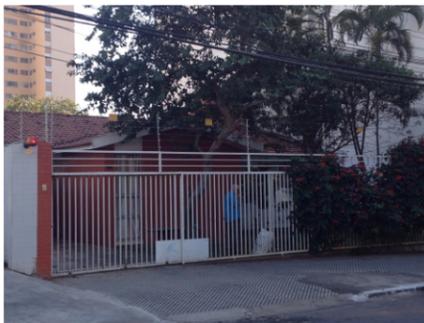
ACERVO DO AUTOR, 2015

MAPA DO SETOR CENTRAL, GOIÂNIA - GO

LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

- VISÃO GERAL: SETOR CENTRAL - 1/4 - MAPA 4



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

norte



LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



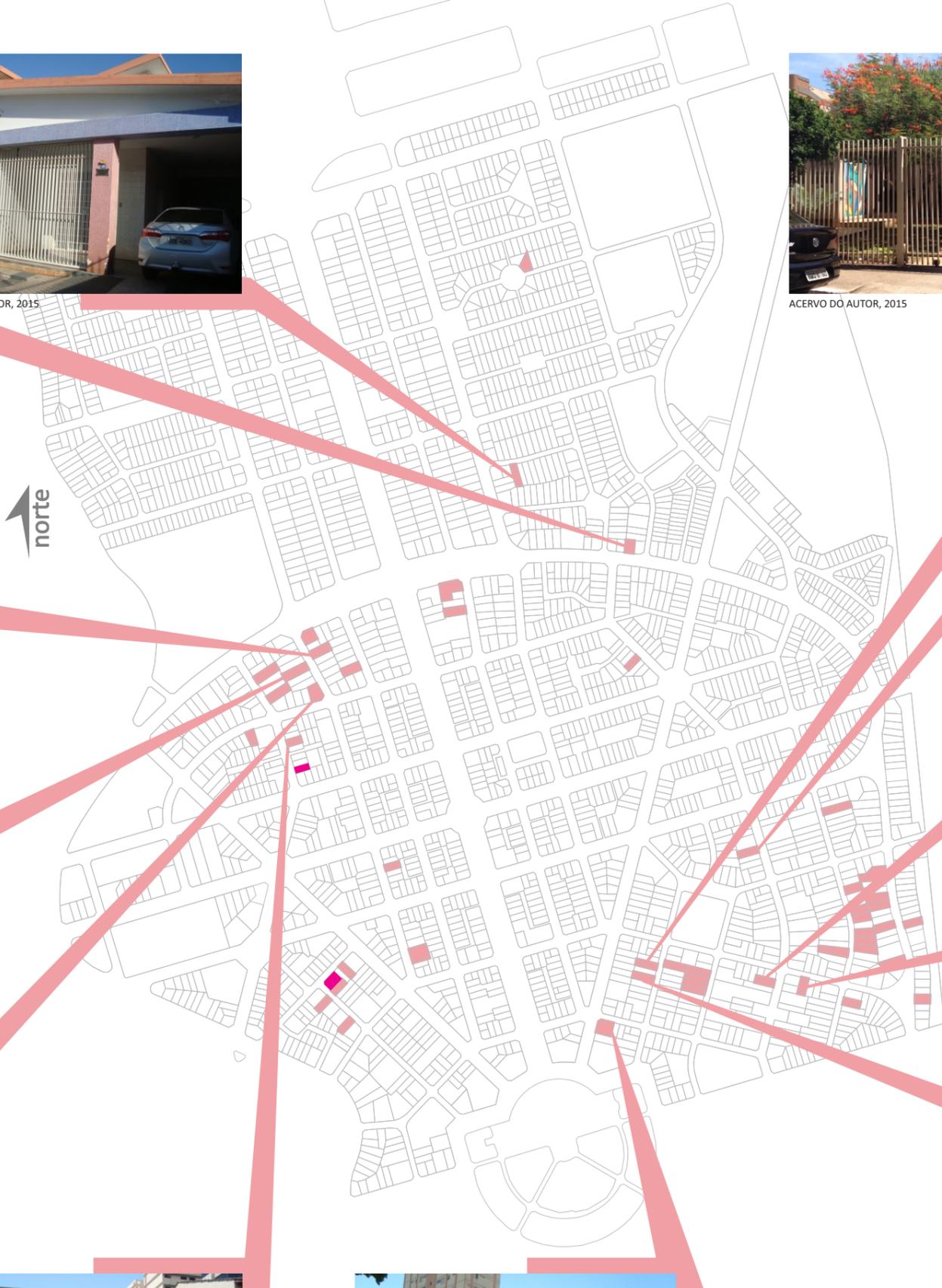
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



norte

LEGENDA:
■ Demolida
■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

- VISÃO GERAL: SETOR CENTRAL - 3/4 - MAPA 4



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



SILVA NETO, 2010

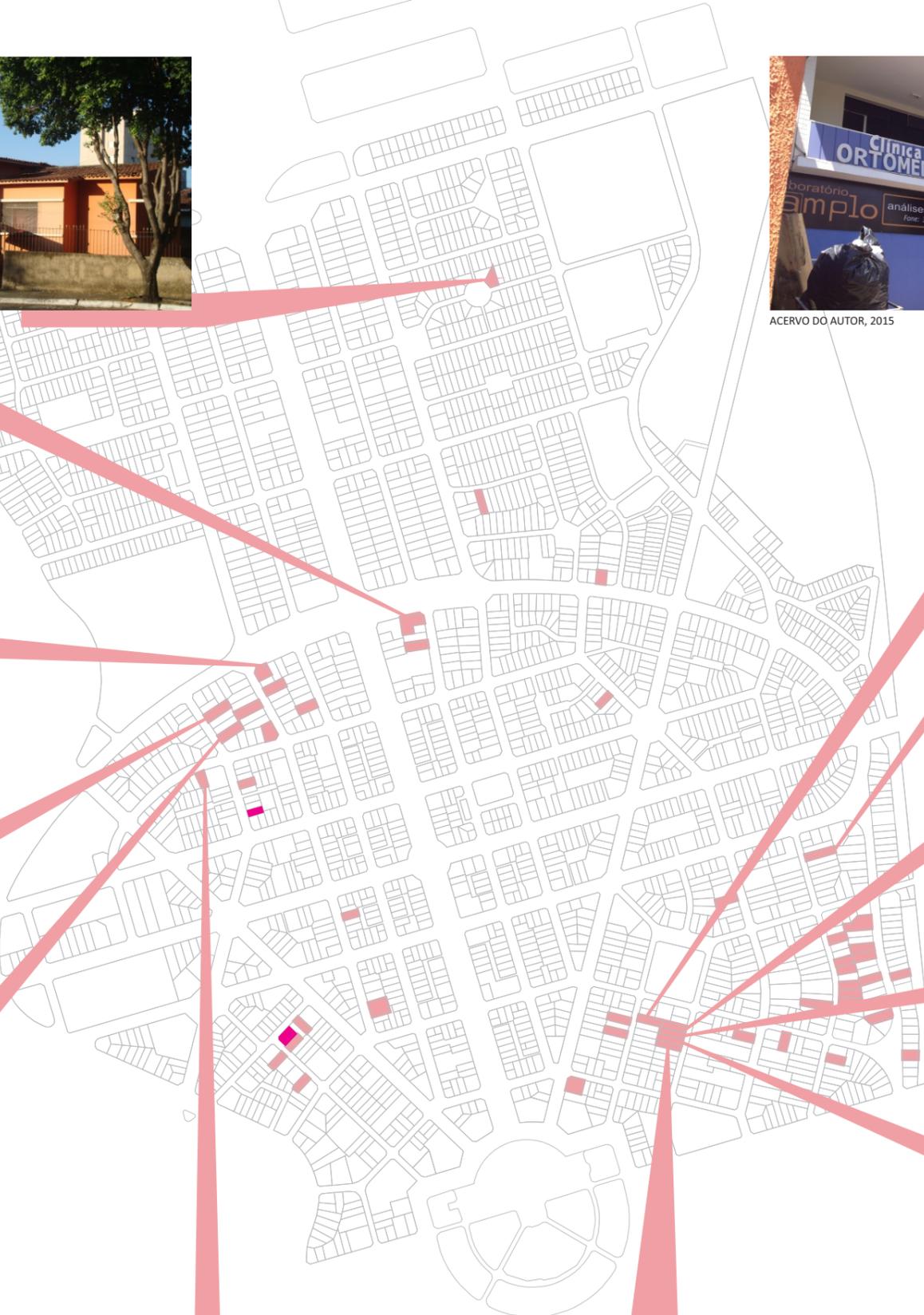


ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

norte



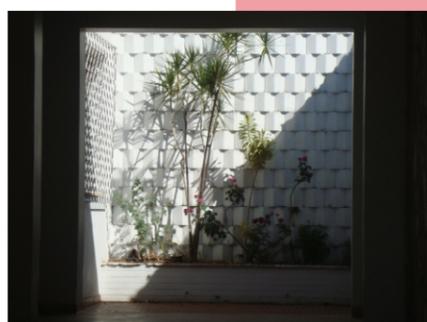
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

O Setor Sul

Mas a tentativa de revisão crítica é também no sentido de entender a cidade naquilo que ela tem de mais positivo, negando certos valores da estética oficial, antes considerados vanguardistas, mas que hoje se verifica que eles não produziram conceitos realmente basilares. Atualmente, pode-se aceitar tranquilamente que não haja uma estética oficial, cristalizada, mas sim espaço para diferentes estéticas, possibilidade para a expressão pessoal, para a busca de conceitos com os quais o usuário se identifica.

ZEIN, 1984, p. 25

A partir do setor central, a cidade se expande para o sul, o que segundo Moraes (1991, p. 34), era naturalmente esperado, visto que a área de implantação do Plano de 1933 de Attilio Corrêa Lima já havia sido deslocada para o sul, e as terras adquiridas pelo estado se prolongavam nessa direção, sendo limitadas ao norte pelos córregos Botafogo e Capim Puba. “Com o centro da cidade localizado ao norte da gleba inicial, boa parte da área do estado ficou livre ao sul, o que já sugeria local para possível expansão.” (JUBÉ, 2000, p. 50)

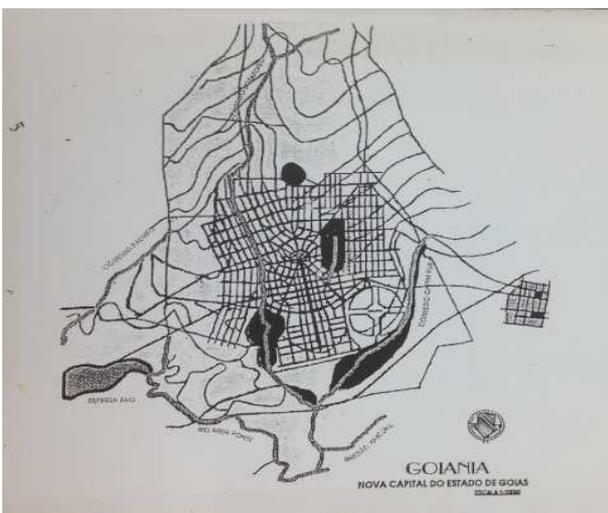


FIGURA 79 | ANTEPROJETO DA CIDADE DE GOIÂNIA 1933 – ATTILIO CORRÊA LIMA.

PLANO DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE GOIÂNIA, PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA, 1994, P.6.

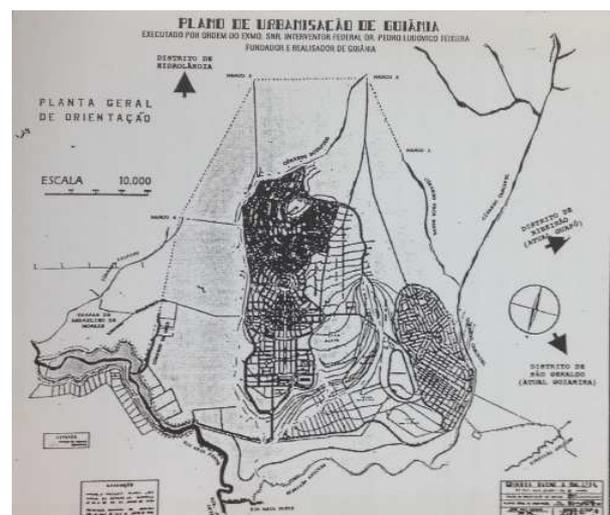


FIGURA 80 | PLANO DE URBANIZAÇÃO DE GOIÂNIA LEI Nº 90-A 1938 – ARMANDO DE GODOY.

PLANO DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE GOIÂNIA, PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA, 1994, P.6

A partir de 1935, Armando Augusto de Godoy procede a reformulação do Plano de Atilio [Figura 80], mantendo somente o que já havia sido implantado, o setor Central e o Bairro Popular, e situando ao sul da Praça cívica as ruas que se tornaram os primeiros esboços do setor Sul.



FIGURA 81 | CARTAZ DE DIVULGAÇÃO EM GOIÂNIA SUGERE O ENRIQUECIMENTO NA VENDA DE LOTES APROVADA PELO ESTADO. R.PINTEREST.COM/PIN/466615211361755696/?FROM_NAVIGATE=TRUE

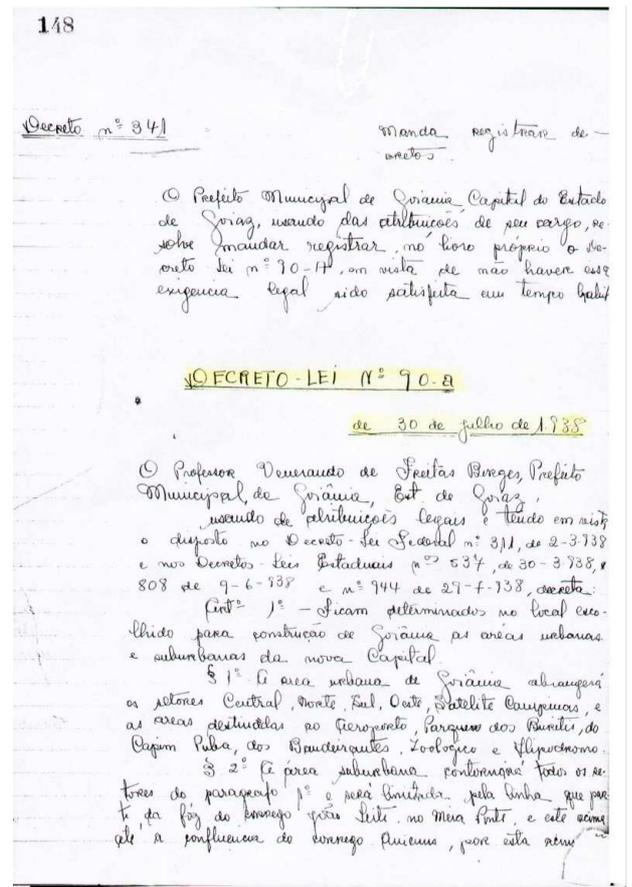


FIGURA 82 | DECRETO 90-A DE 1938 SOBRE A IMPLANTAÇÃO DE VÁRIOS BAIRROS, ENTRE ELES, O SETOR SUL. CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOTECA DO SEPLAN

Essas reformulações de Godoy resultaram em um direcionamento da ocupação e crescimento da cidade que foram respeitadas, com algumas exceções. Apesar das pressões para liberação do controle do estado sobre a comercialização das áreas do setor Sul, em função do aumento da população na cidade na década de 1940, as primeiras ocupações caracterizadas pelo uso residencial aconteceram efetivamente entre os anos 1950 e 1960.

Sob o controle estatal a cidade se expandiu para o sul até 1950, em direção às áreas do estado, e para Oeste em direção à área dos irmãos Coimbra Bueno.⁸¹

Uma medida administrativa proibiu a construção no bairro durante certo período de tempo e serviu como motivo de valorização⁸² dos lotes, e como incentivo para uma ocupação por parte de uma população de alto poder aquisitivo que construía de forma a manter essa valorização através de residências de padrão elevado. O próprio poder público, responsável por fazer cumprir o projeto urbano, aprovou projetos que desrespeitaram o plano inicial para o bairro, que pretendia voltar as construções para as áreas verdes internas, e não para a rua, segundo planejado por Godoy⁸³, tornando-se o argumento principal para que os proprietários se apropriassem de forma indevida dessas áreas verdes através da construção de muros. Segundo Caixeta (1985, p. 49), o costume de morar da população se sobrepôs, construindo suas “casas para a rua, para o movimento, para o palco de todos os acontecimentos.”

A partir de 1980 o bairro passa por outro processo, em que o uso comercial é intensificado diante de uma mudança de uso das edificações. A proximidade faz com que o bairro seja considerado uma extensão do Centro, aumentando sua vocação como região favorável à instalação de comércios e serviços. O projeto de Armando de Godoy perdeu

⁸¹ Conforme Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia, Segunda fase: A Criação do Lugar – 1933 a 1950. Prefeitura Municipal de Goiânia, p. 6 a 10.

⁸² Um alqueire de terras na região valia em média, antes da fundação de Goiânia, 50 mil réis; em 1938, passava a custar cerca de quatro contos de réis. (DIÁRIO DA MANHÃ, 28 DE ABRIL DE 1999)

⁸³ “Percebe-se nas propostas de Armando de Godoy suas preocupações ecológicas inclusive com o projeto do Setor Sul que se assemelha a cidade de Welyn de 1919, projetada por Louis de Soissons... Foram seguidas as orientações do Dr. Godoy, percebe-se nele a retomada dos moldes de subúrbios de “Redburn”, em New York, projetado essencialmente para residências. “Assim projetamos, com o auxílio do Dr. Werner Sonemberg, este setor e pretendemos projetar o Oeste”. “O Armando de Godoy deu as diretrizes calçadas nas cidades americanas. Então nós, lá no Rio, começamos a projetar de acordo com os levantamentos. Praticamente o Armando não chegou a riscar nada. Ele nos deu uma revista americana. Depois nós mandamos buscar uma porção de livros de urbanismo nos Estados Unidos. Armando não fez esboço nenhum”. Jerônimo Coimbra Bueno em entrevista ao IPLAN – Instituto de Planejamento in CORDEIRO E QUEIROZ, 1990.

muitas das características arquitetônicas e urbanísticas de seu conjunto por não possuir um plano de preservação, e pela falta de um processo de documentação, assim como todos os bairros da cidade em que a arquitetura modernista se manifestou.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO POR CLASSE DE RENDA – SETOR SUL		
CLASSE DE RENDA	Número de Famílias	%
menos de 1 salário mínimo	0	0
1 a 3 salários mínimos	25	0,9
3 a 6 salários mínimos	129	4,5
6 a 12 salários mínimos	364	12,9
12 a 24 salários mínimos	788	28,1
24 salários mínimos e mais	988	36,9
Não responderam	466	17,0
TOTAL	2760	100

TABELA 2 | POPULAÇÃO E RENDA NO SETOR SUL EM 1974 – ESCRITÓRIO DE PLANEJAMENTO DA PREFEITURA DE GOIÂNIA.

Localizado no setor Sul, está o projeto de Eurico Calixto de Godoy (1952) uma das primeiras casas modernistas da cidade. Implantada em um terreno de inclinação generosa que favoreceu a locação de alguns ambientes em um subnível através da elevação do pavimento térreo sobre uma estrutura de pedra, elementos de solução inovadora nas construções da cidade. O edifício foi solto dos limites do lote, e o espaço residual adquiriu caráter semi-público, apesar do acesso restrito. O acesso acontece por rampa à uma varanda que se mostra elevada na fachada frontal. O acesso principal e de serviços foi dividido, localizando-se cada um em fachadas diferentes.

A volumetria das fachadas laterais é definida pelo modelo da cobertura, em forma de ‘V’, que se abre em um dos lados favorecendo iluminação e ventilação. A edificação com estrutura em concreto armado e fechamento em tijolo maciço já foi demolida (SILVA NETO, 2010, p. 42-43). Conforme Bruand (1991), a ideia de uma cobertura em dois planos inclinados vertendo para uma calha central apareceu pela primeira vez na arquitetura do Movimento Moderno em 1930, no projeto da casa Errazurris no Chile, de Le Corbusier. Para

ele, a casa com um telhado invertido era algo novo, uma abstração da imagem da morada tradicional.



FIGURA 83 | CASA DOURIVAL DE SOUZA BACELAR, 1952, DE EURICO CALIXTO DE GODOY.
SILVA NETO, 2010, P. 41.

Também acontece no setor Sul, logo após a implantação do bairro, experiência bastante relevante e que marcou a primeira etapa de sua ocupação. Trata-se da implantação das casas do Conjunto Lar Brasileiro, que contribuíram entre outras coisas para a valorização do bairro. As poucas construções existentes nesta região neste período estavam localizadas próximas à Praça Cívica, a Praça do Cruzeiro, local de implantação das casas ainda estava desocupada. O projeto incentivou o aparecimento de outras construções no local seguindo seus moldes do projeto, que tornou-se admirado pela qualidade arquitetônica, sendo considerado um projeto de vanguarda, responsável por mediar o que seria um diálogo entre a arquitetura da nova capital e o progresso.



FIGURA 84 E 85 | CASA DO BANCO LAR NACIONAL NA PRAÇA DO CRUZEIRO, SEM DATA.
BORGES, 1990.

Quanto à autoria dos projetos, muito já foi questionado a respeito, permanecendo a obra sem autoria confirmada.⁸⁴ Entre 1956 e 1957, 38 unidades foram implantadas, com área variando entre 135 e 180m², cujo programa era constituído por: varanda, sala, copa, cozinha, banho social, três quartos, garagem, lavanderia, quarto e banho de empregada.⁸⁵ No que diz respeito ao espaço da casa no lote, não haviam separações no projeto original, porém “numa fase posterior, muros em alvenaria foram erguidos. No limite frontal do lote, ergueu-se uma mureta de um metro de altura, assegurando ainda a integração com o espaço urbano e as outras unidades”.⁸⁶



FIGURA 86 | FACHADA FRONTAL CASA DO CONJUNTO LAR BRASILEIRO NA PRAÇA DO CRUZEIRO NO SETOR SUL. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 87 | FACHADA LATERAL CASA DO CONJUNTO LAR BRASILEIRO NA PRAÇA DO CRUZEIRO NO SETOR SUL. ACERVO PESSOAL, 2013.

Apesar de sua implantação no setor Sul, as casas não foram voltadas para as áreas verdes públicas internas às quadras e de uso coletivo, como sugeria o projeto urbano do bairro, mas com a fachada voltada para a rua, provocando o abandono das áreas verdes, atitude que incentivou posteriormente, que essas áreas fossem anexadas aos lotes.

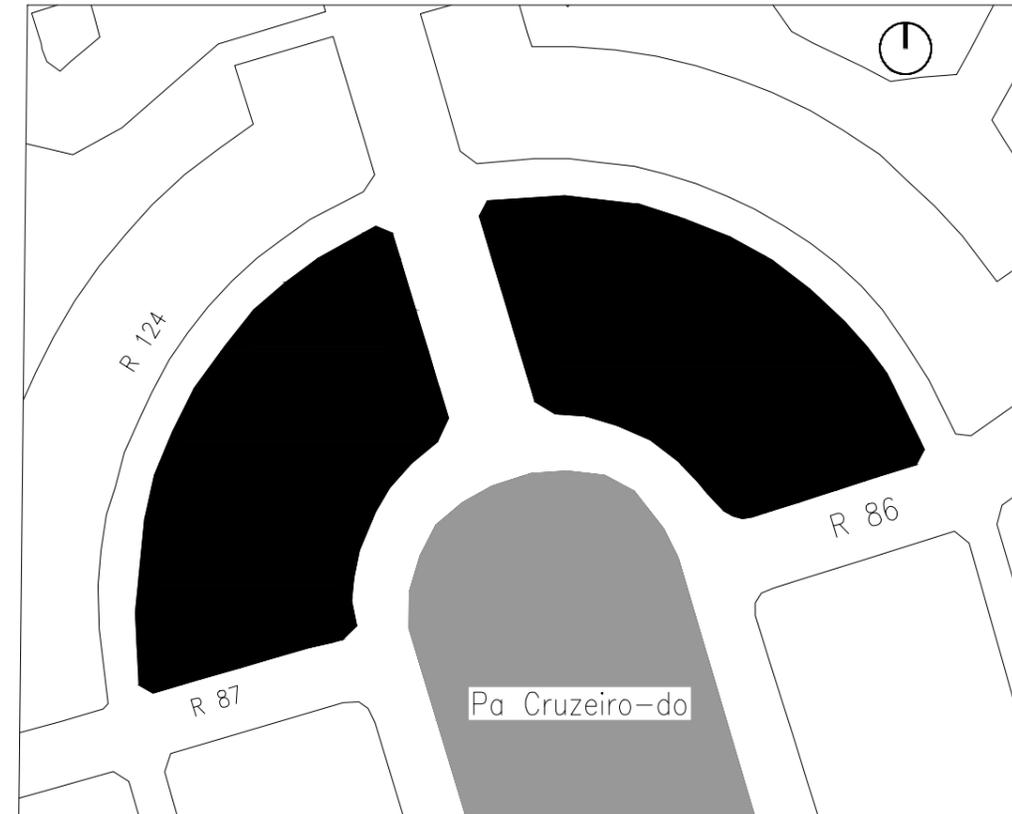
⁸⁴ Muito se questiona sobre a autoria de Oscar Niemeyer nesse projeto. Vários autores e personagens que trabalharam à época no projeto afirmam essa autoria. Maria Silvia Nascimento, esposa e detentora de parte do acervo do engenheiro já falecido, Gilberto Nascimento, que trabalhou na construção das casas do Banco Lar Brasileiro no setor Sul afirma a autoria dos projetos por parte do arquiteto em uma parceria com Helio Uchôa. Segundo ela, Niemeyer inclusive teria visitado a obra durante sua construção para acompanhar a execução. Entretanto, não há confirmação dessa autoria por parte do próprio Niemeyer.

⁸⁵ COSTA, 1992, p. 132.

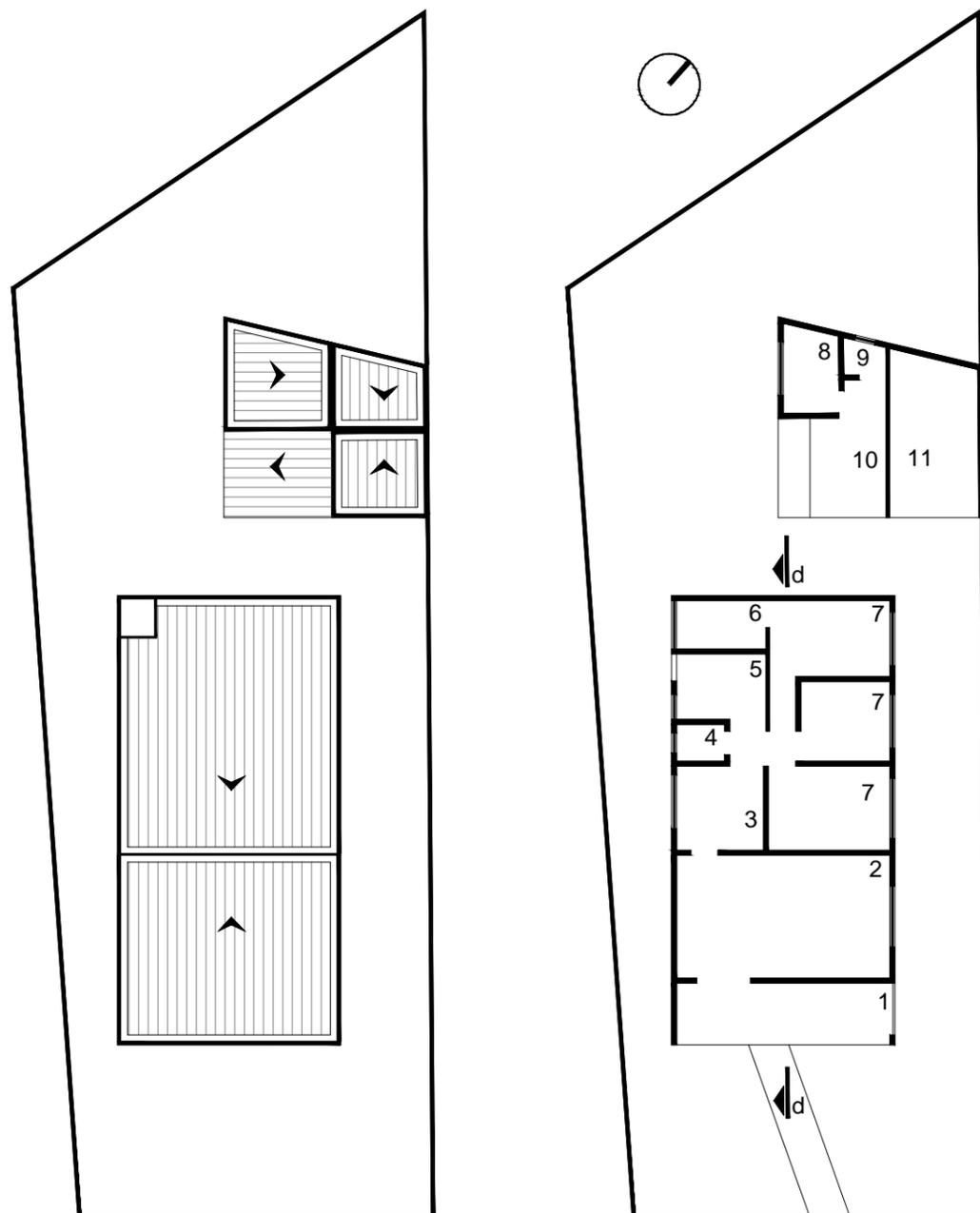
⁸⁶ IDEM.



CONJUNTO LAR BRASILEIRO SETOR SUL
ENTRE A RUA 124 E PRAÇA DO CRUZEIRO



PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:3500

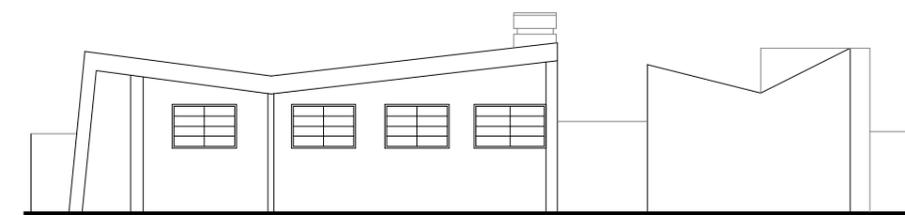


PLANTA DE COBERTURA
0 1 2 5

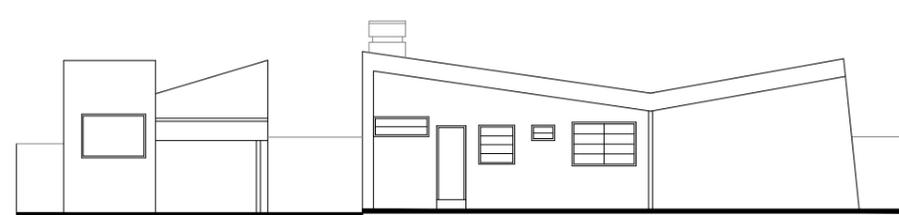
LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Varanda
2	Estar
3	Copa
4	Banho Casal
5	Cozinha
6	Banho Suite
7	Dormitórios
8	Quarto Empregada
9	Banho Serviço
10	Área de Serviço
11	Garagem

PLANTA BAIXA
0 1 2 5



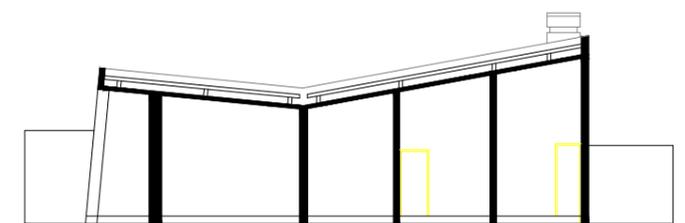
ELEVAÇÃO LATERAL
0 1 2 5



ELEVAÇÃO LATERAL
0 1 2 5



ELEVAÇÃO FRONTAL
0 1 2 5



CORTE LONGITUDINAL
0 1 2 5



ELEVAÇÃO POSTERIOR
0 1 2 5

Somente a inclinação da cobertura não segue a caixa totalmente retangular e ortogonal. O projeto é composto por linhas retas e coberto por uma laje de concreto de duas águas, voltadas para o centro da edificação. A varanda frontal acontece integrada ao corpo da casa gerada pelo recuo da entrada e apresenta a estrutura, se comportando como um semi-público. “Uma tímida platibanda, que acompanha a inclinação das telhas, estabelece a ligação entre os planos verticais e inclinados”.⁸⁷ Segundo Costa (1992, p. 149), o sistema construtivo utilizado no conjunto foi a alvenaria convencional, com lajes de forro em tijolos furados pré-moldados, reforçados por uma armação.

A setorização da casa é bem funcional, mas gerou críticas. Segundo Costa (1992, p. 149), “com 28m², a sala acumulava o estar e o jantar, até então, um hábito não comum em Goiânia, o que explica as críticas, visto que a sala de grandes dimensões, quase não era utilizada, diferentemente da cozinha, lugar onde se estabelecia o hábito de receber da população local”. No bloco mais a esquerda da casa concentram-se áreas molhadas, e na lateral direita corredor de acesso aos fundos. Com pouca documentação fotográfica, as casas em sua maioria já foram demolidas ou totalmente descaracterizadas, o que torna difícil um panorama mais apropriado. O Banco Lar Brasileiro também implantou um condomínio no setor Oeste, que será visto posteriormente.



⁸⁷ IDEM, p. 149.



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



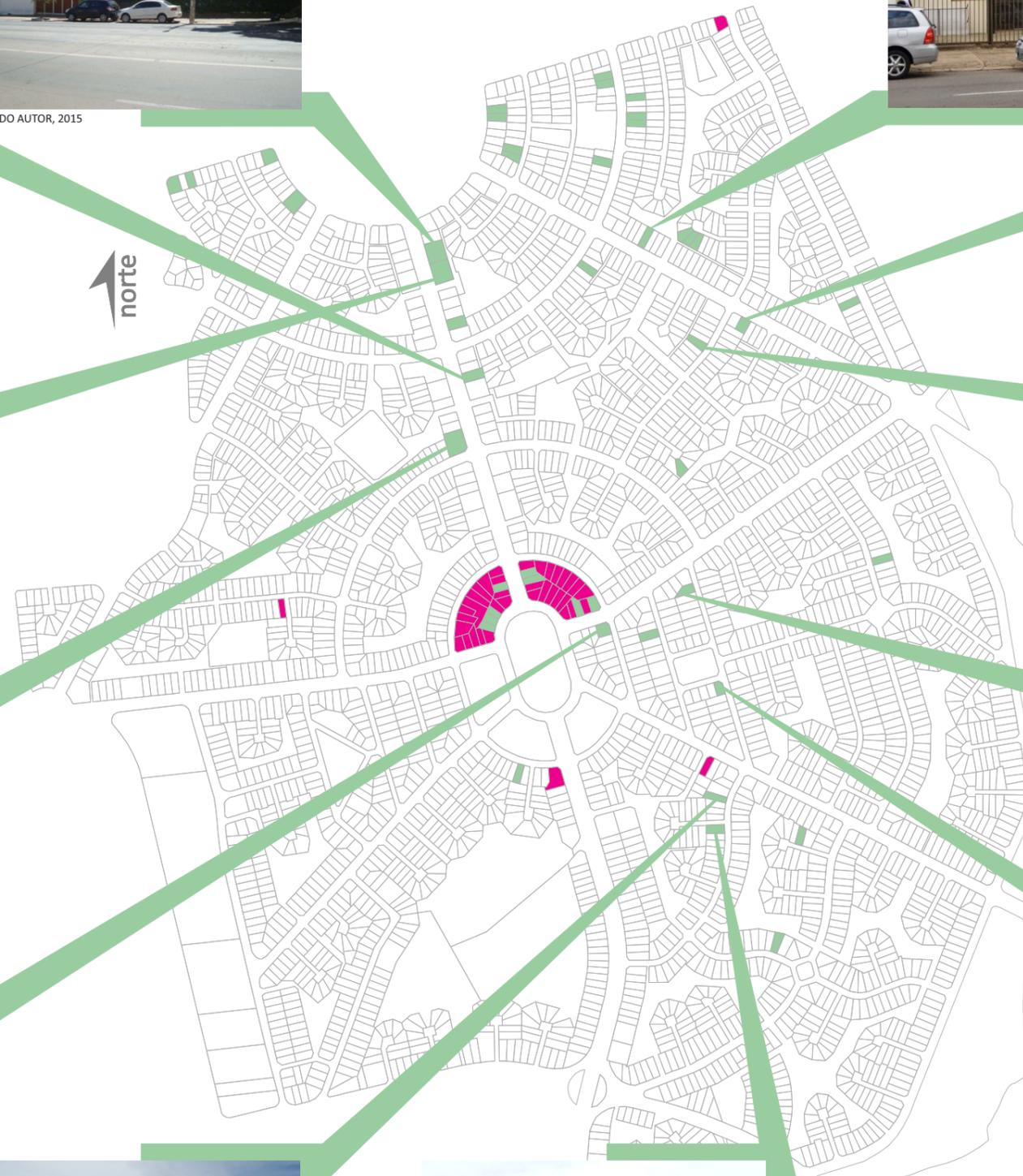
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



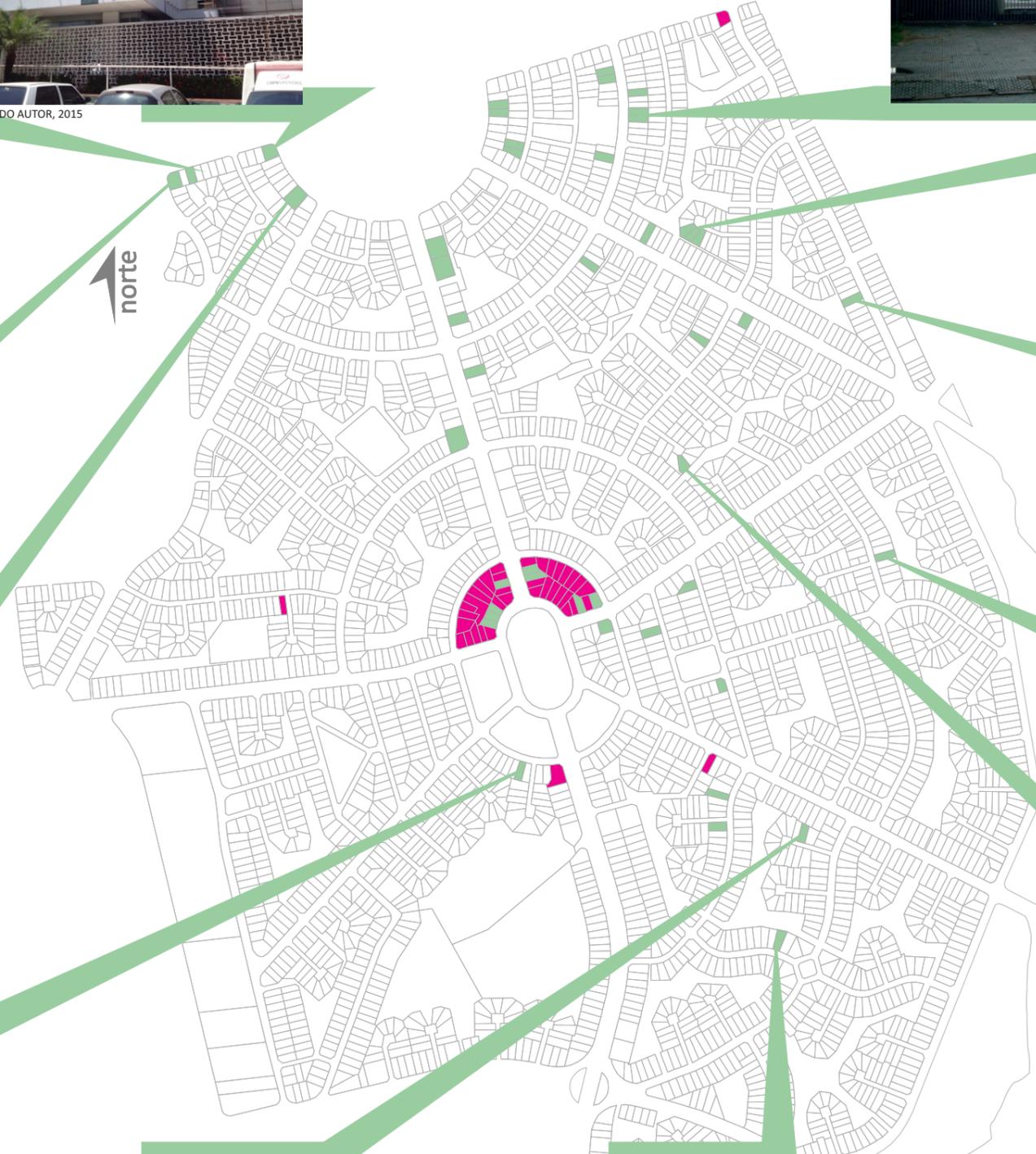
ACERVO DO AUTOR, 2015



SILVA NETO, 2010



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



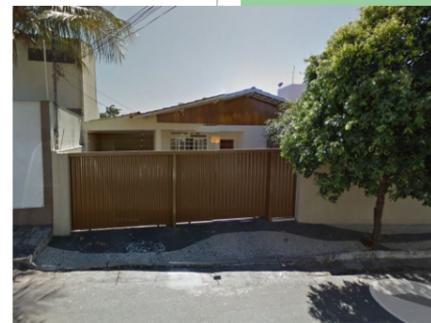
GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015

LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



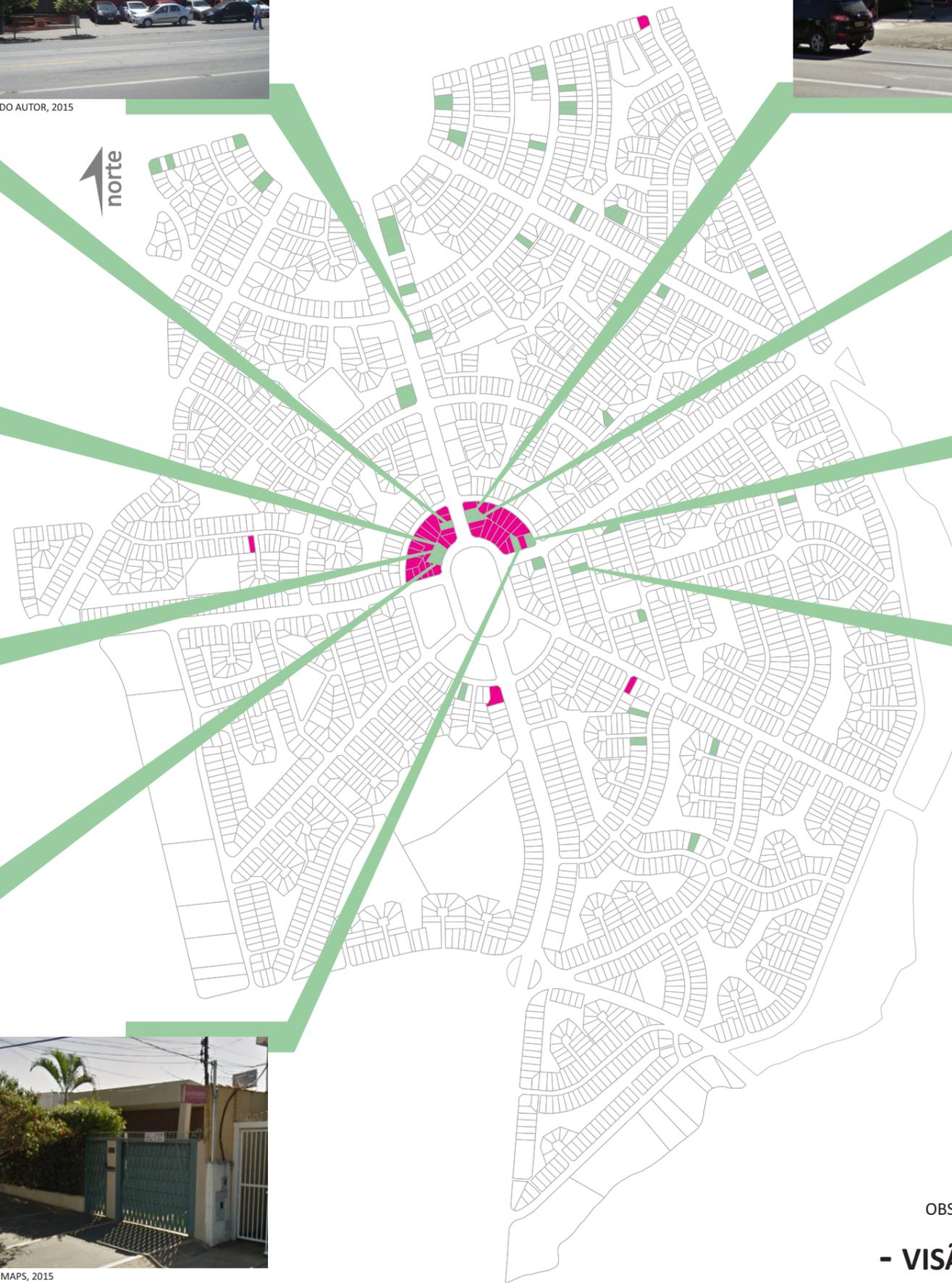
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



GOOGLE MAPS, 2015



LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

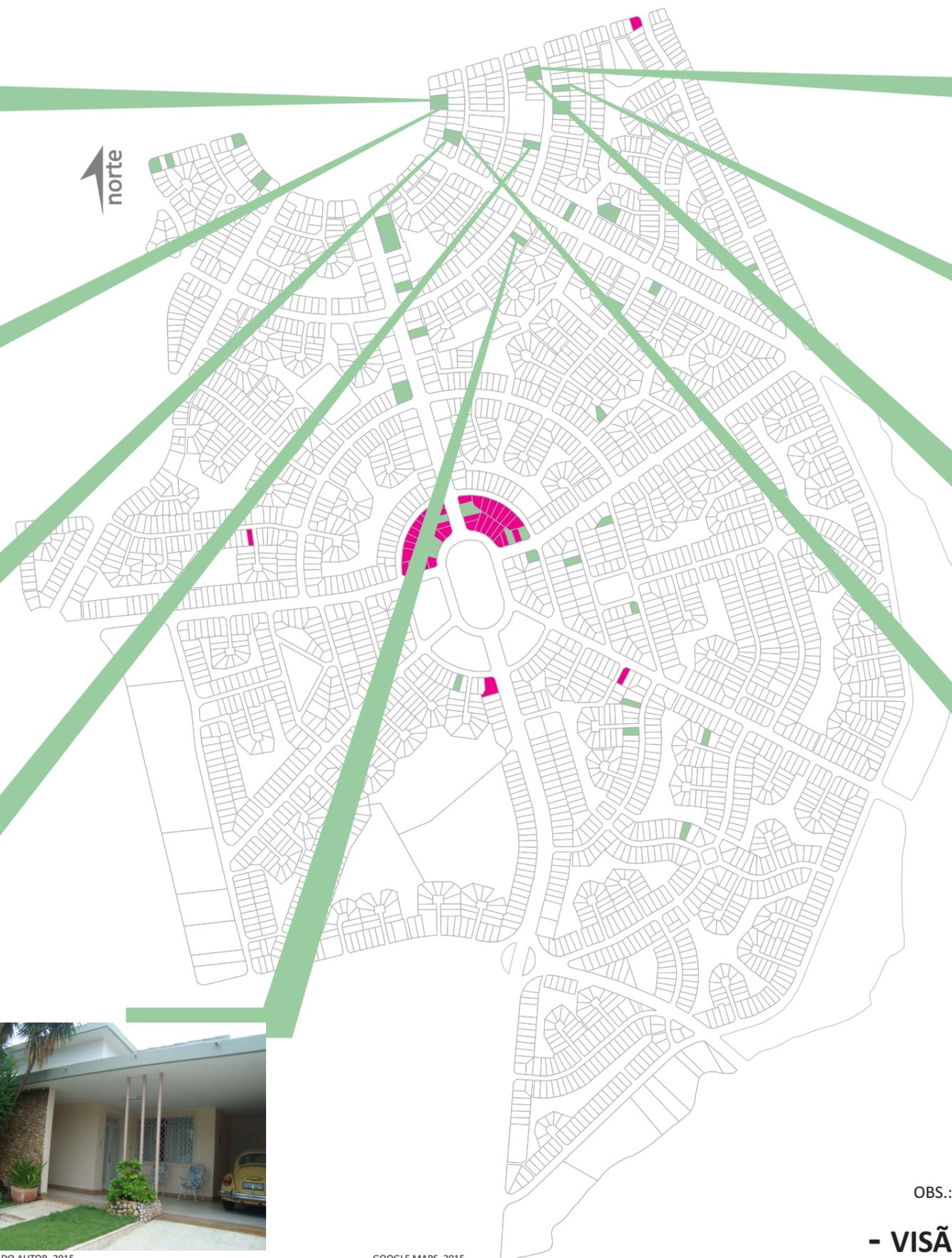


ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

GOOGLE MAPS, 2015



norte

LEGENDA:
Demolida
Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

O setor Sul originalmente tornou-se um dos bairros com maior quantidade de exemplares canônicos da arquitetura modernista, devido ao alto padrão estabelecido para as construções em consequência do poder aquisitivo da população e da valorização do bairro. As casas, geralmente de dois pavimentos, para atender um programa com maior quantidade de exigências, têm como característica de implantação a grande dimensão dos lotes e um sistema estrutural (lajes, vigas e pilares de concreto) que não se diferencia muito das demais casas.

A produção de casas no bairro configurou-se como um dos momentos mais ricos da difusão da arquitetura moderna em Goiânia, através de uma significativa produção que estabeleceu constantes que marcaram a sua constituição enquanto expressão arquitetônica e permitiu o desenvolvimento da linguagem arquitetônica, não se limitando as obras realizadas à repetição de soluções estabelecidas.



FIGURA 88 | CASA CARLOS CUNHA FILHO, 1963, ARQUITETOS SILAS VARIZO RODRIGUES E ARMANDO NORMAN.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 89 | CASA BARIANI ORTÊNCIO (EURÍPEDES FERREIRA), 1961, ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 90 | CASA ABDALA ABRÃO, 1966, ARQUITETO DAVID LIBESKIND.
ACERVO PESSOAL, 2013.

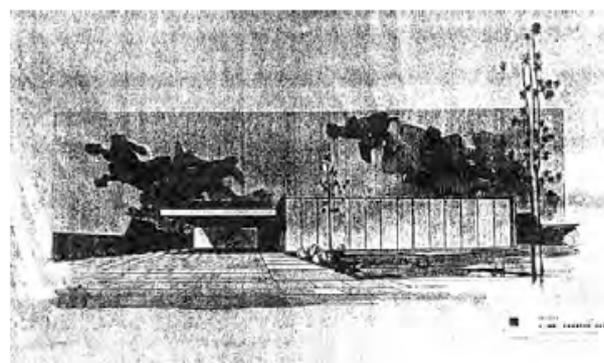


FIGURA 91 | IMAGEM DA CASA ERMANNO CAPELLI. ARQUITETO RAUL NAVES FILÓ.
SILVA NETO, 2010, P. 31.

Dentre as casas dessa produção está a casa Eurípedes Ferreira (1961), portadora de algumas das características mais marcantes da arquitetura moderna brasileira: a horizontalidade, o emprego de grandes superfícies de vidro, protegidas, quando necessário, por brise-soleil ou elementos de proteção, e o uso de estruturas livres, apoiadas sobre pilotis, com o térreo aberto quando possível. Essas características remontam à marcante influência dos cinco pontos da arquitetura de Le Corbusier.

Às vezes esses elementos aparecem adaptados, como a relação do brise-soleil ao uso de treliças, persianas ou muxarabis, o uso de azulejos nas fachadas, fazendo referência a influência portuguesa e ao uso da arte integrados à nova linguagem arquitetônica. Desta forma, os pioneiros da arquitetura moderna na cidade definiam uma expressão.

Casa Eurípedes Ferreira . 1961

Foi no contexto da década de 1950 que o goiano Eurico Godói, após formar-se na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, e de ter em sua vida profissional influências como Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Afonso Reidy e Attílio Correia Lima⁸⁸ retorna à Goiânia em 1951 e constrói a primeira casa modernista da cidade, hoje já demolida |Figura 83|. Segundo Váz e Zarate (2005, sp.), Eurico de Godoy “apresenta uma atitude apaixonada em relação à arquitetura (...) sendo autor de vários projetos, nos quais busca concretizar os ideais modernos incorporados no período de sua formação”.

Em 1961, seu acervo na cidade é ampliado com a casa de Eurípedes Ferreira, hoje pertencente a Waldomiro Bariani Ortêncio, reconhecido escritor da história e cultura da cidade. O amplo espaço da casa vem sendo ocupado pelo museu que leva o nome do atual proprietário. Volumetricamente a edificação mantém suas linhas originais, a despeito de pequenas reformas à que foi submetida.

⁸⁸ SILVA NETO, 2010, p. 24.



FIGURA 92 | CASA EURÍPEDES FERREIRA, 1961, SETROR SUL – ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY
ACERVO PESSOAL, 2013.

Traço forte nessa residência é a modulação clara, inclusive nas fachadas externas, devido à fácil identificação dos espaços através dos grandes vãos das esquadrias. É perceptível a preocupação com relação à orientação solar local. Característica que se repete entre as residências canônicas analisadas, em que grande parte possuía o setor íntimo e social, como quartos e salas, voltados para áreas de menor incidência solar. Assim como, faz-se bastante presente a relação com a natureza, a vegetação como elemento de integração e conexão dentro e fora da casa. A planta baixa apresenta os setores, íntimo, social e de serviços claramente diferenciados nas divisões internas da casa.

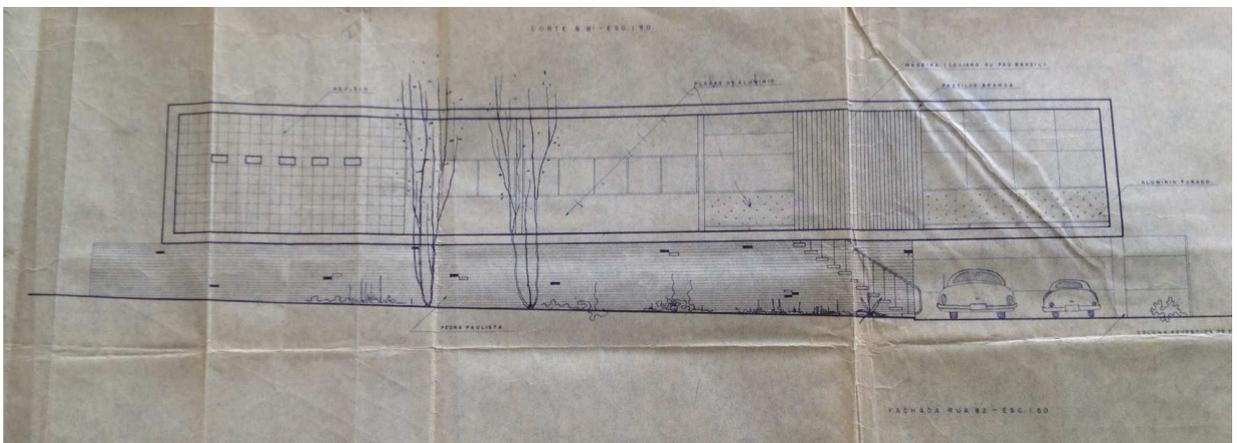


FIGURA 93 | FACHADA DO PROJETO EURÍPEDES FERREIRA, 1961 – ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY.
PROJETO CEDIDO PELO PROPRIETÁRIO.

Com vista para a Praça Cívica da cidade, a casa é de uma horizontalidade que se destaca na paisagem, a privacidade do lazer dos moradores é garantida através da abertura para o pátio interno. O emprego de materiais de acabamento na fachada, os vão e esquadrias ressaltam as características de uma casa de linhas horizontais. Os ambientes de convívio e lazer se dividem entre o térreo, através do pátio formado pela volumetria da casa, e o primeiro pavimento. O primeiro pavimento também destina-se à área dos quartos, e possui acesso direto por uma escada externa, recurso já utilizado por Libeskind na casa Haji Ascar. O embasamento recuado faz a casa parecer flutuar.

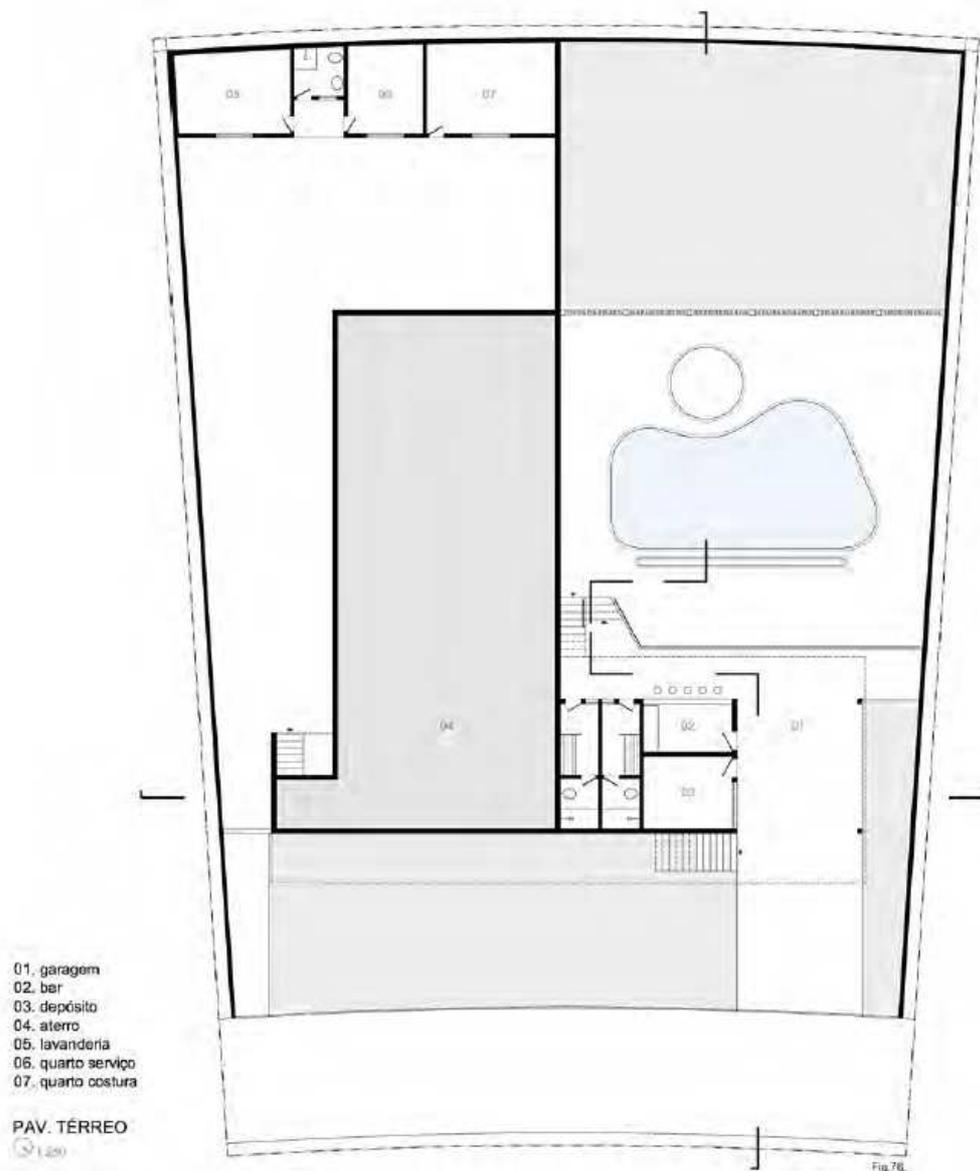


FIGURA 94 | PLANTA BAIXA TÉRREO CASA EURIPEDES FERREIRA, 1961 – EURICO DE GODOY. SILVA NETO, 2010.

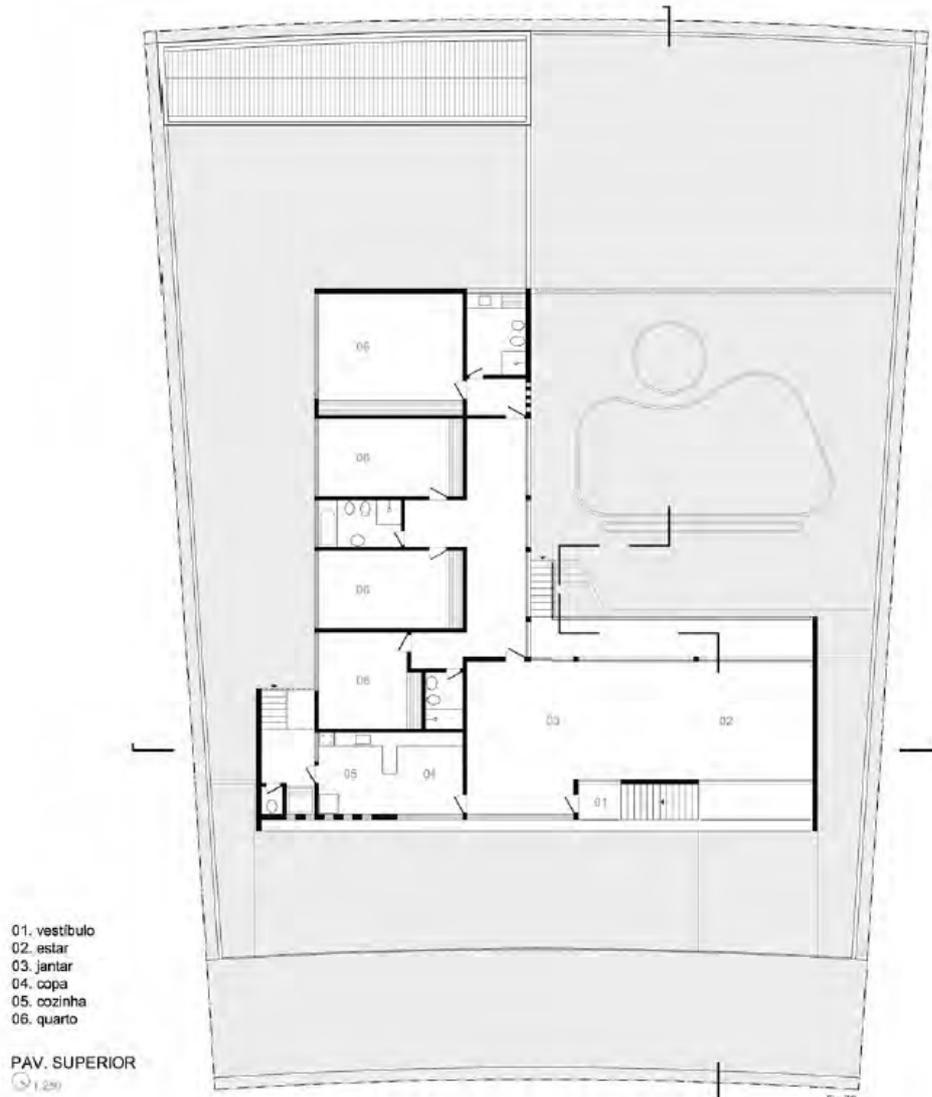


FIGURA 95 | PLANTA BAIXA SUPERIOR, CASA EURÍPEDES FERREIRA, 1961 – EURICO DE GODOY. SILVA NETO, 2010.



FIGURAS 96, 97, 98 | REVESTIMENTO PRESERVADO, VISTA DA SALA PARA A PRAÇA CÍVICA, MODIFICAÇÃO DA INTEGRAÇÃO DAS SALAS, CASA EURÍPEDES FERREIRA, 1961 – ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY. ACERVO PESSOAL, 2013.

A casa em forma de “L” se divide no pavimento superior em social na maior dimensão, íntimo na menor, e serviço no meio. A sala totalmente integrada anteriormente foi dividida | **Figura 91** |, a varanda, ocupada deliberadamente pelo proprietário, contrariando a vontade do arquiteto, mudando o local antes destinado apenas à garagem e ao lazer, o que ocasionou um rompimento entre as partes (SILVA NETO, 2010). Outra obra referencial na produção do arquiteto é a casa de José Ribeiro Parrode, no setor Oeste, que será vista posteriormente, integrada ao panorama do bairro.



Casa Carlos Cunha Filho . 1963



FIGURA 99 E 100 | CASA CARLOS CUNHA FILHO, 1963 – ARQUITETOS SILAS VARIZO RODRIGUES E ARMANDO NORMAN. ACERVO PESSOAL, 2013.

Silas Varizo, arquiteto goiano, também figura entre as casas cânones do setor Sul. Graduado em 1962 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil (VAZ, ZARATE, 2005, sp.), com experiências no escritório MM Roberto e com Sérgio Bernardes, inicia seu trabalho em escritório particular, atuando, também, no serviço público e na área acadêmica, é autor de inúmeros projetos na cidade.

A residência Carlos Cunha Filho, hoje com uso comercial, ainda mantém a relação direta do interior da casa com seu exterior, mantendo a relação público – privado sem a adoção de nenhum tipo de fechamento no lote. Em parceria com Armando Norman, projetou a casa Carlos Cunha Filho, em 1963, com formas puras e horizontais, com janelas

ocupando pequenas proporções da fachada do pavimento superior. Destaque para a riqueza de materiais de revestimento, como pedras e revestimento cerâmico. Além disso, complementam a composição o brise-soleil vertical, e o painel de cobogós com formas retangulares e quadradas.

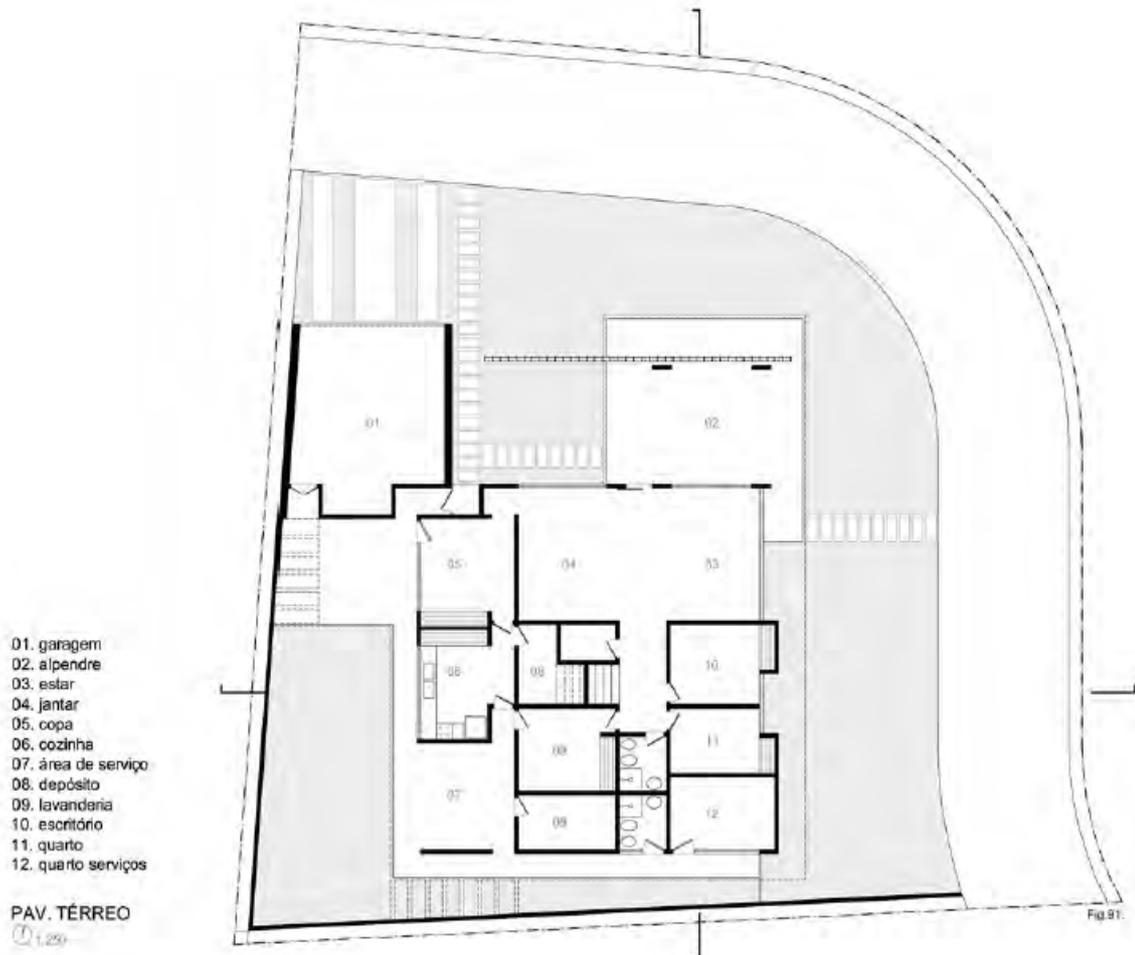


FIGURA 101 | PLANTA PAVIMENTO TÉRREO CASA CARLOS CUNHA FILHO, 1963 – ARQUITETOS SILAS VARIZO RODRIGUES E ARMANDO NORMAN. SILVA NETO, 2010, P. 106

Na área externa, o volume do pavimento superior avança além dos limites do térreo e determina uma área sombreada. A utilização de elementos vazados relembra os elementos adotados por Lúcio Costa no Parque Guinle no Rio de Janeiro. As pedras dos pisos hoje modificadas faziam a transição do externo para o interno. É evidente a separação dos setores íntimos com os sociais e de serviço, com poucas paredes nas áreas de uso social e a racionalidade na utilização das formas, no uso do concreto e do vidro. O alpendre inserido

no programa a pedido do proprietário tornou-se responsável pela transição público- privado na casa, segundo Silva Neto (2010, p. 102), faz referência ao “típico da cultura goiana... ambiente utilizado no final de tarde, o descanso observando os passantes na rua...”.



Casa Abdala Abrão . 1966

Outra casa representante de uma arquitetura moderna ‘pura’, bastante relevante no bairro é a casa Abdala Abrão (1966) de David Libeskind. Além da horizontalidade, presente praticamente em todas as residências do arquiteto, em sua última casa na cidade é clara a distinção entre os setores de circulação, de serviço, social e íntimo. Com formato bastante rígido e com linhas bem horizontais, a casa contém esquadrias bastante amplas, facilitando a ventilação cruzada entre os compartimentos. Situada bem próxima praça cívica, a casa possui revestimentos em pedra ou azulejos, para além disso, a arquitetura é sóbria e limpa.

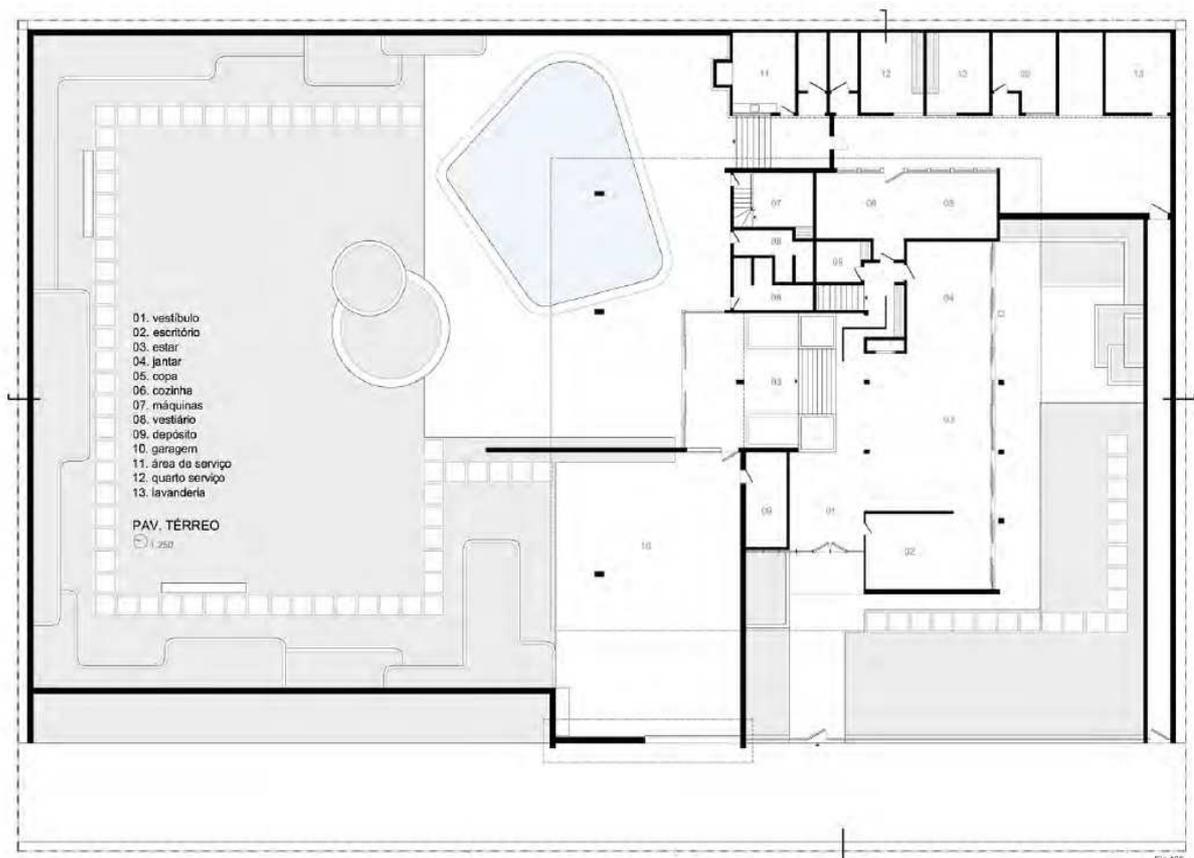


FIGURA 102 | PLANTA BAIXA TÉRREO CASA ABDALA ABRÃO, 1967 – ARQUITETO DAVID LIBESKIND. S SILVA NETO, 2010, P. 117.

Vizinha a seu outro projeto para Haji Ascar, trabalhou com dimensões bem maiores que as anteriores. O projeto teve papel significativo na obra do arquiteto, enquanto valorização da obra como paisagem cultural, visto que a casa tornou-se a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Em uma casa com programa extenso, a área verde do terreno tem quase a mesma proporção do espaço construído, em que o arquiteto procurou utilizar os princípios de uma planta mais livre e funcional, na articulação de suas partes.

A mesma proposta de inserção de áreas verdes no passeio público trabalhada por Libeskind na casa Ascar, também é trabalhada aqui, entretanto sem se concretizar. Situada em uma importante via do núcleo urbano da cidade, sua proposta volumétrica é simples, mas seus revestimentos de pedra, azulejos e planos de vidro continuam ressaltando a identidade das características artísticas trabalhadas pelo arquiteto em seus projetos.

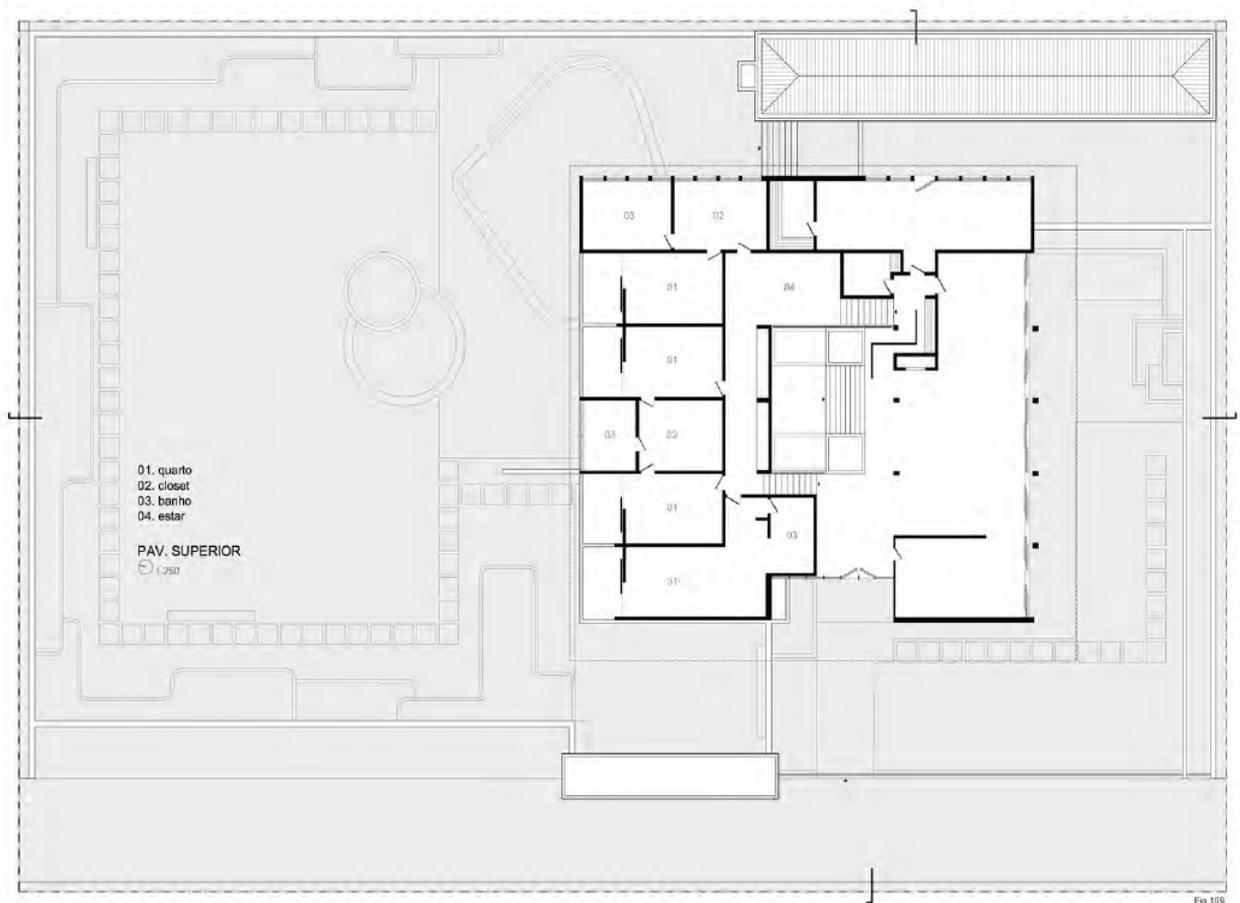


FIGURA 103 | PLANTA BAIXA SUPERIOR CASA ABDALA ABRÃO, 1967 – ARQUITETO DAVID LIBESKIND.
SILVA NETO, 2010, P. 118.

Um beiral a partir da laje em balanço circunda toda a casa. A projeção do pavimento superior é sustentada por pilares ligeiramente recuados conformando uma varanda. Um desses pilares avança sobre a área de lazer, sendo localizado dentro da piscina. O primeiro pavimento acontece em dois níveis, um mais alto por onde acontece a entrada da casa, e abaixo dessa, área de salas, varanda e lazer, em uma composição harmoniosa. O pavimento superior margeia o espaço de salas, que ocupam pé direito duplo.



FIGURA 104 | VISTA INTERNA DA CASA A PARTIR DO PAVIMENTO SUPERIOR CASA ABDALA ABRÃO, 1967 – ARQUITETO DAVID LIBESKIND.
MONISE CAMPOS / IN SILVA NETO, 2010.

FIGURA 105 | GARAGEM CASA ABDALA ABRÃO, 1967 – ARQUITETO DAVID LIBESKIND.
MONISE CAMPOS / IN SILVA NETO, 2010.

Dentro das várias nuances desse panorama moderno, o setor Sul começa a apresentar também, enquanto representante da arquitetura moderna de linhas mais ‘puras’, algumas obras relevantes no contexto da arquitetura brutalista ligadas à escola Paulista. Para William Curtis (1996, *apud* ZEIN, 2007, sp.), “o brutalismo se mostram de difícil caracterização enquanto um “estilo” nitidamente delineado, embora certamente configure um conjunto, mesmo que vago, de aspirações e rejeições.” Para Banham (1966, *apud* ZEIN, 2007, sp.), ao citar a publicação de L’Architettura, e L’Espresso, o brutalismo se caracteriza pelo:

Edifício enquanto uma imagem unificada, clara e memorável; clara exibição de sua estrutura; alta valorização de materiais não tratados, crus (brutos).

Superfícies limpas e virgens; volumes pesadamente corrugados, mas de simplicidade prismática; serviços expostos à vista; zonas de cor violenta.

(BANHAM, 1966, *apud* ZEIN, 2007, sp.)

A inserção na paisagem do setor Sul da Casa Walter Hugo Frota (1973), do arquiteto Antônio Lúcio Ferrari, compatibiliza-se ao proposto por Banham (1976), resultando em uma residência filiada ao brutalismo. O arquiteto trabalhou de forma peculiar, e apontou novas alternativas de síntese entre essa arquitetura e a arquitetura tradicional da cidade. Suas obras se tornaram exemplares por abrir novas possibilidades de projeto⁸⁹, e bastante imitadas, nem sempre de maneira erudita. Além disso, abre novas possibilidades de combinação no uso de materiais e no cuidado com os acabamentos e detalhamento.



Casa Walter Hugo Frota . 1973

Antônio Lúcio Ferrari Pinheiro nasceu em Ponte Nova – MG. As características de sua obra pontuam a maleabilidade do concreto, propondo grandes vãos e estruturas ousadas. Segundo Silva Neto (2010, p. 34), sofreu influências de Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Carlos Milan, Rino Levi, Richard Neutra e Sylvio de Vasconcelos, e Oscar Niemeyer, com quem estagiou. Em paralelo a sua atividade profissional autônoma, trabalhou na Suplan, responsável por coordenar a execução de obras do Governo de Goiás, além de contribuir para a formação da primeira faculdade de arquitetura da cidade, do qual fez parte do quadro de docentes.

As soluções adotadas pelo arquiteto na casa do psiquiatra Walter Hugo Frota, pioneiro da medicina em Goiás, sua esposa e seus quatro filhos, serão recorrentes em várias de suas obras, tais como: a adoção de ousadas soluções estruturais e fachadas liberadas de qualquer

⁸⁹ No artigo “Marcos na cidade: um protótipo moderno na paisagem urbana de Goiânia” (PAIXÃO, CAIXETA, 2014) levantaram a importância da casa do arquiteto Antônio Lúcio Ferrari para o desenvolvimento da habitação de múltiplos pavimentos na cidade.

elemento estrutural vertical. Segundo Silva Neto (2010), em seus projetos o arquiteto dava atenção não só ao concreto aparente, mas a técnica construtiva, à importância da estrutura e do espaço livre. “Para o arquiteto, não existia nada mais correto que o concreto em uma região em desenvolvimento, e a estrutura o item mais importante da construção.” (FERRARI, 1986 apud SILVA NETO, 2010)



FIGURA 106 | CASA WALTER HUGO FROTA (1973), SETOR SUL, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO. LUCAS JORDANO IN [HTTPS://WWW.FLICKR.COM](https://www.flickr.com)

Na casa |Figura 106|, os grandes vãos, empenas e balanços, alcançados pelo concreto se unem a simetria e geometria fundamentadas na simplicidade dos próprios volumes, possibilitados pela tecnologia empregada. Suas primeiras produções se encontram muito ligadas às suas referências: a forma pura com a afirmação do concreto aparente sem ornamentos, fortemente calcada no racionalismo, e em um tipo de arquitetura que valorizava os materiais e a estrutura. Outros elementos arquitetônicos do repertório modernista como brise, empenas e platibandas são também utilizados.

Na casa, a forma plástica é bastante valorizada, em detrimento de qualquer ornamentação, sendo a volumetria sempre o contraste de cheios e vazios, luz e sombra, peso (concreto) e leveza (panos de vidro).



A arquitetura moderna brasileira, segundo Buzzar (2007, sp.), “sempre teve nas obras excepcionais, particularmente, os grandes edifícios sede dos poderes (...), isso sem citarmos as grandes residências unifamiliares, o reconhecimento dos seus valores, formais e ideológicos”. Entretanto, a amplitude dessa produção em Goiânia vai além deste circuito, não se limitando a exemplares excepcionais, mas assumindo nos bairros pesquisados, números da ordem de mais de uma centena de obras de relevância histórica, cultural e de memória associada a modernidade. Segundo Zein (2007, sp.), “a caracterização da arquitetura não se dá de forma simples, pois “qualquer afirmação colocando (...) a pretensão à existência de uma unidade formal, conceitual e histórica da arquitetura moderna brasileira segue sendo problemática”, ainda que se tratando dessa arquitetura tão lembrada por suas características materiais”.



FIGURA 107 | CASA RUA 84.
ACERVO PESSOAL, 2013



FIGURA 108 | CASA RUA 84.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 109 | CASA RUA 118.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 110 | CASA RUA 108.
ACERVO PESSOAL, 2013.

Mesmo sem uma unidade formal, o setor Sul é o bairro que pode testemunhar a maior quantidade de exemplares canônicos em sua arquitetura moderna. Casas de dois pavimentos, de grandes dimensões, com uso da planta livre, em que o sistema estrutural em lajes, vigas e pilares de concreto permanecem. A relação com o ambiente natural é um dos aspectos de destaque nas obras, parte disso devido às diretrizes que guiaram o projeto urbano do bairro.



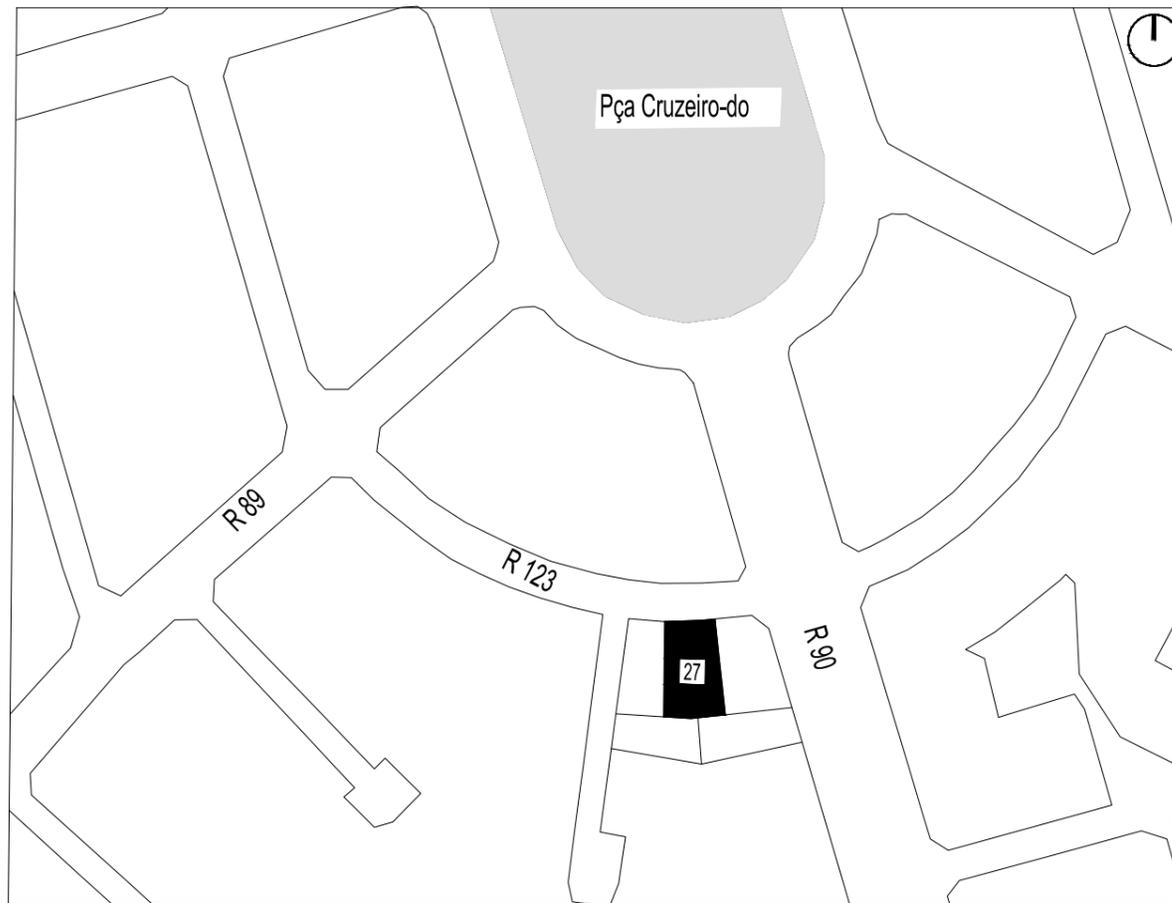
FIGURA 111 | CASA RUA DR. OLINTO MANSO PEREIRA.
ACERVO PESSOAL, 2013.



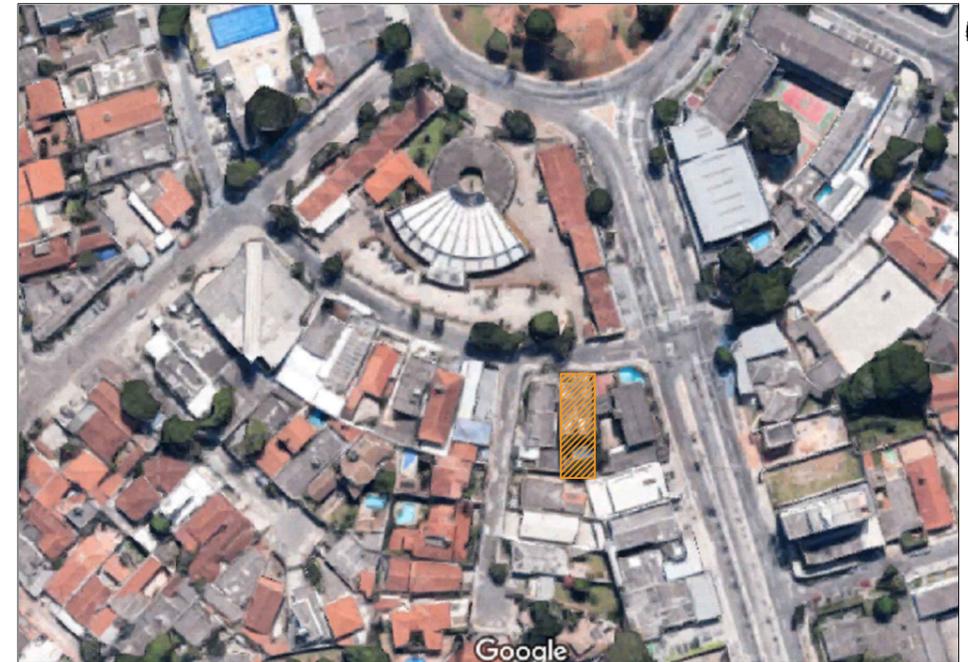
FIGURA 112 | CASA RUA DR. OLINTO MANSO PEREIRA.
ACERVO PESSOAL, 2013.

Mesmo nas casas de volume único, os pátios, não por acaso, apresentam o setor social como o centro da casa, a partir do qual se desenvolvem os outros setores. Na maioria dos projetos, a platibanda esconde o telhado, e a separação de funções é bem marcada. A diversidade de revestimentos também é uma característica dessas casas, e alguns exemplares adotam a solução em níveis distintos, sendo que o concreto aparente contrapõe-se à leveza do vidro, ao invés do uso de texturas e cores.

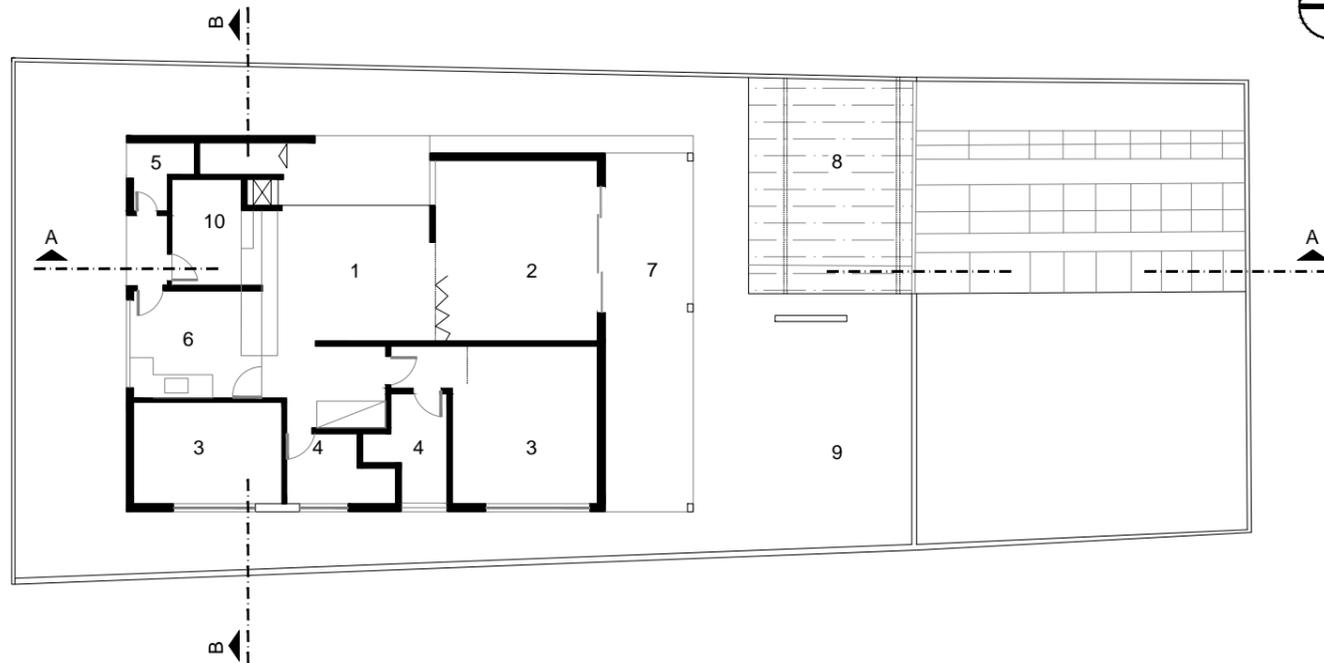
Outra característica da produção moderna encontrada no bairro se associa a uma revisão do discurso dos arquitetos modernos apresentados, visto que as obras vão perdendo a clareza e a pureza formais, deixando-se levar pela aplicação de elementos da arquitetura tradicional, ou por vezes mantendo uma planta tradicional, mas adequando-se à elementos da arquitetura moderna, como é possível perceber no projeto da casa Jacy Coelho, de autoria de Armênia de Souza Gonçalves, em 1968. A profissional opta por uma planta totalmente compartimentada, mas apresenta elementos como o lavabo social e a área de serviço anexa ao volume da casa; ou na casa Cecília Carvello, do projetista Geraldo Duarte Passo, de 1973, quando já se consolidaram ambientes mais integrados.



PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:2000

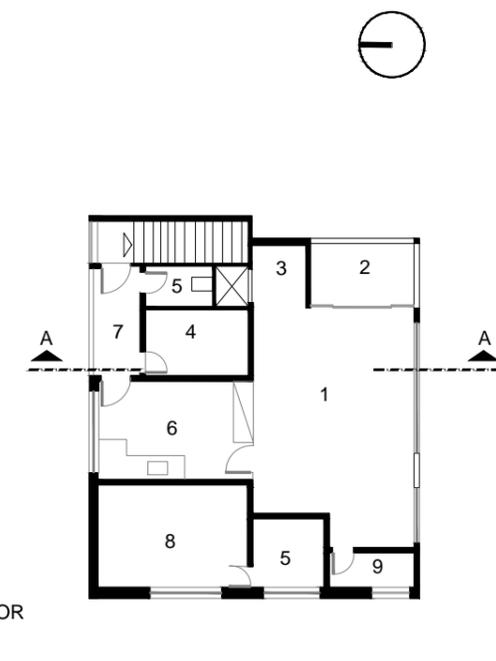


RUA 123 LOTE 27 - SETOR SUL
PAV. TÉREO: - 178.89 m²
PAV. SUPERIOR: - 103.98 m²



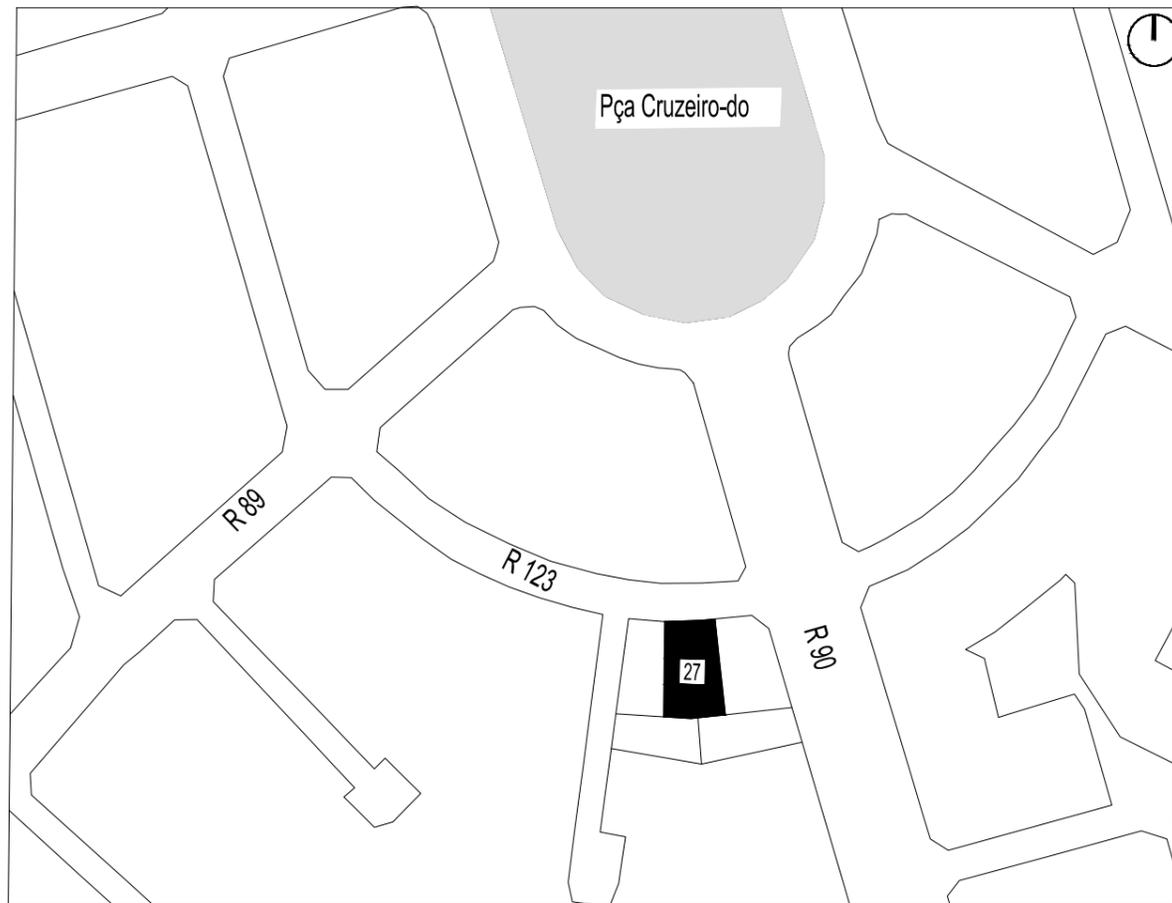
N	AMBIENTE
1	Sala de Jantar
2	Sala de visita
3	Quarto
4	Banho
5	Lavabo
6	Cozinha
7	Varanda
8	Estacionamento
9	Solarium
10	Copa

PAVIMENTO TÉRREO
0 1 2 5

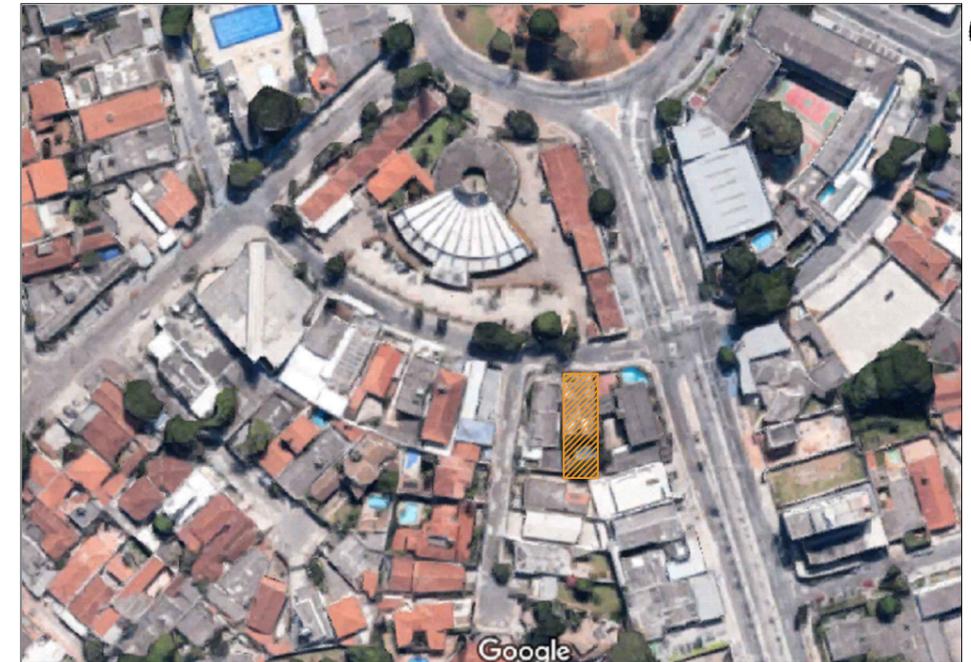


N	AMBIENTE
1	Sala
2	Terraço
3	Hall
4	Rouparia
5	Lavabo
6	Copa
7	Área de Serviço
8	Quarto
9	Banho

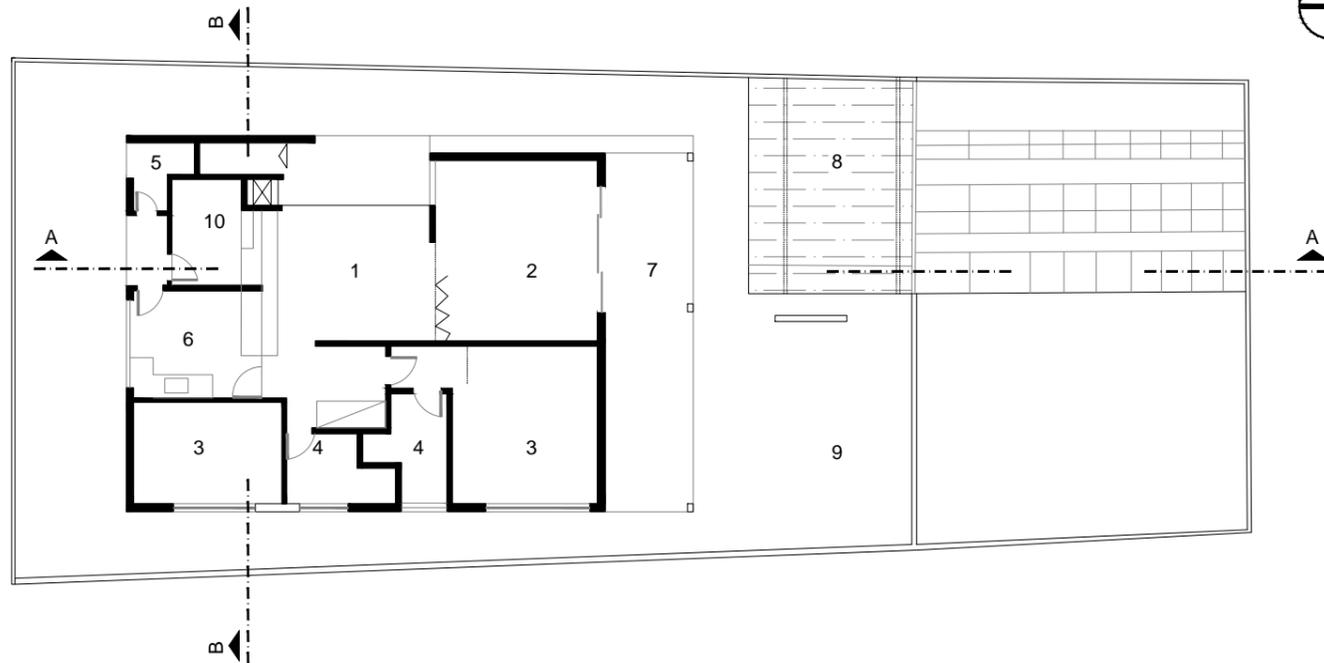
PAVIMENTO SUPERIOR
0 1 2 5



PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:2000

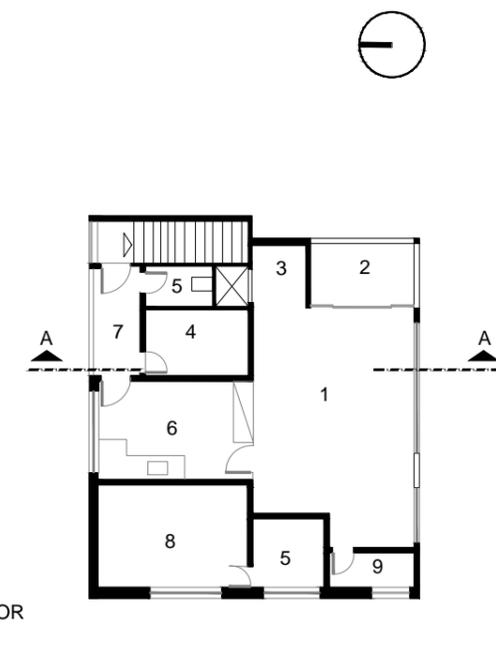


RUA 123 LOTE 27 - SETOR SUL
PAV. TÉREO: - 178.89 m²
PAV. SUPERIOR: - 103.98 m²



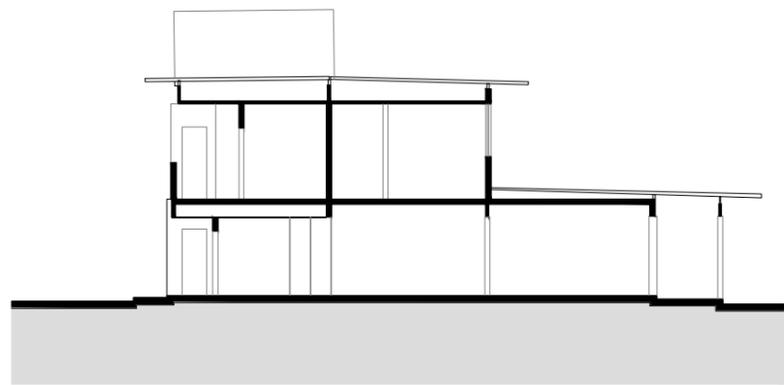
N	AMBIENTE
1	Sala de Jantar
2	Sala de visita
3	Quarto
4	Banho
5	Lavabo
6	Cozinha
7	Varanda
8	Estacionamento
9	Solarium
10	Copa

PAVIMENTO TÉRREO
0 1 2 5



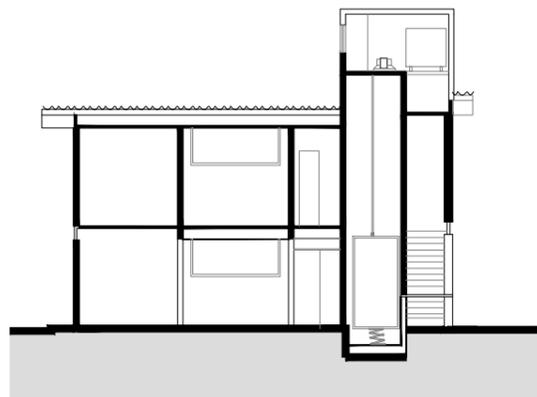
N	AMBIENTE
1	Sala
2	Terraço
3	Hall
4	Rouparia
5	Lavabo
6	Copa
7	Área de Serviço
8	Quarto
9	Banho

PAVIMENTO SUPERIOR
0 1 2 5



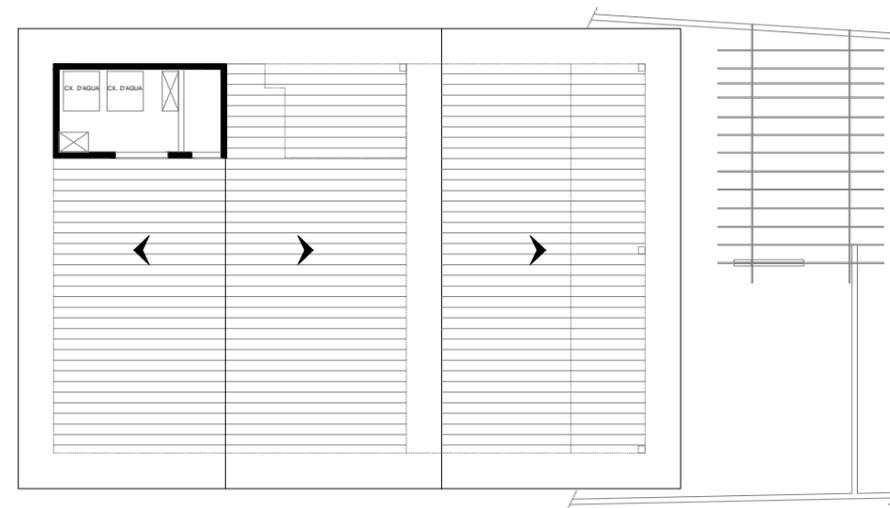
CORTE LONGITUDINAL

0 1 2 5



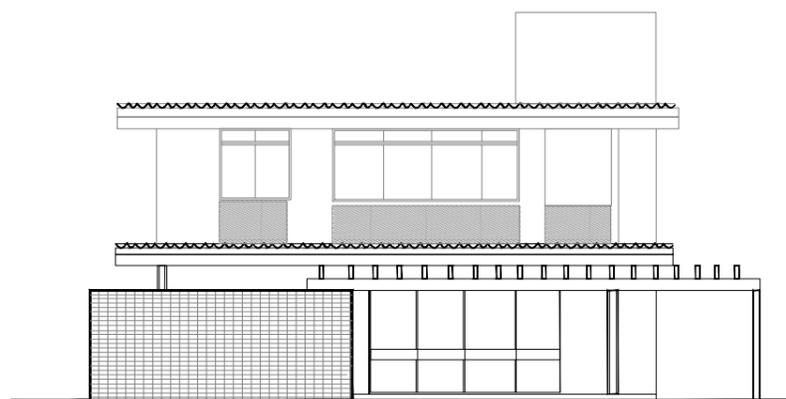
CORTE TRANSVERSAL

0 1 2 5



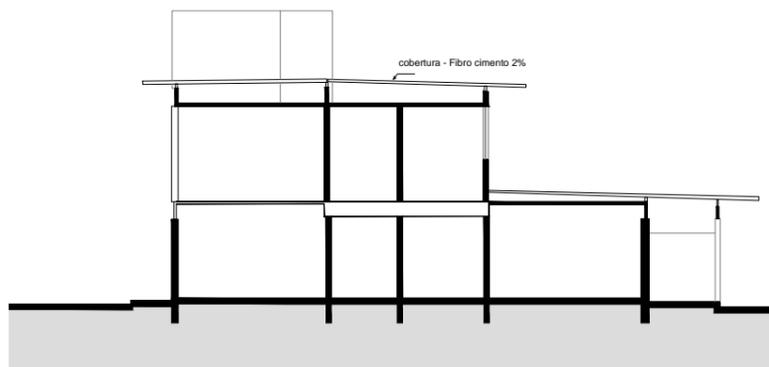
PLANTA DE COBERTURA

0 1 2 5



ELEVAÇÃO

0 1 2 5



CORTE LONGITUDINAL

0 1 2 5

A arquitetura praticada por outros profissionais tem sua representatividade nessa revisão do discurso do arquiteto modernista. Responsável pelo desenho integral de um novo ambiente, moderno, a figura do arquiteto na cidade é, por vezes, substituída, permanecendo as obras constituídas dentro dos preceitos da arquitetura moderna, mas suscitando reflexões, quanto a um tipo de construção que soube aproveitar especificidades locais.



Casa Manoel Garcia . 1967



FIGURA 113| CASA MANOEL GARCIA, 1967 – ENGENHEIRO MANOEL GARCIA.
ACERVO PESSOAL, 2013.

À exemplo, a casa do engenheiro Manoel Garcia |Figura 113|. A casa de volumetria simples, coberta por telha metálica, possui um único pavimento e tem a parte social totalmente interligada, em uma grande dimensão longitudinal. Na fachada, dois blocos claramente diferenciados pelos materiais, pedra branca e tijolos, e recuados entre si marcam a entrada. A edificação possui como sistema estrutural, lajes volterrana, vigas e pilares de concreto. Segundo o engenheiro, o arquiteto Raul Filó, seu amigo, contribuiu com críticas

para o projeto informalmente. A obra que terminou em 1967 também contou com referências como Aloísio Jubé e Eurico Godoy.



FIGURA 114 | CASA MANOEL GARCIA, 1967 – ENGENHEIRO MANOEL GARCIA. ACERVO PESSOAL.



FIGURA 115 | SALAS INTEGRADAS NA CASA MANOEL GARCIA, 1967 – ENGENHEIRO MANOEL GARCIA. ACERVO PESSOAL.

O programa da casa é simples, e conta com dois blocos, o principal que constitui o corpo da casa |Figura 114|, e um bloco na parte posterior do lote com o ateliê da proprietária |Figura 119|. A casa gira em torno do espaço das salas que servem como uma espécie de galeria para as obras produzidas por Neuza Garcia⁹⁰, e de uma pequena varanda, cujo acesso acontece pela porta da sala de estar e se localiza na fachada lateral da casa, separando o volume social do privado. Na varanda a telha metálica dá lugar a um rasgo retangular coberto com telha translúcida. Em seu interior há obras do artesão Armando Cerello, e da proprietária, Neuza Garcia, que já participou de várias exposições e tem obras espalhadas por vários países. Os tijolos foram especialmente produzidos para a casa, cortados na maromba pelo proprietário, e demoraram oito meses para serem queimados. As pedras da fachada foram trazidas de Campos do Jordão.

As soluções, ou representações, do caráter moderno na formulação das revisões da arquitetura do bairro são de forte expressão. A produção dessas casas durante as décadas de 1950 a 1980, sob o viés da difusão da arquitetura moderna, configura-se como um dos momentos mais ricos dessa arquitetura. As obras, valendo-se do *status* já alcançado pela arquitetura modernista, permitiram a ampliação da difusão moderna e constituíram-se em

⁹⁰ Neuza Garcia é artista plástica especialista em arte sacra, expondo inclusive em museus internacionais.

um campo produtivo para o desenvolvimento de sua linguagem, não se limitando as edificações realizadas à repetição de uma linguagem consagrada.



FIGURA 116 | VARANDA CASA MANOEL GARCIA, 1967 – ENGENHEIRO MANOEL GARCIA. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 117 | SALAS CASA MANOEL GARCIA, 1967 – ENGENHEIRO MANOEL GARCIA. ACERVO PESSOAL, 2013.

FIGURA 118 | ATELIÊ CASA MANOEL GARCIA, 1967 – ENGENHEIRO MANOEL GARCIA. ACERVO PESSOAL, 2013.

Os acessos principal e de serviços se dão de forma conjunta, e ocorrem nas extremidades do volume da casa, onde se encontram escadas e rampas. A casa térrea não possui transparências na fachada frontal, que se dá bem próxima à rua, mas possui ambientes que assumem essa função de transição do público ao privado, como varandas e garagens que permitem certa permeabilidade visual para o interior da casa, onde se encontram dois e até três quartos.

Nas casas construídas pela própria população ou construtor local, a invenção de novas soluções para os programas das edificações reforçou a identificação da arquitetura moderna com a modernização na cidade, neste caso, geralmente em casas de um pavimento, de ambientes mais compactos. As casas, um pouco mais compartimentadas com paredes de alvenaria adquirem hoje, usos essencialmente comerciais. Painéis de cobogós de concreto são elementos muito comuns na composição das fachadas, proporcionando marcação das entradas e ritmo. A preocupação com a disponibilidade de material e técnicas locais, devido à dificuldade de acesso, refletiu em uma simplificação de muitos desses elementos.

A volumetria dessas casas possui dimensão menor que os exemplares que são cânones, mas mantém o mesmo sistema estrutural de lajes, vigas e pilares de concreto. A modulação estrutural marca a fachada que juntamente com as esquadrias proporcionam um ritmo na leitura do edifício. As vedações são em alvenaria de tijolo.



FIGURA 119 | CASA SEM DONO IDENTIFICADO. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 120 | CASA SEM DONO IDENTIFICADO. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 121 | CASA SEM DONO IDENTIFICADO. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 122 | CASA ELISA. ACERVO PESSOAL, 2013.

A difusão não acontece apenas a partir de elementos de casas canônicas da cidade, mas faz referência aos símbolos do moderno, como os pilares do Palácio da Alvorada [Figura 122]. Alterações na volumetria e no espaço interno dessas casas têm redundado em descaracterização da arquitetura. As casas que assumiram uso comercial, por exemplo, passam por intervenções que, via de regra, acontecem de forma arbitrária, sem aprovação nos órgãos competentes e por vezes, sem acompanhamento profissional, levando em conta apenas questões funcionais ou estruturais promovidas pelas empresas que alugam as casas.

O Setor Oeste

A iniciativa privada, em Goiânia, se beneficiou não só com as áreas adquiridas em seu entorno próximo pela valorização, ou por serviços prestados em sua construção e posteriores recebimentos em terras, mas principalmente, com a forma com que haviam sido doadas as áreas centrais para o parcelamento da cidade. Para Rassi (1985, p. 145), “ao doar áreas ao Estado, os proprietários das terras reservavam para si lotes, no centro da cidade, que com o passar dos anos tiveram uma elevada valorização, quer devido à localização, quer pela infraestrutura ali instalada”.

Dentre os beneficiados nesta época, podem-se destacar os irmãos Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno, “engenheiros e proprietários da companhia contratada para assumir as obras de construção da cidade. Além de terem sido pagos pelo Estado com terrenos, adquiriram mais glebas que, posteriormente,

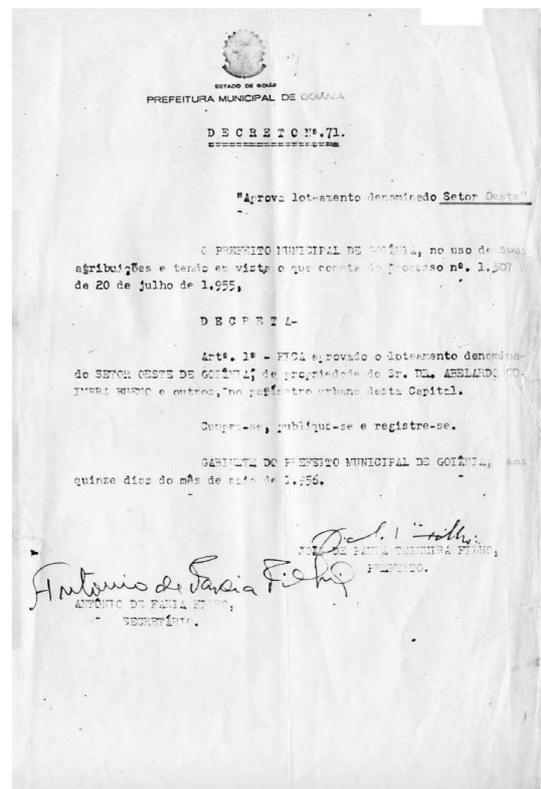


FIGURA 123 | DECRETO DE APROVAÇÃO DO SETOR OESTE.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOTECA DO SEPLAN.

foram sendo transformadas nos setores: Coimbra, Bueno, parte do setor Oeste, setor marista, além de outros”.⁹¹ O setor Oeste, bairro que deveria ser projetado, a partir de 1950 e por meio de concurso, conforme definia o plano aprovado pelo decreto-lei 90-A de 1938, acabou sendo elaborado por José Neddermeyer⁹² em parceria com os irmãos Coimbra Bueno, devido à influência adquirida pelos profissionais.

A abertura do bairro se deu resultado de pressões de interesse econômico. Segundo Souza (1989), planejado inicialmente para atender ao uso essencialmente residencial com característica unifamiliares, seu plano piloto definia que o bairro só passaria a integrar a malha urbana quando da necessidade de atender a locação de mais de 50.000 habitantes na cidade, fato que só ocorreria, segundo as previsões iniciais, para além do ano 2000.

Entretanto, em 16 de março de 1950, Jerônimo Coimbra Bueno, então governador, sancionou a lei nº 176, que revogava as seções 5 e 6 do Código de Edificações, responsável por estabelecer a obrigatoriedade da implantação de infraestrutura à custa do loteador antes da aprovação do loteamento, facilitando o parcelamento de áreas e favorecendo os interesses imobiliários. É indiscutível, portanto, a repercussão das atuações do Estado na valorização imobiliária, liberando a comercialização dessas áreas antes da instalação de sua infraestrutura básica, e da intervenção privada que investe nos lotes com a construção de habitações de médio e alto poder aquisitivo, a partir de 1950.

O valor fundiário nesses setores da cidade foi consideravelmente elevado, incentivando uma diferenciação nas residências do setor Oeste, como em outros bairros. Quando o Estado resolve retroceder dessa decisão, e impede novamente essas áreas de serem loteadas,⁹³ elas passam a sofrer profunda valorização pelos equipamentos e habitações já implantados no local. Esse processo de valorização é semelhante ao que

⁹¹ RASSI, 1985, p. 145.

⁹² Engenheiro paulista radicado em Goiânia, José Neddermeyer, na época, era presidente da empresa paulista Lar Nacional S.A. que atuava em Goiânia sob contrato do governo estadual. (MACIEL, 1996)

⁹³ Decisão foi estabelecida entre os anos de 1959 à 1963, com a elaboração do Plano Diretor de Goiânia, sendo retomada a obrigatoriedade da infraestrutura básica

aconteceu no setor Sul, sendo paulatinamente confirmado pelos Planos e Leis de Uso e Ocupação do Solo posteriores.

Na década de 1960, em meio ao processo de adensamento, quando da aprovação de novos loteamentos, o setor Oeste tem seu processo de parcelamento reduzido, devido ao alto custo da infraestrutura, consolidando assim seu caráter de bairro nobre. Corroborando com esse contexto está o Plano Diretor⁹⁴, que direciona ocupação do bairro por parte de comércios e habitações de alta densidade à medida que estimula o crescimento para Oeste, propondo vias de desenvolvimento que permitiam esse tipo de ocupação. Essas medidas incentivaram a aquisição de casas em conjuntos habitacionais que, neste período, estavam em plena construção no bairro, financiadas pelo BNH.



FIGURA 124 | LOTES ATUALMENTE OCUPADOS POR ATIVIDADES ECONOMICAS NO SETOR OESTE.
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E BIBLIOTECA DO SEPLAN.

⁹⁴ Goiânia teve dois planos diretores elaborados por arquitetos paulistas na década de 1960: Luís Saia (1960-1964) e Jorge Wilhelm (1968-1969). Na década de 1970 o bairro passou por uma intensa verticalização que o descaracterizou como essencialmente residencial de baixa densidade. Segundo Ribeiro (2004, p. 50), isto porque “em 1975, uma nova lei do uso do solo, de autoria de Jaime Lerner, causou uma reviravolta no espaço de Goiânia, ao dar proeminência ao sistema viário e ao transporte coletivo, valorizando também os conjuntos habitacionais, enquanto reduziu as áreas verdes e livres a um item de artigo.” As diretrizes de Lerner reforçavam o crescimento natural em torno da Avenida Anhanguera, e o setor Oeste passou a sofrer uma descaracterização do uso original, sendo permeado por prédios e estabelecimentos comerciais e serviços.

Segundo Costa (1992, p. 160), “as primeiras concentrações habitacionais haviam ocorrido nas proximidades do Bosque dos Buritis, mas devido à posição estratégica do eixo de ligação entre o Centro e Campinas, a Avenida Anhanguera atraiu para suas imediações um grande número de estabelecimentos comerciais e residenciais,” proporcionando uma identidade associada com um ‘setor nobre’; em que a proximidade com o Centro evidentemente contribuiu para sua rápida valorização.

Atualmente, a grande diversificação de atividades concentradas no setor Oeste, tem gerado acirrada disputa do uso do solo, além de sua valorização pela proximidade do Centro e toda a infraestrutura oferecida por ele. Entretanto, ainda existe um número expressivo de residências de baixa densidade, abrigando uma população de alto poder aquisitivo, convivendo com edifícios de múltiplos pavimentos residenciais.



Assim como no setor Sul, no setor Oeste o conjunto habitacional promovido pelo Banco Lar Brasileiro, de 1954, foi referência em arquitetura para a época. Seu autor, reconhecido como o projetista Américo Pontes, já citado anteriormente neste trabalho pelo grande número de projetos de residências unifamiliares em Goiânia, optou por implantar o projeto na quadra delimitada pelas ruas R-6, R-5 e Avenida Perimetral. Foram quinze unidades com área variando entre 130 e 145m².

O programa de necessidades dos dois conjuntos é bem semelhante, mas o agenciamento varia resultando em três modelos de volumetria e dimensionamento cuja composição se dava por: varanda definida como continuação da cobertura, sala, copa, cozinha, banho social, três dormitórios, garagem, área de serviço, quarto e banho de serviço. As casas do conjunto, hoje bem alteradas ou totalmente demolidas, permaneceram



FIGURA 125 | PROPAGANDA DAS UNIDADES DO CONJUNTO LAR NACIONAL SETOR OESTE. JORNAL O POPULAR DE 1956 SIMÃO, 1990, ANEXOS.

difundindo a linguagem permeada por linhas e ângulos retos. Destaque para uma nova solução com relação às coberturas tipo “iate”,⁹⁵ e à um dos modelos que apresentava, “devido a um novo agenciamento dos ambientes, a varanda como parte do próprio corpo da edificação, tornando-se uma reentrância no volume.” (COSTA, 1992, p. 188)

No setor Oeste, as casas mais amplas e com menos simplificação volumétrica mantem a técnica construtiva utilizada no conjunto do setor Sul: sistema convencional de alvenaria, não havendo estrutura de concreto, os forros foram feitos de laje de tijolos furados pré-moldados, e o telhado de fibrocimento. “O emprego dos mesmos materiais construtivos e de detalhes técnicos semelhantes evidencia a intenção do Banco de padronizar sua produção, evitando possíveis desperdícios e facilitando a solução de problemas de execução,” (COSTA, 1992, p. 194) embora essa padronização não se dê de forma rigorosa.



FIGURA 126 | CASA CONJUNTO HABITACIONAL LAR BRASILEIRO SETOR OESTE. ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 127 | CASA CONJUNTO HABITACIONAL LAR BRASILEIRO SETOR OESTE. ACERVO PESSOA, 2013.

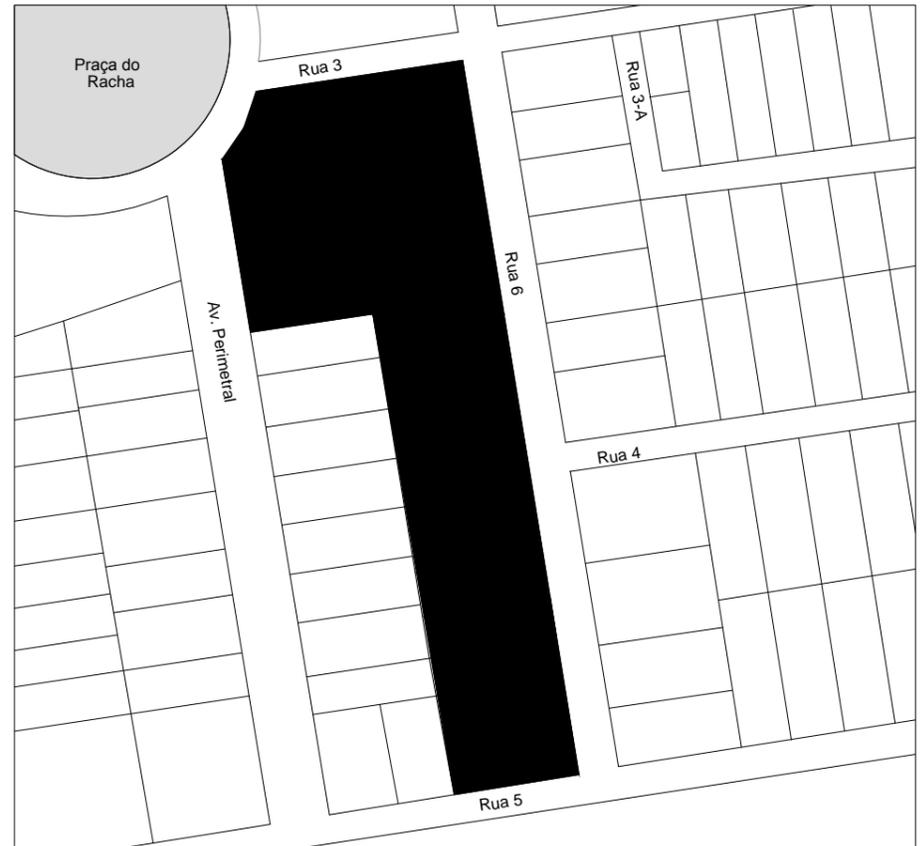
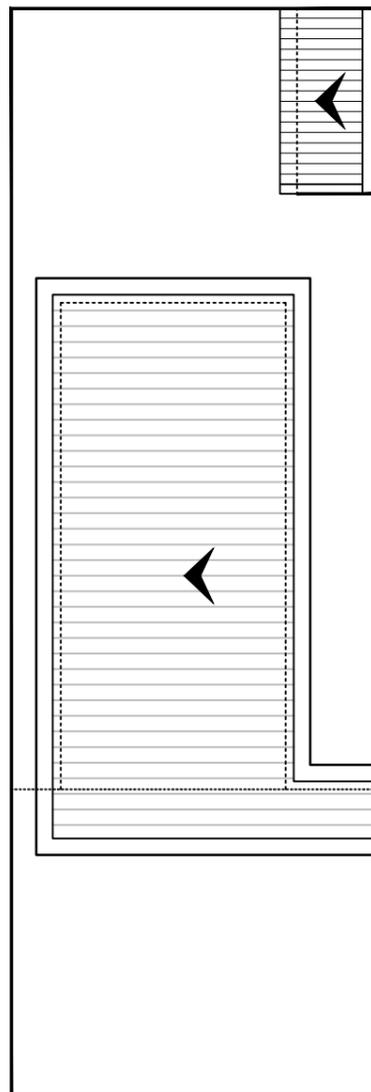
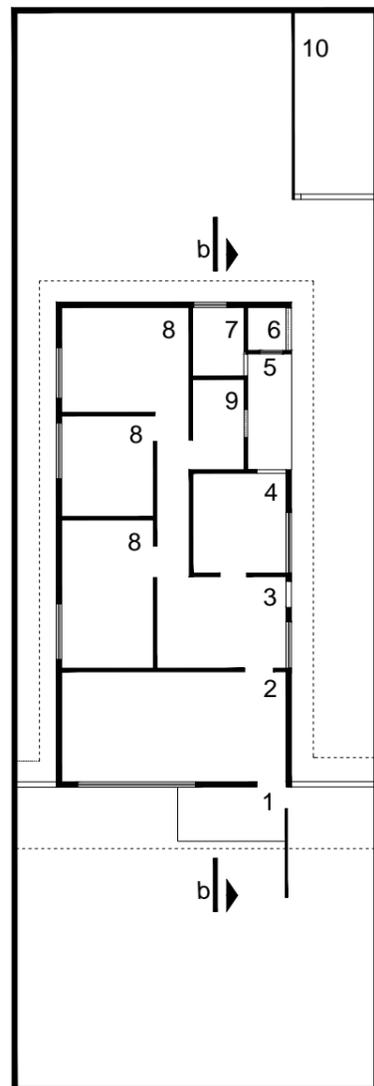
Não houve um projeto padrão a ser seguido para o conjunto, que o padronizasse com o setor Sul, ou demais projetos do Banco no Brasil, prevalecendo as intenções de diferenciações de fachada e agenciamento do projetista. A integração entre as unidades foi pensada a partir da altura das alvenarias que definem os limites laterais na extensão ocupada pelos jardins frontais e pela alternância na locação dos modelos durante a

⁹⁵ A cobertura foi assim denominada devido à popularização da construção do late Clube de Belo Horizonte (1942), de Oscar Niemeyer.

implantação. As casas hoje, em sua maioria já estão demolidas, restando apenas algumas bastante descaracterizadas | **Figura 126 e 127** |.

A que se reconhecer a importância da atuação do Banco na introdução da arquitetura moderna em Goiânia, ou pelo menos, do gosto pelo “novo estilo”, além de ser um dos responsáveis por favorecer a popularização, na década de 1950, dessa produção arquitetônica que muitas vezes se via restrita às classes de maior poder aquisitivo. Essa “nova arquitetura” passa a pertencer a memória coletiva da população como compatível com o ideário de desenvolvimentismo favorecendo o sentimento de pertencimento à modernidade. Ela integra o panorama existente de obras no setor Oeste, constituídas por características evidenciadas nas casas do conjunto Lar Brasileiro, tanto em questões volumétricas, quanto em soluções de planta, ou técnicas construtivas.





PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:1500

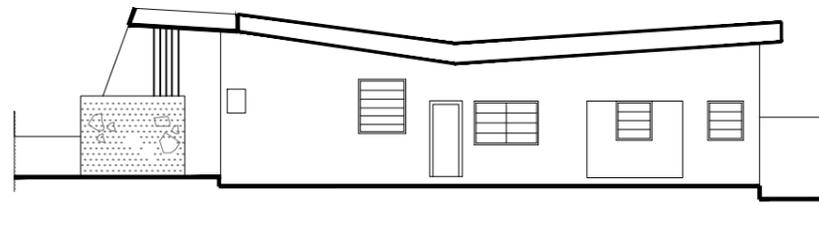
LEGENDA	
N	AMBIENTE
1	Varanda
2	Estar
3	Copa
4	Cozinha
5	Área de Serviço
6	Banho Serviço
7	Quarto Empregada
8	Dormitórios
9	Banho Social
10	Garagem

CONJUNTO LAR BRASILEIRO SETOR OESTE

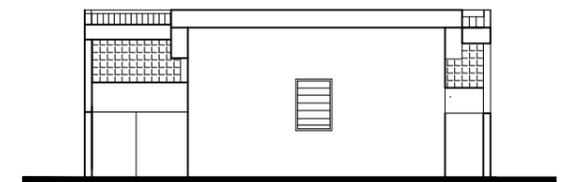
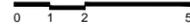
PLANTA BAIXA - modelo 1B



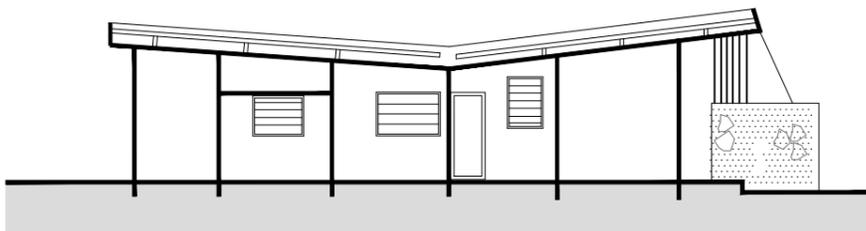
PLANTA DE COBERTURA



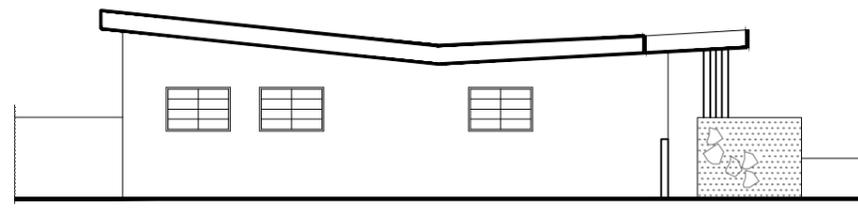
ELEVAÇÃO LATERAL



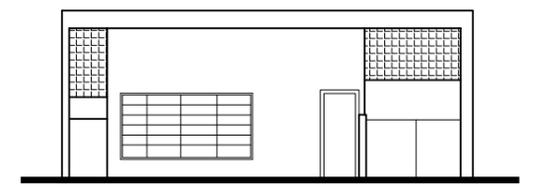
ELEVAÇÃO POSTERIOR



CORTE LONGITUDINAL

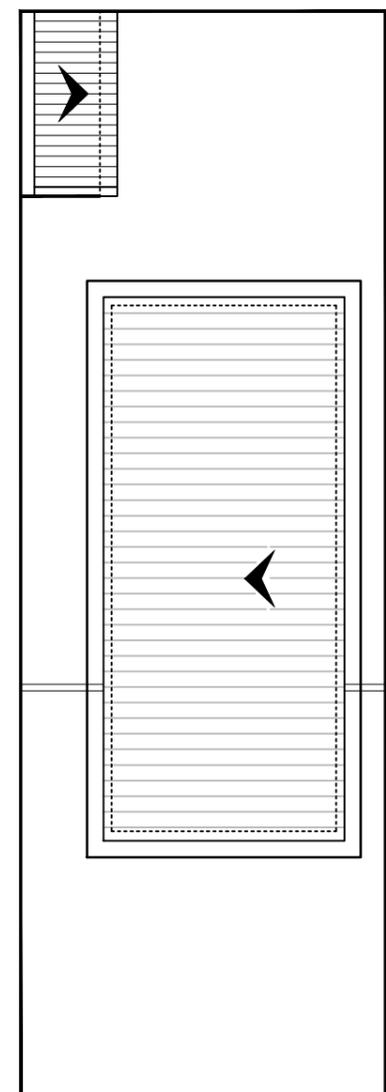
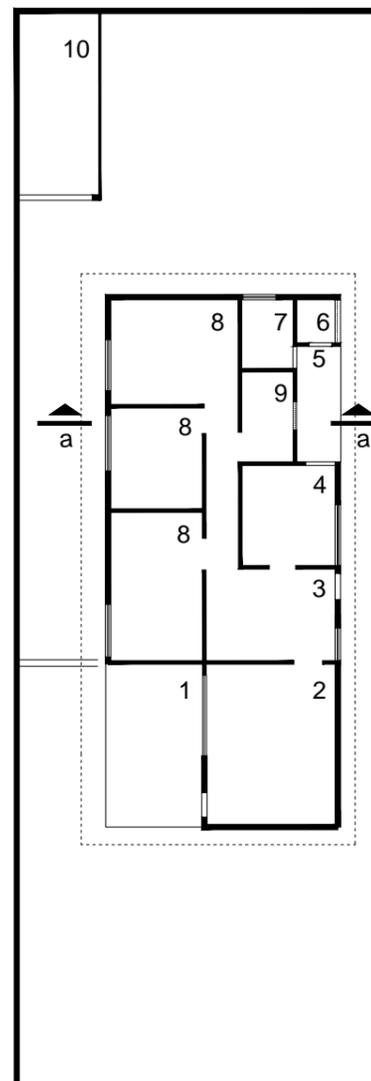


ELEVAÇÃO LATERAL



ELEVAÇÃO FRONTAL





LEGENDA

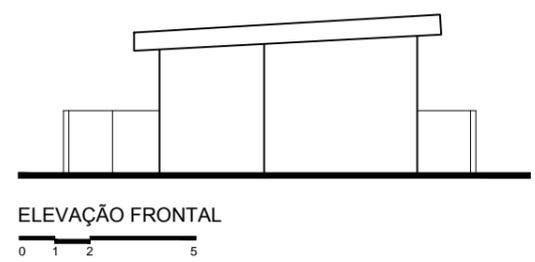
N	AMBIENTE
1	Varanda
2	Estar
3	Copa
4	Cozinha
5	Área de Serviço
6	Banho Serviço
7	Quarto Empregada
8	Dormitórios
9	Banho Social
10	Garagem

PLANTA BAIXA - modelo 2
0 1 2 5

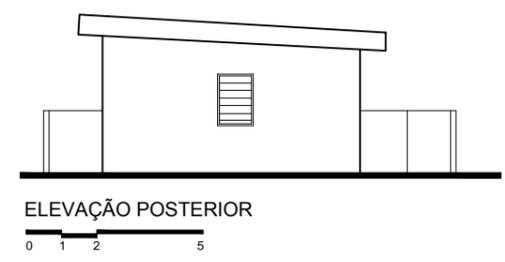
PLANTA DE COBERTURA
0 1 2 5



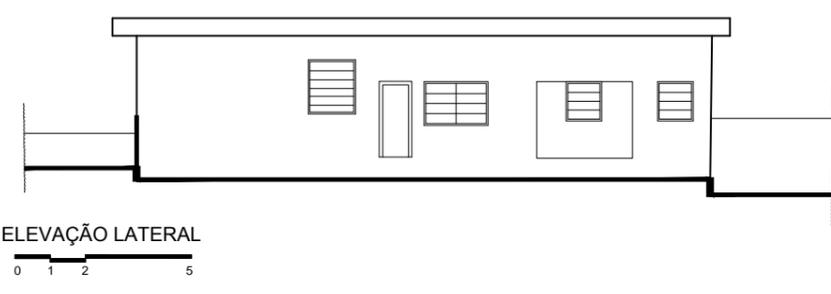
CONJUNTO LAR BRASILEIRO - SETOR OESTE



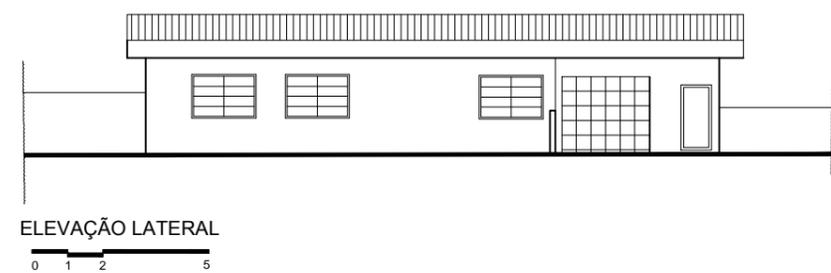
ELEVAÇÃO FRONTAL
0 1 2 5



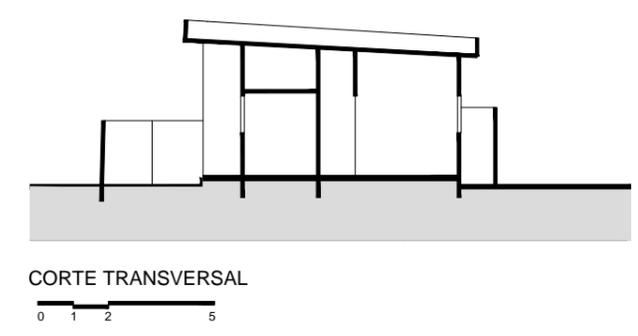
ELEVAÇÃO POSTERIOR
0 1 2 5



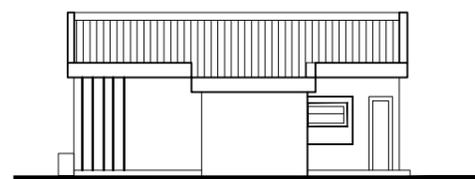
ELEVAÇÃO LATERAL
0 1 2 5



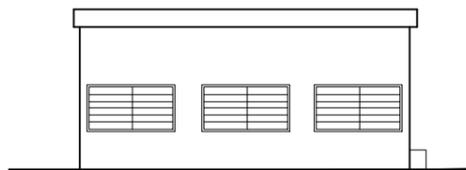
ELEVAÇÃO LATERAL
0 1 2 5



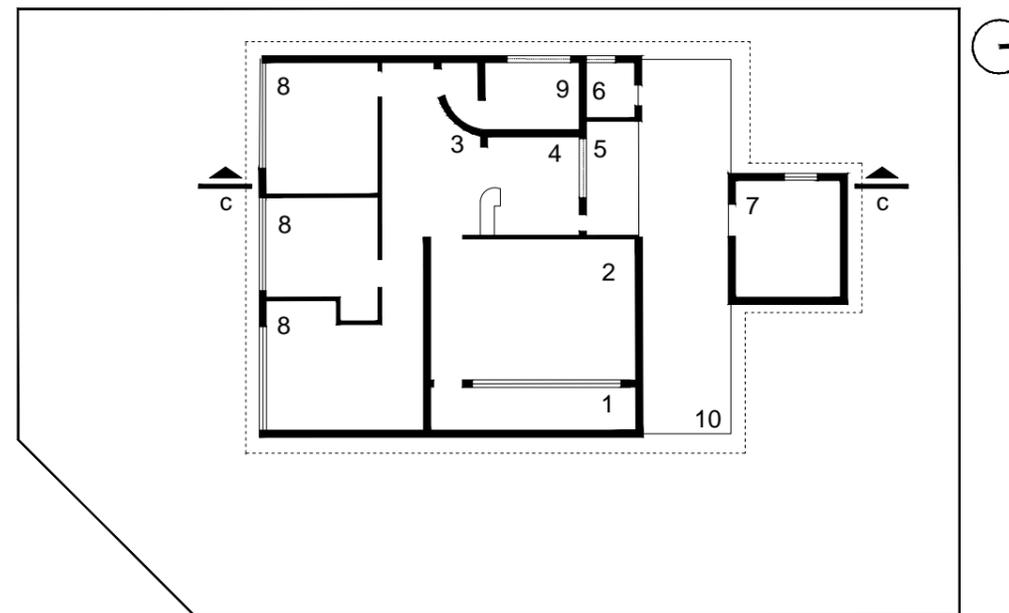
CORTE TRANSVERSAL
0 1 2 5



ELEVAÇÃO LATERAL

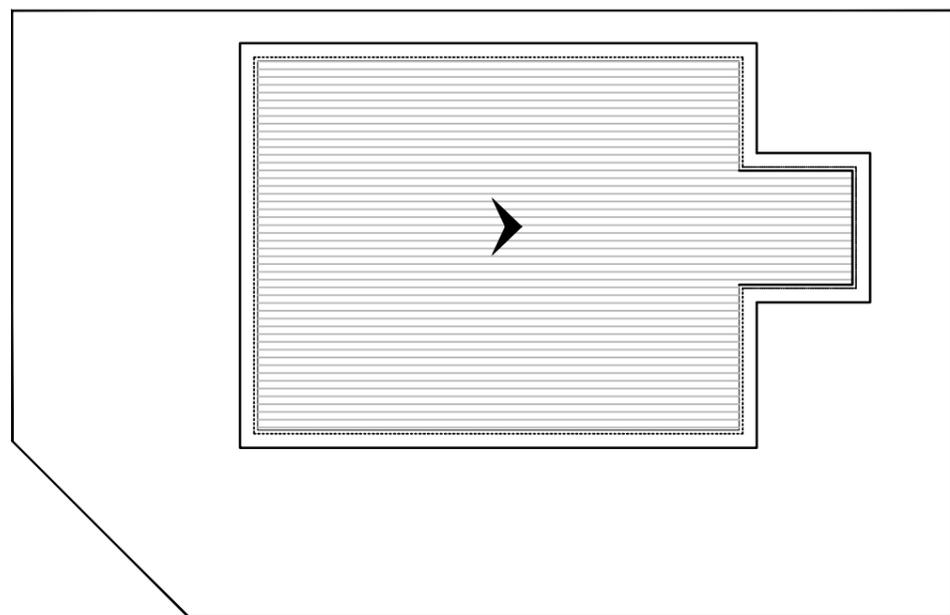
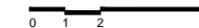


ELEVAÇÃO LATERAL

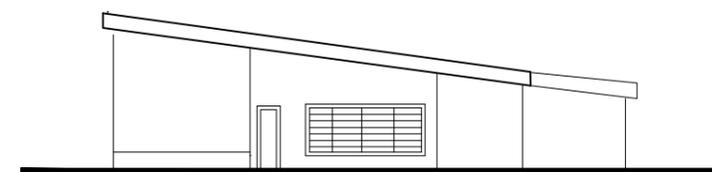


LEGENDA	
N	AMBIENTE
1	Varanda
2	Estar
3	Copa
4	Cozinha
5	Área de Serviço
6	Banho Serviço
7	Quarto Empregada
8	Dormitórios
9	Banho Social
10	Garagem

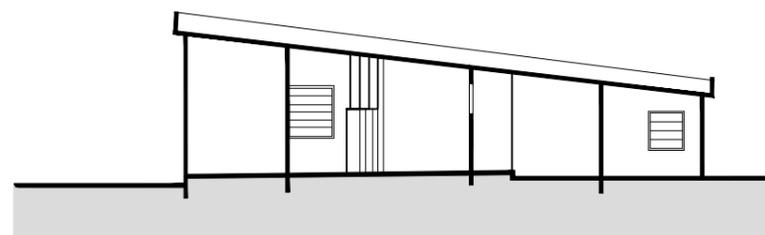
PLANTA DE BAIXA - modelo 3



PLANTA DE COBERTURA



ELEVAÇÃO FRONTAL



CORTE LONGITUDINAL



Mudanças no conjunto arquitetônico moderno tornaram maior o desafio imposto pelo estudo da arquitetura por meio da história no setor Oeste, à medida que é necessário lidar com dados materiais, imagens, lembranças imprecisas, próprias às experiências de vida de seu morador, no percurso da construção desse conjunto, o que segundo Oliveira (2012, p. 1), nos leva à uma “materialidade de um bairro agregada ao imaginário que sustenta sua memória”.

Mediante as mudanças propostas nas edificações devido à adoção do uso comercial nas casas estudadas, não só no setor Oeste como nos demais bairros, frequentemente tornava-se inviável o conhecimento integral dos projetos, fazendo-se necessário recorrer a esse imaginário. As fachadas já descaracterizadas em função de reformas e da manutenção de letreiros com um aspecto mais comercial, além de outras mudanças são encontradas com frequência, como: compartimentação, surgimento de instalações e ventilações por ar-condicionado em locais originalmente concebidos para funcionar com ventilação e iluminação naturais, o que obriga o fechamento de ambientes anteriormente abertos – varandas e grandes aberturas – entre outras coisas.

Muitas esquadrias são fechadas por panos cegos de alvenaria e o edifício apresenta, após as mudanças de usos, aspecto menos permeável, por vezes excessivamente maciço. Os exemplares que são cânones também passam por mudanças em função da inserção de instalações requisitadas pelos novos usos, mas mantendo o uso e a volumetria originais. Muitas casas desse bairro passaram a integrar o panorama levantado nesta pesquisa através dos vínculos estabelecidos entre a população, ainda pioneira no bairro, e o lugar, ampliando-o para além dos valores históricos ou artísticos modernos.



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



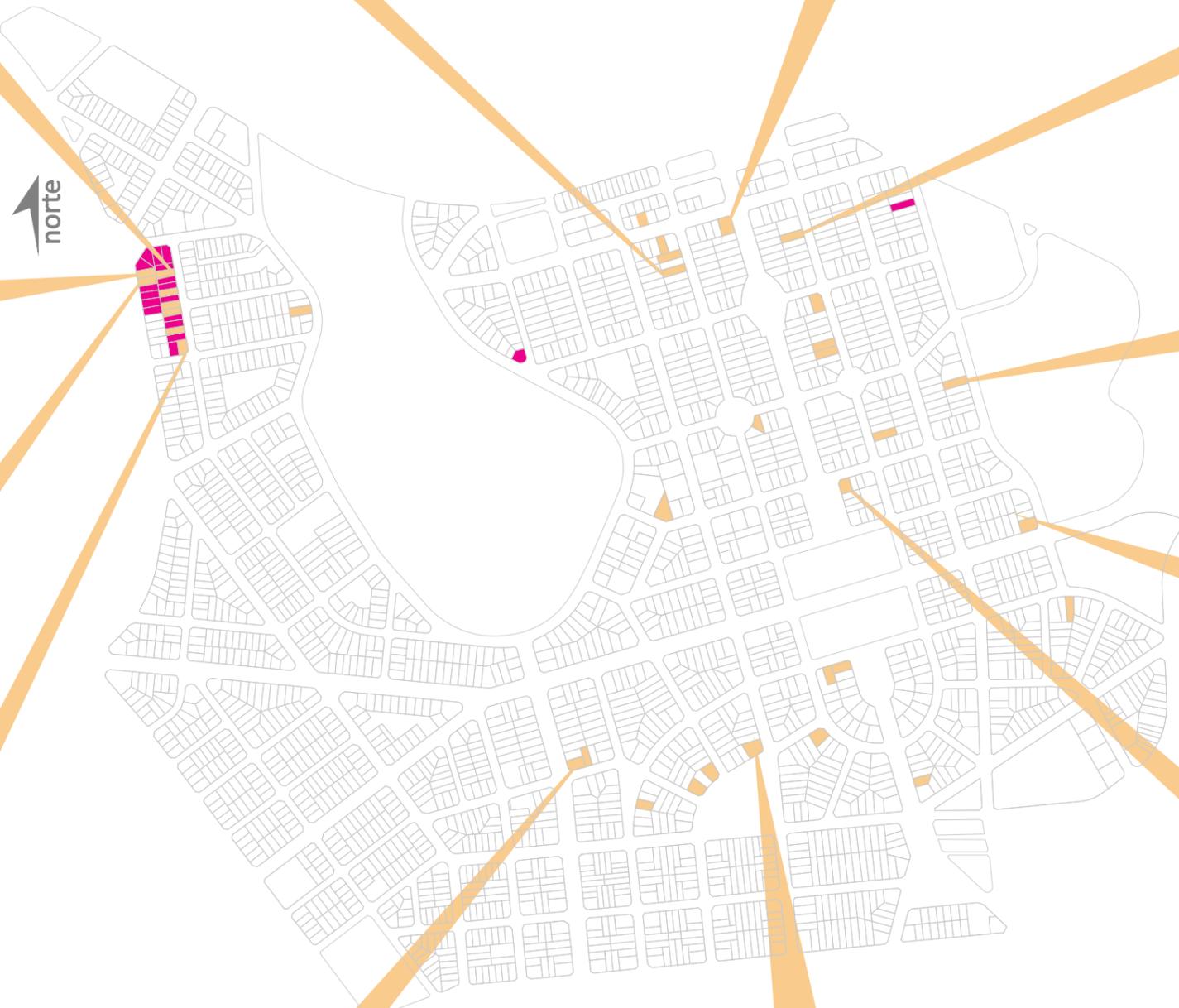
ACERVO DO AUTOR, 2015



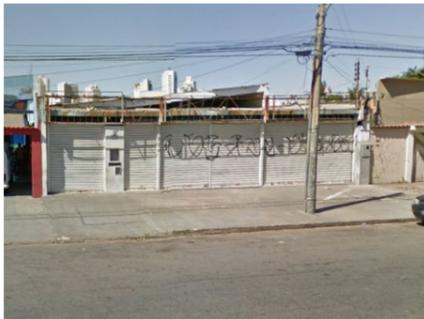
ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2016



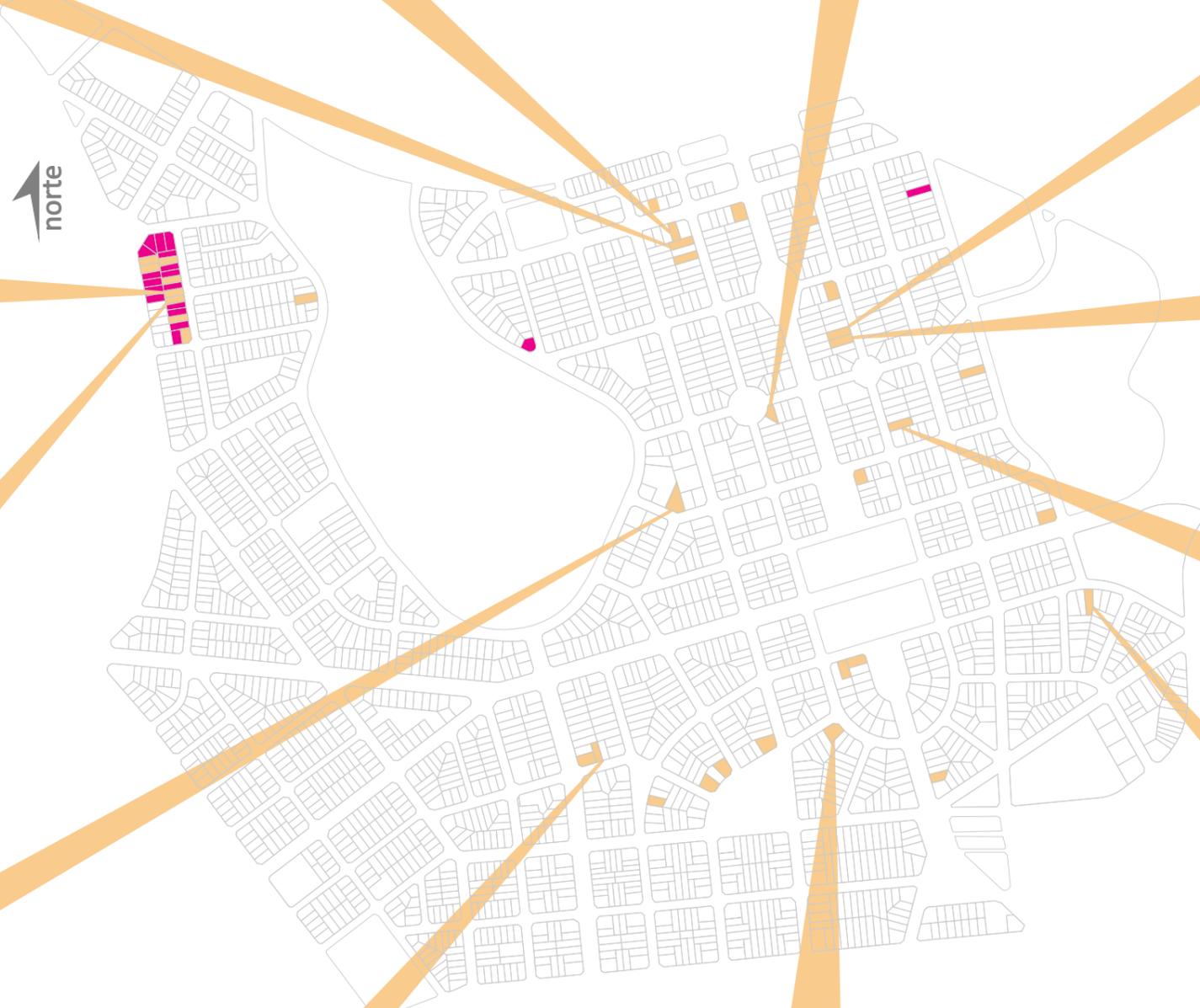
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



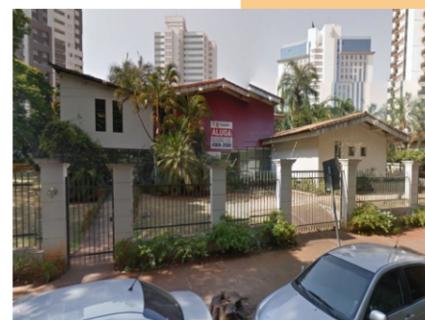
GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015

LEGENDA:
■ Demolida
■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



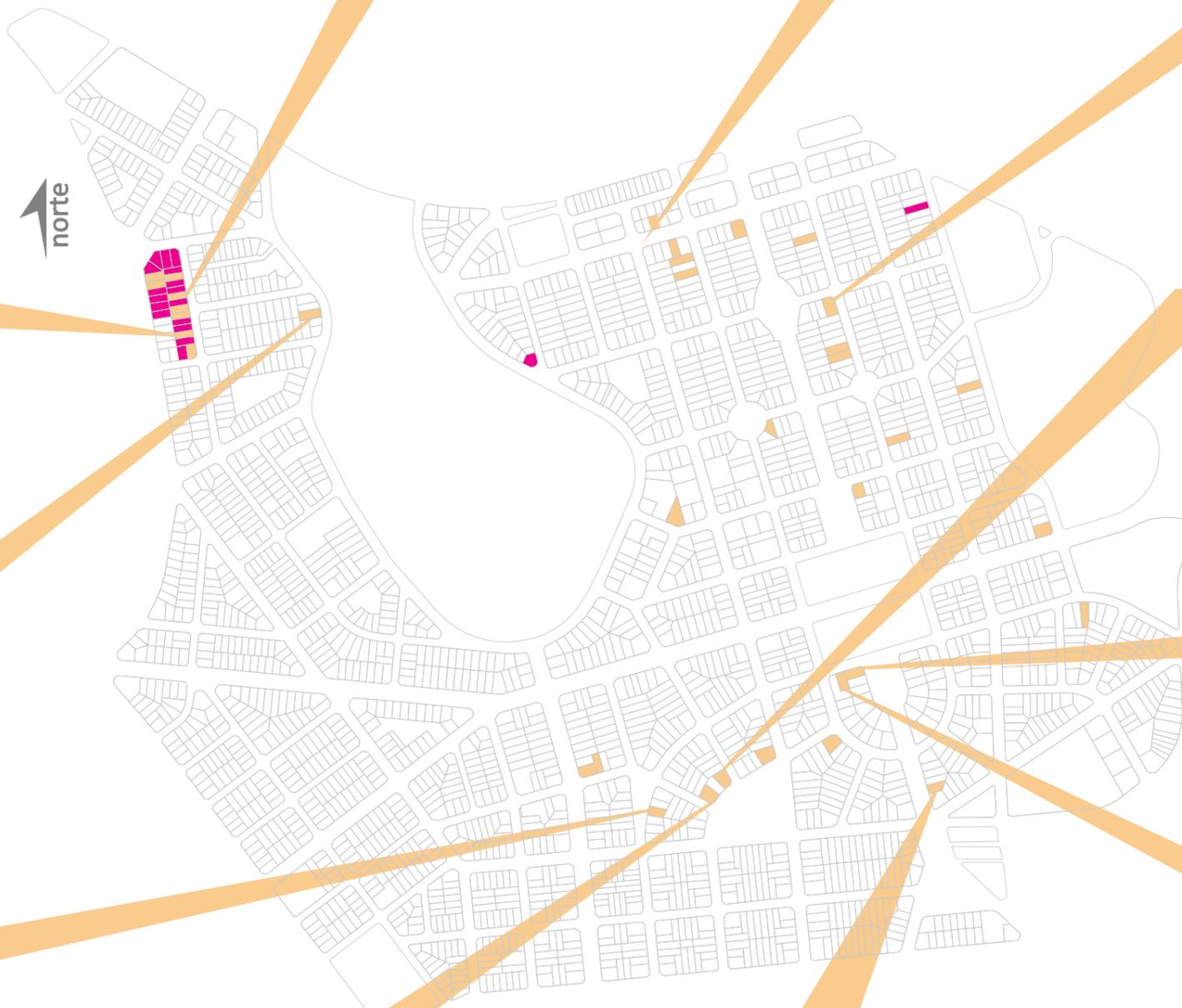
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



Casa José Ribeiro Parrode . 1960

O panorama da arquitetura modernista no setor Oeste, em Goiânia, se faz representada em obras como as de autoria de Eurico Calixto de Godoy. Registros históricos indicam a presença de pelo menos duas casas dele no bairro. Uma delas é a casa da Alameda das Rosas |Figura 128|, de 1953. Hoje já demolida, é representante do que tem acontecido com muitas outras obras na cidade, objeto de ações que comprometem o reconhecimento de parte da memória construída da cidade.

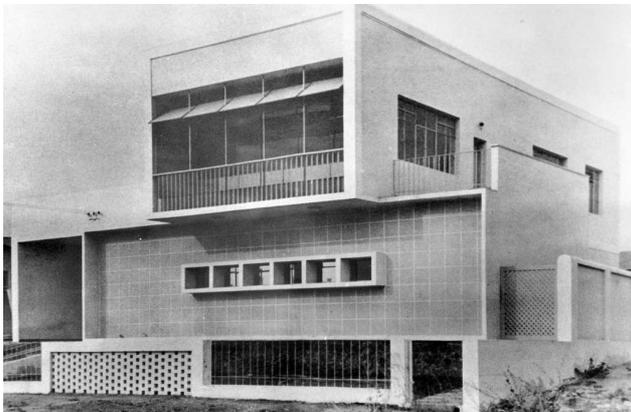


FIGURA 128 | CASA ALAMEDA DAS ROSAS, 1953, SETOR OESTE - ATRIBUÍDA AO ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY. LUCAS JORDANO IN WWW.FLICKR.COM



FIGURA 129 | CASA JOSÉ RIBEIRO PARRODE, 1960, SETOR OESTE, ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODOY. ACERVO PESSOAL, 2013.

Segundo Mello (2016, p. 132), havia entre a década de 1950 e a década de 1960, uma euforia modernizadora permeando o imaginário goianiense. Apesar disso, “as resistências aos novos modelos construtivos se efetivavam por força de padrões provincianos de comportamento,” ou os chamados “costumes tradicionais”. Neste sentido, Eurico Godoy foi um dos responsáveis por promover uma espécie de “processo educativo” para a implantação do Modernismo na capital goiana. “Como, para eles, a arquitetura modernista também era uma causa, seus canais de luta, além da argumentação direta com o cliente, eram as revistas e os jornais locais, onde procuravam divulgar suas ideias por meio de artigos esclarecedores”. (MELLO, 2006, p.132)

A segunda produção do arquiteto no bairro é a casa José Ribeiro Parrode | **Figura 129** | de 1960. Na casa, Eurico Calixto de Godoy desenvolveu um programa bem definido e setorizado. A figura do pátio é representativa nas obras do arquiteto, atuando como elemento ordenador dos espaços sociais e íntimos que se desenvolvem nos blocos que o circundam, visto que, dentre suas demais casas na cidade, esta é a que traz consigo a tipologia do pátio de forma mais significativa, inclusive repercutindo na fachada frontal.



FIGURA 130 | FACHADA REPÚBLICA DO LÍBANO CASA JOSÉ RIBEIRO PARRODE, 1960, SETOR OESTE, ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODDY. OLIVEIRA, 1990.
SILVA NETO, 2010, P. 78.



FIGURA 131 | FACHADA AVENIDA B CASA JOSÉ RIBEIRO PARRODE, 1960, SETOR OESTE, ARQUITETO EURICO CALIXTO DE GODDY.
ACERVO PESSOAL, 2013.

O bloco ortogonal em forma de “U” é elevado do terreno resolvendo a garagem em um subnível, setorizado de forma a resolver social / serviço em um único bloco, íntimo no bloco oposto, e a circulação ligando os dois. A planta é extremamente racional, assim como o volume e a estrutura. Hoje o fechamento externo do lote, com gradil metálico em função da privacidade de quartos e salas que se abrem para o exterior através de grandes aberturas diante da rua, compromete muito da visualização da leveza da casa, anteriormente sem muros.

Tanto as fachadas quanto as janelas laterais são emolduradas por concreto revestido em mármore branco. Na fachada da avenida República do Líbano, revestimentos de mármore branco em alto e baixo relevo, e pedra bruta de Pirenópolis. A estrutura não é independente à casa.

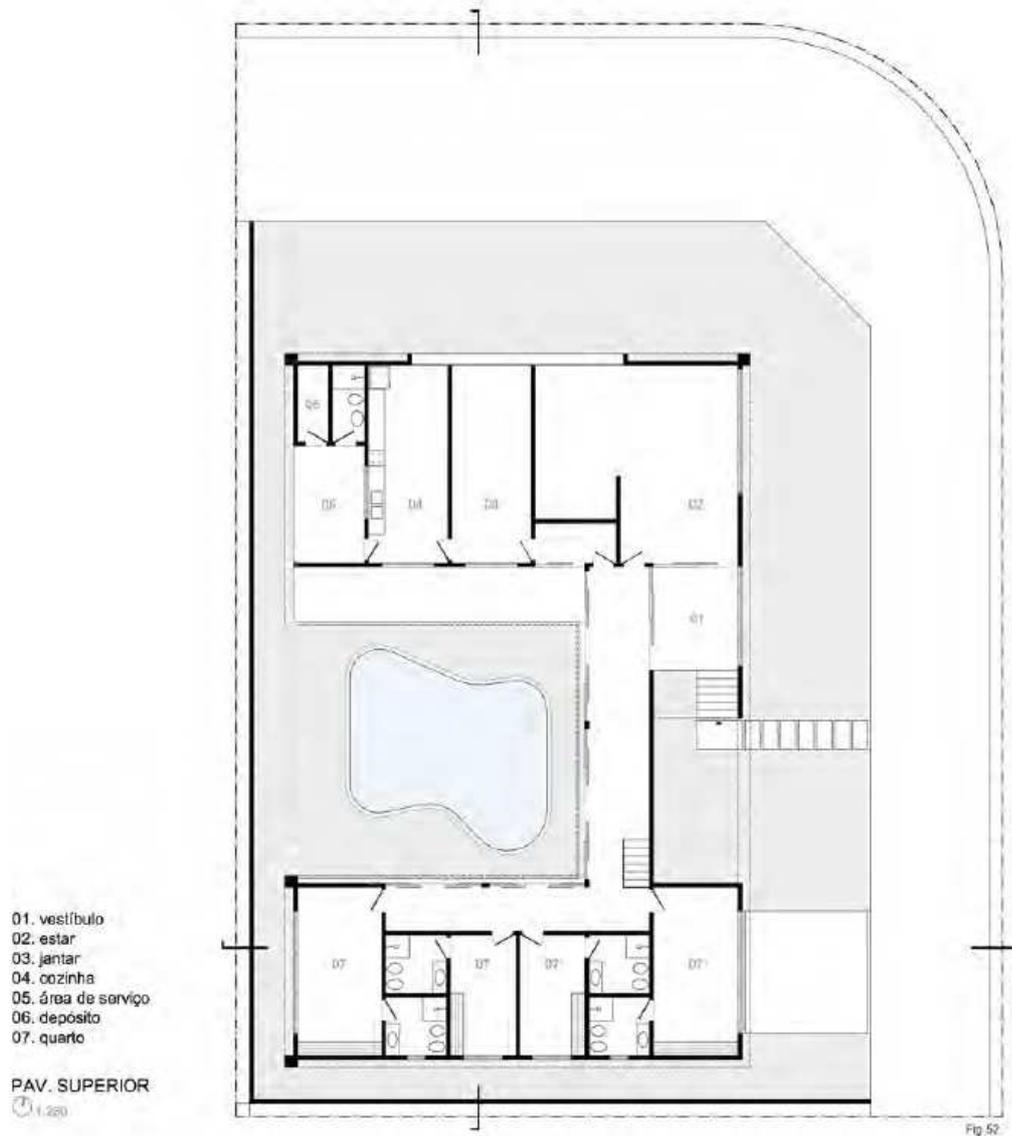


FIGURA 132 | PLANTA BAIXA CASA JOSÉ RIBEIRO PARRODE, 1960, SETOR OESTE, ARQUITETO EURICO DE GODOY. SILVA NETO, 2010, P. 78.

Nesta casa de Eurico de Godoy, fica claro que o que propõe Lemos (1978) quando afirma que o ato de morar como manifestação cultural varia enquanto técnicas construtivas e materiais de acabamento dependendo do progresso. Entretanto, nesta mesma casa, o habitar o espaço, além de manter vínculos com a modernidade, também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade. O interesse da casa está, muito mais, no seu aspecto sociológico do que nas suas qualidades arquitetônicas, decorrentes da técnica construtiva e de intenção plástica. Eurico de Godoy faz essa leitura na relação público / privado através da casa Parrode, visto que a casa mantém ao centro suas atividades de lazer,

mas não se fecha totalmente para rua, mantendo a relação da casa tradicional, da janela que se abre pra rua, de onde é possível ver o que acontece em seu exterior.



Casa Ruffo de Freitas . 1972



FIGURA 133 | CASA RUFFO DE FREITAS, 1972, SETOR OESTE, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO. ACERVO PESSOAL, 2013.

O concreto bruto com toda sua expressividade ganhou consistência em toda a cidade através das obras do arquiteto Antônio Lúcio Ferrari, visto como referência para esta linguagem, possibilitadas pelo uso das novas tecnologias, vide casas Walter Hugo Fronta (1973) no setor Sul, casa da rua 32, no setor Marista, a casa do Próprio Arquiteto, no Setor Bueno (1974), e a casa da República do Líbano |**Figura 135**|, hoje totalmente descaracterizada pelo uso comercial. No texto “Razões da Nova Arquitetura”, Costa já apontava o compromisso dos arquitetos frente a tecnologia industrial:

“É preciso, antes de mais nada, que todos – arquitetos, engenheiros, construtores e o público em geral – compreendam as vantagens, possibilidades e beleza própria que a nova técnica permite, para que então a indústria se interesse, e nos forneça - economicamente – os materiais

leves e a prova de ruído, que a realidade necessita. Não podemos que ela toma a si todos os riscos da iniciativa – empenhando-se em produzir aquilo que os únicos interessados ainda não lhe reclamaram (...) é imprescindível que a indústria se apodere da construção, produzindo, convenientemente apurados, todos elementos de que ela carece...”

(COSTA, 1962, p. 31)

A casa Ruffo de Freitas, de Antônio Lúcio, de 1972, é um dos poucos exemplos dentro do panorama da arquitetura na cidade que mantém integração com o espaço urbano, sem nenhum tipo de fechamento, contrariando as mudanças enfrentadas em quase todas as casas modernas, principalmente devido à insegurança. Ainda mais quando se considera a entrada principal voltada diretamente para a rua, com o jardim privado localizado no passeio, permitindo certa visualização da parte interna da casa.

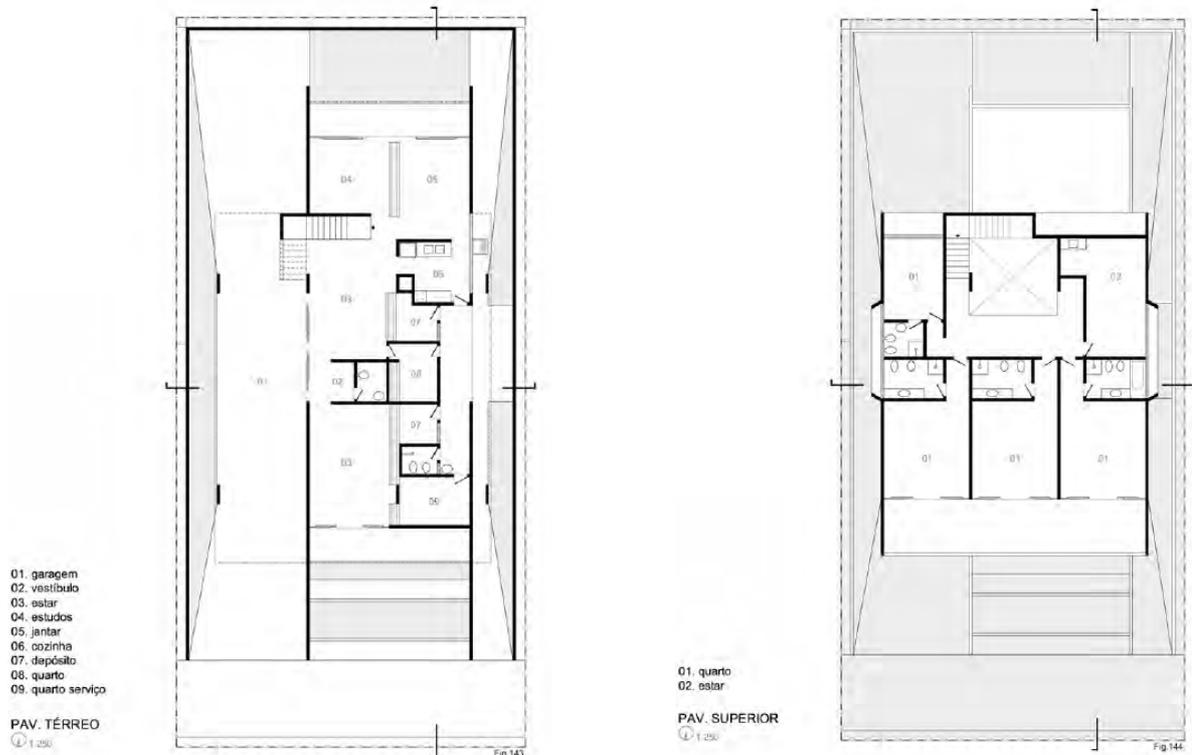


FIGURA 134 | PROJETO CASA RUFFO DE FREITAS, 1972, SETOR OESTE, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO. SILVA NETO, 2010, P. 140-141.

Sua volumetria e planta também permanecem quase como indicação do projeto original, entretanto seu entorno está totalmente modificado. Sua implantação na Praça Tamandaré permanece indiferente diante de uma área anteriormente residencial, mas que já está totalmente voltada para o uso comercial. O volume superior avança os limites do volume inferior, criando uma área sombreada que serve de proteção para a porta principal. O pavimento térreo é composto dos setores de serviço e social, sua forma retangular não é totalmente sobreposta pelo pavimento superior, que possui planta quadrada e comporta o setor íntimo.

Segundo Silva Neto (2010, p. 135), o projeto original pensado para ser todo em concreto aparente foi revisado, e devido à problemas climáticos, paredes externas foram substituídas por alvenaria, acarretando em problemas de vedação devido à dilatação. Outra modificação inserida no projeto foi o acréscimo de um ambiente sobre a sala e os quartos de estudo. A casa, claramente relacionada à linguagem da Escola Paulista da arquitetura modernista, tem todo programa resolvido em amplos espaços de convívio, destacando-se o pensamento da casa na cidade, a partir de sua integração.



FIGURA 135 | CASA REPÚBLICA DO LÍBANO, SETOR OESTE, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO.
ACERVO PESSOAL, 2013.



Segundo a leitura de Sampaio (1990, p. 113), “a moradia da classe média é a que apresenta maior soma de ocorrências quanto à evolução do programa nos anos de modernidade.” Apesar da unidade formal que a historiografia muitas vezes reforçou, haviam diferenças dentro da produção dos próprios arquitetos e suas propostas, formalizando novos contornos de uma ampla produção, e a partir dela, novas soluções. Sendo assim, do ponto de vista da apropriação do repertório de uma arquitetura em menor escala, a casa foi elaborada sob um conceito de articulação do Modernismo, nem totalmente formalista, e nem abstrato.

Essa articulação dada entre o vernacular e o moderno presente nestas casas, incorpora um caminho com outros contornos na representação da arquitetura no setor Oeste e nos demais bairros da cidade. A valorização espacial se dá em releituras de algumas tipologias como a do pátio, e algumas características permanecem, como a superposição de funções num ou dois ambientes. Mesmo quando a casa cresce um pouco, persiste a superposição: estar e serviços sempre superpostos. Como sugere Lemos (1978), “fica-se à vontade na cozinha, as crianças fazem lição na cozinha e a família reúne-se aos domingos na cozinha para comer e ouvir o jogo de futebol.”. A vida simples, as tradições de cidade pequenas não se romperam totalmente.



FIGURA 136 | CASA RUA 1, SETOR OESTE.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 137 | CASA RUA 5, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.

É possível observar essas superposições no projeto do engenheiro A. A. de Souza Pinto para Jacy Coelho em 1968. A figura da edícula de serviço permanece no fundo da casa,

entretanto anexada ao corpo da edificação. A casa assume novos programas como o escritório e o terraço.

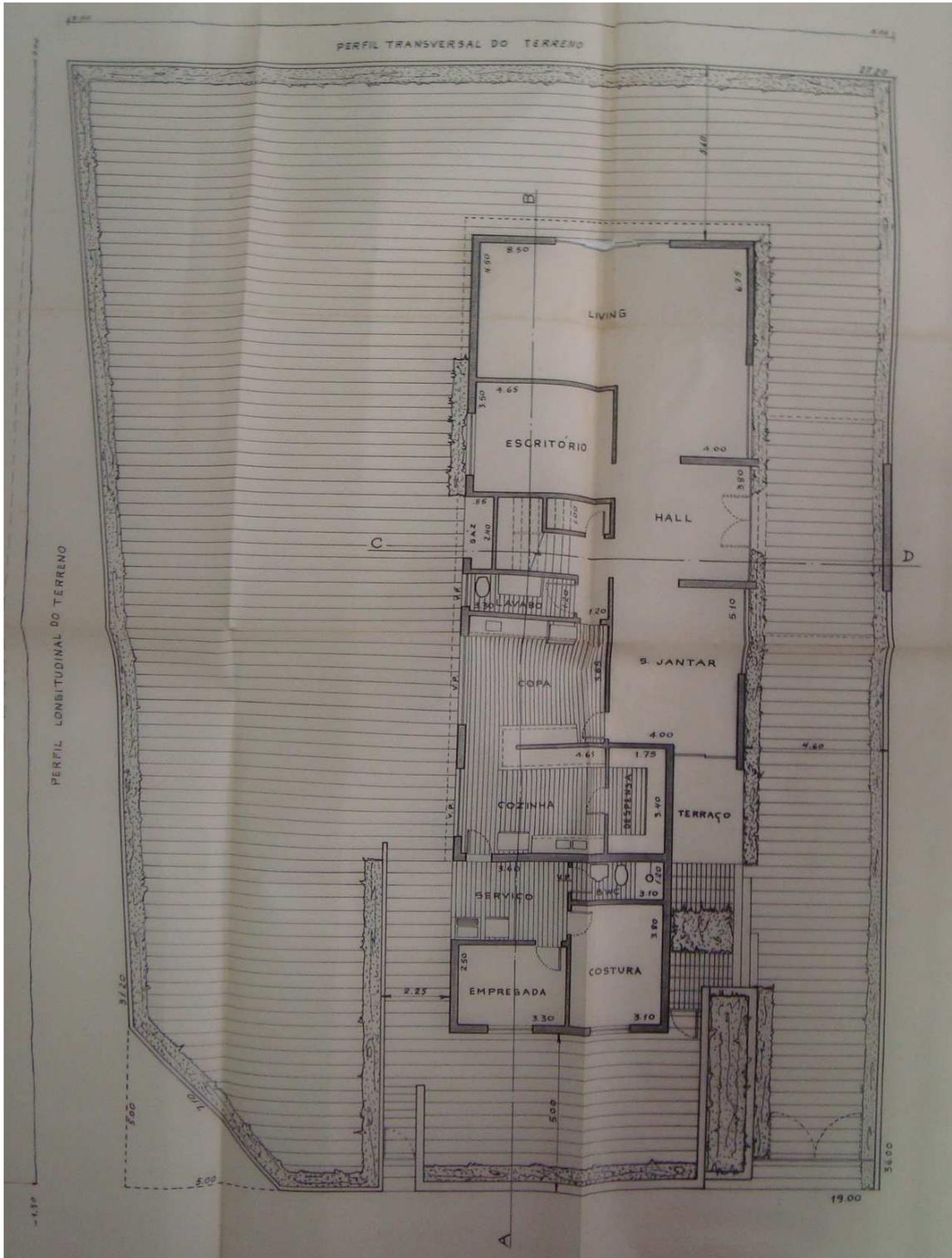


FIGURA 138 | PROJETO DE A. A. SOUZA PINTO PARA JACY COELHO, 1967
ARQUIVO DA PREFEITURA DE GOIÂNIA, 2016.

A essa altura, as qualidades formais e simbólicas das obras da difusão, que se apropriavam do Modernismo, de forma crítica ou não, como uma expressão do espírito da época na cidade, adotavam uma arquitetura já reconhecida através de Brasília, tornando esse modelo de arquitetura muito mais consolidado. Sampaio (2007), na pesquisa “diálogos na cidade moderna e contemporânea,” expõe: (...) era óbvio que tinha que ser moderno. Nem se discutia, era uma coisa de senso comum. Era tão hegemônica a ideia e eles todos eram ligados a isso, tinham acabado de sair da escola de arquitetura”. (SAMPAIO, 2007)

Mas certamente o desenvolvimento do Modernismo em Goiânia, a partir de meados dos anos 1950, não foi fruto apenas das concepções de alguns arquitetos, entretanto possuiu mais de uma expressão, ligadas por várias questões comuns, inclusive ideológicas.



FIGURA 139 | CASA RUA 5, SETOR OESTE.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 140 | CASA RUA 5, SETOR OESTE.
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 141 | CASA RUA 7, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 142 | CASA RUA 10, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013

Ao mesmo tempo em que vemos elementos e questões da arquitetura que é cânone, como Antônio Lúcio através das referências à conhecida Escola Paulista, e Libeskind, comum a arquitetura mais 'pura' e limpa, associada à Escola Carioca, verificamos a emergência ou o desenvolvimento de outras linguagens modernas que revelam uma pluralidade neste panorama, diante da limitação arquitetônica que por vezes a historiografia supõe.



FIGURA 143 | CASA DR. ARI, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 144 | CASA RUA 12, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 145 | CASA RUA 13, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 146 | CASA RUA 10, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 147 | CASA AVENIDA B, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 148 | CASA AVENIDA B, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.
ORIGEM DAS CASAS MODERNAS EM GOIÂNIA

A casa moderna também passa a possuir influências da casa vernácula, com platibandas escondendo telhados cerâmicos de grandes inclinações, e os anexos de serviço nos fundos dos lotes.



FIGURA 149 | CASA AVENIDA ASSIS CHATEAUBRIAND, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 150 | CASA RUA 7, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 151 | CASA RUA 5, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.



FIGURA 152 | CASA RUA 7, SETOR OESTE
ACERVO PESSOAL, 2013.

O Setor Bueno

A formação do setor Bueno foi marcada, assim como os demais bairros de Goiânia, por uma forte interferência do poder político em todas as transformações sofridas pelo espaço urbano. A fase de transição política evidente no país com o fim da Segunda Guerra Mundial,

em Goiás, significou a queda do grupo político que apoiava Pedro Ludovico, e a consequente eleição do engenheiro Jerônimo Coimbra Bueno, que governou o estado de 1947 a 1951. Junto com sua família, Coimbra Bueno foi um dos maiores proprietários de terras de Goiás,⁹⁶ e em sua administração optou por responder aos anseios de outros proprietários de terra, utilizando o poder a ele conferido como forma de legalizar alguns interesses particulares.

A lei de uso do solo, que até 1947 era feita pelo governo do Estado, entre 1950 a 1971 passa a privilegiar no parcelamento urbano da cidade, parceladores particulares em detrimento dos parceladores públicos, período em que Jerônimo Coimbra Bueno adquiriu as glebas onde se encontram os setores Coimbra e Bueno, que levam seu nome. Considera-se esse o exemplo histórico de uma relação de valores questionáveis entre o poder público e a iniciativa privada.

A interferência do poder público se confunde na história do setor Bueno com a pressão imobiliária desde a sua fundação. O projeto urbano da cidade foi mantido rigorosamente sob o domínio do Estado, mediante pressões do setor imobiliário, que foram parcialmente controladas até meados da década de 1950. Essas pressões aumentavam à medida que migrantes de várias cidades do interior e de outros estados, a maioria sem recursos, tinham que se fixar em Campinas, em cidades próximas, ou em invasões dentro da cidade, em bairros como o setor Pedro Ludovico e a Vila Nova.

Entretanto havia aqueles com mais recursos, normalmente divididos entre fazendeiros do próprio Estado, comerciantes e profissionais liberais de Minas Gerais e São Paulo, interessados em investir suas economias em algum projeto imobiliário regular da Capital. Logo, os proprietários de terras limítrofes ao projeto inicial de Goiânia recorreram ao Estado, que cedeu a liberação de projetos residenciais na cidade.

⁹⁶ Jerônimo Coimbra Bueno e seu irmão Abelardo Coimbra Bueno, donos da firma Coimbra Bueno e Cia. Ltda., foram colocados à frente dos serviços de construção da Capital. “Seus esforços valeram a firma o título de ‘construtora de Goiânia’, concedido pelo Governo do Estado”. MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como Nasceu Goiânia*, 1979.

O dimensionamento dessas pressões do setor imobiliário resultou na criação de 183 loteamentos no início dos anos 1950, sendo um deles o setor Bueno. O edital mencionando a sua criação foi publicado no Diário Oficial do Estado de Goiás dia 12 de fevereiro de 1951, tendo como responsável pelo projeto, Jerônimo Coimbra Bueno.

O arruamento e a demarcação dos lotes do bairro só foram acontecer um pouco mais tarde, demora que não impediu a venda instantânea da maior parte dos terrenos próximos ao setor Oeste e ao setor Coimbra que, na época ainda era bairro de Campinas⁹⁷. A construção do setor só se intensificou na década de 1960, época em que ainda eram raras casa próximas à avenida que mais tarde se chamaria Avenida Mutirão, a mais antiga do bairro. Assim foi até o final da década de 1960, quando o bairro começou a apresentar um maior desenvolvimento de sua infraestrutura.

Apesar de ter começado como um bairro de construções simples, sem nenhum 'status', o setor Bueno abriga em suas ruas e avenidas exemplares relevantes da arquitetura modernista, geralmente casas excessivamente caras. A rápida valorização imobiliária afastou do bairro os primeiros moradores, dando espaço a uma classe de maior poder aquisitivo. O panorama de casas modernas do bairro se caracteriza por exemplares da última década em que o movimento se apresentou na cidade, visto sua ocupação mais tardia.

O período de ocupação também favoreceu uma difusão mais tardia, reconhecida por volumes que fazem o uso de platibanda e telha de fibrocimento, não se vê exemplares de arquitetura moderna conjugando propostas como o telhado aparente. A parte estrutural é integrada ao corpo da casa e as paredes apresentam grande diversidade de revestimentos, além do concreto aparente, também encontrado. Os conceitos modernos também são percebidos nestas casas, em princípio, pela separação e pelo arranjo das funções que acontecem em função do setor social, configurando-se como parte mais importante da casa.

⁹⁷ Campinas (Arraial de Campinas, 1810), antes município do estado de Goiás, com a construção de Goiânia, é incorporada ao município.



norte



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

MAPA DO SETOR BUENO, GOIÂNIA - GO

LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

- VISÃO GERAL: SETOR BUENO - MAPA 7

O vidro aparece com frequência dando a impressão de integração entre o interior e a parte externa, o jardim. Os setores sociais e serviço estão no térreo. O setor social, normalmente amplo, tem essa característica reforçada pela composição com vidros permitindo a planta livre própria das propostas modernas. É na parte social que localiza-se a entrada principal do volume da casa e onde ocorre a conexão entre os demais setores, serviço e íntimo. A integração com o espaço público em todos os exemplares foi parcial ou totalmente perdida devido à incorporação de muros altos, portões e gradis.

Na década de 1980, passada a primeira fase de expansão do bairro, o processo de urbanização é alterado nas áreas mais próximas ao centro urbano tradicional. A região do setor Bueno passa a ser o eixo de adensamento, determinando o maior fenômeno de verticalização, até então, visto na cidade. Este é, sem dúvida, o bairro com o maior número de demolições, e onde o mercado imobiliário atuou com maior veemência nesse acervo moderno, repercutindo em uma redução considerável do número de exemplares no bairro.

Setor Marista

Os registros históricos associados à narrativa informal dos pioneiros do setor Marista são conclusivos quando dão conta de que, em determinado momento, na década de 1960, a comunidade decidiu criar um bairro à parte do setor Sul já existente. No ano de 1952 a congregação Marista, que faz parte da união Brasileira de Educação e Ensino, foi convidada para instalar um colégio em Goiânia, recebendo do Estado a doação de um terreno de 96 mil metros quadrados por parte do poder público. A construção do prédio da escola foi iniciada por volta de 1960 e concluída em 1962.

Os contatos iniciais entre os Maristas e o Estado foram intermediados pelo Irmão Adolfo Martinez, que aceitou a área oficialmente em 1952. Neste período ainda não havia construções entre o prédio do Palácio das Esmeraldas e o futuro local da escola, na avenida 85. A construção do colégio Marista foi o responsável por começar a estruturar a região e

atrair novas construções. Após a conclusão da obra do prédio do colégio, constatou-se que 36 mil metros quadrados haviam sido grilados da área doada aos Maristas, que receberam do Estado a proposta de uma indenização de 5 milhões de cruzeiros antigos. Na época os lotes eram vendidos acima do Colégio, aos preços que variavam entre 160 a 250 Cruzeiros antigos. O Estado decidiu, entretanto, doar mais 16 mil metros quadrados de área para o Colégio, em uma área pouco mais afastada dos 60 mil metros quadrados anteriormente doados como forma de compensação.

Em 1960, a estruturação do bairro é ainda mais consolidada por parte do exército, que inicia a construção de uma vila inteira para abrigar seus oficiais superiores, capitães e suas famílias, ao lado do colégio já estruturado. As primeiras 17 casas do setor Marista foram as casas da vila militar, que em 1980, ganha uma ampliação de mais 12 unidades.

A partir do ano de 1965 o progresso começou a chegar ao bairro, denominado Marista justamente pela presença do colégio. Originalmente formado com trechos de três setores: Pedro Ludovico, Oeste e Sul, possuiu seu núcleo no próprio colégio, às margens da Avenida 85. Nesta época, o setor Sul começava a se apresentar como bairro nobre, favorecendo o crescimento da cidade em direção ao colégio, que ganhava prestígio dentro da sociedade. No início da década de 1970 os lotes já eram vendidos aos preços de 3 mil cruzeiros, mas a área ainda não tinha muita infraestrutura.

Foi em 1971 que o setor Marista foi oficialmente criado por decreto municipal, e teve seu nome oficializado pela Prefeitura, já que a população havia batizado essa parte da cidade muitos anos antes, pela presença da congregação Marista dentro do único e principal prédio existente na área. No mesmo ano foi iniciada a construção dos conhecidos 'bloquinhos do Marista'⁹⁸. Os responsáveis pelo projeto foram a Cooperativa dos Servidores Públicos do Estado de Goiás e a Cooperativa dos Bancários do Estado, visando abrigar seus

⁹⁸ O Conjunto Marista foi construído devido à um convênio firmado entre BNH e sindicatos, um dos marcos dessa época pelo desenvolvimento do bairro, com a implantação da infraestrutura básica. São 464 apartamentos divididos em 16 edifícios, cujo nome verdadeiro é Superquadra Sul (ou SQS) Alfa e Beta, inspirado nas Superquadras de Brasília, mas hoje bastante popularizado como bloquinhos do Marista.

servidores. O conjunto de apartamentos faz parte da história do bairro como uma das primeiras construções, juntamente com o colégio e a vila militar. A construção foi uma das primeiras na cidade a contar com mais de dois andares.

Com a finalidade de ampliar e melhorar as instalações do colégio, em 1972 a diretoria do estabelecimento resolve lotear 31.692 metros quadrados da área onde está implantado o colégio. Nesta época, o setor marista passa a ser um dos mais procurados para a construção de casas, já possuindo um grande número de casas de alto padrão construtivo, avaliadas entre 500 e um milhão de cruzeiros, o que começa a construir a imagem do bairro. O bairro sem infraestrutura e com algumas invasões passa, na década de 1970, a ser o bairro em maior ritmo de desenvolvimento imobiliário, visto que os setores Sul e Oeste já estavam em fase final de ocupação.

A gradual substituição das edificações pioneiras e a descaracterização do perfil histórico há muito atingiram o bairro. O processo de ocupação do setor só se intensificou a partir da segunda metade da década de 70, quando todos os benefícios públicos já estavam instalados. Esse primeiro fluxo se caracterizou pelo adensamento residencial, sendo a maioria de famílias de alto poder aquisitivo. Somente uma década depois, um novo fluxo de ocupações atingiu o bairro com uso comercial, um processo em andamento ainda hoje.

Diante desse alto padrão construtivo, as casas modernas no bairro se caracterizaram mais de um volume, de até dois pavimentos. A composição de concreto, madeira e vidro é recorrente. O vidro aparece nos fechamentos dos dois pavimentos, mas em maior proporção no pavimento térreo devido à integração das áreas sociais e áreas verdes, por se tratar de lotes de grandes dimensões. As estruturas em concreto possuem alguns destaques nas casas do setor Marista, semi ou totalmente aparentes, possuem formas diferenciadas das já encontradas nas demais casas do panorama nos outros bairros da cidade.

norte



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

MAPA DO SETOR MARISTA, GOIÂNIA - GO

LEGENDA:

■ Demolida

■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

- VISÃO GERAL: SETOR MARISTA - MAPA 8

As estruturas moduladas com vigas aparentes também são recorrentes. As plantas são resolvidas separando o setor íntimo no pavimento superior, e as áreas sociais e de serviço no térreo, nessa composição não há mudança. O aspecto das fachadas é mais sóbrio, com o concreto aparente ou a mescla de no máximo dois materiais. A área construída e a área verde dos terrenos possuem tamanhos proporcionais, demonstrando maior importância às áreas permeáveis, facilitada por lotes maiores. A divisão de funções nos ambientes é clara, definindo a setorização.



FIGURA 153 | CASA NA RUA MÁRIO BITTAR EM PROCESSO DE DEMOLIÇÃO. NO DETALHE, PILAR TRAPEZOIDAL E PARTES DA CONSTRUÇÃO AINDA NÃO DEMOLIDOS.
ARQUIVO PESSOAL, 2013.

Essas obras apresentam uma grande quantidade de referências e conceitos já amadurecidos da arquitetura moderna na cidade, até por se formar em um período posterior de criação da cidade. Esse amadurecimento se dá através da superposição de saberes tradicionais conjugados a elementos modernos no desenvolvimento do projeto.



FIGURA 154 | CASA LUCIA VÂNIA, SETOR MARISTA.
ACERVO PESSOAL, 2015.



FIGURA 155 | CASA RUA 34-A, SETOR MARISTA - AUTOR.
ACERVO PESSOAL, 2015



FIGURA 156 | CASA GEORTHON PHILOCREON, 1974, SETOR MARISTA, ARQUITETO PAULO MENDONÇA. ACERVO PESSOAL, 2015.



FIGURA 157 | CASA ANTÔNIO LÚCIO, 1974, SETOR MARISTA, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO. ACERVO PESSOAL, 2015.



FIGURA 158 | CASA DA RUA 32, SETOR MARISTA, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO. LUCAS JORDANO / IN WWW.FLICKR.COM/



Casa Georthon Philocreon . 1974

Dentre as casas constantes do acervo do setor Marista está a do arquiteto mineiro, Paulo Mendonça, formado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília em 1975.⁹⁹ A casa de Georthon Philocreon foi projetada por ele enquanto o arquiteto ainda

⁹⁹ SILVA NETO, 2010, p. 38.

estava na faculdade e acabou se tornando seu principal trabalho. Segundo Silva Neto (2010, p. 38), suas influências foram Oscar Niemeyer, sobre quem incide a responsabilidade pela decisão de Paulo Mendonça em cursar arquitetura, logo após uma palestra do arquiteto, Lelé e Burle Marx.



FIGURA 159 | CASA GEORTHON PHILOCREON, 1974, SETOR MARISTA, ARQUITETO PAULO MENDONÇA. SILVA NETO, 2010, P. 146.



FIGURA 160 | CASA GEORTHON PHILOCREON, 2015, SETOR MARISTA, ARQUITETO PAULO MENDONÇA. ACERVO PESSOAL, 2013.

A casa de Georthon Philocreon foi sua principal produção, logo após, passou a atuar na área do design e ocupou uma cadeira como professor na Universidade Católica de Goiás. Trabalhou durante seis anos em sua própria loja de móveis na cidade, quando em seguida, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde faleceu. (SILVA NETO, 2010, p. 38). A casa, implantada em formato de cruz, tem o muro frontal definido pelo próprio volume do pavimento térreo, e o volume do pavimento superior apresentando um generoso balanço na parte frontal. A

implantação feita obedecendo a um grande recuo que fazia a integração da casa com o espaço urbano, hoje perdeu o sentido com a implantação de um gradil que fecha o acesso para a casa, mas mantém a permeabilidade visual.



FIGURA 161 | CASA OSWALDO ARTHUR BRATKE, 1951, ARQUITETO OSWALDO ARTHUR BRATKE.

[HTTP://WWW.VITRUVIUS.COM.BR/REVISTAS/READ/ARQUITEXTOS/07.074/335](http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.074/335).

As referências de Paulo Mendonça nas soluções propostas por Bratke em sua casa (1951) são perceptíveis e representam de forma clara as características da arquitetura modernista brasileira de então: a relação com a paisagem, o uso predominante do concreto armado e a reinterpretação de elementos tradicionais. Assim como Bratke, a racionalidade, o teto plano, a leveza, a relação da arquitetura com a paisagem e ao uso dos materiais são características facilmente identificadas na casa Philocreon.

Também como Bratke, Paulo Mendonça valorizou a paisagem natural ao implantar a casa de forma a aproveitar o declive e a conformação em dois terrenos. Na setorização, o pavimento inferior é composto pelos setores social, serviços, e o acesso principal separado da garagem de automóveis; no pavimento superior foram dispostos os demais compartimentos, além de um terraço jardim, hoje transformado em edícula. Os dois são conformados por uma volumetria horizontal que se solta do solo marcando a diferenciação entre a casa e o entorno, o que pode também ser associado a casa Bratke. Parte de sua

integridade formal, leveza e proporções foram perdidas devido ao telhado acrescido posteriormente sobre o volume do pavimento superior.

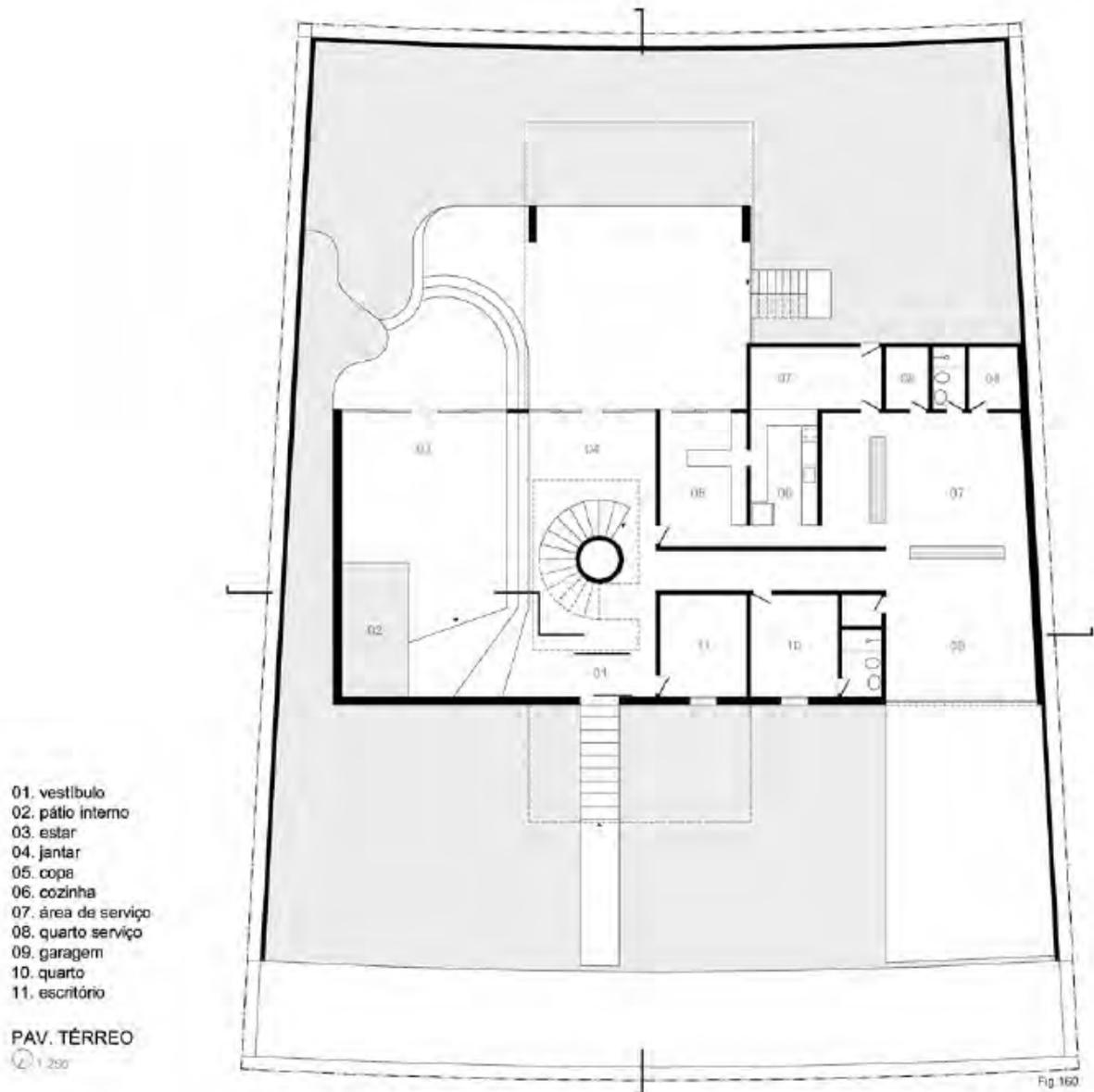


FIGURA 162 | PROJETO CASA GEORTHON PHILOCREON, 2015, SETOR MARISTA, ARQUITETO PAULO MENDONÇA. SILVA NETO, 2010, P. 151



FIGURA 163 | PROJETO CASA GEORTHON PHILOCREON, 2015, SETOR MARISTA, ARQUITETO PAULO MENDONÇA. SILVA NETO, 2010, P. 152

Na casa, espaço, estrutura e forma são um só, uma hierarquia é estabelecida com a implantação da casa em blocos. A estrutura composta por uma malha modular conforma a disposição dos espaços. Os materiais são elementos que enriquecem singularmente o projeto, sem alterar a racionalidade da construção. A casa representa um importante exemplar de desenho racionalista na construção dos valores que marcaram a arquitetura moderna cânone em Goiânia. Uma experiência singular na construção da paisagem da cidade.



Casa Antônio Lúcio . 1974

Contemporâneo de João Filgueiras Lima, uma referência em sistemas pré-moldados de concreto armado e protendido, o arquiteto Antônio Lúcio também tem sua atenção voltada para a eficiência construtiva de seus projetos, inclusive no projeto de sua própria casa, de 1974. Mais tarde, o projeto do arquiteto foi reconhecido como um estudo prototípico de habitação unifamiliar iniciado desde a década de 1960, tendo sido extremamente importante no desenvolvimento também da habitação multifamiliar. (PAIXÃO; CAIXETA, 2014, sp.)

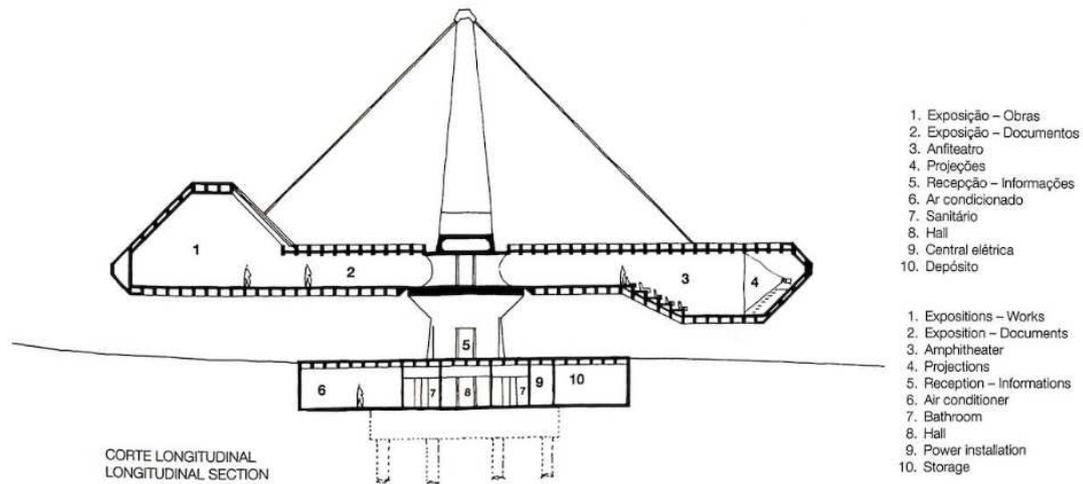
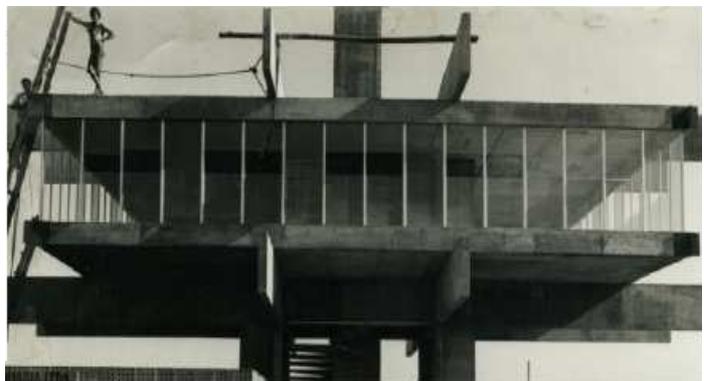
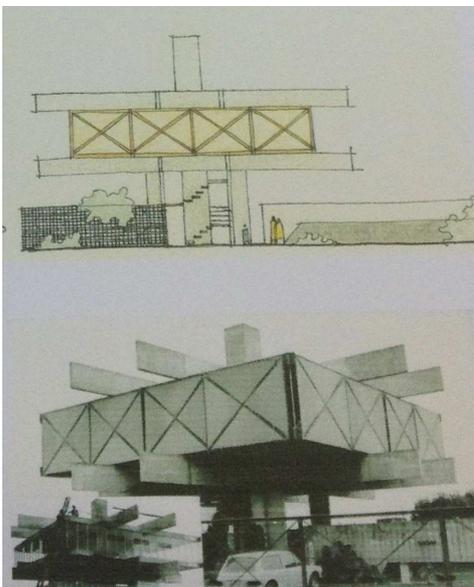


FIGURA 164 | CENTRO DE EXPOSIÇÕES DO CENTRO ADMINISTRATIVO DA BAHIA, 1974, ARQUITETO JOÃO FILGUEIRAS LIMA - LELÉ. CLASSICOS DA ARQUITETURA, ARCHDAILY, 2015.

O programa de necessidades do projeto era incomum para a época, e se desenvolveu em função de seu sistema estrutural, que certamente foi o maior desafio do projeto, visto que acontece elevada por pilares locados no centro do volume da edificação. A casa, toda em concreto armado aparente, possui uma tipologia totalmente inusitada para época, o que, segundo Vaz e Zárate, (2005) chegou ter a avaliação de seu projeto dificultada pela falta de parâmetros para a prefeitura local.

A casa tem tipologia totalmente diferenciada no contexto das propostas residenciais da época, e até hoje, em termos de habitação unifamiliar, se diferencia. As áreas molhadas

são fixas no projeto da casa, os demais ambientes funcionam ao redor do volume fixo da área molhada e podem ser reposicionados de acordo com a vontade do proprietário, favorecendo aquilo que Borges (2009) apresentou como possibilidade para atender a “relação habitação – trabalho”, que se dá de forma diferenciada de acordo com quem vivencia a casa. O volume fixo da área molhada acabou determinando uma circulação centralizada no volume, sem divisões internas e com as instalações totalmente aparentes. Enquanto protótipo, este projeto ofereceu em um programa flexível contribuição totalmente diferenciada até hoje, nos projetos na cidade.



FIGURAS 165 - CASA ANÔNIO LÚCIO, 1974, SETOR MARISTA, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO – DETALHES DO PROJETO E FOTOS DA CONSTRUÇÃO.
ARQUIVO DO AUTOR IN BORGES, 2009.

FIGURAS 166 - CASA ANÔNIO LÚCIO, 1974, SETOR MARISTA, ARQUITETO ANTÔNIO LÚCIO – DETALHES DO PROJETO E FOTOS DA CONSTRUÇÃO.
ARQUIVO DO AUTOR IN BORGES, 2009.



As casas apresentadas no conjunto de todos os bairros foram escolhidas à fim de abranger uma produção de linguagem ampla e diversa, e embora alcem a projeção de um panorama, este pode ser expandindo. Elas exemplificam as formas de aplicação do pensamento da arquitetura moderna em Goiânia. Uma produção que não se restringe a caracterizações limitadas à Escola Carioca ou a Paulista, mas que possui exemplares de arquitetura que não se correlacionam com nenhuma dessas caracterizações. Em uma leitura crítica das obras do movimento moderno, Ramón Gutierrez (1983) já ressaltava a dificuldade em estabelecer categorias definidoras da produção arquitetônica, devido à diversidade de caminhos e à complexidade de problemas existentes.

De forma antagônica Enrique Browne (1988) já classifica esquematicamente a arquitetura do movimento moderno latino-americano (1930-1980) a partir de suas características plásticas¹⁰⁰ e os fundamenta em figuras paradigmáticas. Entretanto, os vínculos com a produção majoritária em Goiânia, a partir de uma produção informal, que compreende a cultura e os sistemas de valores da população local, alheia às vanguardas artísticas, não se veem aí representadas. Os arquitetos paradigmáticos são representantes de uma produção voltada para as características específicas locais, mas as indagações a respeito de sua contribuição e influência na arquitetura popular são pertinentes.

Diante do panorama moderno na cidade, as filiações visuais são inevitáveis, reafirmando o proposto por Zein (2015, p. 1): “os liames entre obras nunca são apenas conceituais, raramente são apenas sociais, mas sempre são, e serão, predominantemente formais”. Em Goiânia, essas caracterizações decorrem de transformações ocorridas na arquitetura da cidade e muitas vezes se sobrepõem a elementos de outras arquiteturas, como a colonial e sua ocupação sobre o alinhamento das vias e limites laterais do terreno, a vernácula e o telhado aparente de telha cerâmica. Essas modificações vão se consolidando e novas propostas alcançam a arquitetura mais popular, que desfruta de reinterpretações de elementos antes vistos apenas na arquitetura moderna cânone.

¹⁰⁰ Enrique Browne assume a arquitetura do movimento moderno latino-americano enquanto sucessão de formal de arquitetura “branca”, “cinzenta” ou “multicolor”.



3. O SETOR AEROPORTO E A DIFUSÃO DA LINGUAGEM MODERNA

3. O SETOR AEROPORTO E A DIFUSÃO DA LINGUAGEM MODERNA

“A questão não seria discorrer sobre quem seria mais moderno se José Mariano Filho ou Gregori Warchavichk... mas perceber que a arquitetura moderna teve diversas faces e, na distante cidade que nascia no sertão, uma, ou melhor, algumas delas se mostraram”.

MOURA, 2011, p. 94

Até este momento, o estudo da casa moderna em Goiânia buscou em alguns autores questões fundamentais para o entendimento do processo de formação da arquitetura na cidade norteadas por uma visão de modernidade em Goiânia, de um discurso que viabilizou a mudança da capital, e do morar moderno na cidade e no Brasil. A difusão da arquitetura modernista na cidade ganhou contribuição significativa na perspectiva de autores que a discutiram previamente. Dentre as questões colocadas está a do entendimento da modernidade na cidade e sua relação com a arquitetura como reflexo das condições sociais.

Evidentemente há uma tensão entre os limites do moderno e sua difusão, provocada pelo diálogo entre o social e a arquitetura na cidade, e que ajudam a problematizar a repercussão que a arquitetura moderna adquiriu. Nessa difusão da arquitetura moderna, estão presentes valores realçados pela historiografia enquanto linguagem, entretanto, a arquitetura produzida os extrapola em muito. Essa produção difusa apresenta força, e é por vezes esquecida, pois, sobretudo, apresenta uma profusão arquitetônica que na prática não se encaixa em definições rígidas como “escola paulista” ou “escola carioca”. Não se trata de questionar a existência ou a qualidade das escolas consagradas, mas o fato existir uma produção moderna que não se pode qualificar à partir dessa caracterização.

Outro questionamento se dá na definição de um moderno que rompe totalmente com a tradição. Segundo Adolf Loos (apud HEYNEN, 2000), a modernidade provoca de alguma forma uma ruptura com a tradição e tem como consequência uma mudança da própria

experiência de vida obrigando, segundo ele, a arquitetura a corresponder a diferentes experiências - privada versus pública, interior versus exterior. As construções do modernas se multiplicaram em Goiânia como legítimas representantes dos preceitos de desenvolvimento socioeconômico, de progresso tecnológico e de novas experiências nas relações de espaço na arquitetura. Mas, esses mesmo preceitos também se difundiram a partir de elementos construtivos previamente reconhecidos como portadores de um status de modernidade - a modernidade como conceito estético, a ideia de estilo na arquitetura, o que faz questionar uma ruptura efetiva com a tradição.

Segundo a interpretação de Gideon (2004), o problema estético no Movimento Moderno deveria ser secundário, segundo seu próprio discurso, o moderno tem muito mais a ver com uma causa social que com uma causa estética. Entretanto, considera-se a existência de projetos de uma arquitetura moderna de transformações estéticas proposta pelas vanguardas artísticas das décadas de 1910 e 1920, sendo assim, o termo “moderno” também abrange a perspectiva cultural específica dessa época.

A partir dos anos 1950, a arquitetura moderna, segundo Bastos e Zein (2010), passa por uma transição, regida por uma nova geração de arquitetos recém-formados levados rapidamente a uma posição preeminente, e que foram responsáveis por compartilhar de seus conceitos por todo o país. Para as autoras, as primeiras manifestações dessa transição estabelecem, à grosso modo, o “início” de uma década em que a industrialização da construção civil na cidade moderna direcionou parte importante da produção de arquitetura. Trata-se de um período de variedade de tecnologias e materiais, com decorações menos presentes, e com a valorização da racionalidade construtiva, além da flexibilidade na questão forma / função, pensados a partir de questões como a diversidade e a pertinência tanto das tecnologias quanto da forma.

A década de 1960, segundo Bastos e Zein, é marcado por questionamentos da ideia de modernidade, não de forma clara para a própria época, mas como uma abertura na pesquisa formal, fugindo da ortogonalidade e explorando plasticamente outras tecnologias. Segundo as autoras, o progresso tecnológico já não é mais certeza de melhora na qualidade de vida, o que passa a alimentar críticas à modernidade arquitetônica nacional, incentivando a reavaliação da qualificação do fazer espontâneo.

Gradativamente o uso de materiais, concreto aparente, vidro e esquadrias de alumínio, passam a ser associados apenas à busca de soluções formais e plásticas, apesar de uma modernização efetiva e uma dispersão da produção arquitetônica pelo território nacional, que para as autoras levou a arquitetura a um cenário bem mais complexo. Dentro desse contexto geral, considera-se a arquitetura das décadas de 1950 a 1980 se relacionando com o processo de formação de Goiânia, sendo conduzido por um projeto de construção da modernidade dentro de um âmbito de valores tradicionais da sociedade.

Conceituar de maneira mais abrangente as noções de moderno e modernidade da arquitetura de Goiânia, é inevitavelmente, conforme Bruna (2010, p. 70), “ampliar a visão de um quadro restrito da arquitetura moderna brasileira, confinado à uns poucos artistas excepcionais, e a umas poucas obras de qualidade plástica indiscutível”. Para tanto, a análise propõe reavaliar o objeto de forma a abranger uma produção bastante consistente produzido na cidade.

Essa reavaliação considera relevante o vínculo entre o projeto profissional e a assimilação popular dos modelos da ‘alta cultura’, assim como a importância social das obras realizadas, visto que a arquitetura residencial não se restringe apenas à símbolos monumentais, mas essencialmente de habitações. Dentro dessa produção reavaliada está contida a “criatividade, o valor artístico, a expressão cultural de projetistas e usuários”. (SEGRE, 1991, p. 18)

A arquitetura moderna no Brasil tem sido constantemente reestudada a fim de rever uma produção amplamente reconhecida apenas por alguns arquitetos icônicos, o que segundo Moura (2009), revelava uma postura considerada ‘elitista’ do ponto de vista social. Obras com características e influências locais, reinterpretações do moderno, passam a figurar como integrantes de um acervo antes composto apenas por casas de volumetria pura. Segundo Moura (2009), prova dessa “postura elitista” de avaliação das obras modernistas é o fato do IPHAN manter, por muito tempo, tombamentos “considerando

apenas um conjunto de obras notáveis, na maioria das vezes identificadas com a 'Escola Carioca'.”¹⁰¹

Nas questões relativas ao contexto urbano ou de conjuntos arquitetônico, as diretrizes se comportaram de forma diferente, visto que, segundo Caixeta (2011), o avanço nas questões de tombamento e salvaguarda a partir do Plano Piloto de Brasília em 1990 foi definidor e influenciou na avaliação da importância das obras de conjuntos arquitetônicos, representando, segundo a autora, por “um notável avanço no contexto brasileiro”. “O caráter inovador desta ação que, considerando a cidade objeto de tombamento – ainda que polêmico – contribuiu para ações mais recentes, demarcando um novo olhar a conjuntos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos modernos que passam a ser protegidos.” (CAIXETA, 2011, p. 3) Exemplo disso é a cidade de Cataguases, inicialmente reconhecida a partir de um acervo de 16 edificações de arquitetura moderna, construídos entre as décadas de 1940 e 1960, passa a ter seu conjunto histórico, arquitetônico e paisagístico tombado de forma mais ampla em 2003.¹⁰²

A partir de todos esses questionamentos levantados, este capítulo apresenta o terceiro e último desdobramento de forma a reavaliar o moderno em Goiânia a partir de uma leitura da difusão do moderno através de sua linguagem formal, por parte de construtores e proprietários das construções ordinárias na cidade, gerando uma discussão do moderno brasileiro não limitado apenas à edifícios resultado do trabalho do arquiteto.

A inserção dessa 'releitura' da arquitetura moderna não se dá por acaso, ela segue uma lógica de formação do espaço urbano da cidade a partir da década de 50, tratada aqui de forma mais contundente com o caso do setor Aeroporto, portador de um conjunto moderno de características específicas que define uma identidade para o bairro. Essa investigação é também uma forma de preservar a história, visto que essa grande e desconhecida produção de casas, é alvo constante de demolições e descaracterizações.

¹⁰¹ MOURA, 2009, p. 55.

¹⁰² Guia da Arquitetura Modernista de Cataguases (coord. Paulo Henrique Alonso, Instituto Cidade de Cataguases, 2012).

Para além das questões de tombamento e salvaguarda, conhecer o conjunto arquitetônico Modernista em Goiânia e suas influências é um reforço à ideia da diversidade dessas reinterpretações. O mapeamento dessas obras permite uma análise dessa produção em diversos aspectos, extrapolando a visão já conhecida da relação autor/obra. Permite também conhecer o tamanho desse conjunto arquitetônico de valor histórico inestimável, e identificar a relação entre obras canônicas e como se difundiram através de tantas reinterpretações, importantes exemplares que identificam a história da arquitetura moderna na cidade.

O setor Aeroporto

A área do antigo aeroporto da cidade de Goiânia, localizada próximo ao centro, tem por parte do governo, em 1950, a decisão pelo seu loteamento e formação do que viria a ser o setor Aeroporto. Sua ocupação efetiva ocorreu apenas em 1955, apesar do aparecimento de ocupações irregulares estabelecidas no entorno da pista de pouso em período anterior, como resultado do crescimento do plano inicial de Goiânia.¹⁰³ O crescimento da cidade também foi responsável pela ocupação espontânea e não regulamentada nesta mesma época, às margens do córrego Capim Puba.

Essas ocupações espontâneas eram comuns na cidade à época, visto que as construções oficiais feitas para atender a urgência e necessidade da população local ocupada na construção da cidade não eram suficientes. Segundo Gonçalves (2002), antes mesmo da implantação dos bairros do plano de urbanização de 1933, os funcionários que chegavam para construção da cidade já começaram a construir suas casas, por vezes ignorando aquilo que deveria servir como modelo para as demais construções.

A partir da década de 1950, estabelece-se na arquitetura da cidade, uma relação em que elementos formais da arquitetura Modernista foram difundidos nas construções locais, através de pilares, marquises, elementos vazados, janelas maiores inspiradas em grandes

¹⁰³ PEIXOTO E OLIVEIRA, 2014, p. 378.

planos de vidro, entre outras características. Essa difusão representou o desejo da população local de se fazer participante da modernidade da cidade, através da arquitetura, apesar da impossibilidade do acesso à produção de um saber competente. A comunidade local e os pequenos construtores participam do movimento moderno pela reprodução desse vocabulário de elementos arquitetônicos encontrados nas construções de classe-média da cidade.

O estudo dessas reinterpretações depende da dificuldade de reconhecimento de um campo de estudos da arquitetura que atua a partir do reconhecimento apenas de uma pequena porção de obras que estão vinculadas a um conjunto de práticas e conhecimentos especializados. Segundo Stevens (2003), o projeto de arquitetura passa a ser visto como uma forma de representação de poder, mais do que de qualidade espacial, quando na verdade, a arquitetura deveria abranger a transformação do espaço pelo homem, mais um processo que um produto, independente do tamanho, escala, função, ou até mesmo da presença de um arquiteto.

A falta de legitimação da arquitetura moderna de linguagem difusa gera uma relação de dependência, em que a construção efetuada sem saber competente se vê sempre em posição de espectadora das obras cânones. Segundo Lara (2005), essa produção não foi considerada, até a década de 1990, produção arquitetônica reconhecida nem relevante para a teoria da arquitetura. Em Goiânia, mesmo possuindo um conjunto arquitetônico considerável em determinados bairros, como é o caso do setor Aeroporto, essa produção não possui nenhum estudo ou aprofundamento, o que está diretamente ligado ao que propõe Stevens quando afirma o não reconhecimento da construção ordinária como “verdadeira arquitetura” baseado em um argumento de ‘diferença de qualidade artística’, não ligado diretamente à boa execução ou ao uso das edificações, apenas a um caráter subjetivo.

No contexto de Goiânia, ao analisarmos os estudos relativos às casas representativas do Modernismo na cidade, projeto de arquitetos eminentes, obras cânones da arquitetura, em comparação às pequenas construções, resultado da difusão moderna e tomadas como meras construções, percebe-se o contraste na quantidade de literatura existente. Um

indicativo de quão recente está a reavaliação e reconhecimento dessas obras como importantes para a produção da arquitetura moderna.

O conjunto arquitetônico resultado da difusão moderna no Setor Aeroporto representa os ideais compartilhados de um bairro, que questiona o saber competente como única forma reconhecida na produção da arquitetura moderna. Saia (1959), arquiteto colaborador do Departamento de Cultura do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, na década de 1950 já levantava a questão da falta de estudo e análise dessa produção, por ser considerada um tipo de simplificação ou banalização da ‘boa’ arquitetura moderna brasileira.



FIGURAS 167 E 168 | CASA ARQUITETO DAVID LIBESKIND E CASA ENGENHEIRO LOCAL – NAS DUAS CASAS: A EMPENA REVESTIDA VOLTADA PARA A RUA E RESGUARDANDO A PRIVACIDADE DA CASA, E A LAJE MARCANDO A ENTRADA. ACERVO PESSOAL, 2013.

Analisar essa arquitetura como um tipo de simplificação da arquitetura moderna brasileira, limitado aos edifícios projetados por arquitetos, excluiria parte significativa da arquitetura construída nas décadas de 1940 a 1960. Segundo sugere Lara (1999), “expandir os horizontes de análise do Modernismo brasileiro para as casinhas signos das apropriações populares do vocabulário do Movimento Moderno, cujo número, penetração e peculiaridades têm muito a contribuir, acredita-se, para o estudo de suas proposições no Brasil e no mundo.” (LARA, 2005, p. 173)

Indicativo da importância do estudo da difusão da arquitetura moderna não só em Goiânia, mas de uma forma geral é a criação do Docomomo que a partir dos anos 1990 reafirma esse interesse. Trabalhos como os de Diane Ghirardo¹⁰⁴ também contribuem ao

¹⁰⁴ DIANE GHIRARDO, 1996; DIANE GHIRARDO *in* NESBIT, 2008.

discutir a arquitetura enquanto arte, e como isso interfere na visão modernista da arquitetura.

Considerar a difusão da linguagem da arquitetura Modernista nas construções de Goiânia como produção relevante para estudo requer tomar a transformação da casa como objeto de investigação e reflexão, não se atendo a questões de autoria, ou integridade das obras, mas assumindo a produção informal. A análise dessa produção, um remanescente das décadas de 1950 a 1980 revela claramente referências ao repertório de elementos do vocabulário formal arquitetônico Modernista, retirados de outros projetos da cidade e fora dela.

A importância em Goiânia dessas construções que registram a aceitação e divulgação da arquitetura modernista se insere nessa perspectiva de ampliação do quadro da arquitetura moderna brasileira, restrito a alguns artistas e obras de qualidade plástica indiscutível, enquanto as difusões são vistas como resultado de perdas de qualidade plástica.¹⁰⁵



FIGURA 169 | CASA ELISA – CLARA REFERÊNCIA AOS PILARES MODERNOS DE BRASÍLIA. ACERVO PESSOAL, 2013.

¹⁰⁵ BRUNA, 2010, pg. 70.

Os questionamentos tornam-se mais pertinentes quando se considera o tamanho dessa produção. Em pesquisa prévia no IPHAN no ano de 2013 foram encontradas cerca de 90 casas consideradas modernas e implantadas em bairros cuja formação se deu nas décadas de 1950 a 1980 sendo eles: setor Central, Oeste, Sul, Aeroporto, Marista, Bueno e Universitário. Essa produção aprofunda ainda mais o debate sobre um moderno limitado ou não a edifícios projetados por arquitetos¹⁰⁶, visto que parte significativa das casas constantes dessa lista diz respeito à obras construídas sob o conceito da difusão da linguagem Modernista nas construções.

Visto que o setor Aeroporto é um referencial neste conceito, com suas casinhas “modernosas” que possuem fragmentos recombinações e expandem os horizontes de análise do Modernismo brasileiro, torna-se objeto de estudo para esses símbolos de apropriações populares do vocabulário do movimento moderno, cujo número, penetração e peculiaridades têm muito a contribuir. A questão é que, independente do grau de amadurecimento dessa difusão modernista, seja superficial, madura, ou baseada apenas em questões estéticas, ela é um indicador de que, em algum momento esteve presente na cidade a ideia de vida moderna, diretamente representada por uma arquitetura.

Essa recombinação de fragmentos está impregnada das ideias de superficialidade e falta de profundidade das referências modernas por parte de quem as analisa. Isso é consequência da própria disseminação, e ao fato da difusão da arquitetura moderna se portar, como argumenta Stevens, de forma interesseira em relação à arquitetura cânone: “uma vez que este último é o produtor das formas arquitetônicas legítimas, o primeiro toma suas soluções de segunda mão e tem de suportar ser ridicularizado por imitar a forma sem compreender o significado.”¹⁰⁷

Vistas apenas como replicação de elementos formais da arquitetura moderna, objetos de prestígio apropriados como modismos. Segundo Segawa (2000), no contexto da construção da cidade, essa difusão foi feita por pessoas que ignoraram o conteúdo por trás

¹⁰⁶ ACKERMAN, 1980; HILL, 1998; LARA, 1999.

¹⁰⁷ STEVENS, 2003, p. 106.

das formas, construtores populares, engenheiros e os próprios proprietários, que com o objetivo de atender à necessidade de moradia e abranger o argumento da modernidade, promoveram replicações. O que não acontece na casa objeto do saber competente, em que o arquiteto é portador desse conhecimento.

Segundo Segawa (2000), é contraditório o uso de soluções formais “modernas” por construções, por exemplo, patrocinadas pela especulação imobiliária, o que pode ser visto em cidades que expandiam seus limites urbanos entre 1950-1960, como é o caso de Goiânia, e que “imitavam essa arquitetura,” “alcançando resultados agradáveis ou toleráveis.”¹⁰⁸ É fato que não se pode esperar de obras que promoveram a difusão a partir de um objeto o mesmo julgamento, aprofundamento ou refinamento formal da obra original, pois aquilo que se dissemina é sempre algo mais superficial.

A investigação do Modernismo em Goiânia a partir da recepção e da difusão nas construções de sua linguagem contrapõe a argumentação de Venturi (1966), de que a arquitetura Modernista nunca foi popular, e possibilita pensar o desejo de fazer parte da identidade moderna apregoada desde o planejamento da cidade. É interessante, no caso de Goiânia, perceber que o tamanho da produção do Movimento Moderno é reflexo do alto grau de aceitação dessas casas em bairros como o Setor Aeroporto, o Setor Coimbra, Universitário entre outros.

Essa aceitação é, segundo Zevi (1994), uma identificação. Para ele, “a emoção artística consiste na identificação do espectador com as formas, estimulando-o em simpatia simbólica com as mesmas”, em que o conjunto das concepções e interpretações da arte e o vocabulário figurativo de cada época constituem uma expressão da arte. Essa simpatia por questões formais proporciona a ampliação de um vocabulário coletivo e que passa a armazenar processos de composição, conhecimentos, materiais e práticas construtivas.

Esse vocabulário formal, segundo Salingaros (2006) inclui os elementos básicos de uma construção: pisos, paredes, tetos, volumes e sua subdivisão, janelas, materiais, ornamentação, tem sua própria linguagem formal, ou mais precisamente, um grupo de

¹⁰⁸ SEGAWA, 2000, p. 129.

linguagens relacionadas. No caso do moderno do setor Aeroporto, esses elementos básicos de apropriação do vocabulário formal se transformam e se repetem na maioria das casas, gerando uma linguagem particular.

Nos sete bairros constantes da lista que deu início à essa pesquisa, foi possível perceber que as casas objeto da produção modernista tem papel importante no tecido urbano de cada bairro, e conseqüentemente da cidade. Alguns, de forma pontual, o que pode ser notado através de casas emblemáticas, outros de forma mais forte, destacando um conjunto, como no caso do setor Aeroporto. O Setor Aeroporto, bairro de classe média a média baixa, dos bairros estudados é o melhor exemplo de uma identidade arquitetônica refletida no tecido urbano da cidade através de um conjunto. Com suas casas “modernosas”, o bairro da década de 50, implantado no local destinado a ser o aeroporto e demarcado no plano inicial de Attilio Corrêa Lima, se viu resultado de um crescimento que transpôs os limites iniciais da cidade.

O local onde se encontrava o aeroporto, próximo ao centro, foi loteado pelo governo do Estado em 1950 (GONÇALVES, 2002). A área em 1955 passou a ter suas primeiras casas, construídas no entorno da pista de pouso. Ewald Jansen foi o responsável pela concepção urbanística do setor Aeroporto que se deu entre 1951 e 1952, a partir de uma decisão do Governo do Estado de lotear a área¹⁰⁹. Jansen projetou o bairro incorporando as ocupações preexistentes, possivelmente tentando evitar problemas políticos. Um bairro que está intimamente ligado à memória da cidade, por parte de quem mais a define, seus moradores.

O setor Aeroporto manteve suas características residenciais até a década de 1980. Sua morfologia, constituída essencialmente por casas unifamiliares, com rara presença de edifícios de até três andares, e muito próxima ao centro, não sofreu o crescimento imobiliário como os outros bairros centrais de Goiânia. Sua mudança de uso, de residencial para comercial, foi o fator responsável pela maioria das modificações em termos de paisagem e arquitetura. Suas casas embora convertidas em pontos de comércio e serviço, ainda mantém a escala de origem devido à preservação do núcleo urbano do bairro.

¹⁰⁹ (GONÇALVES, 2002, p.87)

Tomando por base a lista do IPHAN como informação inicial, todos os bairros da cidade foram percorridos novamente, a fim de se confirmar a quantidade e a situação das obras desse acervo. As casas foram documentadas fotograficamente para auxiliar nas análises. Além do levantamento fotográfico, procedeu-se a entrevista com o proprietário e/ou morador da casa e levantamento da arquitetura de alguns exemplares selecionados da lista como relevantes para maior aprofundamento. No caso específico do setor Aeroporto, as 25 obras listadas, fora as demolições, possuem características semelhantes: foram produzidas por pequenos construtores da época da formação da cidade, ou pelo próprio proprietário. Pioneiros que se apropriaram do vocabulário formal moderno na composição da casa, principalmente nas fachadas.

Se considerarmos os sete bairros em que se dividem toda a produção moderna na cidade, cinco abordados neste trabalho, o volume e características dessa difusão aumentam. A análise da intensidade e extensão da produção do Setor Aeroporto, de seu desdobramento nos dias de sua ocupação demonstra uma difusão por vezes confusa, acontecendo em grande número. Uma modernidade visível a julgar essa relação quantitativa de casas dentro do bairro, demonstrando um alto grau de disseminação do vocabulário arquitetônico moderno na cidade.



FIGURAS 170 E 171 | CASA RUA 11A
ACERVO PESSOAL, 2013.



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



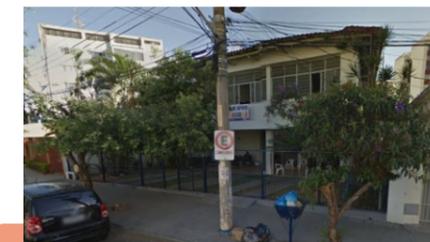
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



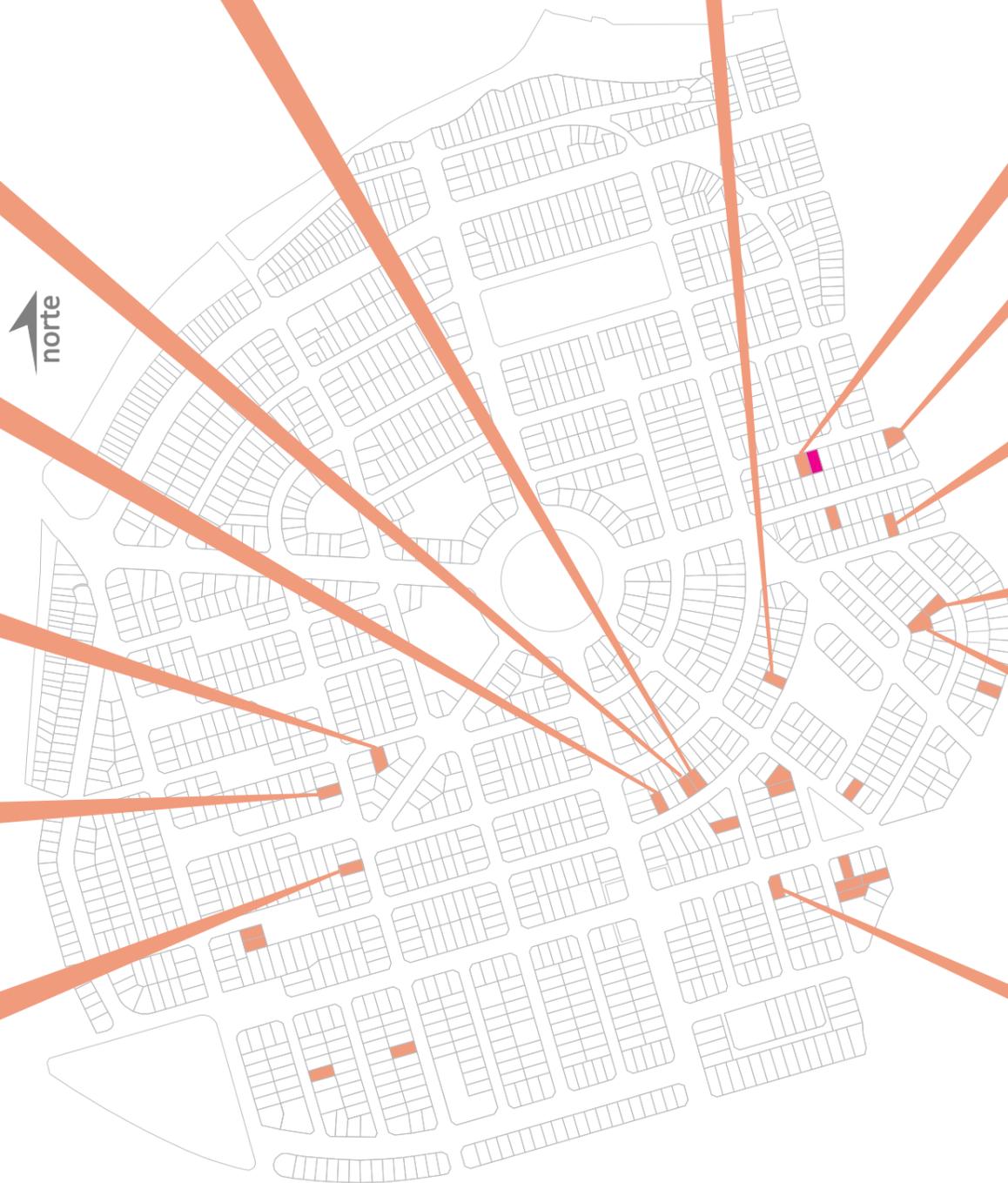
GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.



ACERVO DO AUTOR, 2015



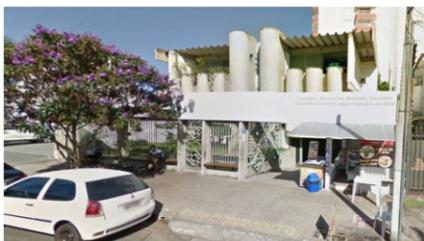
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015



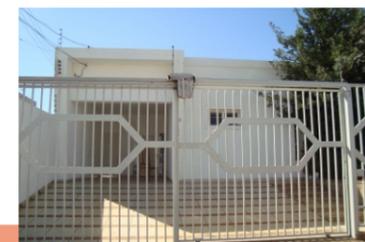
ACERVO DO AUTOR, 2015



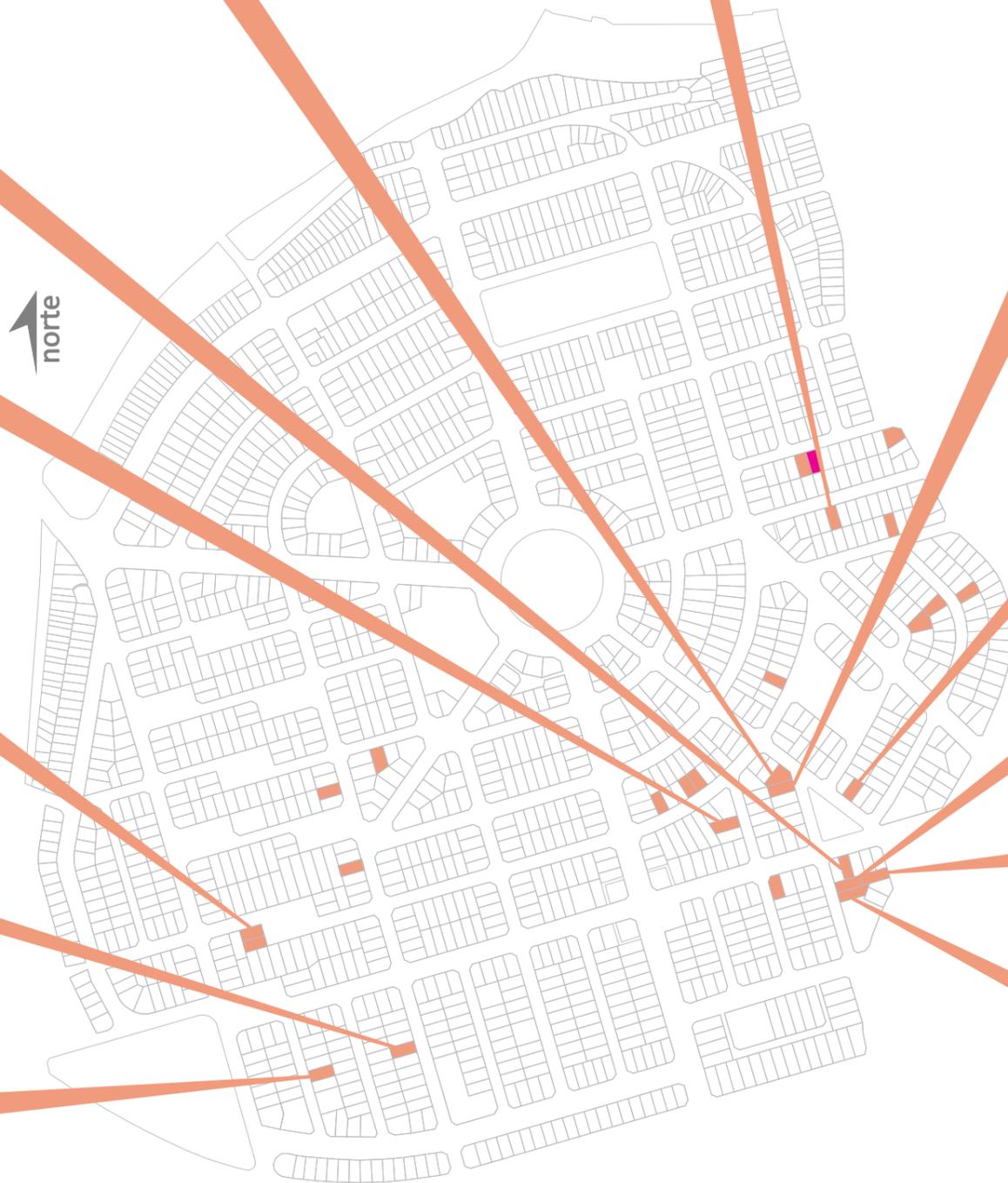
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



LEGENDA:
■ Demolida ■ Existente

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

Em alguns casos, essa disseminação acontece apenas na fachada do edifício, não trazendo nenhuma contribuição efetiva à qualidade dos espaços interiores da casa, o que comprova uma modernidade aparente, evidenciando que a vida e os usos internos da residência não mudaram. Em outros, produziram exemplares de extrema relevância no contexto de interpretação do programa de necessidades, setorizações, interpretações de público e privado.

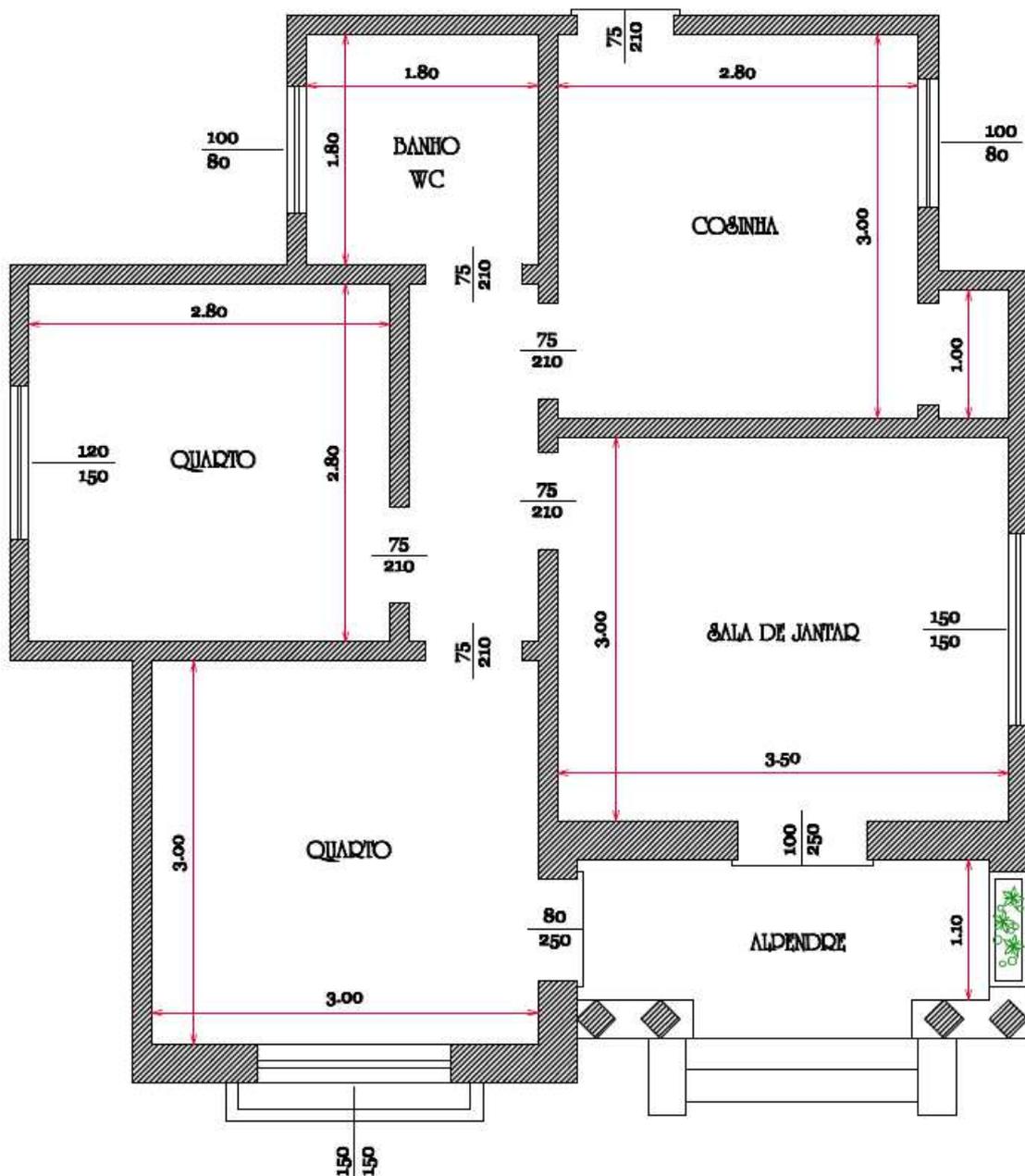


FIGURA 172 | A CASA POR VEZES AINDA É PRODUZIDA COM A MESMA PLANTA COMPARTIMENTADA DA CASA EXISTENTE EM EXEMPLARES DE PERÍODOS ANTERIORES DA ARQUITETURA RESIDENCIAL DA CIDADE MOURA, 2011, P. ANEXOS.

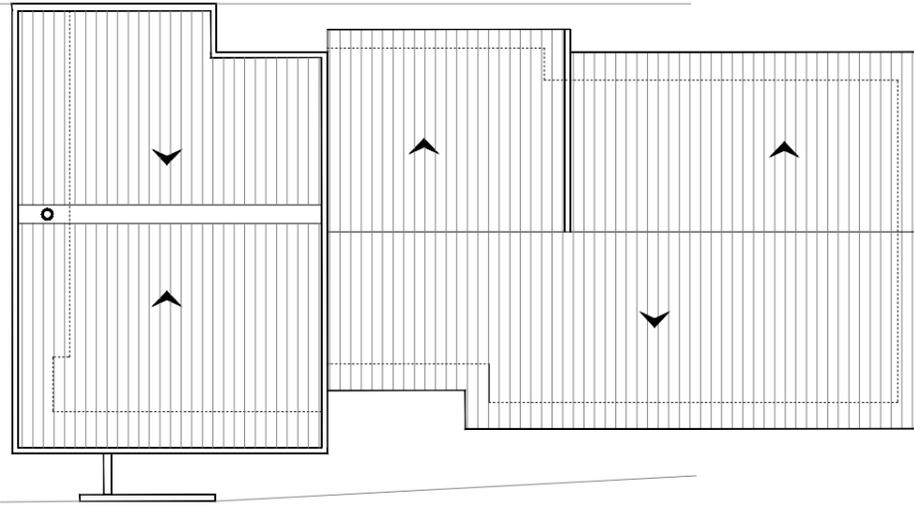
A diferença entre casa moderna *versus* fachada moderna é um indicativo da profundidade dessa difusão da linguagem da arquitetura moderna. A incorporação do vocabulário formal como valor estético nas construções também indica o interesse da população em participar do processo de difusão de paradigmas estéticos modernistas, que em um primeiro momento se associou apenas a uma classe mais alta, objetivando se incluir no processo de modernização proposto no discurso de formação da cidade, se apropriando da linguagem arquitetônica moderna, uma modernização mais plástica que programática.



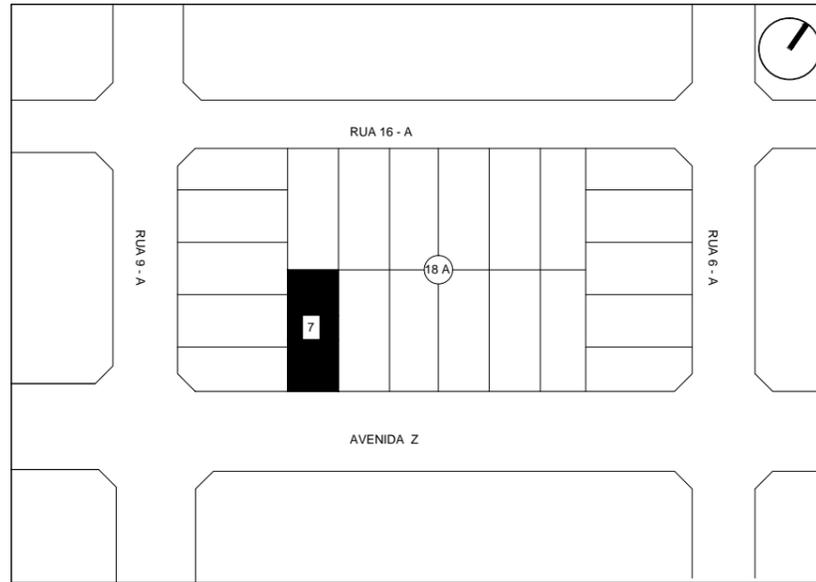
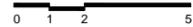
FIGURAS 173 E 174 | CASAS RUA 11A – COBERTURAS EM LAJE INCLINADA, ESQUADRIAS MAIORES EM SUBSTITUIÇÃO AOS PLANOS DE VIDRO, ELEMENTOS VAZADOS E ESQUEMAS ESTRUTURAIS QUE SE REPETEM
ACERVO PESSOAL, 2013.

Essa mesma análise também revela que a difusão refletiu em algumas adaptações. O local de construção dessas casas lidava com tamanho e constituição de lotes bem menores em proporção aos lotes que abrigavam os projetos dos grandes arquitetos atuantes na cidade, como nos setores Sul e Oeste, e acabou gerando diferentes composições de fachada, com volumes em proporções adaptados à realidade do lote implantado.

A produção moderna encontrada no bairro se associa a uma revisão do discurso desses arquitetos, visto que as obras vão perdendo a clareza e a pureza formais à medida que são conjugados à aplicação de elementos da arquitetura tradicional, perceptível, por exemplo, no projeto da casa João Carmelo Xavier (1974), de autoria de Ariel Costa Campos, arquiteto goiano formado pela Mackenzie em 1959, arquiteto modernista de reconhecimento na cidade, que mescla formas extremamente puras ao telhado cerâmico tão utilizado na arquitetura local.



PLANTA DE COBERTURA

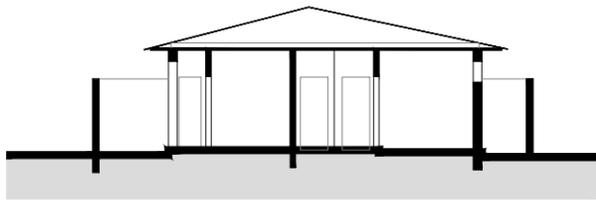


PLANTA DE SITUAÇÃO

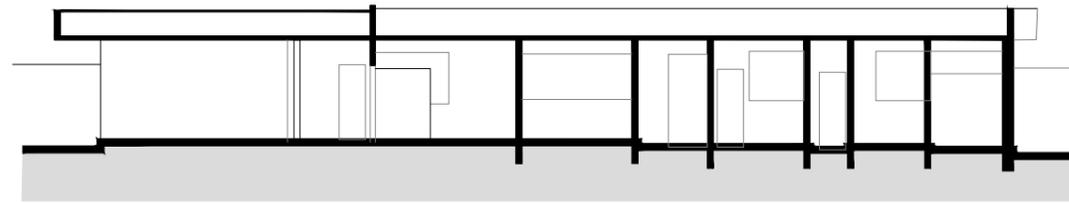
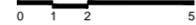
Escala 1:2000



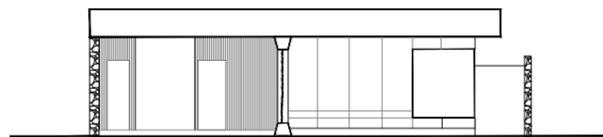
AVENIDA Z QUADRA 18-A LOTE 7
 SETOR AEROPORTO
 ÁREA BRUTA: - 294.94 m²



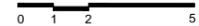
CORTE TRANSVERSAL



CORTE LONGITUDINAL

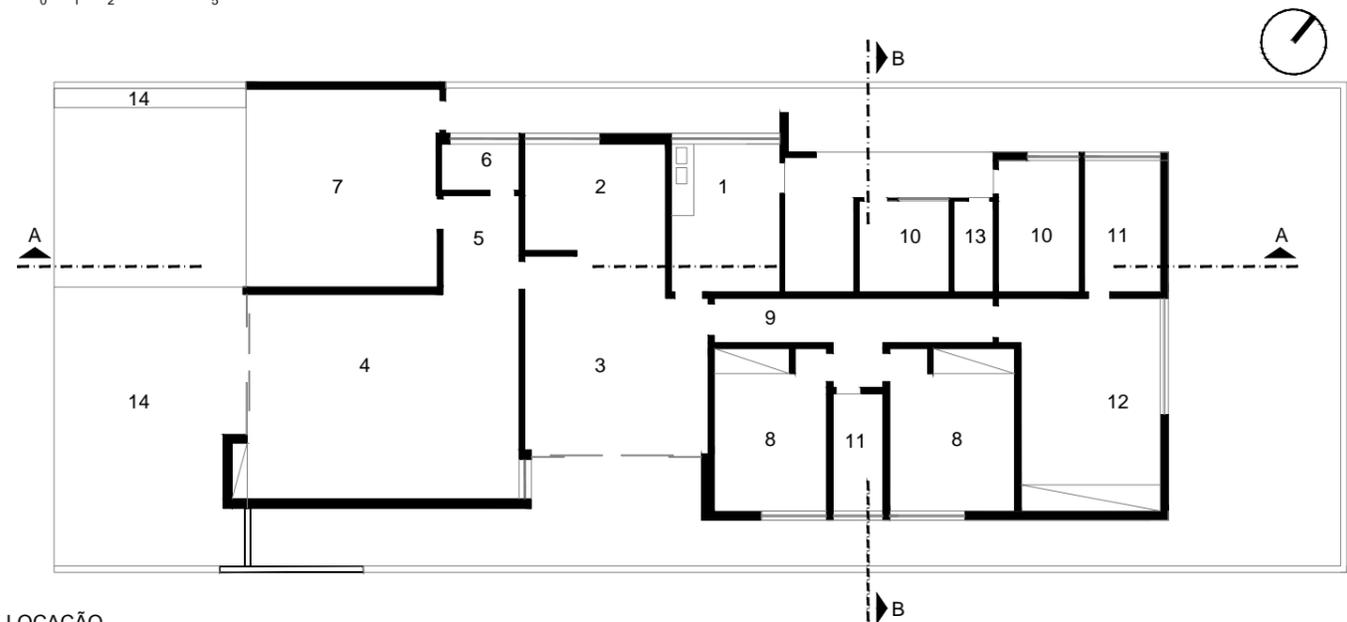


ELEVAÇÃO



LEGENDA	
N	AMBIENTE
1	Cozinha
2	Sala Intima
3	Sala de Estar
4	living
5	Hall
6	Lavabo
7	Abrigo
8	Quarto
9	Circulação
10	Tocador
11	Banho
12	Suite
13	W.C
14	Jardim

PLANTA DE PAVIMENTO E LOCAÇÃO



A análise das casas pertencentes ao acervo moderno e difuso do setor Aeroporto também revelam como são tratadas questões relativas ao público e privado na arquitetura popular, em um bairro de lotes de dimensão inferior aos encontrados em bairros como o setor Oeste, e Sul. Os grandes painéis de vidro dão lugar às janelas e aos elementos vazados, devido à proximidade com os vizinhos, contribuindo para esta adaptação também está a questão econômica; os elementos vazados chegam a tornar-se modelos e viram um padrão em diversas casas, principalmente na composição de fachadas. A falta de espaço transforma as grandes varandas em pequenas marquises que mantém a função de transição entre o público e o privado.

A combinação entre elemento vazado, marquise e pilares metálicos se configura como algo constante, que se repete como uma solução em diferentes ruas do bairro, e em diferentes bairros da cidade. Tal fato possibilita reforçar a ideia da própria existência do processo de difusão, além de reforçar uma unidade na composição ou unidade plástica que reinterpreta os projetos cânones. Entretanto há uma sobreposição, que por vezes parece estar em conflito devido à quantidade de elementos utilizados nas fachadas, provocando uma percepção mais confusa das informações.



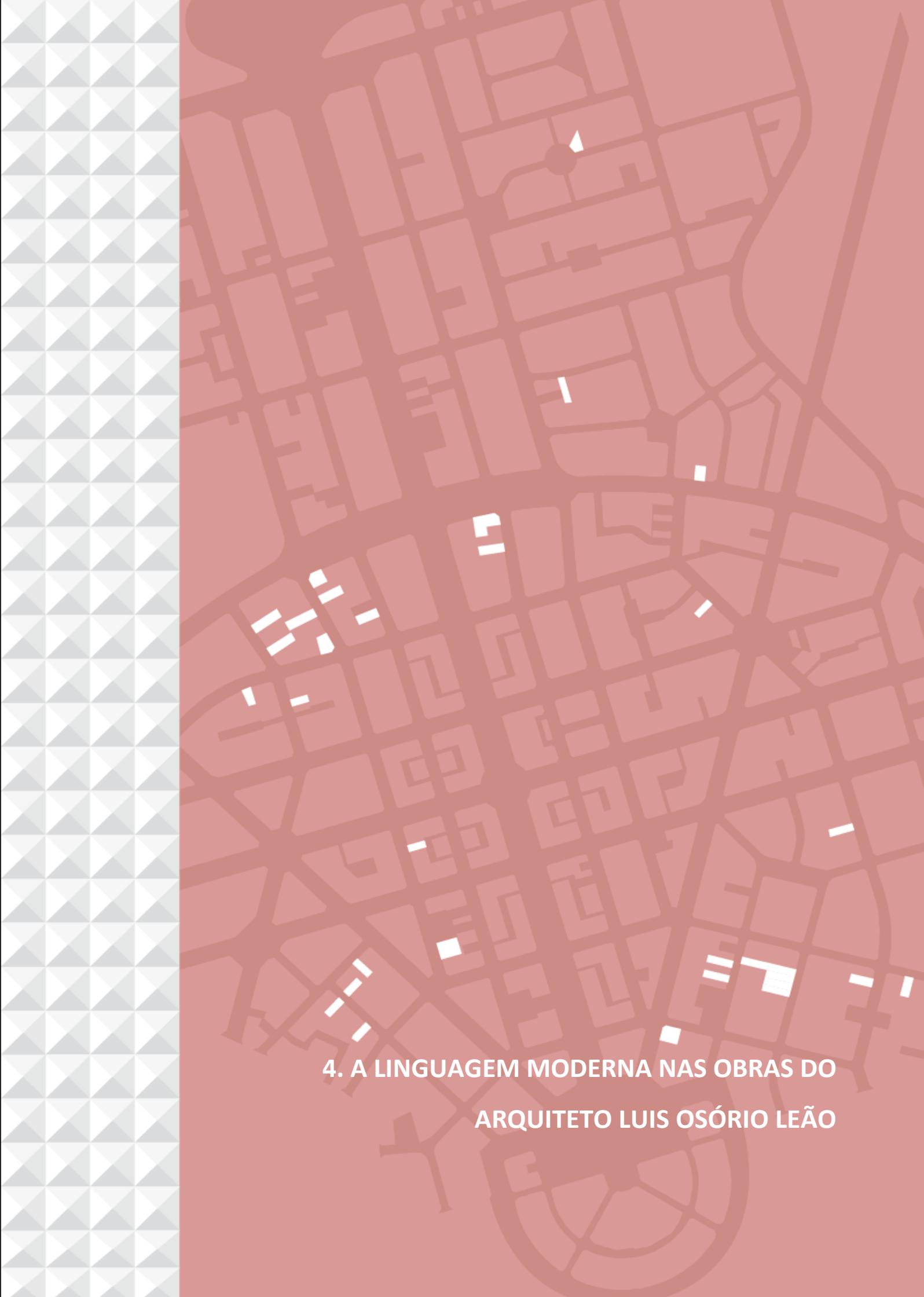
FIGURAS 175 E 176 | CASAS RUA 16A – CASAS MODERNAS SETOR AEROPORTO
ACERVO PESSOAL, 2013.

Diante do exposto, percebe-se uma modernidade desejada se manifestando em maior número nesse acervo, sem propriamente proporcionar uma mudança de hábitos, ou uma modernização efetiva, qualificando o uso de plantas muito semelhantes à usada na arquitetura tradicional da cidade, como diria Canclini (*apud* LARA, 2005): “um Modernismo exuberante com uma modernização deficiente.”

Constata-se também, a importância do estudo dessas diversas expressões do moderno, construções símbolo de apropriações do vocabulário formal dessa arquitetura na cidade de Goiânia, considerando-as grandes contribuições para o entendimento da arquitetura moderna. É questionável e reducionista, mesmo diante de uma modernização deficiente, adotar uma posição cultural da arquitetura moderna enquanto produção apenas dos arquitetos paradigmáticos, na busca de uma pureza formal que a represente, visto que a mescla da arquitetura moderna e da tradição caracteriza a forma heterogênea da arquitetura moderna na cidade.

As casas “modernosas” constituíam, conforme propõe Lara (2005), “o objeto de desejo da época, admiradas nos anos de 1950 como uma promessa de modernidade a ser alcançada em breve”, em que o discurso modernizador do interventor Pedro Ludovico foi fundamental. Característica interessante no setor Aeroporto é a permanência dessas casas com seus proprietários originais, que cuidam das edificações e testemunharam a popularidade do Modernismo na cidade. A apropriação popular da arquitetura moderna em Goiânia, segundo o depoimento de vários moradores, teve seu vocabulário arquitetônico adquirido através de elementos formais e compositivos de casas da vizinhança.

A articulação entre saber competente e popular, determinada por recursos disponíveis, tecnologias, lugar de implantação, entre outras características promovem uma expressão própria, a partir de uma síntese e do que pode-se chamar de um amadurecimento da arquitetura moderna em função de projetistas e usuários. Essa síntese se concretiza em soluções particulares, originais, e não apenas uma transposição de um estilo ou de códigos formais, mas ocorre fundamentada em motivações sociais, econômicas e culturais que as diferencia.



**4. A LINGUAGEM MODERNA NAS OBRAS DO
ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO**

As interações da mudança da capital do estado juntamente com as mudanças causadas pelo desenvolvimento da cidade estimularam a produção de uma arquitetura que se adequou e tomou forma à luz das possibilidades de uma cidade nova. O período de 1950 até 1980 foi o mais fértil da produção arquitetônica modernista em Goiânia, compreendido pela chegada de arquitetos de outros estados e do início da formação de arquitetos no primeiro curso de Arquitetura e Urbanismo da cidade. As contribuições introduzidas por esses profissionais se revelam a partir de seus projetos residenciais que revelam as mudanças dos conceitos propostos no modo de morar e na morfologia da casa.

Na década de 1960, a construção de Brasília também influenciou a produção da arquitetura goianiense, que estava em fase de consolidação, devido “à proximidade geográfica e à influência da arquitetura moderna que aproveitou as novas circunstâncias econômicas da região central do país.”¹¹⁰ Segundo Marlene Acayaba e Sylvia Ficher (1982), simultaneamente à construção de Brasília, devido à industrialização que se estende a todo o país, a linguagem arquitetônica passa a se enquadrar em um novo contexto: diferenças econômicas, climáticas, tecnológicas e de programa conduzem a um processo de regionalização¹¹¹. O contexto cultural e socioeconômico de Goiânia torna-se uma condicionante no processo de formação de uma arquitetura com a “cara” da cidade, uma arquitetura moderna local, com características particulares e padrões técnicos diferenciados.

Tendo em vista estas afirmações, o ultimo desdobramento dessa dissertação dá-se em analisar um arquiteto com atuação proeminente em Goiânia, evidenciando todas as condicionantes de alguém que se molda com influências externas, mas dentro do contexto da cidade – o goiano Luis Osório Leão (1931), cujas obras, principalmente as residências, estão em grande número, ainda não relacionadas na historiografia da arquitetura local.

Nascido na cidade de Rio Verde, Luis Osório Leão graduou-se na turma de 1959 pela Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, e logo em seguida retornou a cidade de Goiânia passando a ser reconhecido entre os profissionais expoentes da arquitetura moderna no estado, tendo seu nome ligado a importantes projetos, tanto

¹¹⁰ CAIXETA, 2011, p. 6.

¹¹¹ ACAYABA; FICHER, 1982, p. 48.

públicos como privados e a outros arquitetos como Elder Rocha Lima. Segundo Metran (1996), tornou-se referência na construção com pré-moldados através da experiência obtida em diversas escolas em todo o Estado, em que aplicou essa tecnologia.

Ainda sem formação acadêmica, Luis Osório trabalhou como desenhista de estruturas na empresa designada para a construção do parque do Ibirapuera, em que foi responsável principalmente pelo projeto do planetário¹¹² e, subsequentemente, depois de formado, coordenou os desenhistas no projeto do Conjunto Nacional, no escritório de David Libeskind (LONGHI, 1999, *apud*, SILVA NETO, 2010), revelando assim suas influências em Jon Maltrejean, Anhaia Mello, Vilanova Artigas e Calos Millan.¹¹³

Possui uma obra extensa na arquitetura e na construção ao fundar a construtora local 'Engenharia e Arquitetura Ltda.', além da empresa 'Terracota', que produzia azulejos e cerâmicas esmaltadas. Dentre suas principais obras estão a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás, a Faculdade de Direito (1964) e a Faculdade de Educação (1964) da mesma universidade além de diversas residências, atuando em diversas escalas, tanto urbanas como rurais. Projetou a casa da fazenda do então governador da cidade, Mauro Borges no município de Corumbá de Goiás e a casa da fazenda de Leo Lynce de Araújo¹¹⁴ no município de Araçu.



FIGURAS 177 E 178 | FACULDADE DE DIREITO (1964) E FACULDADE DE EDUCAÇÃO (1964) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS - ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO
UFG DIVULGAÇÃO, 2015.

¹¹² SILVA NETO, 2010, p. 29.

¹¹³ LUSCHER, 1999, *apud* SILVA NETO, 2010, p. 29.

¹¹⁴ Leo Lynce foi o pseudônimo de Cyllenêo Marques de Araujo Valle, natural de Pouso Alto - GO (atual cidade de Piracanjuba). Poeta, alcançou o título de precursor do Modernismo na literatura goiana através da obra: 'Ontem' (1928).

Devido à sua ligação pessoal com os padres redentoristas, em especial à sua amizade com o padre holandês Vitallis, pároco da Igreja Nossa Senhora de Lourdes à época, foi convidado para projetar a capela Nossa Senhora de Lourdes, na Vila Nova em 1958.¹¹⁵



FIGURAS 179 | CAPELA NOSSA SENHORA DE LOURDES (1958) - ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO
GOOGLE EARTH, 2015.

A dimensão de seus projetos residenciais e sua relação com a produção moderna em Goiânia nas décadas de 50 a 80 torna-se um dos enfoques desta pesquisa, que traça um panorama de suas construções, e estabelece aprofundamento em quatro dessas casas, diante de sua importância no panorama geral das casas modernistas na cidade, recompondo fatos. Figuram no trabalho: a casa Eduardo Jacobson (1959), casa Benedito Umbelino de Souza (1961), casa Alberto Araújo Jorge (1961), casa Mozart Rodrigues (sem data comprovada), casa Botelho (sem data comprovada), e casa Paulo Carlos Moreira (1976). Luis Osório Leão hoje mora em Brasília, porém não atua mais.

O aprofundamento em Luis Osório Leão através de questões construtivas e de linguagem revela a influência do Modernismo na formação da cidade na visão de um arquiteto de origem local a partir de suas obras residenciais. Uma prospecção sobre algumas casas de autoria do arquiteto, ainda desconhecidas da historiografia, que auxilia no entendimento de um profissional que partilha de linguagens diferenciadas em vários de seus projetos.

¹¹⁵ Informações concedidas pelo arquiteto Luis Osório Leão em entrevista em maio de 2016.

4. A LINGUAGEM MODERNA NAS OBRAS DO ARQUITETO LUIS OSÓRIO LEÃO

“Todo arquiteto é atual, é contemporâneo, é moderno, se não, é arqueólogo, ou é prospectivo, fica especulando coisas fantásticas.”

Lucio Costa – Documentário Arquitetura Moderna
IAB – São Paulo.



FIGURA 180 | LUIS OSÓRIO LEÃO EM CASA PROJETADA POR ELE EM BRASÍLIA E QUADROS DE SUA AUTORIA. ACERVO PESSOAL.

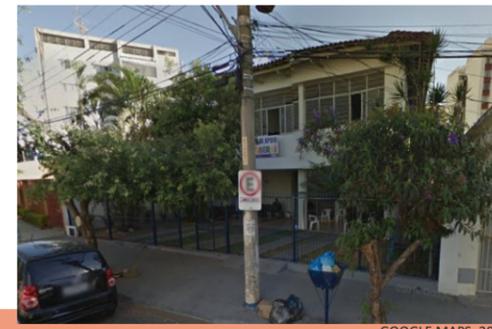
As experiências arquitetônicas que construíram a trajetória profissional de Luis Osório Leão são ricas de influências e referências no contexto da arquitetura e da história da cidade de Goiânia. O quadro de suas obras é vasto. Com uma produção de mais de cinquenta anos e formado sob os preceitos do Modernismo, indiscutivelmente os conhecimentos teórico e prático partilhados entre a vida acadêmica e o cotidiano profissional de Luis Osório lhe proporcionaram uma formação privilegiada. Os vários anos em que atuou na arquitetura contribuíram para uma relação extensa de projetos e obras em Goiás e Brasília, das quais algumas serão abordadas nesta pesquisa enquanto referências.



ACERVO DO AUTOR, 2015

Casa Dr. Jacobson
Rua 119-A lote 2, Setor Central
Arqtº Luis Osório, 1959

Casa Alberto Araújo Jorge
Rua 1-A nº 100. Setor Aeroporto
Arqtº Luis Osório, 1961



GOOGLE MAPS, 2015

Casa Benedito Umbelino de Souza
Al. Botafogo nº 211, Setor Central
Arqtº Luis Osório, 1961



ACERVO DO AUTOR, 2015

Casa Dr. Botelho
Av. Araguaia c/ Rua 1, Setor Central
Arqtº Luis Osório



ACERVO DO AUTOR, 2015

Casa Otécio Betanir
Av. 84 c/ Rua 104 nº 420. Setor Sul
Arqtº Luis Osório, 1962



ACERVO DO AUTOR, 2015

Casa Mozart Rodrigues
Rua 7 c/ Rua 13. Setor Oeste
Arqtº Luis Osório



GOOGLE MAPS, 2015

LEGENDA: ■ Demolida ■ Setor Aeroporto ■ Setor Central ■ Setor Oeste ■ Setor Sul

OBS.: Casas com alto nível de descaracterização foram consideradas demolidas.

Casa Eduardo Jacobson . 1959 . setor Sul

FIGURA 181 E 182 | CASA EDUARDO JACOBSON, 1959 – FACHADAS FRONTAL E LATERAL.
ACERVO PESSOAL, 2013.

Iniciar uma investigação que recupere parte do percurso do arquiteto Luis Osório Leão na arquitetura residencial de Goiânia tornou-se o interesse deste estudo à medida que certos projetos desenvolvidos por ele entre as décadas de 1950 e 80, e considerados entre os mais representativos de sua atuação, remontam às preocupações centrais que nortearam soluções adotadas num panorama de experimentação de novos modelos em relação aos métodos e materiais tradicionais.

Situar os projetos do arquiteto no contexto da produção da arquitetura moderna é reconhecê-los como projetos amplos de conceitos e significados. A casa Eduardo Jacobson, por exemplo, localizada em frente ao Bosque dos Buritis, um parque urbano no setor Oeste em Goiânia, na divisa entre setor Sul e setor Oeste, projeto de 1959, destacou-se frente às demais construções de seu entorno e aumentou o conjunto de casas Modernistas situadas próximas do centro cívico, localizado na principal praça da cidade.

A integração dos ambientes no pavimento térreo promoveu uma flexibilidade no uso dos ambientes, pouco experimentada até então, além de repensar o espaço de lazer da casa, implantado neste pavimento. A setorização da residência localiza lazer e serviços no pavimento térreo, incluindo dois quartos de hóspedes, a fim de manter a privacidade na área íntima reservada apenas aos proprietários. No pavimento superior o programa se resume em duas salas amplas e integradas que fazem a distribuição das circulações para os quartos. O acesso se dá por duas escadas, uma frontal que leva a varanda do pavimento

superior, e outra, na área de lazer, que leva a circulação dos quartos, dando liberdade de acesso da área íntima direto à área de lazer.

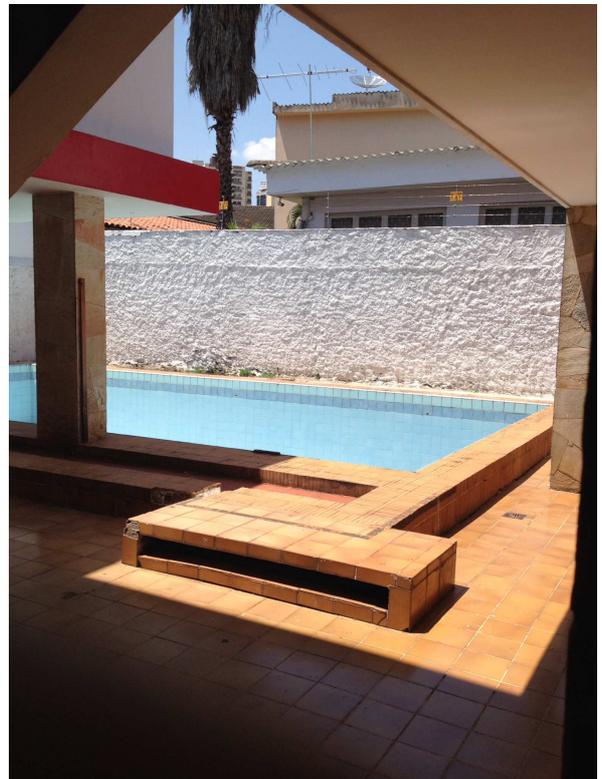


FIGURA 183 184 E 185 | TODO O TÉRREO SE INTEGRA FORMANDO EXPANDINDO A ÁREA DE VARANDA E LAZER | CASA EDUARDO JACOBSON, 1959. ACERVO PESSOAL, 2015.

A estrutura em concreto é totalmente integrada às vedações, a não ser pelos pilares no térreo que liberam quase todo o espaço para ser aproveitado pela garagem e pela área de lazer. Tanto a laje do pavimento superior, quanto a do pavimento térreo avançam do volume, formando uma moldura que percorre toda fachada da casa. O muro de pedra delimita o espaço público do jardim frontal da casa.

A vedação da fachada avança alguns centímetros em relação à janela, criando um efeito de volumes verticais que contrastam com a horizontalidade da fachada da Rua Gercina Borges Teixeira. Os acabamentos são a parte mais descaracterizada da casa, principalmente na fachada, devido à vários meses de abandono, seguidos de constantes alugueis para diversas atividades comerciais. Os revestimentos internos são originais, mas estão em péssimo estado de conservação.

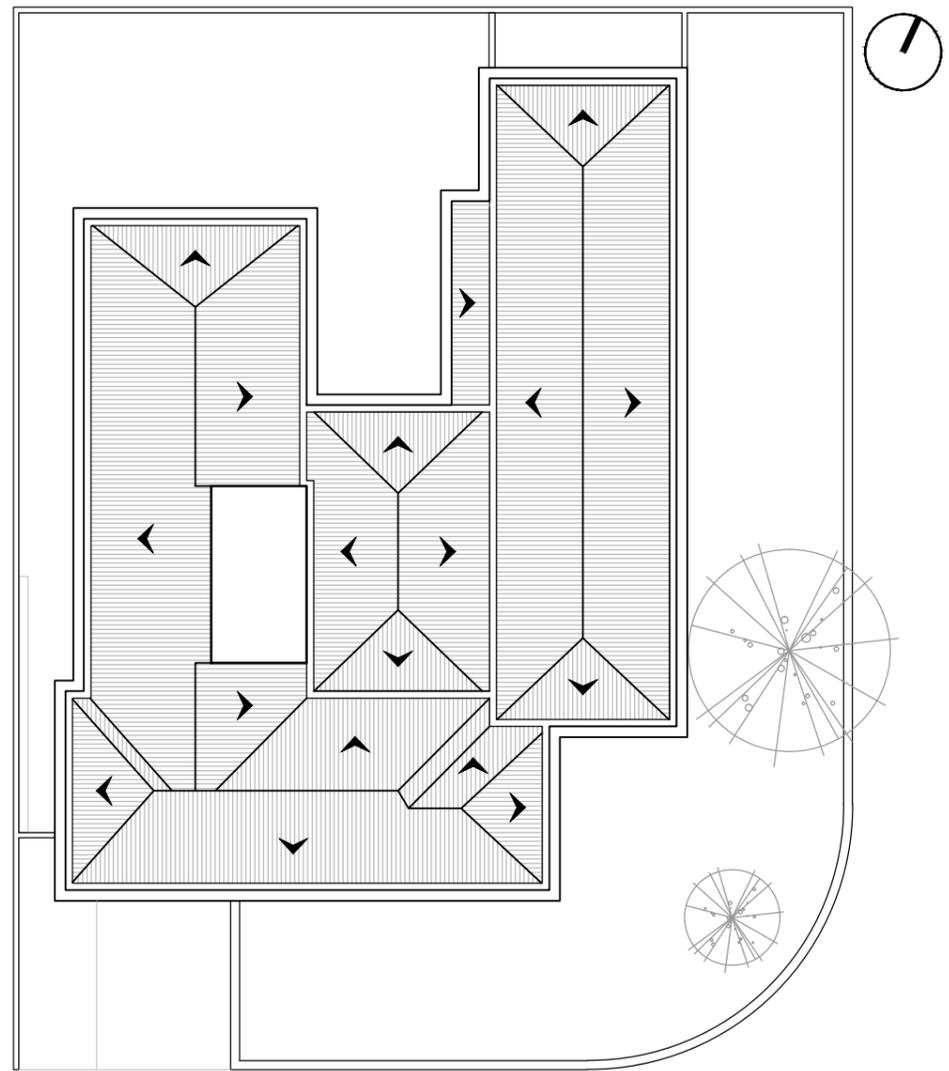


FIGURA 186 187 188 E 189 | REVESTIMENTOS INTERNOS ORIGINAIS MAS EM PÉSSIMO ESTADO DE CONSERVAÇÃO | CASA EDUARDO JACOBSON, 1959. ACERVO PESSOAL, 2015.

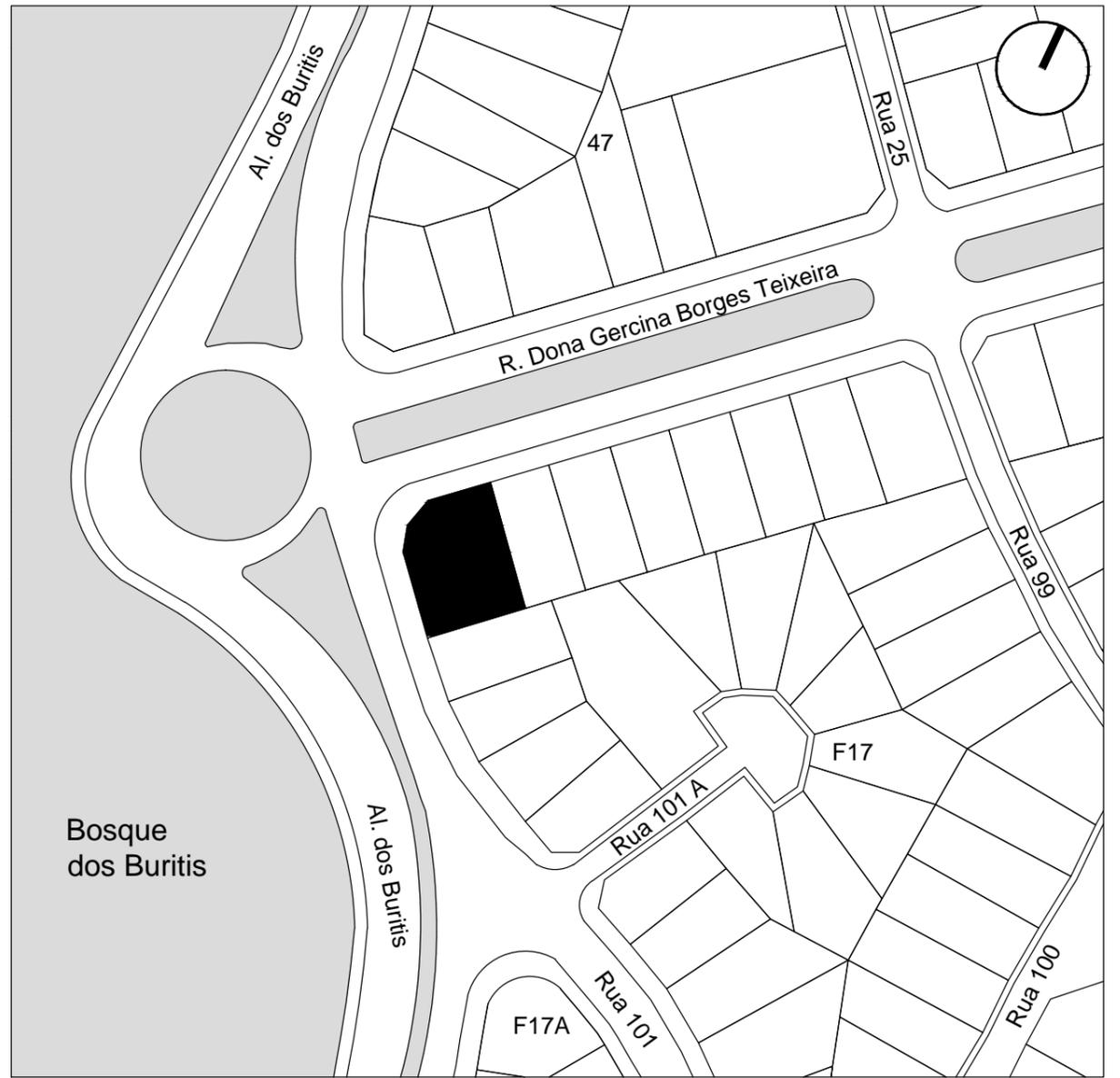
Luis Osório faz referências à obra de Oswaldo Bratke na concepção da casa, através da precisão no entendimento do programa e na resolução da planta que marcaram a obra. Linhas simples, de proporções bem definidas e o uso recorrente de elementos vazados também marcaram o projeto. Segundo Luis Osório Leão, “o projeto começa com um entendimento adequado do programa, tornando particular cada projeto.”¹¹⁶

As casas aqui analisadas revelam um perfil de residências unifamiliares projetadas pelo arquiteto para clientes de grande poder aquisitivo, receptivos ao modelo modernista, e que atribuem status cultural à casa, enquanto objeto arquitetônico particular. Projetada para o médico Eduardo Jacobson, que posteriormente se tornaria professor e chefe do departamento de cirurgia geral da Universidade Federal de Goiás, conseguiu certa cumplicidade com o cliente diante das propostas apresentadas para o projeto.

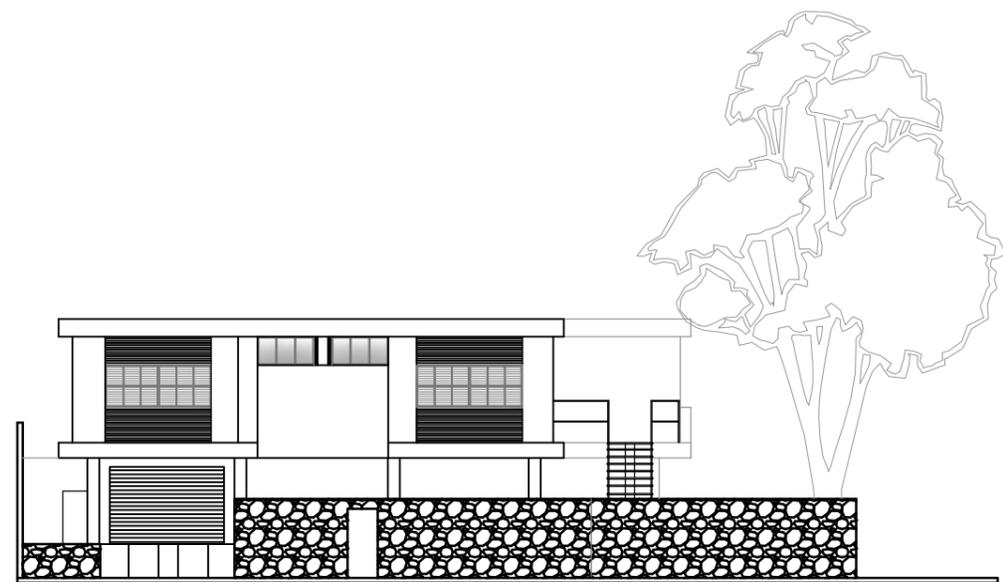
¹¹⁶ Entrevista cedida em 2015.



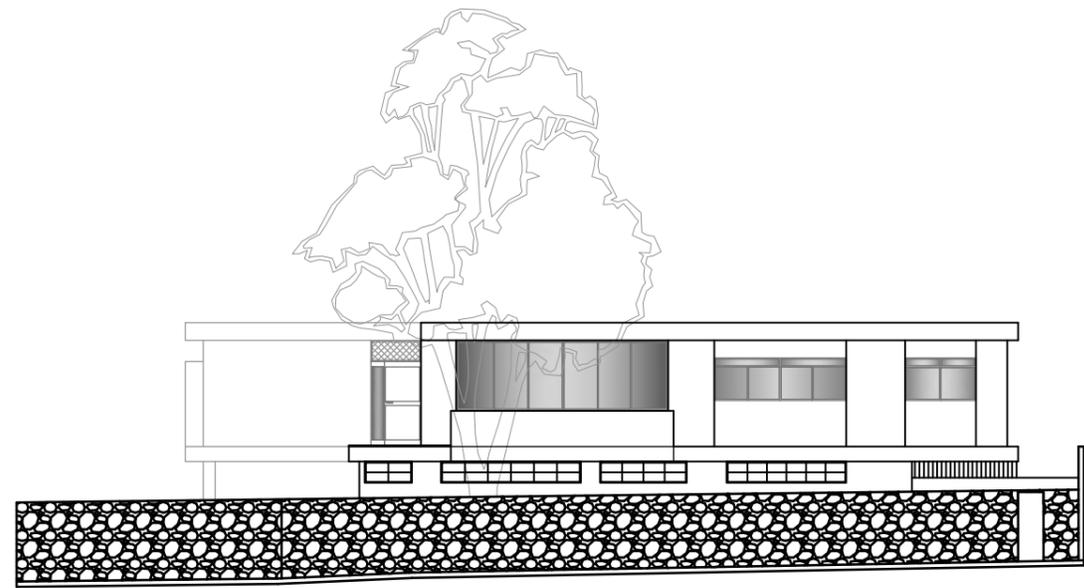
PLANTA DE COBERTURA
0 1 2 5



PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:1500

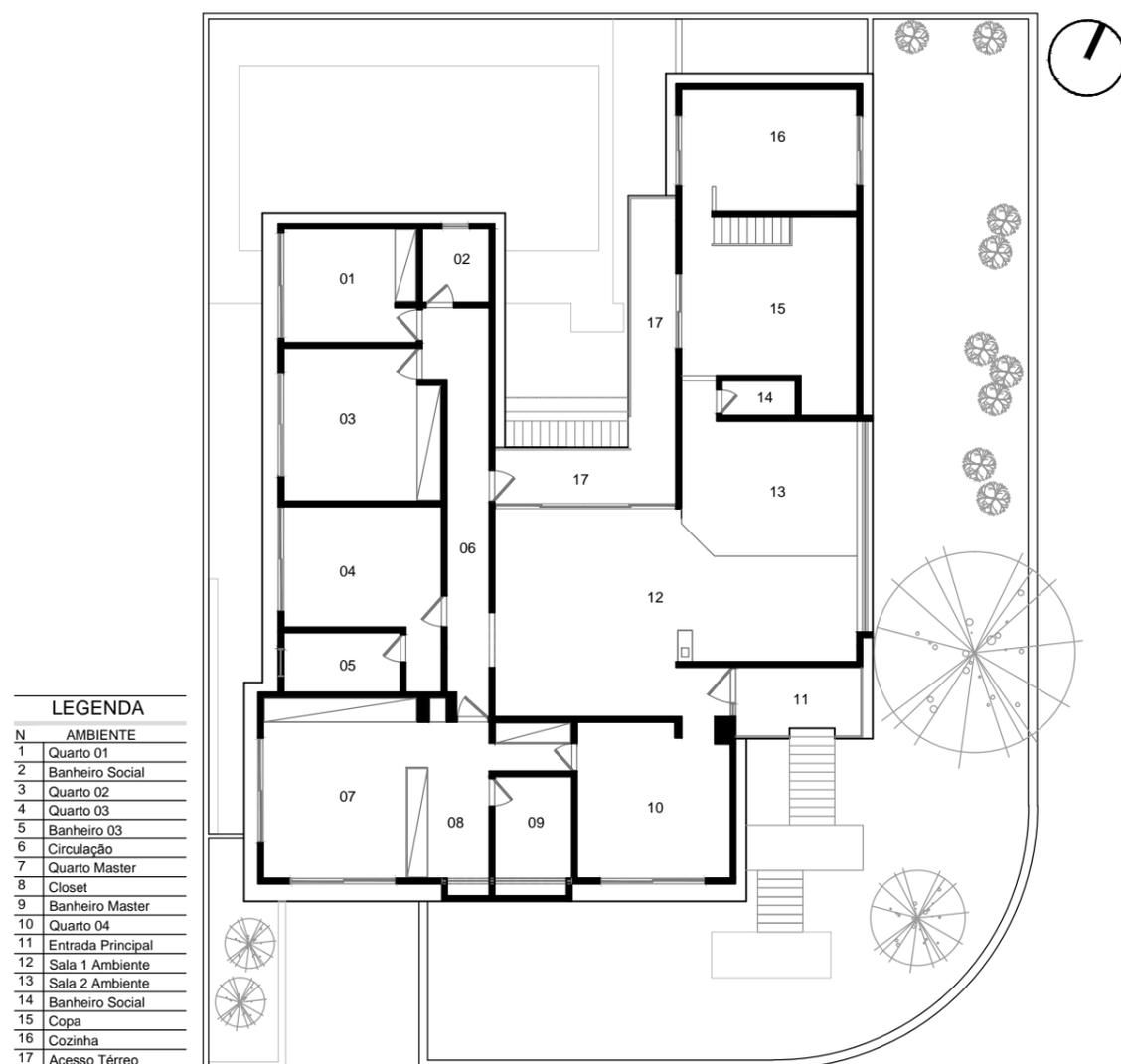


ELEVAÇÃO - RUA GERCINA BORGES TEIXEIRA
0 1 2 5



ELEVAÇÃO - ALAMEDA DOS BURITIS
0 1 2 5

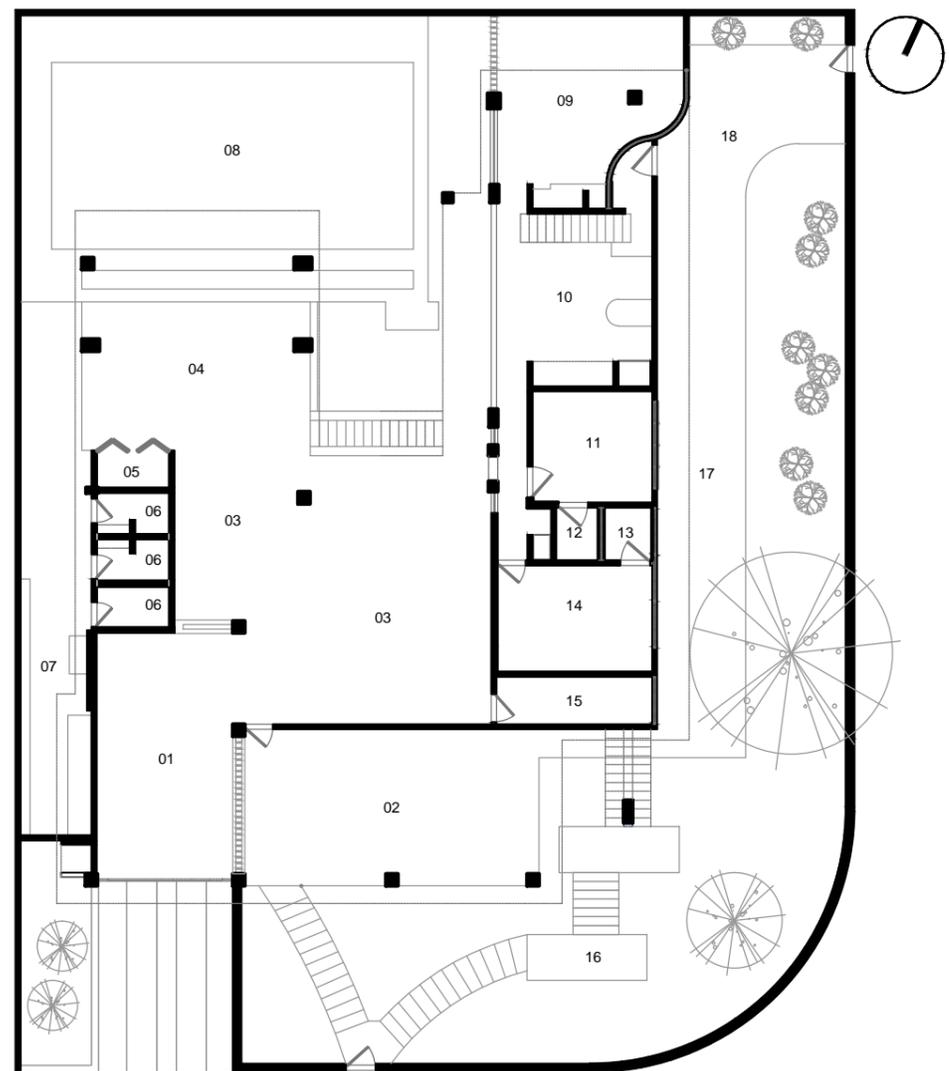
Casa Eduardo Jacobson
Arquiteto Luis Osório Leão
Setor Sul - Ano 1959



LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Quarto 01
2	Banheiro Social
3	Quarto 02
4	Quarto 03
5	Banheiro 03
6	Circulação
7	Quarto Master
8	Closet
9	Banheiro Master
10	Quarto 04
11	Entrada Principal
12	Sala 1 Ambiente
13	Sala 2 Ambiente
14	Banheiro Social
15	Copa
16	Cozinha
17	Acesso Térreo

PLANTA DO PAVIMENTO SUPERIOR
0 1 2 5



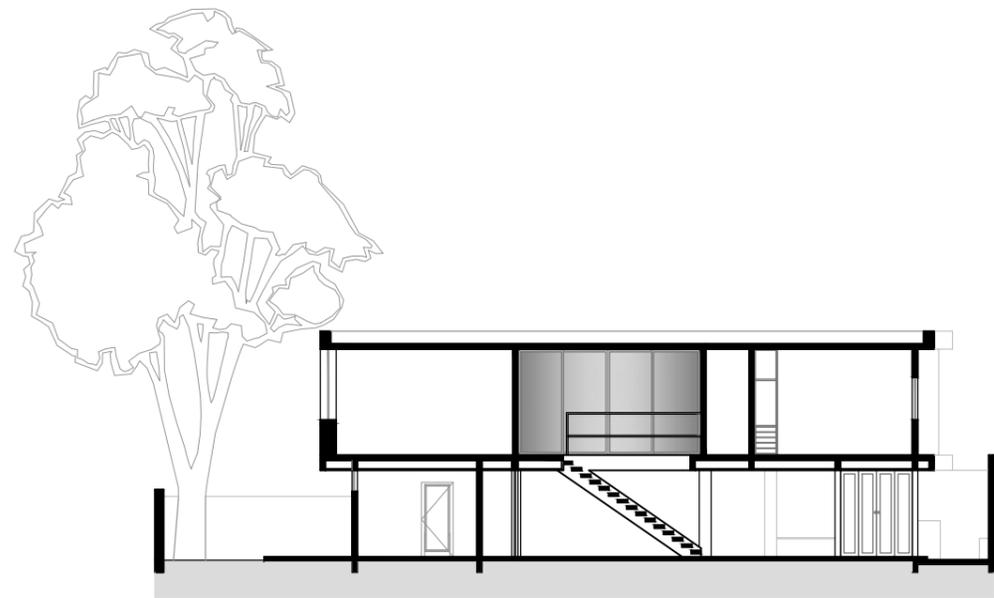
LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Garagem
2	Varanda Entrada
3	Área Social
4	Área Lazer
5	Bancada Gourmet
6	Banheiros
7	Circulação
8	Piscina
9	Churrasqueira
10	Área de Serviço
11	Quarto hóspede 01
12	Banheiro 01
13	Banheiro 02
14	Quarto hóspede 02
15	Banheiro Social
16	Acesso Pav. Superior
17	Circulação
18	Entrada de Serviço

PLANTA DO TÉRREO
0 1 2 5



CORTE LONGITUDINAL
0 1 2 5



CORTE TRANSVERSAL
0 1 2 5

O projeto não apresentou inovações consideráveis nas técnicas construtivas que a diferenciasse das demais casas modernas da época, mas sua implantação torna-se imponente pela forma como o arquiteto interpreta o espaço urbano. Ela revela toda a dimensão do edifício que se acomoda no terreno disposto em declive. A organização do programa se faz através da criação de patamares, articulados pela localização das escadas. Os muros baixos permitem a visualização completa de todo primeiro pavimento da casa, favorecendo a integração visual do setor íntimo com o parque.



FIGURA 190 – INTEGRAÇÃO VISUAL COM O ESPAÇO URBANO PROPOSTA PELO ARQUITETO | CASA EDUARDO JACOBSON, 1959. ACERVO PESSOAL, 2015.

Sem dúvida, a inclinação do terreno em direção à frente do lote é fator determinante na solução do projeto e favorece a volumetria, situada acima do nível da calçada, e que se destaca na paisagem pela linguagem, proporções e materiais adotados. A fachada frontal é composta por poucos elementos. De uma arquitetura singular, Luis Osório Leão não propunha qualquer tipo de intervenção que não fosse associada às questões práticas, aos materiais utilizados, ao sistema construtivo ou à uma necessidade do programa. Segundo o arquiteto, seu objetivo nunca foi uma arquitetura imponente. Diante desse posicionamento, o arquiteto aprofunda-se no conhecimento das questões práticas e construtivas da obra, o que o leva a tornar-se um dos primeiros a trabalhar com o pré-moldado em todo o estado de Goiás.

Casa Benedito Umbelino de Souza . Setor Central . 1961

FIGURA 191 | CASA BENEDITO UMBELINO DE SOUZA, 1961.
ACERVO PESSOAL, 2015.

Na obra de maior divulgação de Luis Osório, a residência de Benedito Umbelino de Souza, na Alameda Botafogo, projetada em 1961, o terreno estreito não permitiu ao arquiteto um volume de grandes dimensões em sentido transversal, tornando-se um dos elementos principais na definição da forma. É característico da arquitetura de Luis Osório sua definição por questões relativas à engenharia, uma produção que se destaca pela ênfase construtiva, expressa na criação de grandes vãos, largas aberturas e oferecendo destaque para o perfil dos volumes. A topografia acentuada também foi uma limitação, conformando um volume retangular e bastante extenso no sentido do comprimento do lote. As referências modernas se sobressaem nesse volume geométrico, unitário, e sem elementos decorativos.

Com a casa setorizada a partir de dois pavimentos, o térreo ainda conta com desníveis para vencer a topografia. Para Luis Osório, é função da arquitetura trabalhar com as condições técnicas locais. Essa simplicidade, no entanto, não o impede de realizar propostas técnicas inéditas. O projeto da casa Benedito Umbelino apresenta o primeiro nível reservado ao trabalho, ao estar e ao jantar (social), integrados, eles e se abrem em amplos painéis envidraçados para o recuo lateral antes ajardinado, hoje totalmente pavimentado, destacando-se a rampa interna à casa que dá acesso ao pavimento superior, uma maneira

ímpar de vencer desnível. No bloco intermediário resolvem-se atividades de serviço, externas ao volume principal da casa e no piso superior distribuem-se os quartos em seqüência, criando também uma sequencia de varandas laterais (íntimo).



FIGURA 192 193 194 195 | PAVIMENTO TÉRREO EM DESNÍVEIS ONDE SE DESENVOLVEM SETORES SOCIAL E SERVIÇOS E PAVIMENTO SUPERIOR INTEGRANDO SETOR ÍNTIMO | CASA BENEDITO UMBELINO DE SOUZA, 1961. ACERVO PESSOAL, 2015.

O volume superior avança criando o espaço da garagem. A casa possui volume conciso frente ao local que está implantada, os ambientes se abrem frequentemente para um vazio externo. Hoje totalmente abandonada, quase não se reconhecem os vitrais e painéis cerâmicos decorativos que marcam a parede da garagem, mas dão ideia do tratamento utilizado pelo arquiteto. Segundo Silva Neto (2010, p. 82), os móveis, luminárias e

acabamento escolhidos pelo arquiteto foram retirados logo após a montagem por não se adequarem ao uso dos proprietários, que não se adaptavam ao proposto.

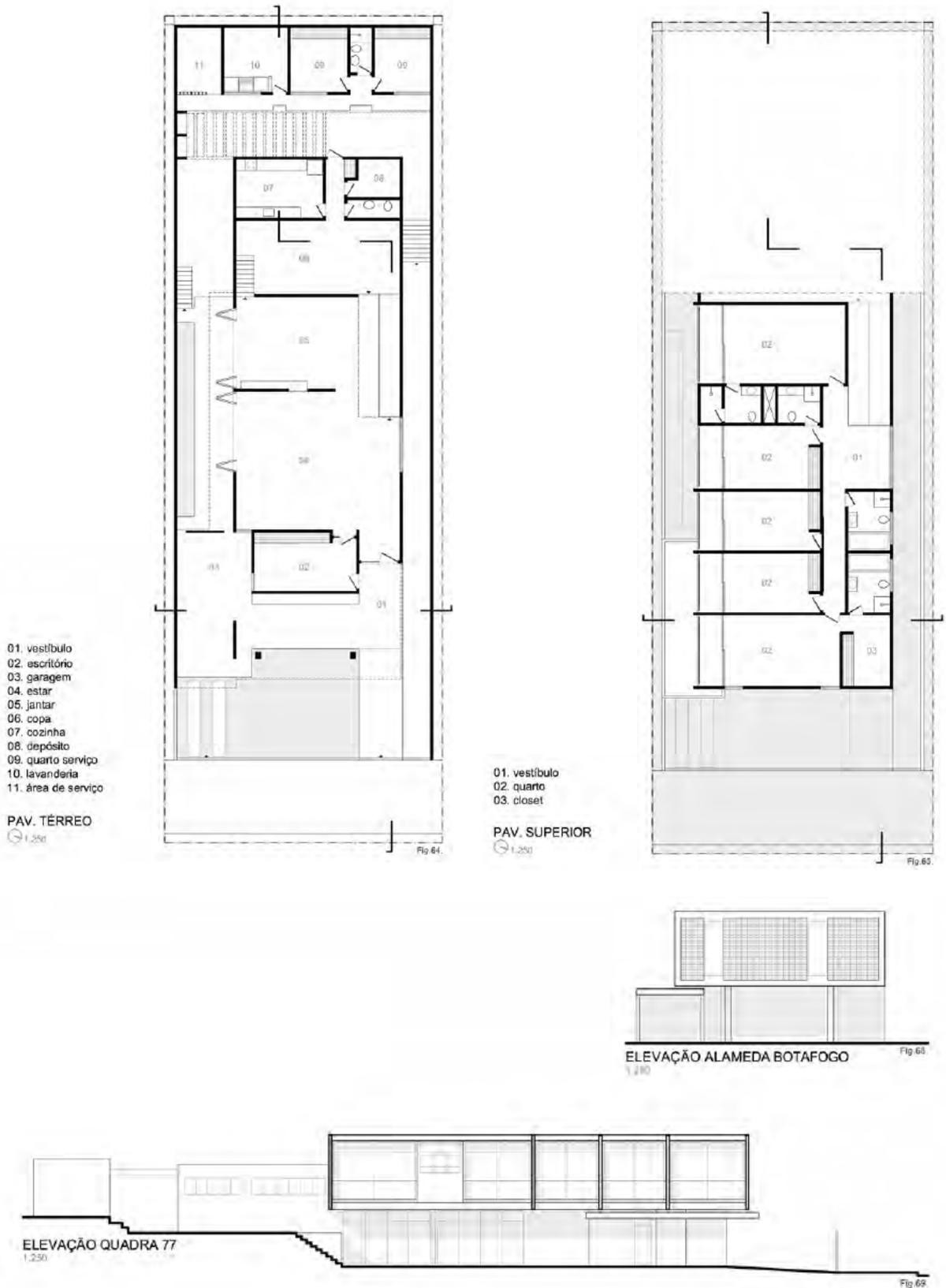


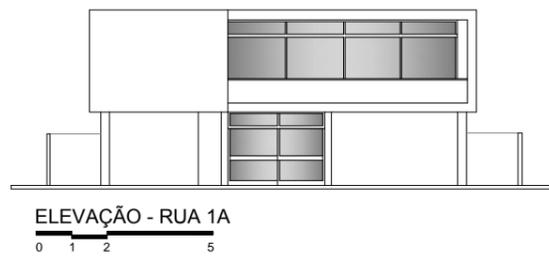
FIGURA 196 | CASA BENEDITO UMBELINO DE SOUZA, 1961. SILVA NETO, 2010, P. 88.

Casa Alberto Araújo Jorge . 1961 . setor Aeroporto

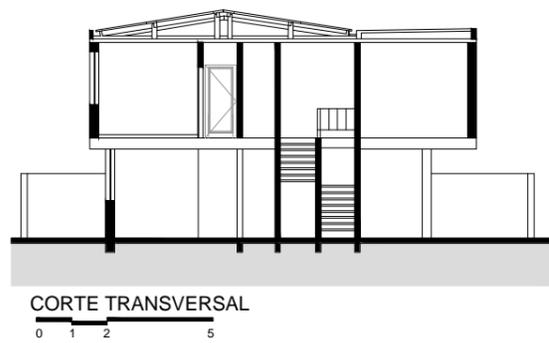
No mesmo ano que projetava a casa Benedito Umbelino de Souza, Luis Osório Leão se dedicava ao projeto da casa Alberto Araújo Jorge, localizada na rua 1A, no setor Aeroporto. A casa projetada para o médico e professor, pioneiro em Goiás na luta contra o câncer, permanece até hoje na família. Alberto Araújo Jorge era alagoano, casou-se com Martha Magalhães, irmã de Gercina Borges Teixeira, esposa de Pedro Ludovico Teixeira. Dona Martha, então Martha Araújo Jorge foi, durante muito tempo, reconhecida pela boutique que possuía e que atendia a sociedade local. A boutique ficava no pavimento térreo da casa do casal no setor Aeroporto.

Um ano após sua chegada a Goiânia, em 1955, o Dr. Alberto Araújo Jorge fundou a Associação de Combate ao Câncer e o Centro de Cancerologia na Santa Casa da cidade. A construção do Hospital do Câncer se deu em 1961, mas apenas em 1967 foi finalizado, passando a se chamar, posteriormente, Hospital Araújo Jorge, em homenagem ao médico que, após um acidente, finalizou sua carreira profissional. Ainda hoje seu filho, também médico, atua no hospital.

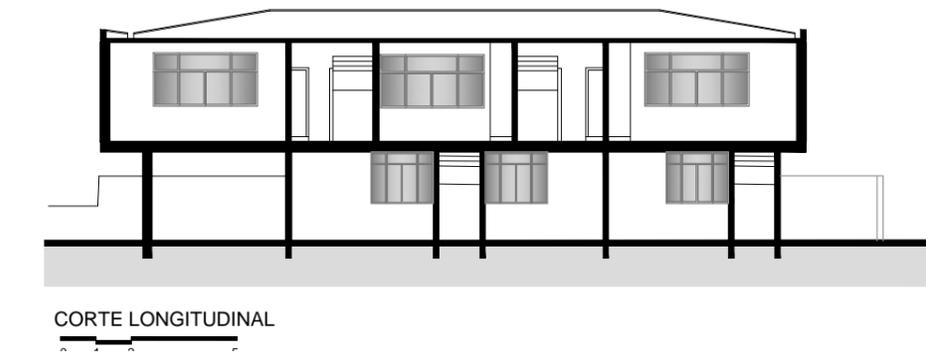
Dentro de uma linguagem racionalista, Luis Osório propôs uma abordagem da casa a partir já de algumas mudanças de linguagem formal que adaptou ao longo da carreira, o que não implicou em abandono do detalhamento do projeto, mas mostrou um cuidado constante com as diferentes características dos materiais empregados, cuidados de execução, montagem, manutenção e atenção às características de durabilidade e envelhecimento de cada material. A casa foi construída em dois pavimentos, com a frente sobre pilotis. Olhando para a casa, no pavimento superior, janelas tomam dois terços do lado direito da fachada. Do lado esquerdo uma empena totalmente vedada. O espaço aberto dos pilotis comportava uma ampla garagem. A fachada lateral esquerda possui as aberturas dos quartos, são três esquadrias grandes dos dormitórios, e duas esquadrias tipo basculantes, dos banheiros. A setorização das plantas se repete: o pavimento térreo comporta as áreas sociais e de serviço, e o pavimento superior a parte íntima.



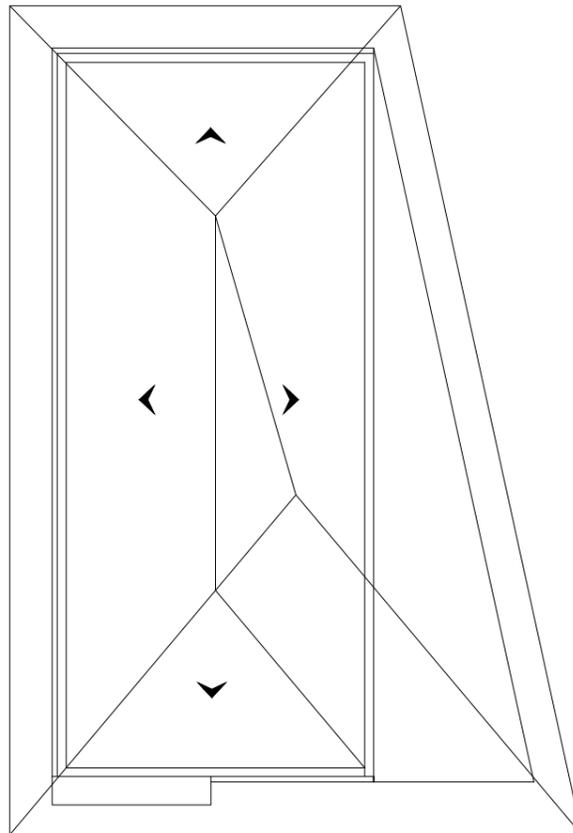
ELEVAÇÃO - RUA 1A



CORTE TRANSVERSAL



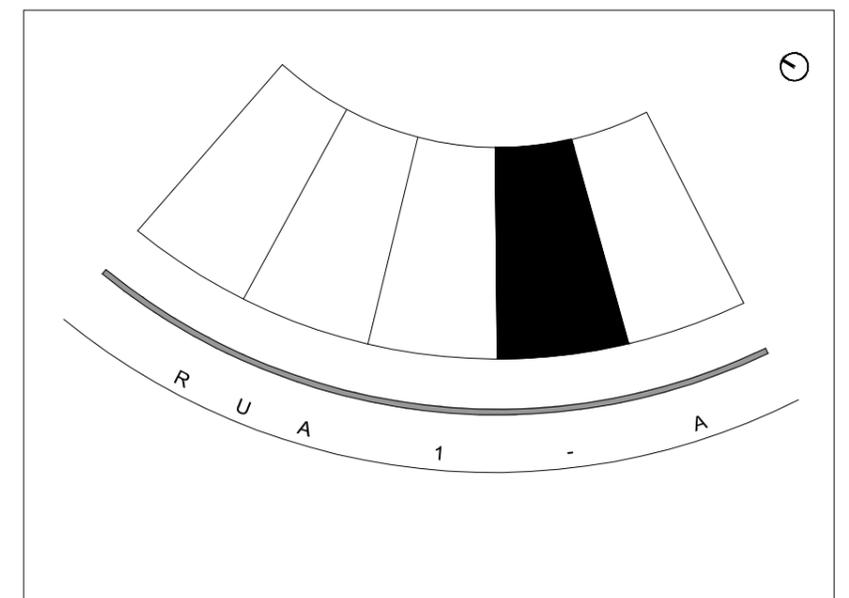
CORTE LONGITUDINAL



PLANTA DE COBERTURA
ESC: 1/200



RUA 1 - A QD. 36A LOTE 21
SETOR AEROPORTO



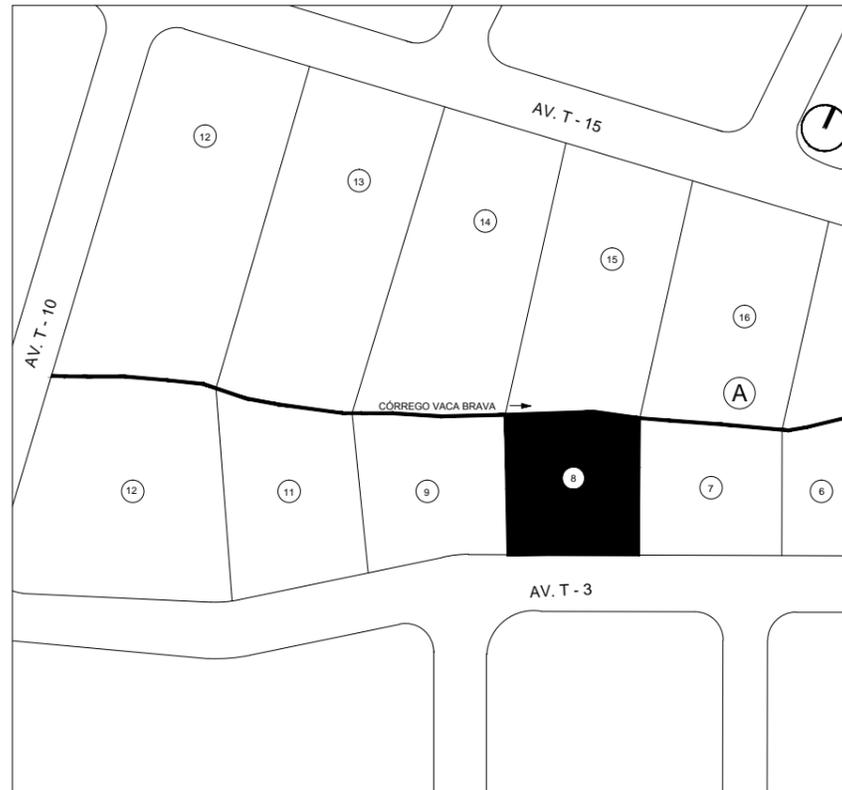
PLANTA DE SITUAÇÃO
Escala 1:1000

Luis Osório trabalhou em prol de atingir uma linguagem arquitetônica própria baseada em uma relação que não abandonasse a verdade construtiva em detrimento da forma, produzindo uma arquitetura moderna que trabalhasse com a tecnologia construtiva disponível e fornecesse elementos para o desenvolvimento de acordo com as possibilidades dos materiais utilizados. Buscou soluções formais, técnicas e estéticas próprias. A casa hoje está totalmente modificada. O atual proprietário, engenheiro e filho do antigo proprietário, alterou a cobertura, o telhado embutido deu lugar a um telhado aparente em telha cerâmica com estrutura de madeira. Os usos internos foram todos alterados em função do aluguel da casa para um uso comercial. Alberto Araújo Jorge faleceu em 1986.

Casa Paulo Carlos Moreira . 1976 . setor Bueno

A casa, projetada para a esposa de Paulo Carlos Moreira, prima do arquiteto Luis Osório, foi implantada às margens do córrego Vaca Brava, uma das áreas mais nobres e valorizadas da cidade, em um terreno de grande declive. Na organização espacial, solução estrutural e tecnologia construtiva, se desviou um pouco do racionalismo de suas propostas, para atender questões plásticas solicitadas pelos proprietários, mas manteve a racionalidade da planta.

A forma que o arquiteto Luis Osório encontrou para vencer o grande declive foi setorizar a casa em desníveis. A partir da rua, a primeira escada vence parte do desnível até a porta principal da casa. O acesso ao interior da casa se dá a partir de uma galeria onde acontece o segundo desnível, esse bem mais sutil. Por fim, um terceiro e último lance de escadas, conduz tanto ao nível superior como para a parte posterior da casa. É característica de Luis Osório a preocupação com a organização do programa de necessidades, permitindo uma leitura clara e objetiva do projeto. Valoriza os ambientes, usando recursos como grandes planos transparentes e pisos em níveis intermediários. Emprega elementos semitransparentes como treliças de madeira e elementos vazados para marcar a transição entre ambientes contíguos, de usos distintos, para garantir uma privacidade relativa ou para caracterizar espaços de transição.

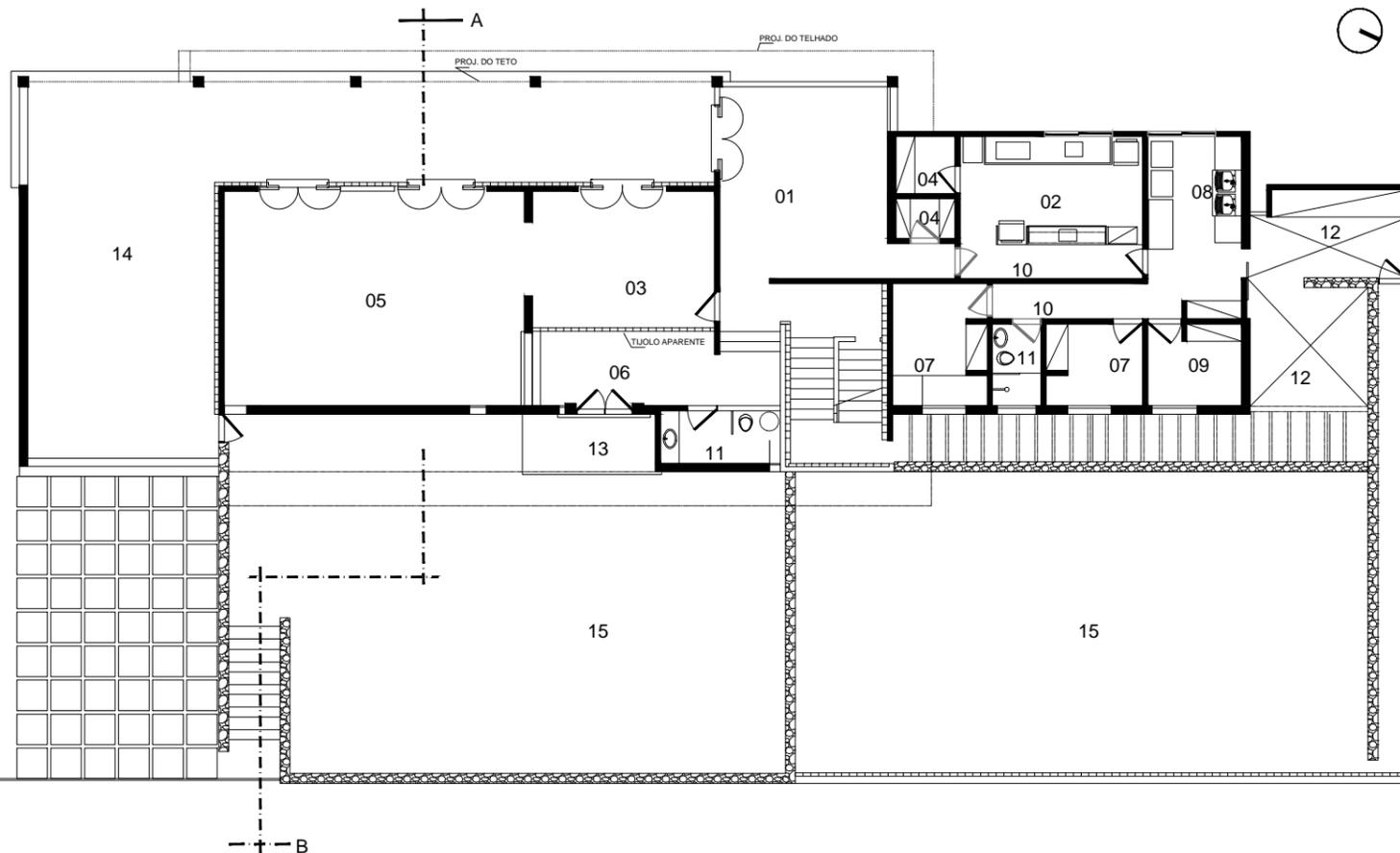


PLANTA DE SITUAÇÃO

Escala 1:1000



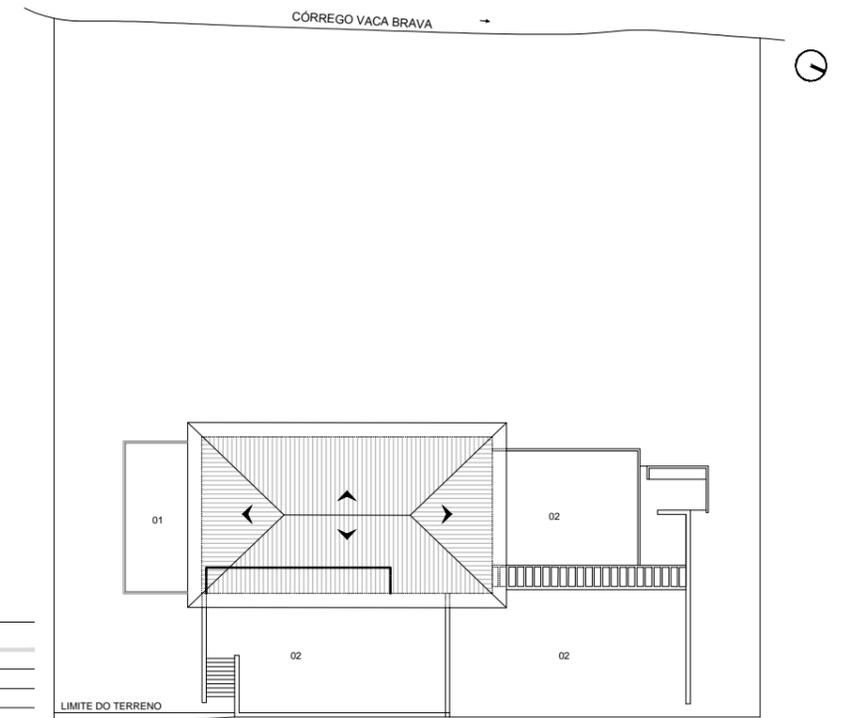
ÁREA PAV. TERREO: - 360. 295
 ÁREA PAV. SUPERIOR: - 225. 000
 ÁREA TOTAL DE CONSTRUÇÃO - 585. 295



LEGENDA

N	AMBIENTE
1	Almoço
2	Jantar
3	Cozinha
4	Depósito
5	Estar
6	Galeria
7	Q. Empregada
8	Lavanderia
9	Rouparia
10	Circulação
11	Banho
12	Área descoberta
13	Terraço
14	Garagem
15	Jardim

PAVIMENTO TÉRREO



LEGENDA

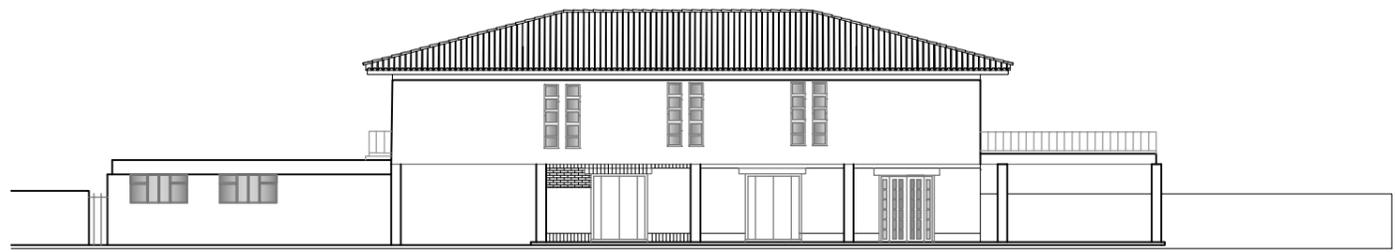
N	AMBIENTE
1	Terraço
2	Jardim

LOCAÇÃO E COBERTURA

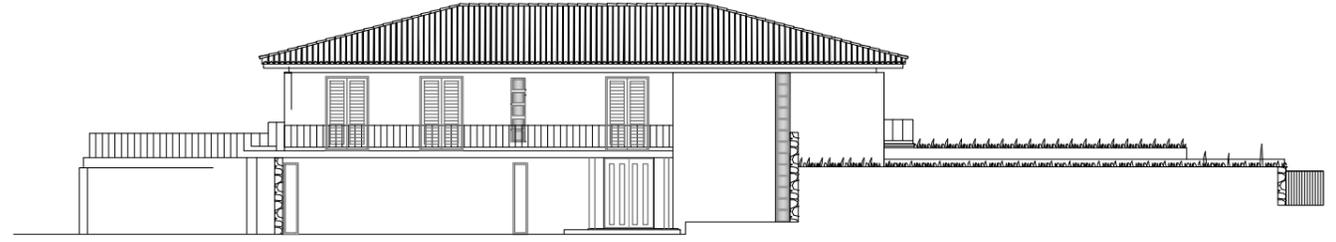


Casa Paulo Carlos Moreira
 Arquiteto Luis Osório Leão
 Setor Aeroporto - Ano 1976

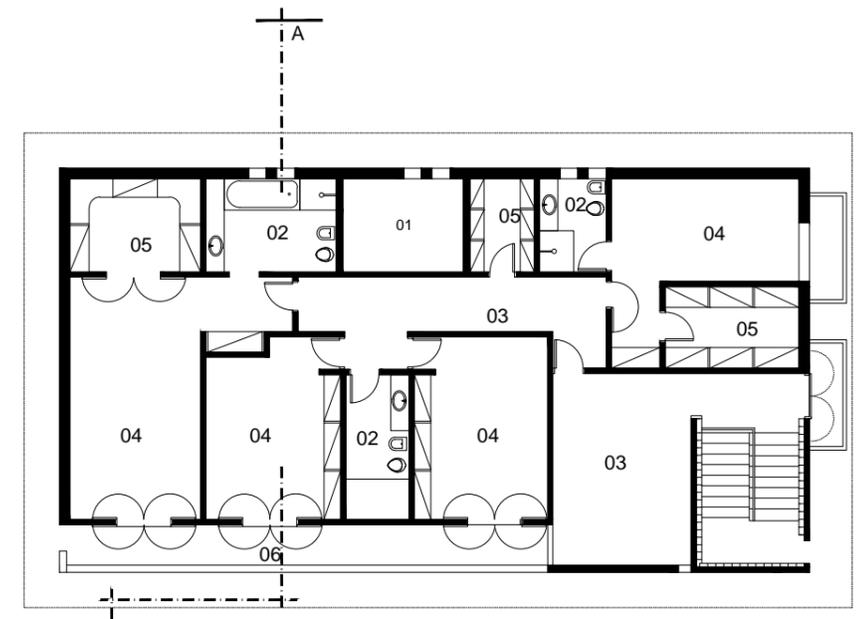
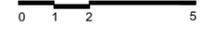
1/2



ELEVAÇÃO SUDOESTE



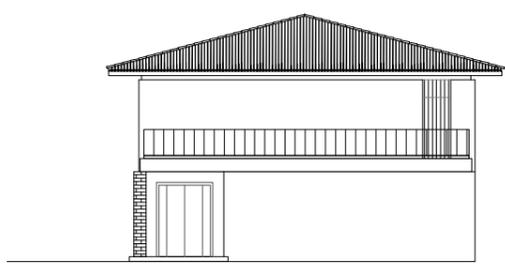
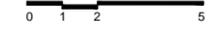
ELEVAÇÃO NORDESTE



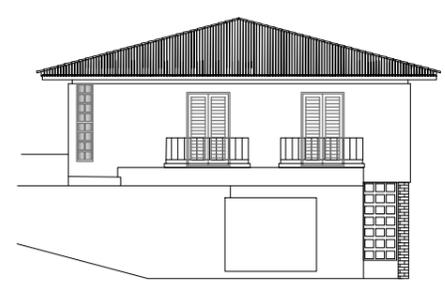
LEGENDA

N	AMBIENTE
1	sala de estudos
2	Banho
3	Circulação
4	Quarto
5	Vestário
6	Varanda

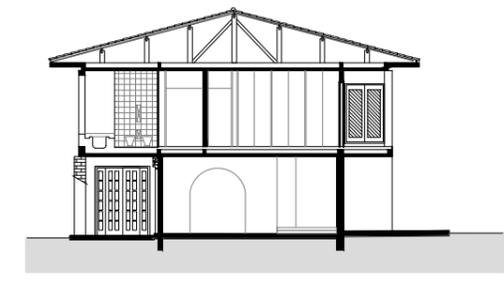
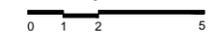
PAVIMENTO SUPERIOR



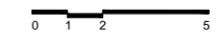
ELEVAÇÃO SUDESTE



ELEVAÇÃO NOROESTE



CORTE TRANSVERSAL



CORTE LONGITUDINAL



Diversos fatores relacionam a casa Paulo Moreira com preceitos de projetos modernos, entre eles a direta relação do interior da casa com o exterior, permitindo que a natureza seja elemento da integração, promovendo a vista do lago nos fundos da casa, local destinado ao lazer. A casa possuía grandes esquadrias e diversos revestimentos: pedras usadas na composição das paredes, elementos vazados dividindo jantar e galeria, por onde era possível visualizar quem chegava entrava na casa. Como composição arquitetônica a residência apresentava pérgulas em concreto aparente na parte externa, delimitando uma área semi-sombreada.

A casa já foi demolida, entretanto até hoje suscita elogios por parte da antiga proprietária, com relação às circulações, que segundo ela, eram muito bem resolvidas. O projeto possui soluções despreziosas conjugadas a linhas nitidamente modernas, como o caso inerente a cobertura. O arquiteto modificou o projeto, abrindo mão de uma cobertura plana e platibandas em função do pedido da proprietária pela adoção do telhado aparente, mas os traços modernistas estão na identidade de sua produção. Quando perguntado sobre suas influências diretas ou arquitetos em quem se inspira, ele brinca: “não tenho mais, eu já parei de projetar” mas logo depois assume sua relação com Vilanova Artigas, Carlos Bratke e David Libeskind que ajudaram a definir seu traço.



FIGURA 197 | CASA BOTELHO, SETOR CENTRAL.
ACERVO PESSOAL.



FIGURA 198 | CASA BOTELHO, SETOR CENTRAL.
ACERVO PESSOAL.

É importante ressaltar a casa Botelho no acervo de Luis Osório Leão. Localizada na Avenida Araguaia, uma das principais avenidas do setor Central, a casa pertencia a um conceituado médico da cidade, entretanto os projetos da casa não existem mais, e as

reformas executadas para seu novo uso tornam inviável o entendimento da planta. A fachada de volumes horizontais, grandes esquadrias e a laje que avança do volume criando uma área de sombreamento continuam relativamente preservadas.

A formação da linguagem de Luis Osório Leão evidencia a integração entre arquitetura e a regularidade, ortogonalidade, e a elaboração de aspectos técnicos e artísticos em função de condicionamentos funcionais e de programas complexos, que sempre permeiam sua produção. Desde recém-formado, Luis Osório demonstrou maturidade e domínio no exercício profissional. Com precisão e segurança ele organizou o programa de necessidades, revelando cuidado especial na implantação, perceptível em todos os seus projetos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da arquitetura moderna em Goiânia, nesta dissertação, teve início na inquietação por conhecer a fundo um acervo rico na cidade, as casas Modernistas. Este interesse nasceu do conhecimento de algumas casas que são referenciais, situadas na centralidade do Plano Urbano de 1933. Casas como as do Arquiteto David Libeskind, na Avenida Paranaíba, e dos arquitetos Eurico Calixto de Godoy; e, Silas Varizo e Armando Norman, na Praça Cívica. Entretanto, essas casas logo se mostraram parte de um conjunto muito mais denso, ampliado em função de estabelecer recortes que ajudassem a produzir a função do todo e a entendê-la.

Cada obra conhecida, cada novo profissional investigado, abriu um caminho de comunicação pra muitos outros, e assim sucessivamente, destacando uma produção que revela qualidades em diversas instâncias: de um moderno mais 'puro' à uma difusão da linguagem da arquitetura moderna mais permeada de elementos estéticos. Logo, o que seria uma pesquisa a partir de poucos exemplares de arquitetura passou a compor um acervo extenso de obras que sugeriu análises e questionamentos.

O ampliar dessa produção se deu amparada em pesquisas em artigos, livros, trabalhos acadêmicos, levantamento em campo, documentação fotográfica, tudo a fim de se alcançar o objetivo de formular uma visão atual do conjunto da arquitetura residencial moderna em Goiânia. A partir do panorama evidenciado, manipulá-lo era o próximo passo. Para facilitar essa manipulação, essas obras foram apresentadas a partir do bairro em que estão implantadas, no intuito de perceber a difusão dessa arquitetura pela cidade.

Mediante o reconhecimento dessas obras foi possível chegar a conclusões a respeito de questionamentos previamente formulados e perceber a rapidez com que esse conjunto tem perdido exemplares pelas demolições, reformas e inserção de novos usos no programa dessas casas. Em um período de dois anos, o conjunto arquitetônico moderno sofreu a destruição de muitos exemplares arquitetônicos através da renovação da cidade e deixando uma lacuna que permite uma atitude de reflexão frente ao desaparecimento das obras e da necessidade de documentação desse acervo.

Um panorama com essa amplitude não pode ser tratado de forma linear, portanto para torná-lo mais legível parte-se de uma visão geral das obras inseridas dentro do contexto de cada bairro, destacando-se exemplares que representem diferenças ou semelhanças na formação desse conjunto. Essa análise deu origem à tabela de profissionais atuantes na arquitetura moderna da cidade, surpreendendo pela quantidade, pelas relações estabelecidas entre eles, e pela diferença na atuação.

Essas relações se mostraram responsáveis por imprimir uma identidade rica e diversa a esse acervo. Como por exemplo, obras de características amplamente reconhecidas pela literatura, normalmente associadas às “Escolas Carioca” ou “Paulista” de arquitetura, em que Goiânia se destaca por exemplares de qualidade técnica e plástica inegável. Ou contribuições de obras ainda não conhecidas pela historiografia, como as do arquiteto Luis Osório Leão, do engenheiro Tristão da Fonseca e do projetista Américo Pontes, que mostraram soluções projetuais distintas, demonstrando a relevância de várias produções na arquitetura local.

As produções se difundem, até mesmo, dentro do acervo de um único profissional, como é o caso do arquiteto Luis Osório, que possui projetos de casas essencialmente modernas, mas muitas vezes associadas a elementos da arquitetura colonial e vernácula, como a cobertura feita com telhas de barro em duas águas, a construção sobre os limites dos muros laterais dos terrenos; e técnicas construtivas tradicionais.

E essa difusão se aprofunda. O que antes era um acervo de obras com projeto arquitetônico de autoria comprovada, com características bem definidas e formas puras, também se apresenta permeado por elementos do vocabulário formal de casas cânones da arquitetura Modernista, difundidos em casas de construção vernácula. A visão concisa desse panorama permitiu estabelecer um período, entre as décadas de 1950 e 1980, quando essa difusão se efetivou.

As casas de linguagem moderna na cidade, a priori, pertencentes a um estrato social mais alto, se difundem entre construções de pessoas de menor poder aquisitivo e de programa mais simples, através de definições espaciais e elementos formais e compositivos, não aleatórios, mas numa lógica de apropriação que se adapta a outras realidades culturais e

socioeconômicas, como: lajes inclinadas, platibandas que escondem telhados cerâmicos, painéis artísticos reduzidos a revestimento nas paredes, em pedra ou azulejos.

A partir do reconhecimento de obras dessa difusão, evidencia-se intensidade, amplitude e características que definem esse conjunto, em que o setor Aeroporto é reconhecido como produção relevante. Um conjunto bem definido no contexto da transformação do Modernismo, suas distorções e adaptações. Manifestações da modernidade na arquitetura popular a partir da fachada, mas que também perpassam as configurações internas das residências, e, por vezes, se associam a repetição de esquemas tradicionais, configurando uma arquitetura de linguagem rica no bairro.

A imagem do progresso na arquitetura moderna se desloca de casas de espaços racionais e volumetrias puras, para casas de produção vernacular e com uma dinâmica espacial diferenciada, numa difusão de elementos constituindo um repertório rico e consciente da necessidade de adaptações formais a fim de alcançar a modernidade transformada em valor.

Esse panorama não é rígido, mas transforma-se dependendo da leitura e na velocidade da renovação urbana, como um objeto que revela nuances dependendo do ponto de vista em que se olha. Nem todas as casas incluídas nesse conjunto arquitetônico possuem dados completos, por estarem abandonadas ou pelas informações que se perderam através do tempo, devido às sucessivas trocas de proprietários, reformas, ou simplesmente pela falta de desejo dos proprietários de contribuir com a pesquisa, cabendo ainda muitos aprofundamentos, mas contribuem de modo efetivo com a historiografia.

Diante desse conjunto é possível pensar Goiânia por múltiplos elementos construídos a partir de um discurso de progresso em que o “ser moderno” ocupa lugar de destaque e se consagra na arquitetura e sua representação, no traçado das vias e na construção dos edifícios públicos, e evidentemente, na casa como materialização dessa modernidade. Esse período revela o desejo pela construção de uma integração cultural e progresso econômico, em que as utopias urbanas atribuíam à arquitetura e à cidade uma capacidade reformadora.



REFERENCIAS

REFERÊNCIAS

ACAYABA, Marlene Milan. Residências em São Paulo 1947 – 1975. Editora Romano Guerra, São Paulo; 1ª edição, 1986.

ACAYABA, Marlene Milan e; FICHER, Sylvia. Arquitetura Moderna Brasileira. Projeto. São Paulo, 1984.

ACERVO FOTOGRÁFICO DE GOIÂNIA, MIS, 2000.

ACERVO GOIANO - Biblioteca Cora Coralina / 2.1.2 bairros: Região Central. 2000.

ACKERMAN, James. The history of design and the design of history. *Via*, v.4, p.12-18, 1980.

ALVARES, Geraldo Teixeira. A Luta na Epopéia de Goiânia – Uma Obra de Engenharia Nacional. São Paulo: Associação Paulista de Imprensa, 1942.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE GOIANIA, 2012 – SEPLAM SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E URBANISMO. Disponível em: <http://www.goiania.go.gov.br/shtml/seplam/anuario2012/_html/historico.html>.

ARANTES, Otília. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: Edusp, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo. A História da Arte. In: História da Arte como História da Cidade. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARRAIS, C. P. A. Identidade e cidades de fronteira. (dissertação de mestrado). Goiânia: UFG, 2006.

ARRAIS, Heitor do Nascimento; BESSA, Suzete Almeida de. Ficha de inventário: Casa Anapolino de Faria. Orientadores: Chistiane paiva e Marcos Carvalho. UEG/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/ disciplina de técnicas retrospectivas na Arquitetura e Urbanismo: Anápolis, 2008.

ARRUDA, Ângelo Marcos. A popularização dos elementos da casa moderna em campo grande, Mato Grosso do Sul. São Paulo: São Paulo: Vitruvius, 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000 /esp228.asp>>. Acesso em: 22 de maio de 2004.

AYMONINO, Carlo. La vivienda racional. Barcelona: G. Gilli, 1973.

BACHELARD, G. (1957). A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. Coleção Debates, Editora Perspectiva, 2003.

BARRETO, Amanda. Art decó: Depoimentos e Imagens. Goiânia, R&F Editora, 2007.

BASTOS, Maria Alice Junqueira e ZEIN, Ruth Verde. Brasil: Arquiteturas após 1950. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BENEVOLO, Leonardo. Historia de la arquitectura moderna (1960-2001). Madrid: Taurus, 1963; Barcelona: Gustavo Gili, 1974-2001

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar – a aventura da modernidade, 1987.

BERNARDES, Genilda. D. Goiânia, cidade planejada / cidade vivida: discurso e cultura da modernidade. Tese (doutorado em Sociologia). Brasília: Departamento de Sociologia da UnB, 1998.

BLASER, Werner. Mies van der Rohe. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BLUMENSCHNEIN, Marilda R. P. O Art decó em Goiânia: um inventário de leitura, 2004.

BONDUKI, Nabil. Origens da Habitação Social no Brasil. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2004

BONDUKI, Nabil e; NASCIMENTO, Flavia Brito do. Casas não são ilhas: Morada Popular e Arquitetura Moderna através do Conjunto Residencial de Paquetá. 5º seminário do.co.mo.mo Brasil. São Carlos: 2003.

BORGES, Sulamita Suilank Simão Vieira. Arquitetura Moderna em Goiânia Anos 50. Trabalho da disciplina de Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1990. NDD – UCG, Trabalho 651, Caixa Arquivo 77.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (Org.) Goiânia cidade pensada. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

BRAZIL, Álvaro Vital. 50 anos de arquitetura. São Paulo: Nobel, 1986.

BRUAND, Yves. Arquitetura Contemporânea no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRUNA, Paulo Julio Valentino. Os primeiros arquitetos modernos: Habitação Social no Brasil 1930-1950. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

BUCAR, Mustafá. Residência. Trabalho apresentado na disciplina de Teoria e História VI da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG, Goiânia, 1985. NDD – UCG, Trabalho 500, Caixa Arquivo 57.

BUZZAR, Miuél Antônio e; CORDIDO, Maria Tereza Regina Leme de Barros. Difusão da Arquitetura Moderna Brasileira - O Caso do Plano de Ação do Governo do Estado de São Paulo (1959-1963), Anais do 7º do.co.mo.mo Brasil, Porto Alegre, 2007.

CAIXETA, E. M. M. P. ; FROTA, José Artur D'aló ; AMARAL, C. V. L. ; BADAN, R. C. ; MHALER, Christine R. . Arquitetura Moderna em Goiânia: desafios e limites da documentação para a preservação. In: 9º Seminário DOCOMOMO Brasil. Interdisciplinidade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente, 2011, Brasília. 9º Seminário DOCOMOMO Brasil: anais. Interdisciplinidade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília: UnB-FAU, 2011. p. 1-14.

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira Caixeta; FROTA, Artur D'Aló. Brutalismo: Fronteiras Goianas. Curitiba: PUC-PR, X SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, Arquitetura Moderna e Internacional: Conexões Brutalistas 1955-75, 15-18 out. 2013.

CAIXETA, Eline Maria Moura Pereira. Setor Sul – Processo de Formação do Espaço Urbano. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). 1986, p. 49.

CAMPOS, Francisco Itami. Coronelismo em Goiás. 2.ª ed. Goiânia, Editora Vieira. 2003.

CASAS E RESIDÊNCIAS NO BRASIL – Publicado na Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nº 7, Rio de Janeiro, 1943.

CAVALCANTI, Lauro. As preocupações do belo: arquitetura moderna brasileira dos anos 30/40. Rio de Janeiro: Taurus, 1995.

CAVALCANTI, Maria Betânia Uchoa. “Pernambuco: Zona da Mata”. In: OLIVER, Paul (edit). Encyclopedia of Vernacular Architecture of the World. Cambridge - UK: Cambridge University Press, 1997, p. 1.631-1.632.

CARERI, Francesco. Walkscapes: O caminhar como prática estética. 1 ed. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CHAUL, Nasr N. F. (1997). Goiás: da decadência à modernidade. In: Ciências humanas em revista. Goiânia: UFG, v. 6, n. 2, jul/dez.

CHAUL, Nasr Fayad. A Construção de Goiânia e a transferência da Capital. Goiânia: CECRAF/UFG, 1995. Coleção Documentos. Goiânia n 17.

CHAVES, Celma. Arquitectura en Belém entre 1930 - 1960: Modernización com Lenguajes Cambiantes. 2004. 287 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura, Universitat Politècnica de Catalunya. Barcelona, 2004.

COELHO, Alessandra e; ODEBRECHT, Silvia. Arquitetura moderna: reconhecimento e análise de edifícios representativos de Blumenau, SC. Dynamis revista tecno-científica (out-dez/2007) vol.13, n.1, 46- 58

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D'Ayla. Patrimônio cultural edificado. Goiânia: Ed. da UCG, 2001.

COELHO, G. N. . A modernidade do art déco na construção de Goiânia. 1. ed. Goiânia - GO: do autor, 1997. v. 1. 75p .

COMAS, Carlos Eduardo Dias Comas. Da Atualidade de seu Pensamento. Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 38, out/nov, 1991.

CORREIA, Telma de Barros. A construção do Habitat Moderno no Brasil – 1870 – 1950. São Carlos, RiMa, 2004

COSTA, Ana Elísia. Conjuntos Lar Brasileira – A Experiência Modernista. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), 1992.

DAHER, Tânia. Goiânia – Uma utopia européia no Brasil. Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.

DINIZ, Anamaria. Goiânia de Attilio Corrêa Lima, a Cidade Idealizada a não Materializada. XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2007. Belém - Pará.

FERRARI, Antônio Lúcio. Entrevista concedida a Maria de Fátima Gomes. Goiânia: 27 de outubro de 1986 In: GOMES, Maria de Fátima. Metodologia d Projeto. Trabalho apresentado na disciplina de Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1986. NDD-UCG, Trabalho 116, Caixa Arquivo 15.

FERREIRA, Daniella Barbosa. Goiânia (1930-1950): Imagens da Modernidade. Análise Comparativa entre Discursos Presentes nos Textos e Fotografias sobre a Cidade de Goiânia. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Artigo apresentado à disciplina Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo VIII do Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2006.

FILHO, Manoel Ferreira Lima; MACHADO, Laís Aparecida (orgs.) Formas e Tempos da Cidade. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FREYRE, Gilberto. Oh de Casa! em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem. Recife, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1979.

GHIRARDO, Diane. Architecture after modernism. London: Thames & Hudson, 1996.

GIEDION, Sigfried. Espaço, Tempo e Arquitetura: O desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GOMES, Angela et all. Estado Novo, Ideologia e Poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. Goiânia: Uma modernidade possível. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003.

GONSALES, Célia Helena Castro. A preservação do patrimônio moderno: Critérios e valores. 2º Seminário DOCOMOMO, 2008.

GRAEFF, E. A. Goiânia: 50 nos. Brasília: MEC-SESU, 1985.

GULLAR, Ferreira. Vanguarda e Subdesenvolvimento: Ensaio Sôbre Arte. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1969.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural . 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HAYS, Michael. Architectural theory since 1968. Cambridge: MIT Press, 1998.

HEYNEN, Hilde. Architecture and Modernity: A critique. MIT Press, 2000.

HOLANDA, S. B. Raízes do Brasil. São Paulo, Cia das Letras, 1999.

IBGE. Conselho Nacional de Geografia. “Goiânia”. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1942.

KNEIB, Erika Cristine (org.). Projeto e Cidade: Ensaio Acadêmicos. Goiânia: FUNAPE (FAU/UFG), 2013.

KOPP, Anatole. Quando o moderno não era um estilo e sim uma causa. São Paulo: Edusp, 1990.

LAMPUGNANI, Vittorio Magnago. “Another Modernity”. Prefácio do livro *moderne Architektur in Deutschland 1900 – 1950. Reform and tradition*, e republicado na *Docomomo Newslater* 8, Jan. 1993.

LARA, Fernando. Beyond Frampton’s critical regionalism: reflections on architectural worlds. In: *FIRST WORLD/THIRD WORLD, 1999*, San Juan, Puerto Rico. Proceedings... San Juan: instituição, 1999.

_____. Modernismo popular: elogio ou imitação? *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, 2005.

_____. “One step back for two steps forward: the maneuverings of the Brazilian avant-garde”. In *Journal of Architectural Education*, vol 55/4, may 2002.

_____. Reflections on heritage and modernity. *Modernity adopted and adapted*. Newport: ACSA, 1997. p. 230-236.

LE CORBUSIER. *Por uma Arquitetura*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. *Precisões sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

LEMOS, Carlos A. C. “História da casa brasileira”. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *O Modernismo arquitetônico em São Paulo*. Texto apresentado na abertura do III Seminário Docomomo. São Paulo, 2005.

LIMA, A. C. Plano diretor da Cidade (Relatório apresentado ao Interventor Pedro Ludovico Teixeira); *Goiânia - a nova Capital*. in IBGE. *Goiânia - Coletânea*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico IBGE, 1942. p. 45-112.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. *Goiânia: uma concepção urbana, moderna e contemporânea – um certo olhar*. Goiânia: Edição do autor, 2002.

MELLO, Fernando Antônio de Oliveira. *Cataguases e suas Modernidades*. Tese apresentado como requisito para aquisição do título de Doutor da Universidade de Brasília UnB, 2014.

MELLO, Márcia Metran de. *Goiânia: cidade de pedras e de palavras*. Goiânia: Ed. da UFG, 1996.

MINDLIN, Henrique. *Arquitetura Moderna no Brasil*. Editora Aeroplano, Rio de Janeiro, 1999.

MONTANER, José Maria. *Despues del Movimiento Moderno, Arquitectura de La Segunda Mitad del Siglo XX*, 1993, pg. 18.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. *Como Nasceu Goiânia*. São Paulo: Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, 1938.

MORAES, Sérgio. *O empreendedor Imobiliário e o Estado – O Processo de Expansão de Goiânia em Direção ao Sul (1975 – 1985)*. Brasília: IAU/UNB, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), 1991.

MOURA, Ana Amélia de Paula. *Arquitetura residencial em Goiânia (1935-1940) A modernidade revelada*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011.

MOYSÉS, Aristides. *Goiânia, metrópole não planejada*. Goiânia: Ed. UCG, 2005.

NESBBIT, Kate - *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. 2ª ed. rev. São Paulo : Editora CosacNaify, 2008.

NOBRE, Ana Luiza. *Um modo de ser moderno: Lucio Costa e a crítica contemporânea*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Principios de la arquitectura moderna*. Barcelona : Reverté, 2005

NOVAIS, Alcyone Cardoso. *A arquitetura déco de Goiânia*. *Observatório em Debate*, n. 2, dez. 2015. p. 198-216.

NUNES, Denise Vianna. *Morar Moderno – Dois projetos de Firmino Saldanha*. ENANPARQ - II Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2012.

PASTORE, Everaldo Antônio. *Renda Fundiária e Parcelamento do Solo: Goiânia (1933/83)*. Brasília: IAU/UNB, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), 1984.

PAULA, Eurípedes Simões de. *A cidade e a história – Anais do VII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo: 1974.

PELÁ, Márcia Cristina Hizim. *Goiânia: o mito da cidade planejada*. Goiânia: UFG, 2009. (Dissertação de Mestrado).

PEREIRA, Eline Maria Moura; FROTA, José Artur D'Aló; BADAN, Rosane Costa; MAHLER, Ramos Christine; AMARAL, Camilo Vladimir de Lima. *Arquitetura Moderna em Goiânia: desafios e limites da documentação para a preservação*. Brasília: (9º Seminário DOCOMOMO Brasil - junho 2011, Brasília). Disponível em: http://www.docomomo.org.br/seminario%209%20pdfs/038_M11ArquiteuraModernaEmGoiania-ART_eline_caixeta.pdf> Acesso em: 17/08/2014.

PEREIRA, FÚLVIO TEIXEIRA DE BARROS. Difusão da arquitetura moderna na cidade de João Pessoa (1956-1974), São Carlos, 2008.

PEVSNER, Nikolaus. Panorama da Arquitetura Ocidental. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BORGES, D. N. ; PORTILHO, D. A Capital Federal no Cento-Oeste brasileiro: migração e urbanização. In: X Seminário de Iniciação Científica, VII Jornada de Pesquisa e Pós-Graduação, 2012, Anápolis. Seminário de Iniciação Científica. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás - UEG, 2012. v. 1. p. 77-78.

RASSI, Solange. O Estado e a Gestão Urbana – O Caso de Goiânia. Brasília: IAU/UNB, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), 1985, p. 145.

REIS, Marcio Vinicius. O Art déco na Obra Getuliana. Moderno antes do Modernismo. São Paulo: FAU/USP, Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), 2014. 278 p.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. Goiânia: Os Planos, A Cidade e o Sistema de Áreas Verdes. São Carlos: FAU/USP, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), 2000.

RICOEUR, Paul. "Architecture et narrativité." Urbanisme 303 (nov-dec 1998): 44-51.

RIOS, Arthur. Os Alemães em Goiás. O Popular, Goiânia, 22 out. 2013. Disponível em: <<http://www.opopular.com.br/editorias/opiniao/dareda%C3%A7%C3%A3o-1.146393/os-alem%C3%A3es-em-goi%C3%A1s-1.414707>>. Acessado em: 10 jun. 2016.

SABINO JUNIOR, Oscar. Goiânia Global. Goiânia: Editora Oriente, 1980.

SAIA, Luís. Arquitetura Paulista. 1959. In: XAVIER, Alberto. Depoimentos de uma geração – arquitetura moderna brasileira. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SEGAWA, Hugo. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. São Paulo, Edusp, 2000.

_____. "The essentials of Brazilian Modernism", Design Book Review 32/33, 1994, p. 64-68.

_____. Disseminação da arquitetura moderna: deslocamento, fluxo, mobilidade. 9º seminário do.co.mo.mo Brasil interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente. Brasília: 2011.

SILVA, Karinne M. Álbuns da cidade de Goiânia: visualidade documental. Trabalho apresentado como requisito para aquisição do título de Mestre. Goiânia: UFG, 2006.

SILVA NETO, Eurípedes Afonso da Silva. Goiânia Casa Moderna: 1950, 1960, 1970. Trabalho apresentado como requisito para aquisição do título de Mestre da Universidade de Brasília UNB, 2010.

SOUZA, Lucélia Carvalho de. Praça Tamandaré. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), 1989.

STEVENS, Garry. O círculo privilegiado: Fundamentos sociais da distinção arquitetônica. Brasília: UnB, 2003.

TEIXEIRA, Luiz Fernando Cruvinel (Org.). Problemas urbanos de Goiânia. Goiânia: Editora Oriente: 1975.

TOURNIKIOTIS, Panayotis. The historiography of modern architecture. Cambridge: The MIT Press, 1999.

UNES, Wolney. Identidade Art Déco de Goiânia. São Paulo: Ateliê Editorial, Goiânia: UFG, 2001.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social*, vol. xxix (127), 2003 (3.º), 581-597.

VAZ, M. D. A. C e; ZÁRATE, M. H. V. A Casa Goiana- Documentação Arquitetônica. 1. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2003. v. 500. 257p.

VENTURI, Robert. Complexidade e contradição em arquitetura. Nova York: MoMA, 1966.

VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. 500 anos da Casa no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

VIDAL, L. De novo Lisboa a Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX-XX). Trad. Florence Marie Dravet. Brasília: Editora da UnB, 2009.

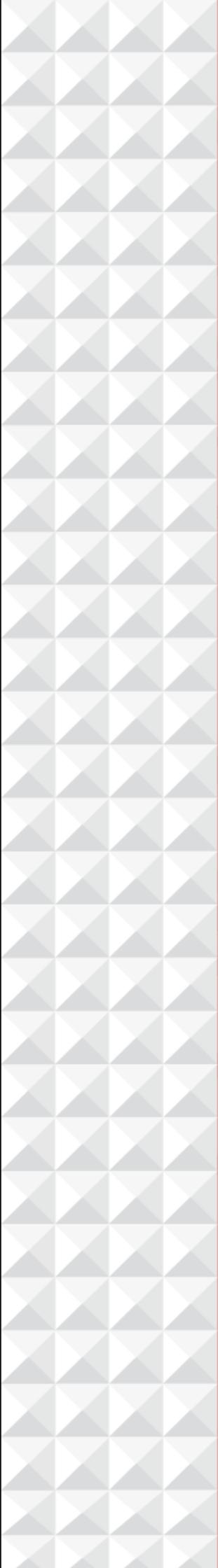
WESTON, Richard. A Casa no Século Vinte. Lisboa: Editorial Blau, 2002.

WARHAVCHIK, Gregori. Acerca da Arquitetura moderna (1925). In BARDI, Pietro Maria. Warchavchik e as origens da arquitetura moderna no Brasil. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo “Assis Chateaubriand”, 1971.

ZEIN, Ruth Verde. Um debate sobre o Rio de Janeiro e sua arquitetura. *Projeto*, São Paulo, n. 46, p. 34, dez. 1982.

_____. “A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista 193-1973”. Tese de doutoramento, PROPAR-UFRGS, 2005.

ZEVI, Bruno. Saber Ver Arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.



LISTA DE FIGURAS

LISTA DE FIGURAS

FIG. 1 Café Central de Goiânia, em 1940	04
FIG. 2 Casa Eurípedes Ferreira Neto, Praça Cívica, Goiânia (1961), Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	04
FIG. 3 Casa José Felix Louza, Centro, Goiânia, Arquiteto David Libeskind (1952)	04
FIG. 4 Antiga Escola Técnica de Goiânia: Pórtico, Bloco de Artes e Teatro	04
FIG. 5 Planta da Casa Anapolino de Faria, Anápolis-GO, Arquiteto Elder Rocha Lima (1958)....	05
FIG. 6 Casa Anapolino de Faria.....	05
FIG. 7 Casa Carlos Cunha Filho, Praça Cívica, Goiânia, Arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman (1963)	05
FIG. 8 Casa Abdala Abrão, Goiânia, Arquiteto David Libeskind (1966)	05
FIG. 9 Casa José Ribeiro Parrode, Setor Oeste, Goiânia, Arquiteto Eurico Calixto de Godoy (1960)	07
FIG. 10 Casa Ruffo de Freitas, Setor Oeste, Goiânia, Arquiteto Antônio Lúcio (1972)	07
FIG. 11 Casa Antônio Lúcio, Setor Marista, Goiânia, Arquiteto Antônio Lúcio (1974)	07
FIG. 12 Casa Georthon Philocreon, Setor Marista, Goiânia, Arquiteto Paulo Mendonça (1974)	09
FIG. 13 Casa Georthon Philocreon, Arquiteto Paulo Mendonça, Atualmente	09
FIG. 14 Casa Pedro Abrão Filho, Centro, Goiânia, Engenheiro Tristão Pereira da Fonseca Neto	09
FIG. 15 Casa Benedito Umbelino de Souza, Centro, Goiânia, Arquiteto Luis Osório Leão (1961)	10
FIG. 16 Casa Botelho, Centro, Goiânia, Arquiteto Luis Osório Leão	10
FIG. 17 Casa Jacobson, Setor Sul, Goiânia, Arquiteto Luis Osório Leão	11
FIG. 18 Casa Otécio Betenair, Setor Sul, Goiânia, Arquiteto Luis Osório Leão	11
FIG. 19 Planta de Urbanização, 1947 – Localização do Setor Aeroporto Próximo ao Centro	12
FIG. 20 Painel do Muro Frontal - Casa Setor Aeroporto, Goiânia	15
FIG. 21 Laje Inclinada, Paredes Emolduradas, Cobogó e Jardim Frontal Fazendo a Transição Público Privado em Casa no Setor Aeroporto, Goiânia	15
FIG. 22 Plano de A. C. Lima, 1933; e Planta de Versailles, 1976	18
FIG. 23 Casa em Santa Teresa, Arquiteto Alvaro Vital, Brasil	28

FIG. 24 Casa Haji Ascar, Setor Sul, Goiânia – Arquiteto David Libeskind (1955).....	29
FIG. 25 Casa Dorival de Souza Bacellar, Setor Sul, Goiânia – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy (1952)	30
FIG. 26 Casa José Ribeiro Parrode, Setor Oeste, Goiânia – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy (1960)	30
FIG. 27 Casa Engenheiro Nestor Guimarães Souza, Setor Central, Goiânia – Engenheiro Nestor Guimarães Souza (1966)	30
FIG. 28 Casa de Pedro Ludovico em Construção em Goiânia	32
FIG. 29 Casa <i>art déco</i> restaurada.....	32
FIG. 30 Casa no Setor Central Documentada na PUC-GO	34
FIG. 31 Ville Savoye, Le Corbusier, 1928.....	40
FIG. 32 Farnsworth Houseville, Mies Van Der Rohe, 1951	40
FIG. 33 Casas Tipo – A Mesma Planta Diferentes Fachadas	51
FIG. 34 Casa em Estilo Misiones - Rua 3, Centro	52
FIG. 35 Casa em Estilo Misiones – Rua 163, Centro	52
FIG. 36 Casa Tipo de Dois Pavimentos, Primeira Construção da Rua 20 no Setor Central	53
FIG. 37 Casa do Funcionário Público Tranquilino Brasil e Argentina Nunes Brasil na Rua 24, Setor Central	56
FIG. 38 Propaganda do Banco Hipotecário Lar Brasileiro	57
FIG. 39 Goiânia na Década de 50	58
FIG. 40 Local de Implantação dos Conjuntos Habitacionais Produzidos pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro nos Setores Sul e Oeste em Goiânia	58
FIG. 41 Local de Implantação dos Conjuntos Habitacionais Produzidos pelo Banco Hipotecário Lar Brasileiro nos Setores Sul e Oeste em Goiânia	58
FIG. 42 Casa Rua 16 – Fachada de Inspiração Brutalista.....	63
FIG. 43 Casa Rua 16 – Elementos da Arquitetura Modernista Associados a Construção Popular	63
FIG. 44 Casa Rua 29 – Demolida em 2012	64
FIG. 45 Casa Rua 18.....	69
FIG. 46 Casa Alameda Botafogo.....	69
FIG. 47 Casas na Rua 29 – Experimentação nas Primeiras Casas da Cidade	75
FIG. 48 Casas na Rua 29 – Experimentação nas Primeiras Casas da Cidade	75
FIG. 49 Casas na Rua 29 – Experimentação nas Primeiras Casas da Cidade	75
FIG. 50 Casas na Rua 29 – Experimentação nas Primeiras Casas da Cidade	75

FIG. 51 Casa José Felix Louza – Arquiteto David Libeskind, 1952	77
FIG. 52 Residência José Félix Louza em Goiânia, 1952	77
FIG. 53 Casas Haji Ascar (1955) do Arquiteto David Libeskind	78
FIG. 54 Casas Abdala Abrão (1966) do Arquiteto David Libeskind	78
FIG. 55 Planta do Pavimento Térreo Casa José Félix Louza – Arquiteto David Libeskind, 1965	79
FIG. 56 Painel Cerâmico e Cobogó Casa Louza, Arquiteto David Libeskind.....	80
FIG. 57 Painéis de Fachada Casa Abdala Abrão, Arquiteto David Libeskind.....	80
FIG. 58 Casa Engenheiro Nestor Guimarães Souza – Engenheiro Nestor Guimarães Souza, 1968, Setor Central	80
FIG. 59 Casa João Antônio de A. Filho, 1952, Setor Central.....	80
FIG. 60 Casa Bento Odilon Moreira (1963) – Arquiteto Paulo Mendes da Rocha	81
FIG. 61 Casa Suhail Rahal – Arquiteto Silas Varizo, 1965.....	83
FIG. 62 Casa Suhail Rahal, Detalhes do Interior – Arquiteto Silas Varizo, 1965.....	83
FIG. 63 Casa Suhail Rahal, Detalhes do Interior – Arquiteto Silas Varizo, 1965.....	83
FIG. 64 Planta do Setor Jaó	86
FIG. 65 Casa Pedro Abrão Filho – Engenheiro Tristão da Fonseca, Sem Data Comprovada.....	90
FIG. 66 Projetos da Casa Pedro Abrão Filho – Tristão da Fonseca Neto.....	91
FIG. 67 Projetos da Casa Pedro Abrão Filho – Tristão da Fonseca Neto.....	91
FIG. 68 Casa da Rua 23 – Tristão Pereira da Fonseca Neto, Setor Central	94
FIG. 69 Casa Gilberto Nascimento: Projeto em Parceria com Projetista Américo Vespúcio Pontes.....	96
FIG. 70 Casa Gilberto Nascimento: Projeto em Parceria com Projetista Américo Vespúcio Pontes.....	96
FIG. 71 Casa da Rua 20, Casa Engenheiro Nestor Guimarães – Engenheiro Nestor Guimarães Souza, 1968	96
FIG. 72 Casa Engenheiro Nestor Guimarães – Engenheiro Nestor Guimarães Souza, 1968	97
FIG. 73 Casa Engenheiro Nestor Guimarães – Engenheiro Nestor Guimarães Souza, 1968	97
FIG. 74 Casa Rua 8.....	100
FIG. 75 Casa Rua 24.....	100
FIG. 76 Casa Mário Rodrigues de Oliveira, 1959.....	101
FIG. 77 Casa Rua 23.....	101
FIG. 78 Casa Rua 9	101
FIG. 79 Anteprojeto da Cidade de Goiânia de 1933 – Atílio Corrêa Lima	106

FIG. 80 Plano de Urbanização de Goiânia Lei Nº 90-A de 1938 – Armando de Godoy.....	106
FIG. 81 Cartaz de Divulgação em Goiânia Sugerindo o Enriquecimento à partir da Venda de Lotes Aprovada pelo Estado.....	107
FIG. 82 Decreto 90-A de 1938 sobre a Implantação de Vários Bairros, entre eles, o Setor Sul	107
FIG. 83 Casa Dorival de Souza Bacelar, 1952, Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	109
FIG. 84 Casa do Banco Lar Nacional na Praça do Cruzeiro, sem data	110
FIG. 85 Casa do Banco Lar Nacional na Praça do Cruzeiro, sem data	110
FIG. 86 Fachada Frontal Casa do Conjunto Lar Brasileiro na Praça do Cruzeiro no Setor Sul ..	111
FIG. 87 Fachada Lateral Casa do Conjunto Lar Brasileiro na Praça do Cruzeiro no Setor Sul ...	111
FIG. 88 Casa Carlos Cunha Filho, 1963, Arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman	118
FIG. 89 Casa Bariani Ortêncio (Eurípedes Ferreira), 1961, Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	118
FIG. 90 Casa Abdala Abrão, 1966, Arquiteto David Libeskind.....	118
FIG. 91 Imagem da Casa Ermanno Capelli, Arquiteto Raul Naves Filó	118
FIG. 92 Casa Eurípedes Ferreira, 1961, Setor Sul – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	120
FIG. 93 Fachada do Projeto Eurípedes Ferreira, 1961 – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy....	120
FIG. 94 Planta baixa Térreo, Casa Eurípedes Ferreira, 1961 – Eurico de Godoy.....	121
FIG. 95 Planta baixa Superior, Casa Eurípedes Ferreira, 1961 – Eurico de Godoy.....	122
FIG. 96 Revestimento preservado, Vista da Sala para a Praça Cívica, Modificação da Integração das Salas, Casa Eurípedes Ferreira, 1961 – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	122
FIG. 97 Revestimento preservado, Vista da Sala para a Praça Cívica, Modificação da Integração das Salas, Casa Eurípedes Ferreira, 1961 – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	122
FIG. 98 Revestimento preservado, Vista da Sala para a Praça Cívica, Modificação da Integração das Salas, Casa Eurípedes Ferreira, 1961 – Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	122
FIG. 99 Casa Carlos Cunha Filho, 1964 – Arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman	123
FIG. 100 Casa Carlos Cunha Filho, 1963 – Arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman	123
FIG. 101 Planta Pavimento Térreo Casa Carlos Cunha Filho, 1963 – Arquitetos Silas Varizo Rodrigues e Armando Norman	124
FIG. 102 Planta Baixa Térreo Casa Abdala Abrão, 1966 – Arquiteto David Libeskind	125
FIG. 103 Planta Baixa Superior Casa Abdala Abrão, 1966 – Arquiteto David Libeskind	126
FIG. 104 Vista Interna da Casa a partir do Pavimento Superior Casa Abdala Abrão, 1966 – Arquiteto David Libeskind	127

FIG. 105 Garagem Casa Abdala Abrão, 1966 – Arquiteto David Libeskind	127
FIG. 106 Casa Walter Hugo Frota (1973), Setor Sul, Arquiteto Antônio Lúcio.....	129
FIG. 107 Casa Rua 84.....	130
FIG. 108 Casa Rua 84.....	130
FIG. 109 Casa Rua 118.....	130
FIG. 110 Casa Rua 108.....	130
FIG. 111 Casa Rua Dr. Olinto Manso Pereira.....	133
FIG. 112 Casa Rua Dr. Olinto Manso Pereira.....	133
FIG. 113 Casa Manoel Garcia, 1967 – Engenheiro Manoel Garcia	136
FIG. 114 Casa Manoel Garcia, 1967 – Engenheiro Manoel Garcia	137
FIG. 115 Salas Integradas na Casa Manoel Garcia, 1967 – Engenheiro Manoel Garcia.....	137
FIG. 116 Varanda Casa Manoel Garcia, 1967 – Engenheiro Manoel Garcia	138
FIG. 117 Sala Casa Manoel Garcia, 1967 – Engenheiro Manoel Garcia	138
FIG. 118 Ateliê Casa Manoel Garcia, 1967 – Engenheiro Manoel Garcia	138
FIG. 119 Casa sem dono identificado.....	139
FIG. 120 Casa sem dono identificado.....	139
FIG. 121 Casa sem dono identificado.....	139
FIG. 122 Casa Elisa.....	139
FIG. 123 Decreto de Aprovação do Setor Oeste	140
FIG. 124 Lotes Ocupados por Atividades Econômicas Hoje no Setor Oeste.....	142
FIG. 125 Propaganda das Unidades do Conjunto Lar Nacional, Setor Oeste.....	143
FIG. 126 Casa Conjunto Habitacional Lar Brasileiro Setor Oeste	144
FIG. 127 Casa Conjunto Habitacional Lar Brasileiro Setor Oeste	144
FIG. 128 Casa Alameda das Rosas, 1953, Setor Oeste – Atribuída ao Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	153
FIG. 129 Casa José Ribeiro Parrode, 1960, Setor Oeste, Arquiteto Eurico Calixto de Godoy... ..	153
FIG. 130 Fachada República do Líbano Casa José Ribeiro Parrode, 1960, Setor Oeste, Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	154
FIG. 131 Fachada Avenida B Casa José Ribeiro Parrode, 1960, Setor Oeste, Arquiteto Eurico Calixto de Godoy	154
FIG. 132 Planta Baixa Casa José Ribeiro Parrode, 1960, Setor Oeste, Arquiteto Eurico de Godoy	155
FIG. 133 Casa Ruffo de Freitas, 1972, Setor Oeste, Arquiteto Antônio Lúcio.....	156

FIG. 134 Projeto Casa Ruffo de Freitas, 1972, Setor Oeste, Arquiteto Antônio Lúcio.....	157
FIG. 135 Casa República do Líbano, Setor Oeste, Arquiteto Antônio Lúcio.....	158
FIG. 136 Casa Rua 1, Setor Oeste.....	159
FIG. 137 Casa Rua 5, Setor Oeste.....	159
FIG. 138 Projeto de A. A. Souza Pinto para Jacy Coelho, 1968	160
FIG. 139 Casa Rua 5, Setor Oeste.....	161
FIG. 140 Casa Rua 5, Setor Oeste.....	161
FIG. 141 Casa Rua 7, Setor Oeste.....	161
FIG. 142 Casa Rua 10, Setor Oeste.....	161
FIG. 143 Casa Dr. Ari, Setor Oeste.....	162
FIG. 144 Casa Rua 12, Setor Oeste.....	162
FIG. 145 Casa Rua 13, Setor Oeste.....	162
FIG. 146 Casa Rua 10, Setor Oeste.....	162
FIG. 147 Casa Avenida B, Setor Oeste.....	162
FIG. 148 Casa Avenida B, Setor Oeste.....	162
FIG. 149 Casa Avenida Assis Chateaubriand, Setor Oeste	163
FIG. 150 Casa Rua 7, Setor Oeste.....	163
FIG. 151 Casa Rua 5, Setor Oeste.....	163
FIG. 152 Casa Rua 7, Setor Oeste.....	163
FIG. 153 Casa na Rua Mário Bittar em Processo de Demolição. No Detalhe, Pilar Formado pela Composição de dois Trapézios.....	171
FIG. 154 Casa Lucia Vânia, Setor Marista.....	172
FIG. 155 Casa Rua 34-A, Setor Marista	172
FIG. 156 Casa Georthon Philocreon, 1974, Setor Marista, Arquiteto Paulo Mendonça	172
FIG. 157 Casa Antônio Lúcio, 1974, Setor Marista, Arquiteto Antônio Lúcio	172
FIG. 158 Casa da Rua 32, Setor Marista, Arquiteto Antônio Lúcio	172
FIG. 159 Casa Georthon Philocreon, 1974, Setor Marista, Arquiteto Paulo Mendonça.....	173
FIG. 160 Casa Georthon Philocreon, 2015, Setor Marista, Arquiteto Paulo Mendonça.....	173
FIG. 161 Casa Oswaldo Arthur Bratke, 1951, Arquiteto Oswaldo Arthur Bratke	174
FIG. 162 Projeto Casa Georthon Philocreon, 2015, Setor Marista, Arquiteto Paulo Mendonça	175
FIG. 163 Projeto Casa Georthon Philocreon, 2015, Setor Marista, Arquiteto Paulo Mendonça	176

FIG. 164 Casa Antônio Lúcio, 1974, Setor Marista, Arquiteto Antônio Lúcio	177
FIG. 165 Casa Antônio Lúcio, 1974, Setor Marista, Arquiteto Antônio Lúcio	177
FIG. 166 Centro de Exposições do Centro Administrativo da Bahia, 1974, Arquiteto João Filgueiras Lima – Lelé	178
FIG. 167 Casa Arquiteto David Libeskind e Casa Engenheiro Local	187
FIG. 168 Casa Arquiteto David Libeskind e Casa Engenheiro Local	187
FIG. 169 Casa Elisa – Clara Referência aos Pilares Modernos de Brasília	188
FIG. 170 Casa Rua 11A	195
FIG. 171 Casa Rua 11A	195
FIG. 172 A Casa por Vezes Ainda é Produzida com a Mesma Planta Compartimentada da Casa Existente em Exemplares de Arquitetura Residencial da Cidade	196
FIG. 173 Casa Rua 11A	197
FIG. 174 Casa Rua 11A	197
FIG. 175 Casa Rua 16A	197
FIG. 176 Casa Rua 16A	197
FIG. 177 Faculdade de Direito (1964) e Faculdade de Educação (1964) da Universidade Federal de Goiás - Arquiteto Luis Osório Leão	201
FIG. 178 Faculdade de Direito (1964) e Faculdade de Educação (1964) da Universidade Federal de Goiás - Arquiteto Luis Osório Leão	201
FIG. 179 Capela Nossa Senhora de Lourdes (1958) - Arquiteto Luis Osório Leão	202
FIG. 180 Luis Osório Leão em Casa Projetada por ele em Brasília e Quadros de sua Autoria ..	203
FIG. 181 Casa Eduardo Jacobson, 1959 – Fachadas Frontal e Lateral	204
FIG. 182 Casa Eduardo Jacobson, 1959 – Fachadas Frontal e Lateral	204
FIG. 183 Projeto Casa Eduardo Jacobson, 1959	205
FIG. 184 Projeto Casa Eduardo Jacobson, 1959	205
FIG. 185 Projeto Casa Eduardo Jacobson, 1959	205
FIG. 186 Todo o Térreo se Integra Formando Expandindo a Área de Varanda e Lazer Casa Eduardo Jacobson, 1959	206
FIG. 187 Todo o Térreo se Integra Formando Expandindo a Área de Varanda e Lazer Casa Eduardo Jacobson, 1959	206
FIG. 188 Todo o Térreo se Integra Formando Expandindo a Área de Varanda e Lazer Casa Eduardo Jacobson, 1959	206
FIG. 189 Todo o Térreo se Integra Formando Expandindo a Área de Varanda e Lazer Casa Eduardo Jacobson, 1959	206

FIG. 190 Integração Visual com o Espaço Urbano Proposta pelo Arquiteto Casa Eduardo Jacobson, 1959	210
FIG. 191 Casa Benedito Umbelino de Souza, 1961	211
FIG. 192 Casa Benedito Umbelino de Souza, 1961	212
FIG. 193 Casa Benedito Umbelino de Souza, 1961	212
FIG. 194 Casa Benedito Umbelino de Souza, 1961	212
FIG. 195 Casa Benedito Umbelino de Souza, 1961	212
FIG. 196 Casa Benedito Umbelino de Souza, 1961	213
FIG. 197 Casa Botelho, Setor Central	213
FIG. 198 Casa Botelho, Setor Central	213



ANEXOS

CASA 1 – SETOR CENTRAL

Endereço: Av. Paranaíba, nº 554, qd. 103 Lt. 101. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1944

Primeiro proprietário: João Baptista de Abreu e Valdeci de Abreu

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Os proprietários são os mesmos desde a construção da casa. João Baptista construiu a casa na época do seu noivado com Valdeci. Eles se mudaram para casa em seguida, onde Valdeci mora até hoje. Foram feitas poucas mudanças, apenas troca de revestimentos e pintura. A configuração espacial da casa continua a mesma, assim como a maioria dos móveis da época. Não houve frente de trabalho especializada para a construção da casa, apenas mão de obra local.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

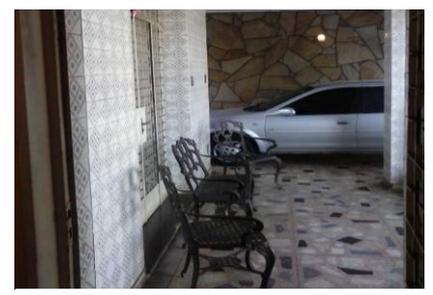
Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 2 – SETOR CENTRAL

Endereço: Av. Paranaíba esquina com R. 7, nº 78. Setor Central

Autor do projeto: Engº Tristão da Fonseca Neto

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Pedro Abrão Filho e
Vânia Abrão

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 3 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 7, nº 775. Setor Central

Autor do projeto: Arqtº Silas Varizo

Data do Projeto: 1965

Primeiro proprietário: Suhail Rahal

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 4 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 9 esquina com Av. Paranaíba, nº 1203. Setor Central

Autor do projeto: Arqtº David Libeskind

Data do Projeto: 1952

Primeiro proprietário: José Felix Louza

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 5 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 29, nº 42. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 6 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 29 esquina com Rua 16 qd. 65 lts. 7,9,11 e 50. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Demolida



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Arruinado

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Descaracterizado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: O prédio Comercial com 14 salas, um salão de 80m² e 6 banheiros foi demolido. Atualmente, o terreno de 1120m² funciona como estacionamento. O painel cerâmico que compunha a fachada foi deixado em ruínas como uma lembrança.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 7 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 16, nº 346. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 9 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 16, nº 285. Setor Central

Autor do projeto: Eng.º Gilberto Nascimento e
Desenhista Américo Vespúcio

Data do Projeto: 1956 - 1957

Primeiro proprietário: Eng.º Gilberto Nascimento e
Maria Silvia

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

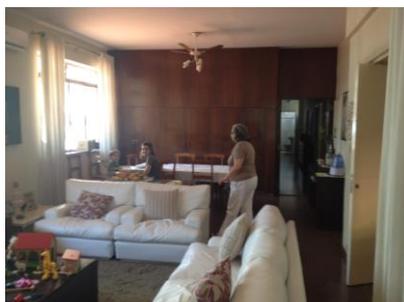
Informações Gerais: Segundo a história oral contada pela proprietária Maria Silvia, o Eng.º Gilberto Nascimento, marido dela, assinou a Responsabilidade técnica da obra e do projeto. Porém, ela conta que, ele desenvolveu apenas um croqui e que o projeto arquitetônico foi feito pelo desenhista Américo Vespúcio mas, por não ter formação, não poderia assinar o projeto. Pequenas mudanças foram feitas após a construção: acrescentou um quarto e um banheiro no andar superior e cobriu a laje impermeabilizada, tendo a platibanda aumentada para reduzir o calor dentro da casa; no térreo, antes todo livre, foi fechado para construção de um loft.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 10 – SETOR CENTRAL

Endereço: Av. Araguaia esquina com Rua 1. Setor Central

Autor do projeto: Arqtº Luis Osório Leão

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Dr. Botelho

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 11 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 18, nº 137, qd. 29 Lt. 23. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 12 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 18, nº 163, qd. 29 lt. 30. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Esta casa apresenta no corpo principal cobertura com platibanda, contudo identificamos a presença de uma laje impermeabilizada sobre a garagem, que se prolonga até o volume principal, cobrindo a circulação.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 13 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 18, nº 172. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A Casa abriga uma Clínica Ortopédica.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 14 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 19, nº 205. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa abriga hoje a Clínica Clifort.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 15 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 19, nº 217. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa abriga hoje a empresa Digidoc soluções.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 16 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 19, nº 25. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 17 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 19, nº 241. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Descaracterizado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa abriga hoje a escola LFG.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 18 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 15, quadra 44, nº 340. Setor Central

Autor do projeto: Engº Nestor Guimarães Sousa

Data do Projeto: 1966 - 1968

Primeiro proprietário: Engº Nestor Guimarães Sousa

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 19 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo, nº 211. Setor Central

Autor do projeto: Arqtº Luiz Osório Leão

Data do Projeto: 1961

Primeiro proprietário: Benedito Umbelino de Sousa

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Apesar de não possuir modificações significativas, não está em bom estado de conservação. A casa hoje é ocupada pela Casa de Apoio da cidade de Santa Helena de Goiás.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 20 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo, nº 198. Setor Central

Autor do projeto: Engº Geraldo Rodrigues

Data do Projeto: 1953

Primeiro proprietário: Antônio

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 21 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo, nº 247. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



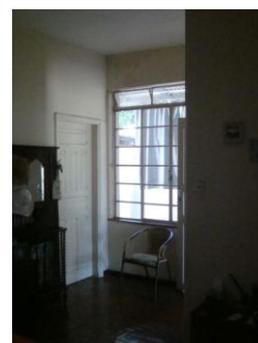
ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 22 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo, nº 259. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 23 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo, nº 31. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 24 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, nº 466. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 25 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, nº 322. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonado



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 26 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, nº 270. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1955 - 1960

Primeiro proprietário: Tranquilino Brasil e Argentina Brasil

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 27 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 28, nº 278. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 28 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, nº 236. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, abriga a empresa Amultiphone.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 29 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, nº 224. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, abriga a sede de uma ONG que atende mulheres vítimas de violência doméstica chamada Arte e Vida.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 30 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, quadra 49 lote 28, nº 215. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa é ocupada pela Casa de Apoio da cidade de Quirinópolis.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 31 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24, quadra 77, nº 102. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Precário

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 32 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 20, quadra 34, nº 159. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 33 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 20, quadra 41 lote 59, nº 417. Setor Central

Autor do projeto: Desenhista Américo Vespúcio

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 34 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 20, nº 981. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Celso Garrote e Nelita

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 35 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 20, nº 981. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 36 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 23, nº 664. Setor Central

Autor do projeto: Engenheiro Tristão da Fonseca

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 37 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 23, nº 710. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 38 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 8, nº 749. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Vazia



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 39 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 9, nº 656. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Vazia



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 40 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 9, nº 625. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa é ocupada por um escritório de advocacia e um salão de cabeleireiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 41 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 9 esquina com Rua 5, nº 558. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa é ocupada por uma escola de línguas.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 42 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 5, nº 675. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 43 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 9, nº 86. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Desocupada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 44 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 9, nº 44. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 45 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 73, nº 149. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1959

Primeiro proprietário: Mário Rodrigues de Oliveira

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 46 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 79, nº 500. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 47 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo nº 129. Setor Central

Autor do projeto: Arqtº Bairon

Data do Projeto: 1950

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2016

CASA 48 – SETOR CENTRAL

Endereço: Alameda Botafogo nº 68. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga um sindicato.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2016

CASA 49 – SETOR CENTRAL

Endereço: Rua 24. Setor Central

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 1 – SETOR SUL

Endereço: Av. 82 esquina com R. Dona Gercina B. Teixeira, nº 633. Setor Sul.

Autor do projeto: Arqtº Silas Varizo e Armando Norman

Data do Projeto: 1963

Primeiro proprietário:

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa, que atualmente é ocupada pela empresa Copy Systems, foi alterada, sobretudo, pela construção do anexo em estrutura metálica e vidro na porção esquerda do edifício original. A fachada principal foi mantida, aqui as modificações ficaram restritas à colocação de letras-caixa com a logomarca e dados da empresa.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 2 – SETOR SUL

Endereço: R. Dona Gercina B. Teixeira esquina com Al. Dos Buritis, nº22, qd. F-17 Lt. 33/1. Setor Sul

Autor do projeto: Arqtº Luis Osório Leão

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Eduardo Jacobe e Ana Jacobe

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa é ocupada por um comitê político.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 3 – SETOR SUL

Endereço: R. Dona Gercina B. Teixeira, nº 50, qd. F-17 It. 03/29. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1960

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa é ocupada pela escola Microcamp.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 4 – SETOR SUL

Endereço: Av. 82, nº 565, qd. F-17. Setor Sul.

Autor do projeto: Arqtº Eurico de Godoy

Data do Projeto: 1965

Primeiro proprietário: Euripedes (Bariani Ortêncio)

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 5 – SETOR SUL

Endereço: Av. 82, nº 45. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 6 – SETOR SUL

Endereço: Av. 82, nº 67. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Em arruinamento

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 7 – SETOR SUL

Endereço: Rua 84, nº 61. Setor Sul.

Autor do projeto: Arqtº David Libeskind

Data do Projeto: Euripedes (Abdala Abrão)

Primeiro proprietário: 1966

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa é a sede do IPHAN.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 8 – SETOR SUL

Endereço: Av. 84 esquina com R. 84-E, nº 115. Setor Sul.

Autor do projeto: Arqtº David Libeskind

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Arruinado

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Descaracterizado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 9 – SETOR SUL

Endereço: Av. 84 esquina com R. 104, nº 420. Setor Sul

Autor do projeto: Arqtº Luis Osório Leão

Data do Projeto: 1962

Primeiro proprietário: Otécio Betenair

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 10 – SETOR SUL

Endereço: Av. 84, nº 535. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Tônico Toqueira

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a Secretaria Municipal da Cultura.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 11 – SETOR SUL

Endereço: Av. 84, nº209, quadra F-15. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Institucional



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 12 – SETOR SUL

Endereço: Rua 118 esquina com Rua 118-A, nº 150, quadra F-37. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 13 – SETOR SUL

Endereço: Rua 118, nº 72, lote 8. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonado



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Aparentemente, foram construídas quitinetes na frente do lote.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 14 – SETOR SUL

Endereço: Rua 109, nº 250. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o comitê político do Governador Marconi Perillo. As janelas do pavimento superior foram modificadas.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 15 – SETOR SUL

Endereço: Rua 110, nº 201, quadra F-34 lote 33. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonado



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 16 – SETOR SUL

Endereço: Rua 109, nº 36, quadra F-32. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 17 – SETOR SUL

Endereço: Rua 102, nº 84, quadra F-18. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 18 – SETOR SUL

Endereço: Rua 102-C, nº 86, quadra F-21 lote 8. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Precário

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: O interessante nesta edificação são os pilares encontrados na fachada principal, inspirados no Palácio das Alvoradas em Brasília. Uma análise mais atenta nos faz perceber que mesmo a tentativa de se criar a varanda e a opção de elevar-se do solo refletem a apropriação do repertório usado por Niemeyer no seu projeto original.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 19 – SETOR SUL

Endereço: Rua 96, nº 146, quadra F-13 lote 6. Setor Sul

Autor do projeto: Engº Manoel Garcia

Data do Projeto: 1965 - 1967

Primeiro proprietário: Manoel Garcia e Neuza Garcia

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Segundo o proprietário, o arquiteto Raul Filó (Filho), seu amigo, contribuiu com críticas na concepção do projeto. Os tijolos foram especialmente produzidos para a casa, cortados na maromba pelo próprio proprietário, e demoraram 8 meses para serem queimados. As pedras da fachada foram trazidas de campos do Jordão. Laje volterrana aparente na Cozinha. Influências na época: Aloísio Jubé, Eurico Godoy e Raul Filó.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 20 – SETOR SUL

Endereço: Rua 83, nº 351. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 21 – SETOR SUL

Endereço: Rua 83, nº 582, quadra F-21. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1974

Primeiro Proprietário: Edgar Heichenner

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a loja Brother & Company.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 22 – SETOR SUL

Endereço: Rua 108, nº 84. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 23 – SETOR SUL

Endereço: Rua 90 esquina com Rua 123, nº 106, quadra F-44. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Descaracterizado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa está em reforma e abrigará a expansão da clínica vizinha, descaracterizando totalmente a fachada e a parte interna.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 24 – SETOR SUL

Endereço: Rua Dr. Olinto Manso Pereira, nº 425, quadra F-18. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 25 – SETOR SUL

Endereço: Rua Dr. Olinto Manso Pereira, nº 206, quadra F-13 lote 26. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a construtora Biapó.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 26 – SETOR SUL

Endereço: Rua Dr. Olinto Manso Pereira, nº 143. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Abandonada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Em arruinamento

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: O quintal da casa é utilizado como estacionamento do Hospital Santa Helena.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 27 – SETOR SUL

Endereço: Rua Dr. Olinto Manso Pereira, nº 95. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1960

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 28 – SETOR SUL

Endereço: Rua Dr. Olinto Manso Pereira, nº s/n. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Quase em frente à casa 27.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 29 – SETOR SUL

Endereço: Rua Dr. Olinto Manso Pereira, nº 74. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Antônio Alves

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 30 – SETOR SUL

Endereço: Rua 91, nº 586, quadra F-20. Setor Sul.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 31 – SETOR SUL

Endereço: Rua 96, nº 170, quadra F-13. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 32 – SETOR SUL

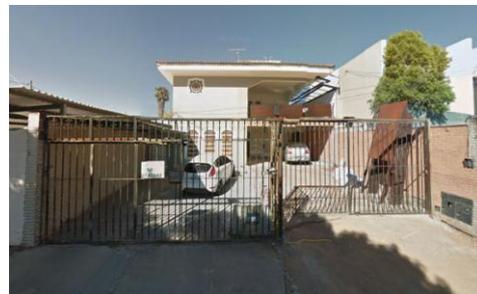
Endereço: Rua 123 lote 27. Setor Sul

Autor do projeto: Arqtº Tristão da Fonseca

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Cecília Carvelo

Uso: Serviço



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



GOOGLE MAPS, 2015

CASA 33 – SETOR SUL

Endereço: Rua 86 esquina com Rua 107. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Desocupada



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2016



ACERVO DO AUTOR, 2016

CASA 34 – SETOR SUL

Endereço: Rua 117 lote 3. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 35 – SETOR SUL

Endereço: Rua 119-A lote 2. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco Alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 36 – SETOR SUL

Endereço: Av. 84. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 37 – SETOR SUL

Endereço: Av. 84. Setor Sul

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 1 – SETOR OESTE

Endereço: Al. Das Rosas, nº 1915. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1970

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 2 – SETOR OESTE

Endereço: Av. B (Prof. Alfredo de Castro), nº 480. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o Centro de Desenvolvimento Humano Êxito.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 3 – SETOR OESTE

Endereço: Av. B (Prof. Alfredo de Castro), nº 453. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 4 – SETOR OESTE

Endereço: Av. República do Líbano esquina com Av. B (Prof. Alfredo de Castro), nº 1510, quadra E-01. Setor Oeste

Autor do projeto: Arqtº Eurico Calixto de Godoy

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 5 – SETOR OESTE

Endereço: Av. Assis Chateaubriand esquina com Rua 1, nº 338. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Misto (Serviço e Comercial)



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a loja Savassi Tecidos e o escritório de advocacia Amorim Brandão Isac Pinto Advogados Associados.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



GOOGLE MAPS, 2015



GOOGLE MAPS, 2015

CASA 6 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 1 quadra B-03 lote 47. Setor Oeste

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Misto (Residencial e Serviço)



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Aparentemente, a casa é usada como estacionamento e moradia.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 7 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 5, nº 615. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Desocupada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa está fechada para aluguel e, aparentemente, foi modificada para abrigar o uso comercial ou serviço.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 8 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 5, nº 416. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Misto (Serviço e Comercial)



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a clínica odontológica AGP Odontologia e a loja Proteção para queimaduras.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 9 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 5, nº 408. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Desocupada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 10 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 5, nº 338, quadra D-2. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 11 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 5, nº 194. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 12 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 7, nº 194, quadra D-1. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 13 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 7, nº 170, quadra F-1. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 14 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 7 esquina com Rua 4. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 15 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 10 esquina Av. República do Líbano, nº 2306. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o comitê político do Vilmar Rocha.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 16 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 10, nº 609. Setor Oeste.

Autor do projeto: Arqtº Antônio Lúcio

Data do Projeto: 1974

Primeiro proprietário: Maria Otavia

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 17 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 10, nº 1057. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto: 1969

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a construtora Trípoli.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 18 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 12, nº 58. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Desocupada



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 19 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 12, nº 78, quadra J-6. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



GOOGLE MAPS, 2015

CASA 20 – SETOR OESTE

Endereço: Rua L, nº 73. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 21 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 13, nº 220. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 22 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 13, nº 140. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 23 – SETOR OESTE

Endereço: Av. República do Líbano quadra D-8 lote 4. Setor Oeste.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 24 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 e 6-A quadra G3 lote 55. Setor Oeste.

Autor do projeto: Arqtº Tristão da Fonseca

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 25 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 7 esquina com Rua 13. Setor Oeste.

Autor do projeto: Arqtº Luis Osório

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Desocupada



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa está desocupada.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 26 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 1 (enfrente ao Fórum). Setor Oeste.

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Comercial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 27 – SETOR OESTE

Endereço: Av. República do Líbano, 2037. St. Oeste

Autor do projeto: Arqtº Antônio Lúcio

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Serviço



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a imobiliária BR House.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



GOOGLE MAPS, 2015

CASA 28 – SETOR OESTE

Endereço: Av. Perimetral quadra R5 lote 24. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Desocupado



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 29 – SETOR OESTE

Endereço: Av. Perimetral quadra R5 lote 25. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Serviço



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 30 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 esquina com Rua 5 quadra R5. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 31 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 quadra R5. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 32 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 quadra R5. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 33 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 quadra R5. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 34 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 quadra R5 lote 4. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 35 – SETOR OESTE

Endereço: Rua 6 quadra R5. St. Oeste

Autor do projeto: Projetista Américo Vespúcio Pontes

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: A casa faz parte do Conjunto Lar Brasileiro.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 1 – SETOR BUENO

Endereço: Rua T-34, nº 2061. Setor Bueno.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 2 – SETOR BUENO

Endereço: Rua T-58, nº 55 e 61, quadra 120 lote 18. Setor Bueno

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 1 – SETOR MARISTA

Endereço: Rua Mario Bittar lote 8 ao 28. Setor Marista

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Lucia Vânia

Uso: Abandonado



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Em arruinamento

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Em 2015, a casa foi o local da mostra Casa Cor Goiás 2015.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 2 – SETOR MARISTA

Endereço: Rua 34-A esquina com Rua 13, nº 30. Setor Marista.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o apoio administrativo do empreendimento que está sendo construído no lote vizinho.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 3 – SETOR MARISTA

Endereço: Rua 1129 quadra 237 lotes 7 e 8. Setor Marista.

Autor do projeto: Arquiteto Paulo de Barros Mendonça

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 4 – SETOR MARISTA

Endereço: Rua 38, nº 720 (662). Setor Marista.

Autor do projeto: Arqtº Antônio Lúcio

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a loja de iluminação Interpan.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 1 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 11-A, nº s/n. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Belarmino Julho

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o Diretório Estadual do partido PMDB.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 2 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 11-A esquina com Rua 2-A, nº 2, quadra 15-A lote 12. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 3 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 11-A, nº 375. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário: Pedro Cantares / Altair Ribeiro

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 4 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 14-A, nº 113, quadra 50-A lote 20. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 5 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 14-A esquina com Av. Oeste, nº 9, qd. 50-A Lt. 28. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Comercial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o restaurante/bar/evento A Goiana.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 6 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Av. Oeste, nº531. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o escritório de contabilidade Ágape.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 7 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 55, nº 1271. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o escritório Home Care Center.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 8 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 13-A, nº 68. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a clínica odontológica ICD Odontologia.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 9 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 12-A, nº 125, quadra 36-A. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 10 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 16-A, nº 102. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 11 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 16-A, nº 296. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 12 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 16-A, nº 312. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 13 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 16-A, nº 366. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



GOOGLE MAPS, 2015

CASA 14 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 16-A, nº 995. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga o Centro Goiano de Voluntários da OVG.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 15 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 2-A, nº 14. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

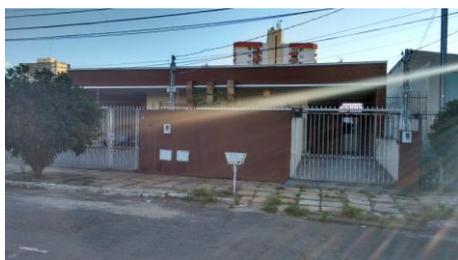
Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 16 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Av. Dr. Ismerino S. de Carvalho quadra 4-A lote 6. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Precário

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 17 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Av. Dr. Imerino S. de Carvalho esquina com Rua 3-A quadra 16-A. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Muito alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a clínica Goiamo.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 18 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 10-A quadra 13-A lote 8. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 19 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 9-A, nº 425 e 427, quadra 26-A. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 20 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 9-A, nº 519. Setor Aeroporto.

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 21 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 32-A, nº 35. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 22 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 9-A quadra 12-A lote 23. Setor Aeroporto

Autor do projeto: Engenheiro Tristão da Fonseca

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Serviço



ACERVO DO AUTOR, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Pouco alterado

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga três empresas especializadas na área da saúde.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 23 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 1-A nº 100. Setor Aeroporto

Autor do projeto: Arquiteto Luis Osório Leão

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Serviço



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais: Atualmente, a casa abriga a Casa de Apoio de Itaberaí.

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015



ACERVO DO AUTOR, 2015

CASA 25 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 3-A. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário:

Uso: Misto



GOOGLE MAPS, 2015

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinamento / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:

CASA 26 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 2-A nº 179. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário: Nely Limongi do Couto

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2016

CASA 27 – SETOR AEROPORTO

Endereço: Rua 2-A. Setor Aeroporto

Autor do projeto:

Data do Projeto:

Primeiro Proprietário: Nely Limongi do Couto

Uso: Residencial



ACERVO DO AUTOR, 2016

Proteção existente: Nenhuma

(patrimônio mundial / federal / estadual / municipal / entorno protegido / nenhum)

Estado de Conservação: Bom

(bom / precário / em arruinação / arruinado)

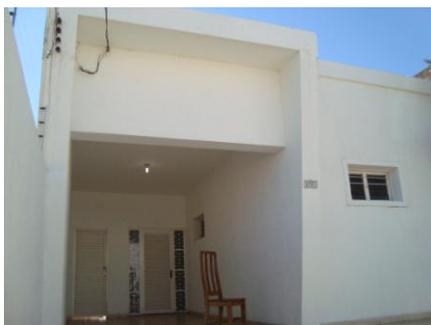
Estado de Preservação: Íntegro

(íntegro / pouco alterado / muito alterado / descaracterizado)

Informações Gerais:

Data da Pesquisa: Setembro/2014

Imagens:



ACERVO DO AUTOR, 2016



O senhor... mire, veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

João Guimarães Rosa